

# Revista **Linguística**

Volume 15, número 2 de mai. - ago. de 2019

## Organizadoras da edição:

Priscilla Mouta Marques, Deise Cristina de Moraes Pinto  
e Chistina Abreu Gomes

Este volume da Revista Linguística, de temática livre, traz 11 artigos inéditos com temas que refletem a diversidade teórica e de áreas de pesquisa da Linguística.

ISSN: 2238-975X

**UFRJ**

## COMISSÃO EDITORIAL

---

### Editor-chefe

Aleria Lage, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

### Editores

Aniela Improta França, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Andrew Nevins, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Marcus Maia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

### Editores Honorários

Miriam Lemle, UFRJ

Maria Luiza Braga, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

### Editor Fundador

Lilian Ferrari, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

### Conselho Editorial

Anthony Naro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fernanda Ferreira Spoladore, Michigan State University, EUA

Gabriela Matos, Universidade de Lisboa, Portugal

Kees Hegenveld, Universidade de Amsterdam, Holanda

Leticia Sicuro Correa, Departamento de Letras - PUC/RJ

Leo Wetzels, Universidade Livre de Amsterdam, Holanda

Luiz Amaral, University of Massachusetts, USA

Maria Armanda Costa, Universidade de Lisboa, Portugal

Maria Cecília Mollica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Roberto Almeida, Concordia University, Canada

Ruth Lopes

### Organização da Edição

Priscilla Mouta Marques, Deise Cristina de Moraes Pinto e Christina Abreu Gomes

### Redação e Assinaturas

Programa de Pós-Graduação em Linguística - Faculdade de Letras da UFRJ

Av. Horácio de Macedo, 2151 - Sala F. 321. Ilha do Fundão Cidade Universitária

CEP 21941-917 - Rio de Janeiro - RJ. E- mail: [ppglinguistica@letras.ufrj.br](mailto:ppglinguistica@letras.ufrj.br)

### Editor Operacional

Elir Ferrari, Editorarte / UERJ

### Design e Diagramação

Rafael Laplace, Agoobook/Agoodigital

<http://www.agoodigital.com>

# Revista **Linguística**

Rio de Janeiro | Volume 15 | Número 2 | mai.-ago. 2019  
**Edição atemática | Athematic issue**

**UFRJ**

Programa de Pós-Graduação em Linguística  
Faculdade de Letras UFRJ

## Sumário

- 6**      **Apresentação**  
Priscilla Mouta Marques, Deise Cristina de Moraes Pinto e Christina Abreu Gomes
- Artigos**
- 10**     **Atrito linguístico em plosivas em início de palavra: dados de bilíngues e trilíngues**  
Laura Castilhos Schereschewsky, Ubiratã Kickhöfel Alves e Felipe Flores Kupske
- 30**     **A emergência do padrão causativo [ $X_{\text{AGENTE}}$  V.COM  $Y_{\text{AFETADO}}$ ] e seus efeitos para a expansão da rede de construções transitivas do português brasileiro contemporâneo**  
Monclar Guimarães Lopes
- 54**     **Sergipanos em São Paulo: redes sociais, contato dialetal e pronúncia variável de vogais médias pretônicas**  
Amanda de Lima Santana e Ronald Beline Mendes
- 86**     **Deslocamento de sintagma nominal definido com função de foco no português brasileiro**  
Fernanda Rosa Silva
- 118**    **Influência de variáveis linguísticas e extralinguísticas na habilidade de consciência fonológica em crianças com transtorno fonológico**  
Bárbara Luísa Simonetti e Letícia Pacheco Ribas
- 134**    **Os encapsuladores e seu papel na tessitura textual/discursiva**  
Margareth Andrade Morais
- 148**    **O impacto da referência temporal de passado sobre o uso do pretérito perfeito em Buenos Aires**  
Leandro Silveira de Araújo
- 178**    **O genitivo de posse em português: um exercício de análise em semântica cognitiva**  
Jorge Luiz Ferreira Lisboa Júnior

**200** **Ensino de gramática: uma proposta de análise das relações entre partes do texto**

Norma Barbosa Novaes Marques

**216** **Mensagens antitabagistas veiculadas nas embalagens de cigarro e a construção de identidade dos fumantes**

Amanda Cavalcante de Oliveira Lêdo, Renato Lira Pimentel

**233** **Preposições: construção de uma abordagem variacionista no ensino médio**

Elaine Marques Thomé Viegas

### **Resenha**

**254** **Dicionário visual de alemão como língua estrangeira, de Gregor Vetter**

Félix Valentín Bugueño Miranda

## APRESENTAÇÃO

O volume 15.2 da **Revista Linguística**, de temática livre, divulga trabalhos de diversas áreas da Linguística. O conjunto de artigos de que é composto reflete a diversidade teórica e de áreas de pesquisa.

O artigo “Atrito Linguístico em plosivas em início de palavra: dados de bilíngues e trilíngues”, de Laura Castilhos Schereschewsky (UFRGS), Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS) e Felipe Flores Kupske (UFBA), compara diferenças de medidas de VOT em diferentes padrões de produção de *Voice Onset Time* (VOT) de consoantes plosivas surdas (bilabiais, alveolares e velares) em posição inicial de palavra em falantes bilíngues (português e inglês-L2) e trilíngues (português, inglês-L2 e alemão-L3). O estudo, que adota a noção de língua como um sistema adaptativo complexo, apresenta evidências de que os subsistemas linguísticos de um indivíduo se encontram conectados entre si. Os resultados mostraram que, embora falantes bilíngues e trilíngues apresentem valores de VOT semelhantes aos dos falantes nativos das respectivas línguas adicionais, os valores de VOT do PB são diferentes entre falantes monolíngues e os dois grupos de falantes plurilíngues, indicando que os dois últimos estão com os seus padrões de L1 modificados.

Monclar Guimarães Lopes (UFF), no artigo “A emergência do padrão causativo [XAgente V.Com YAfetado] e seus efeitos para a expansão da rede de construções transitivas do português brasileiro contemporâneo”, analisa dados sincrônicos dessa construção com os verbos inacusativos *cessar* e *explodir*. Partindo dos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso, comprova a alta produtividade da construção transitiva causativa no português brasileiro e observa que esta apresenta diferenças semânticas em comparação à construção transitiva canônica (ou prototípica), embora ambas possam recrutar o mesmo conjunto de verbos (como *acabar*, *cessar* e *explodir*, por exemplo). Neste trabalho, o autor propõe uma nova categoria analítica para o estudo da mudança linguística em perspectiva construcional: a construcionalidade, que pretende dar conta das relações sincrônicas entre duas construções, podendo tais relações serem medidas a partir dos mesmos fatores de análise da construcionalização – esquematicidade, composicionalidade e produtividade.

O artigo “Sergipanos em São Paulo: redes sociais, contato dialetal e pronúncia variável de

vogais médias pretônicas”, de Amanda de Lima Santana (USP) e Ronald Beline Mendes (USP), trata da situação de contato de migrantes sergipanos residentes em São Paulo. Utilizando a metodologia de redes sociais, o estudo focaliza a acomodação da produção de vogais /e/ e /o/, através das medidas de F1, para checar a hipótese segundo a qual quanto maior o contato desses falantes com os paulistanos, participantes, portanto, de redes abertas, as vogais produzidas serão mais próximas da pronúncia dessas vogais na variedade sergipana. Ao contrário, se participam de redes fechadas, isto é, com mais contato com migrantes nordestinos, as vogais serão mais próximas da variedade sergipana. Os resultados não confirmaram a hipótese.

No âmbito da semântica formal, Fernanda Rosa Silva (CUFSA) investiga sentenças do português brasileiro que apresentam deslocamento de sintagmas com função de foco, considerando os conceitos de contraste x não-contraste e exaustividade x não-exaustividade. Os resultados do artigo “Deslocamento de sintagma nominal definido com função de foco no português brasileiro” indicaram que sintagmas de foco podem ser deslocados para a periferia esquerda da sentença e que contraste não é noção obrigatória em sentenças com deslocamento. Também foi observado que exaustividade é uma implicatura para alguns casos e, em outros, não pode ser cancelada, principalmente naqueles casos em que os elementos do conjunto não são dados explicitamente.

Bárbara Luísa Simonetti (UFCSPA) e Letícia Pacheco Ribas (UFCSPA), no artigo “Influência de variáveis linguísticas e extralinguísticas na habilidade de consciência fonológica em crianças com transtorno fonológico”, apresentam estudo sobre a habilidade de consciência fonológica em crianças com diagnóstico de Transtorno Fonológico. Foram analisadas as avaliações de fala das crianças que analisaram seu próprio desvio e também as respostas obtidas em teste de consciência fonológica, considerando as variáveis sexo, idade, escolaridade e hipótese de escrita. Os resultados apontaram a não influência do sexo e da idade, mas influência da escolaridade na habilidade metalinguística.

No artigo “Os encapsuladores e seu papel na tessitura textual-discursiva”, Margareth Andrade Moraes (IFRJ) mostra, em uma perspectiva sociocognitiva e interacional, como o uso textual-discursivo de certos encapsuladores marca pontos de vista (avaliando ou neutralizando) e constrói sentidos no texto. Mais especificamente, a autora tenciona discutir esse potencial argumentativo dos encapsuladores em textos predominantemente narrativos (notícias esportivas), que não apresentam, *a priori*, orientação argumentativa. A escolha de tal *corpus* tem como objetivo demonstrar que o encapsulamento pode revelar a intenção do enunciador por trás da escolha de certos nomes usados para manter ou retomar referentes. Na análise considerou-se que o encapsulamento é um dos processos de referência que deve ser observado não só em seu contexto de enunciação, mas também do ponto de vista interacional.

Leandro Silveira de Araújo (UFU), no artigo “O impacto da referência temporal de passado sobre o uso do pretérito perfeito em Buenos Aires”, traz à baila a variação no uso do pretérito perfeito simples e do pretérito perfeito composto na variedade bonaerense, a partir da análise de dados extraídos de um *corpus* de entrevistas radiofônicas, tendo em vista os âmbitos temporais de

passado absoluto (PA) e antepresente (AP). Os resultados do estudo, em linhas gerais, apontam uma tendência crescente de uso da forma composta no âmbito de antepresente à medida que se dilata a amplitude da referência temporal e uma diminuição brusca no uso do perfeito composto no âmbito de passado absoluto, estando este relacionado ao uso do pretérito perfeito simples, conforme prevê a norma-padrão.

Em “O genitivo de posse em português: um exercício de análise em semântica cognitiva”, Jorge Luiz Ferreira Lisboa Júnior (GESP/UFRJ) analisa a estrutura semântica e a polissemia do genitivo de posse, partindo do postulado de que as expressões possessivas correspondem a padrões metonímicos concretos associados a domínios de contiguidade. No exercício que empreende neste trabalho, utiliza um modelo adaptado de Peirsman e Geeraerts (2006) que contempla os domínios de contiguidade física, contiguidade abstrata e ainda algumas extensões genitivas, como ‘parentesco’ (que envolve contiguidade em um modelo cultural) e genitivo subjetivo/objetivo (que envolvem a contiguidade temporal). O autor demonstra que, embora a metáfora conceptual tenha papel fundamental na polissemia de posse em português, esta estaria relacionada principalmente à ação do modelo cognitivo da contiguidade, comprovando, assim, a premissa aventada.

Norma Barbosa Novaes Marques (FACERES) revisa a bibliografia em torno do conceito de *conclusão*, revisitando gramáticas tradicionais e trabalhos de orientação linguística, e analisa as conjunções *então* e *portanto*, levantando, além do valor de conclusão, já reconhecido pela tradição grammatical, também os valores de consequência e resumo em dados de uso. Apresenta reflexão sobre a importância de considerar, no ensino de gramática, os usos da língua e sua contextualização, em detrimento da metalinguagem.

O artigo “Mensagens antitabagistas veiculadas nas embalagens de cigarro e a construção da identidade dos fumantes”, de Amanda Cavalcante de Oliveira Lêdo (UPE) e Renato Lira Pimentel (UPE), analisa, através de pesquisa de base exploratória, as percepções dos fumantes a partir do contato com as mensagens impressas nas embalagens de cigarros. À luz de conceitos como: identidade, leitura, gênero textual e suporte, os autores observam e discutem respostas de cinco fumantes a um questionário de quinze perguntas que busca depreender suas percepções sobre si, sobre o hábito de fumar e sobre cinco textos de campanhas de conscientização contra o fumo. A análise das respostas aponta para uma desconstrução da representação positiva do hábito de fumar e uma autorrepresentação negativa da identidade fumante.

Elaine Marques Thomé Viegas (UFRJ), no artigo “Preposições: construção de uma abordagem variacionista no Ensino Médio”, apresenta uma proposta de abordagem para o ensino de preposições na Educação Básica, tomando como ponto de partida os pressupostos da Sociolinguística, no que diz respeito à variação linguística.

Félix Valentín Bugueño Miranda (UFRGS) resenha a obra “Bildwörterbuch Deutsch als Fremdsprache. Stuttgart: Pons”, um dicionário de aprendizagem, com 1500 palavras e que se pretende um guia de conversação e dicionário pelas imagens com fins didáticos e dividido em temas. Miran-



da inicia esclarecendo que o fato de o título mencionar que tais palavras são úteis para o dia a dia não significa que sejam de uso frequente no alemão. O autor destaca, no entanto, que o dicionário permite procedimento inovador de “aprender ativamente”, em que o usuário pode criar um mecanismo de saliência próprio, que contribui para o processo mnemônico de fixação de palavras. O dicionário também fornece, além de palavras, sintagmas úteis e sequências formulaicas. As imagens no dicionário cumprem bem seu papel quando representam entidades, ações e relações mais concretas. O dicionário auxilia no ensino-aprendizagem do léxico básico para o aprendiz de alemão.

Boa leitura!  
Priscilla Mouta Marques  
Deise Cristina de Moraes Pinto  
Christina Abreu Gomes  
*Organizadoras*

**ATRITO LINGÜÍSTICO EM PLOSIVAS EM INÍCIO DE PALAVRA:  
DADOS DE BILÍNGUES E TRILÍNGUES**

***LANGUAGE ATTRITION IN WORD-INITIAL PLOSIVES:  
DATA FROM BILINGUALS AND TRILINGUALS***

*Laura Castilhos Schereschewsky<sup>1</sup>*

*Ubiratã Kickhöfel Alves<sup>2</sup>*

*Felipe Flores Kupske<sup>3</sup>*

**RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo discutir evidências de atrito linguístico do português (L1) em falantes bilíngues (português e inglês-L2) e trilingues (português, inglês-L2 e alemão-L3). Investigamos, neste estudo, os diferentes padrões de produção de *Voice Onset Time* (VOT) das plosivas surdas (bilabiais, alveolares e velares) em posição inicial de palavra nas línguas referidas. Os resultados encontrados sugerem a ocorrência de atrito linguístico mesmo em um ambiente onde a L2 ou a L3 não é dominante, além de trazerem evidências sobre a multidirecionalidade da transferência linguística e a importância da tipologia no desenvolvimento de línguas adicionais, de modo a ressaltar o seu caráter dinâmico.

**Palavras-chave:** Atrito Fonético. *Voice Onset Time*. Transferência Linguística.

---

1 Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil. Email: [castilhoslaura@gmail.com](mailto:castilhoslaura@gmail.com).

2 Programa de Pós-Graduação em Letras e Departamento de Línguas Modernas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq-Brasil). Email: [ukalves@gmail.com](mailto:ukalves@gmail.com).

3 Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, Brasil. Laboratório de Ciências da Fala (LAFALA, UFBA). O autor agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq-Brasil) - Processo 432396/2018-7 - e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Processo BEX 6542/14-0. Email: [kupske@gmail.com](mailto:kupske@gmail.com).

## ABSTRACT

This study aims to discuss language attrition effects in the *Voice Onset Time* (VOT) production patterns of Brazilian Portuguese (BP) (L1) initial voiceless plosives by bilingual (BP and English) and trilingual (BP, English and German) speakers. The results suggest the occurrence of language attrition even in non-dominant L2 or L3 environments, in addition to providing evidence in favor of the multidirectionality of language transfer and the importance of typology in the development of additional languages, which highlights their dynamic status.

**Keywords:** Language Attrition. Voice Onset Time. Language Transfer.

## 1. Introdução

Durante muitas décadas, estudou-se o desenvolvimento de línguas adicionais em falantes plurilíngues<sup>4</sup> como se a influência entre seus subsistemas linguísticos fosse unicamente unidirecional. Entretanto, estudos subsequentes têm refutado essa premissa. No Brasil, trabalhos como os de Kupske (2016), Schereschewsky, Alves e Kupske (2017) e Pereyron (2017) assumem que as influências entre as línguas não ocorrem apenas da língua materna (L1) para a segunda (L2), e dessa para a terceira (L3), mas também no sentido contrário e ainda entre todas elas. Tal fato caracteriza a multidirecionalidade das influências entre os subsistemas linguísticos.

Modelos perceptuais de L2, como o *Speech Learning Model* (SLM) de Flege (1995), sugerem que bilíngues não conseguem separar suas categorias de sons da L1 e da L2 porque essas existem no mesmo espaço fonético-fonológico, ou seja, elas coexistem e influenciam uma à outra no mesmo plano. Essa proposição está em consonância com a visão dinâmica de língua de Beckner *et al.* (2009) e de Bot *et al.* (2013), que propõem que a língua seja um Sistema Adaptativo Complexo (SAC). De acordo com os autores, essa complexidade pode ser entendida a partir da noção de que a língua é um sistema dinâmico que consiste de inúmeros agentes interagindo uns com os outros. Para tais autores, a língua é também adaptativa porque, ao interagirem, seus agentes modificam o sistema, criando novas interações, de modo que tal sistema está em constante mudança devido às experiências do falante.

Dentro dessa concepção, Kupske (2016) define ‘atrito linguístico’ como a “força resultante do contato de dois corpos, no caso, duas línguas, que se tocam, mas não se estabilizam, havendo uma constante tendência ao movimento” (KUPSKE, 2016, p. 39-40). A partir desta caracterização, o

---

4 Neste trabalho, entendemos por falante ‘plurilíngue’ todo aquele que possui conhecimento de pelo menos uma língua adicional que não seja a sua língua materna, diferente de um falante ‘monolíngue’, que possui conhecimento de apenas uma língua.

processo de atrito linguístico de L1 pode ser entendido como uma perda não patológica de aspectos da língua materna por um indivíduo plurilíngue, por conta do contato com outra língua. Por exemplo, como verifica Kupske (*op. cit.*), um indivíduo em imersão há mais de quatro anos em um ambiente onde a sua L2 é dominante já pode apresentar uma produção em sua L1 diferenciada da de seus compatriotas monolíngues. Dessa forma, a interação e a influência entre duas línguas, ao longo do tempo, podem levar ao atrito. Ademais, Pereyron (2017) verifica que, no âmbito trilingue, são inúmeras as interações entre sistemas linguísticos, por se tratar de muitos agentes envolvidos no sistema, como, por exemplo, as línguas e seus falantes. Dessa forma, como apresenta a autora, ao se adicionar no sistema mais um agente, nesse caso, uma L3, provoca-se uma alteração nesse sistema, que passa a ter muito mais interações acontecendo em toda e qualquer direção.

À luz dessas considerações, este trabalho tem como objetivo geral estudar evidências de atrito linguístico, em contexto de dominância da L1, sobre os padrões de produção de VOT (*Voice Onset Time*, termo cunhado por Lisker; Abramson, 1964) das plosivas surdas em posição inicial de palavra do português (L1) em falantes bilíngues (com inglês-L2) e trilingues (com inglês-L2 e alemão-L3), além de explorar as possíveis influências entre as línguas adicionais no sistema de um falante trilingue.

O VOT é caracterizado como o intervalo de tempo de retardo entre a soltura de uma consoante plosiva e o início da vibração vocálica do segmento seguinte. A escolha desse objeto de estudo deu-se devido à sua crescente relevância para sustentar a visão dinâmica para a língua, envolvendo questões que permeiam transferência linguística em múltiplas direções (*cf.* COHEN, 2004; KUPSKE, 2016; SCHERESCHEWSKY; ALVES; KUPSKE, 2017), influência tipológica nessas transferências (*cf.* LLAMA, 2008; LLAMA *et al.* 2010; LLAMA; LÓPEZ-MORELOS, 2016), além de seu *status* fundamental, entre falantes nativos de inglês, para a distinção entre segmentos surdos e sonoros iniciais (*cf.* SCHWARTZHAUPT, 2015; SCHWARTZHAUPT; ALVES; FONTES, 2015). A partir do estudo desse aspecto fonético-fonológico, observaremos questões referentes à multidirecionalidade da transferência, à adaptabilidade e à capacidade de auto-organização da língua. Assim, para que possamos atingir o objetivo geral desta pesquisa, consideramos os seguintes objetivos específicos:

(a) Investigar as produções em PB-L1 e inglês-L2 por bilíngues, bem como as produções em PB-L1, inglês-L2 e alemão-L3 por trilingues, de modo a verificar se há diferenças nos valores de VOT realizados em cada um dos idiomas produzidos pelos participantes da pesquisa;

(b) Verificar, nas produções em inglês-L2, se há diferenças nos valores de VOT produzidos pelos participantes brasileiros e falantes nativos do inglês;

(c) Analisar as produções em PB dos três grupos (monolíngues, bilíngues e trilíngues), de modo a verificar possíveis diferenças nos valores de VOT entre eles.

Pretendemos, com esta pesquisa, prestar insumos empíricos e teóricos no que concerne ao desenvolvimento da L2 e da L3 e o subsequente atrito na L1, a fim de trazer contribuições para a área da pesquisa que se dedica ao estudo da língua como um sistema dinâmico. Dessa forma, com o presente trabalho, ao tomarmos como foco um aspecto fonético-fonológico, esperamos estar provendo argumentos adicionais a respeito da interconectividade e forte relação entre todos os subsistemas linguísticos de um indivíduo.

## 2. Metodologia

### 2.1 Participantes

Para a realização deste estudo, contamos com a participação de 40 voluntários, divididos em quatro grupos distintos, sendo dois grupos tomados como controle, composto por monolíngues (do português e do inglês), e dois grupos experimentais, um de bilíngues e um de trilíngues.

Sobre os grupos de controle<sup>5</sup>, o Grupo 1 era composto por dez falantes monolíngues de PB, nascidos e residentes na região da grande Porto Alegre (RS). A média de idade do grupo era de 26,90 anos (DP 6,3 anos). O Grupo 2 foi formado por dez falantes monolíngues nativos do inglês e residentes na região da grande Londres, Inglaterra, falantes da variedade SSBE (*Standard Southern British English*). A idade média do grupo foi de 24,55 anos (DP 5,1 anos).

Sobre os grupos experimentais, o Grupo 3 era formado por dez falantes bilíngues nativos do PB, nascidos e residentes em Porto Alegre (RS), aprendizes de inglês como segunda língua. A média de idade do grupo era de 24,40 anos (DP 3,8 anos). Todos os participantes bilíngues possuíam o ensino médio completo e cursavam, durante a coleta, o sétimo semestre do ensino superior em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com ênfase na língua inglesa. Já o Grupo 4 era formado por dez falantes trilíngues nativos do PB, também nascidos e residentes em Porto Alegre (RS), aprendizes de inglês como L2 e de alemão como L3. A média de idade do grupo de trilíngues era de 27,90 anos (DP 9,8 anos). Do grupo trilíngue, apenas três graduandos eram aprendizes de alemão ligados à comunidade de Letras. Como critérios de exclusão, todos os participantes teriam

---

5 Cabe mencionar que os dados referentes aos dois grupos de controle (de monolíngues) foram coletados e apresentados no estudo de Kupske (2016), que versava sobre o atrito linguístico no português (L1) de falantes de inglês (L2).

de previamente obter pontuação mínima de 65 na versão em inglês do teste de proficiência C-Test (RAATZ; KLEIN-BRALEY, 2002) e 50 na versão em alemão do referido teste de proficiência<sup>6</sup>.

## 2.2 Instrumentos referentes às Tarefas de Leitura

A tarefa consistia na leitura em voz alta de *slides* com 23 frases-veículo “Eu diria \_.”, em PB, “*I would say \_.*”, em inglês, e “*Ich sage \_.*”, em alemão, seguidas por palavras-alvo iniciadas por /p/, /t/ e /k/, todas com três repetições apresentadas em ordem aleatória, além de frases com palavras distratoras. Para todos os grupos experimentais, mantivemos a mesma metodologia previamente empregada em Kupske (2016). Cada grupo monolíngue realizou a tarefa de leitura em sua respectiva língua de uso, enquanto o grupo bilíngue e o grupo trilingüe realizaram uma tarefa de leitura para cada língua de seu conhecimento.

Para a seleção das palavras-alvo iniciadas pelas plosivas surdas em estudo, além de controlarmos o número de sílabas das palavras, foram levados em consideração os contextos vocálicos seguintes, pois estudos anteriores já haviam verificado que essas condições podem afetar a produção de VOT nessas plosivas (COHEN, 2004; M. ALVES, 2015). Assim, as palavras-alvo foram escolhidas a partir de dois contextos vocálicos: (i) plosivas precedendo vogal alta posterior, e (ii) plosivas precedendo vogal baixa posterior. Evitamos as palavras com plosivas seguidas pela vogal alta não arredondada, pois, no sul do Brasil, onde este estudo foi realizado, há a tendência de se palatalizar essa plosiva nesse contexto, transformando-a numa consoante africada. Assim, o estudo contou com seis categorias (/p/, /t/ e /k/ seguidas de vogal alta posterior e de baixa posterior). Cada uma dessas categorias foi representada por três palavras-alvo, de modo a contarmos com 18 palavras por língua e 18 itens distratores (seis para cada língua), totalizando 72 alvos (24 para cada língua). Na criação do instrumento de palavras em alemão, recriamos a metodologia da tarefa realizada pelos grupos monolíngues.

No que diz respeito aos procedimentos de coleta, todos os participantes foram encaminhados até uma cabine móvel de isolamento acústico, onde se encontrava um microfone modelo *H2 Handy Recorder*, da marca *Zoom*, acoplado a um computador *MacBook Pro* 2013. No monitor, estava aberta a apresentação de *slides* que continha a tarefa de leitura em língua portuguesa descrita na seção

---

6 O C-Test é um teste de proficiência gratuito, cuja pontuação máxima é 100. Para maiores detalhes sobre o *C-Test*, veja-se Kupske (2016). Cabe esclarecer que, em um primeiro momento, objetivávamos contar com a mesma pontuação mínima em ambas as línguas. Entretanto, à medida em que fomos recrutando os participantes trilingües, verificamos que tal padrão de exigência não se fazia possível, uma vez que o nível de proficiência em alemão dos trilingües era bem mais baixo do que os níveis de inglês destes participantes e dos bilíngues.

anterior. Os participantes não precisavam apertar em nenhum botão, pois os *slides* com as frases de instrução duravam 7s e os *slides* com as frases-veículo duravam 3s. A tarefa de leitura em cada língua durava em média cinco minutos. O áudio gravado na sessão foi computado através do *software Audacity* para *Mac* em uma taxa de amostragem de 44.100Hz.

Ao fim da tarefa de leitura em PB, os participantes faziam uma pausa breve, quando podiam descansar. Após isso, o entrevistado era encaminhado novamente para a cabine de som, onde fazia, dessa vez, a leitura da tarefa em inglês. No caso dos participantes trilíngues, depois de finalizar a tarefa em inglês, a entrevistadora, primeira autora deste trabalho, administrava uma breve pausa para descanso e água enquanto preparava as atividades em alemão. Depois disso, os participantes retornavam mais uma vez à cabine de som, onde realizavam a tarefa de leitura em voz alta do instrumento em alemão, que durava os mesmos cinco minutos das outras duas línguas<sup>7</sup>.

Na posse dos dados, a análise acústica foi realizada por meio do *Software Praat* - v. 6.0.40 (BOERSMA; WEENINK, 2018). A medição do VOT compreendeu o intervalo de tempo entre o *burst* do segmento consonantal (no caso de múltiplos *bursts*, o último deles) e o primeiro pulso regular de vibração de pregas vocais do segmento vocálico seguinte. A análise estatística foi realizada com o *Software IBM SPSS - Version 21*.

### 3. Descrição dos resultados

#### 3.1 Médias das Produções de VOT

##### 3.1.1 Dados de alemão

A literatura aponta que os nativos de língua alemã apresentam uma produção média de VOT de 56,50 ms para [p], 61,40 ms para [t], e 73,10 ms para [k] (BRAUN, 1988). Como os dados das produções de VOT em alemão são referentes a apenas um grupo da amostragem, esses estão reportados aqui, em primeiro lugar, na Tabela 1.

**Tabela 1** - Médias de VOT em ms em língua alemã

Grupo	Consoante	Média (DP)	Valor Mínimo	Valor Máximo
Grupo 4	[p]	38,03 (6,86)	27,91	47,99
	[t]	55,17 (14,88)	39,14	85,86
	[k]	75,29 (12,70)	60,46	99,31

<sup>7</sup> Entendemos que o ideal para esse tipo de pesquisa não é realizar a coleta de dados em todas as línguas no mesmo dia. O ideal seria que cada língua fosse coletada num dia diferente, como fez Kupske (2016), para que os padrões de ativação de uma língua não influenciassem a outra. Em termos práticos referentes à realização da pesquisa, porém, coletar os dados de cada língua em dias diferentes seria inviável. Dessa forma, a pausa concedida entre cada língua contribuiu para garantir um ambiente para a ativação da língua.

Em termos de estatística descritiva, a média encontrada para [p] ainda está distante da média dos nativos de língua alemã encontrada por Braun (1988), mas acreditamos que, por ser a labial a última consoante a ser adquirida em termos de VOT (ALVES; ZIMMER, 2015; KUPSKE, 2016; SCHERESCHEWSKY, ALVES; KUPSKE, 2017), além de os participantes não terem muita vivência ou experiência com a língua, esses números, considerando os valores mínimo e máximo, podem ser um indício de que esses aprendizes ainda estão no processo de desenvolvimento do padrão do alemão. Para [t], podemos observar que a média se aproxima muito daquela encontrada por Braun (1988). Por sua vez, a média para [k] chega a superar em 2,19 ms aquela produzida pelos nativos do estudo supracitado. Tal fato pode estar vinculado à produção elevada de VOT nessa consoante em inglês, L2 desses participantes, e também à já existente predisposição dos residentes do sul do Brasil a produzir, em PB, o [k] com um valor de VOT mais alto do que nas outras duas consoantes no geral (M. ALVES, 2015; KUPSKE, 2016), o que acreditamos contribuir para o desenvolvimento mais rápido do padrão elevado de VOT da L3. Assim, podemos especular que, com uma maior duração de VOT para [k], essa aspiração da consoante pode acabar sendo mais facilmente percebida pelos aprendizes. Isso, por sua vez, também contribuirá com um desenvolvimento mais precoce nos padrões de VOT dessa consoante.

### 3.1.2 Dados de inglês

As informações a seguir, presentes na Tabela 2, referem-se aos dados de produção de VOT dos Grupos 2 (monolíngues), 3 (bilíngues) e 4 (trilíngues), pois esses realizaram a tarefa de leitura em língua inglesa.

**Tabela 2** - Médias de VOT em ms em língua inglesa

Grupo	Consoante	Média (DP)	Valor Mín.	Valor Máx.
<b>Grupo 2</b>	[p]	56,95 (14,76)	25,96	90,97
	[t]	77,31 (16,82)	31,59	113,37
	[k]	82,55 (18,05)	31,66	131,56
<b>Grupo 3</b>	[p]	40,02 (17,66)	22	79,84
	[t]	61,14 (23,40)	38,48	99,56
	[k]	78,87 (16,13)	59,54	104,33
<b>Grupo 4</b>	[p]	41,72 (4,15)	37,21	49,3
	[t]	63,63 (15,76)	42,96	92,61
	[k]	79,86 (9,12)	66,43	92,45

Quando observados na Tabela 2, os números referentes ao Grupo 4 parecem apresentar um padrão diferenciado dos outros grupos. Quando analisamos a plosiva bilabial, podemos observar que o valor mínimo é o mais alto, enquanto o valor máximo é o mais baixo entre os grupos, resultando em um desvio-padrão pequeno. Parece haver menos variabilidade na produção dessa consoante, ao



contrário do que esperávamos. De fato, por ser essa a última plosiva a ser adquirida em termos de padrão de VOT, seria possível que os participantes se diferenciasssem mais entre si por estarem cada um em uma trajetória de desenvolvimento linguístico diferente. No geral, os dados apontam que as produções de VOT desses trilíngues estão muito parecidas com as produções dos participantes bilíngues do Grupo 3, havendo pouca diferença (entre 1 e 2 ms, em média) entre as médias para cada plosiva, sendo os valores de média sempre maiores para o Grupo 4 (embora tenhamos encontrado desvios-padrão menores para esse grupo). Ambos os grupos se mostram em vias de desenvolvimento, quando comparados aos padrões do Grupo 2 (monolíngues).

### 3.1.3 Dados de PB

Por último, as informações a seguir, na Tabela 3, referem-se aos dados de produção de VOT dos Grupos 1 (monolíngues), 3 (bilíngues) e 4 (trilíngues), pois todos esses realizaram a tarefa de leitura em PB. Os resultados são importantes pois, quando os grupos experimentais são comparados ao grupo de controle (monolíngues), encontramos a principal evidência de atrito linguístico, explicado por meio dos resultados referentes aos dados nas outras línguas.

**Tabela 3** - Médias de VOT em ms em língua portuguesa

Grupo	Consoante	Média (DP)	Valor Mín.	Valor Máx.
Grupo 1	[p]	15,13 (4,25)	7,31	25,09
	[t]	17,88 (5,43)	8,84	31,44
	[k]	38,93 (9,84)	18,59	65,86
Grupo 3	[p]	27,54 (6,79)	14,67	41,19
	[t]	31,01 (5,82)	25,13	44,78
	[k]	62,81 (12,59)	45,29	86,96
Grupo 4	[p]	27,05 (4,78)	21,81	37,64
	[t]	33,23 (5,84)	24,66	40,74
	[k]	62,63 (8,08)	52,12	78,21

Podemos observar que a maior diferença, em termos descritivos, reside entre o Grupo 4 e o Grupo 1, e não entre o Grupo 4 e o Grupo 3. Para a plosiva bilabial, podemos observar praticamente a mesma diferença de VOT em relação aos monolíngues, um aumento de 11,92 ms, semelhante com o que ocorre no grupo dos bilíngues - no entanto, a média entre os participantes do grupo trilíngue está mais baixa do que a dos monolíngues em 0,49 ms, bem como o desvio-padrão. No que diz respeito à plosiva alveolar, a média dos trilíngues é 2,22 ms mais alta, com praticamente o mesmo desvio-padrão. Tal resultado já era esperado em termos de grupo, ainda que exibindo uma baixa diferença entre os grupos de bilíngues e trilíngues. Por fim, no que concerne à plosiva velar, o que podemos observar é o mesmo fenômeno verificado com a plosiva bilabial, com a média dos trilíngues mais alta em relação aos monolíngues, porém mais baixa em relação aos participantes bilíngues. Esses resultados serão reforçados e mais bem explorados nas próximas seções, com as análises em estatística inferencial.

Flege (2007) sinaliza que categorias fonético-fonológicas da L1 e da L2 podem se fundir, criando uma categoria híbrida única a ser utilizada pelo falante para dar conta tanto da produção de sua L1 como da L2. Para o autor, é a criação dessa super categoria para as línguas de um falante que pode levá-lo ao atrito de L1, já que, por exemplo, ela pode representar valores/características intermediárias entre as línguas envolvidas no processo. No caso dos dados acima, muito embora tenhamos três línguas envolvidas no inventário dos falantes do Grupo 4, o inglês e o alemão possuem o mesmo padrão de VOT. Podemos pensar, então, que a produção de PB atritada de bilíngues e trilíngues são próximas uma da outra, pois, em ambos os casos, apenas duas categorias fonéticas estão envolvidas no processo (*long-lag* VOT e *short-lag* VOT), independentemente do número de línguas dos participantes. Tanto no caso dos bilíngues quanto no dos trilíngues, há a tensão entre duas categorias fonéticas apenas. Dessa forma, então, ao analisarmos transferência linguística, os dados já começam a sugerir que não devemos levar em consideração o número de línguas faladas ou em desenvolvimento por parte dos aprendizes, mas, sim, o número de categorias fonético-fonológicas distintas a serem desenvolvidas. Maiores detalhes serão fornecidos na próxima seção.

### **3.2 Verificação de diferenças intra e inter-grupo**

Nas seções seguintes, estão descritas as análises intra e intergrupo, a fim de explorar, primeiramente, as diferentes médias de valores de VOT em cada língua por cada grupo de participantes e, posteriormente, as diferenças nas produções de VOT entre os grupos por cada língua<sup>8</sup>.

#### **3.2.1 Análises Intragrupo**

Com exceção dos Grupos 1 e 2, grupos de controle compostos apenas por falantes monolíngues (PB e SSBE, respectivamente), os outros dois grupos deste trabalho eram compostos por falantes bilíngues ou trilíngues portoalegrenses, ou seja, falantes nativos de PB que tinham conhecimento de pelo menos uma língua adicional. As análises que seguem têm o caráter de investigar se existe uma diferença na produção de VOT no que diz respeito à língua utilizada pelos participantes dentro de cada grupo.

---

8 Antes de começarmos as análises das diferenças, realizamos os testes de normalidade das distribuições de Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk, nas quais encontramos uma distribuição normal ( $p > 0,05$ ) dos dados. No caso das análises intergrupo, também verificamos a homogeneidade das variâncias, tendo verificado valores de  $p > 0,05$ . Esses dados nos levaram a realizar testes paramétricos.

### 3.2.1.1 Grupo 3

O Grupo 3 era composto por participantes falantes bilíngues nativos do PB que também tinham conhecimento de inglês-L2. Como se tratava de duas línguas distintas, de tipologias diferentes, produzidas pelo mesmo grupo de participantes, realizamos Testes-T para amostras emparelhadas ou pareadas (*Paired sample T-test*). Os resultados encontram-se na Tabela 4.

**Tabela 4** - Análises intra-grupo dos participantes bilíngues

/p/	t(9) = -2.508, p = 0,033	:)
/t/	t(9) = -4.443, p = 0,002	:)
/k/	t(9) = -3.835, p = 0,004	:)

Legenda: :) = significativo; :| = marginalmente significativo; :( = não-significativo

Como podemos observar pela Tabela 4, há diferenças significativas entre as línguas no que concerne à produção de VOT para /p/ (PB: 27,54 ms; Ing: 40,02 ms), t(9) = -2.508, p = .033, para /t/ (PB: 31,01 ms; Ing: 61,14 ms), t(9) = -4.443, p = .002, e para /k/ (PB: 62,81; Ing: 78,87 ms), t(9) = -3.835, p = .004. No que se refere à língua inglesa, a média de produção de VOT para todas as consoantes é significativamente mais alta.

### 3.2.1.2 Grupo 4

Já o Grupo 4 era constituído pelos participantes trilíngues, falantes nativos do PB, que também possuíam conhecimento de inglês-L2, como o Grupo 3, além do conhecimento de alemão-L3. Para esses participantes, tratava-se de três línguas, divididas em três sistemas fonético-fonológicos diferentes, estando o PB separado do inglês e do alemão em questão de tipologia referente ao VOT. Assim, realizamos Análises de Variância (ANOVA) com medidas repetidas ou múltiplas (*Repeated Measures ANOVA*). Os resultados podem ser observados na Tabela 5.

**Tabela 5** - Análises intra-grupo dos participantes trilíngues

/p/	F(2,18) = 34,61 , p = 0,000	:)
/t/	F(2,18) = 23,20 , p = 0,000	:)
/k/	F(2,18) = 15,36 , p = 0,000	:)

Legenda: :) = significativo; :| = marginalmente significativo; :( = não-significativo

Mais uma vez, como podemos observar pela Tabela 5, há diferenças significativas entre as línguas faladas pelos trilíngues no que concerne à produção de VOT para /p/ (PB: 27,05 ms; Ing: 41,72 ms; Ale: 38,03 ms), F(2,18) = 34,61, p = 0,000, para /t/ (PB: 33,23 ms; Ing: 63,63 ms; Ale: 55,17 ms), F(2,18) = 23,20, p = 0,000, e para /k/ (PB: 62,63 ms; Ing: 79,86 ms; Ale: 75,29 ms), F(2,18) = 15,36,

$p = 0,000$ . Os resultados dos testes *post-hoc* com correção de Bonferroni encontram-se na Tabela 6.

**Tabela 6** - Testes *post-hoc* (Bonferroni) para a análise intragrupo do grupo trilingües

/p/	<b>PB-Ing</b>	$p = 0,000$	:)
	<b>PB-Al</b>	$p = 0,002$	:)
	<b>Ing-Al</b>	$p = 0,153$	:(
/t/	<b>PB-Ing</b>	$p = 0,001$	:)
	<b>PB-Al</b>	$p = 0,005$	:)
	<b>Ing-Al</b>	$p = 0,042$	:)
/k/	<b>PB-Ing</b>	$p = 0,001$	:)
	<b>PB-Al</b>	$p = 0,024$	:)
	<b>Ing-Al</b>	$p = 0,450$	:(

Legenda: :) = significativo; :| = marginalmente significativo; :( = não-significativo

Apartir da Tabela 6, podemos observar que essas diferenças significativas apontadas nas ANOVAs com medidas repetidas podem ser encontradas na comparação, em cada uma das consoantes, para os pares de língua PB-Ing e PB-Al, ou seja, há diferenças significativas entre a L1 desses participantes e sua L2, bem como entre a L1 e sua L3. Contudo, com exceção do que se refere à consoante plosiva alveolar, não encontramos diferenças significativas entre as línguas adicionais do Grupo 4. Em outras palavras, as produções de VOT em inglês-L2 e alemão-L3 são estatisticamente semelhantes para as plosivas bilabiais (Ing: 41,72 ms; Ale: 38,03 ms) e velares (Ing: 79,86 ms; Ale: 75,29 ms), assim como pudemos observar nas Tabelas 1 e 2, com os dados das estatísticas descritivas referentes às duas línguas supracitadas produzidas pelo grupo de trilingües.

A partir dessas verificações, podemos concluir que os sistemas fonético-fonológicos desses participantes, tanto do Grupo 3 (bilíngues) quanto do Grupo 4 (trilingües), já são evidência do caráter adaptativo e complexo da língua, estando sujeitos a mudanças intrinsecamente estruturais. Esses participantes passaram de falantes capazes de produzir sons referentes a apenas um padrão linguístico, de uma L1 praticamente sem distinção em termos de duração de VOT entre plosivas surdas bilabiais e alveolares, com valores tendendo a zero, ao desenvolvimento de um padrão totalmente diferente, que caracteriza suas L2 e L3. Ainda podemos especular, com base na pouca diferença entre as produções nas línguas adicionais do Grupo 4, em virtude da menor proficiência em alemão desses participantes, que há uma possível interação entre suas L2 e L3, na qual possivelmente há a transferência do padrão da L2 para a L3. Podemos conjecturar que o rápido desenvolvimento do padrão da L3 (inferido a partir dos valores mais baixos do teste de proficiência aplicado em língua alemã) esteja relacionado ao fato de que as duas línguas possuem o mesmo padrão de produção de VOT. Dessa forma, o desenvolvimento

da L3 ocorre de forma mais rápida e natural, devido a questões de proximidade tipológica e de recência da L2. Essas pressuposições serão mais atentamente discutidas na seção final deste trabalho.

### 3.2.2 Análises Intergrupo

#### 3.2.2.1 Inglês

Os dados analisados a seguir são referentes às tarefas de produção em língua inglesa, L1 para o Grupo 2 e L2 para os Grupos 3 e 4. Como os Grupos 3 e 4 eram compostos por aprendizes do inglês, falantes nativos do PB, temos um par de duas L1s diferentes entre os grupos, línguas essas que possuem um padrão diferente no que se refere à produção de VOT para as plosivas surdas - objeto de estudo desta pesquisa. Enquanto no PB temos um padrão de VOT tendendo a zero para /p/ e /t/, e um VOT levemente mais longo, com uma semi-aspiração, para /k/, no inglês temos um VOT positivo com uma duração gradativamente mais longa para as três plosivas surdas. Ao tratar-se de um trabalho sobre atrito linguístico, é intrinsecamente necessário investigar as mudanças na L1 por conta do desenvolvimento de um outro sistema linguístico. Assim sendo, realizamos Análises de Variância (ANOVA) Unifatoriais (*One-Way ANOVAs*), para identificar o desenvolvimento do padrão de produção de VOT do inglês no sistema de L2 desses participantes.

**Tabela 7** - Análises intergrupo referentes às produções de VOT em inglês

/p/	F(2,27) = 5,25 , p = 0,012	:)
/t/	F(2,27) = 2,35 , p = 0,115	:
/k/	F(2,27) = 0,16 , p = 0,850	:

Legenda: :) = significativo; :| = marginalmente significativo; :| = não-significativo

Na Tabela 7, podemos observar os resultados das análises unifatoriais para cada uma das consoantes estudadas. Há diferenças significativas entre os grupos para as produções em inglês de /p/ (G2: 56,95 ms; G3: 40,02 ms; G4: 41,72 ms),  $F(2,27) = 5,25$ ,  $p = 0,012$ . Para as produções de /t/ (G2: 77,31 ms; G3: 61,14 ms; G4: 79,86 ms), as diferenças são praticamente marginalmente significativas (entre  $0,05 < p < 0,10$ ), porém, já apresentam diferenças não significativas,  $F(2,27) = 2,35$ ,  $p = 0,115$ . Por fim, para as produções de /k/ (G2: 82,55 ms; G3: 78,87 ms; G4: 79,86 ms), encontramos diferenças não significativas entre os grupos,  $F(2,27) = 0,16$ ,  $p = 0,850$ . Como encontramos diferenças significativas para /p/, fazem-se necessários, mais uma vez, testes *post-hoc* para identificarmos em quais comparações essa diferença se mostra significativa. Os resultados dos testes *post-hoc* (com correção de Bonferroni) referentes à plosiva bilabial encontram-se na Tabela 8.

**Tabela 8** - Testes *post-hoc* (Bonferroni) referentes à produção intergrupo de /p/

<b>Grupos 2 e 3</b>	p = 0,020	:)
<b>Grupos 2 e 4</b>	p = 0,040	:)
<b>Grupos 3 e 4</b>	p = 1,000	:(

Legenda: :) = significativo; :| = marginalmente significativo; :( = não-significativo

Face aos resultados encontrados nos testes *post-hoc*, podemos observar que as diferenças são significativas quando comparamos a produção de VOT para /p/ em inglês entre o grupo de monolíngues londrinos com cada um dos grupos de brasileiros falantes de inglês-L2. No entanto, quando comparamos essas produções entre os dois grupos de brasileiros, não encontramos diferenças significativas. Em outras palavras, os dois grupos de aprendizes de inglês-L2 fazem uma produção de /p/ diferente do padrão nativo, mas semelhantes entre si.

Estatisticamente, as análises sugerem que, para /t/ e /k/, os grupos não fazem uma produção diferente de VOT em inglês entre si, indicando que, para essas consoantes, os grupos de aprendizes já adquiriram o padrão nativo. No caso de /k/, os números sugerem que esse fenômeno é quase uniforme entre os grupos de bilíngues e trilíngues. Entretanto, devido à proximidade dos números referentes a /t/ com a categoria de diferenças marginalmente significativas, podemos inferir que a variabilidade é maior em /t/. No caso de /p/, podemos observar que os grupos não apresentam ainda o padrão dos nativos de língua inglesa. Por fim, podemos concluir que esses resultados estão de acordo com a literatura vigente (ALVES; ZIMMER, 2015; KUPSKE, 2016; KUPSKE; ALVES, 2016; SCHERESCHEWSKY; ALVES; KUPSKE, 2017), de acordo com a qual a ordem para a chegada ao padrão de VOT positivo do inglês por brasileiros seria primeiramente /k/, depois /t/, e por último /p/.

### 3.2.2.2 Português Brasileiro

Ao se tratar de um estudo sobre atrito, estamos investigando as mudanças na L1 por conta da transferência de um novo padrão de produção de VOT das línguas adicionais dos participantes. Com os resultados descritos na seção anterior, pudemos verificar que, no que se refere a /t/ e /k/, esses participantes já apresentam uma L1 diferente da apresentada pelos monolíngues do PB. No que se refere a /p/, podemos conjecturar que os participantes estão no mesmo caminho, pois os dados sugerem que estão no meio do processo de desenvolvimento do padrão das línguas adicionais. De fato, dentro da concepção dinâmica de língua que rege este trabalho, é de se esperar que, com o tempo e com mais experiência nas línguas adicionais com esse padrão, os participantes ainda vão chegar a um VOT mais longo para /p/.

Seguindo-se esse raciocínio, podemos afirmar que houve uma mudança no sistema fonético-fonológico dos falantes. Ao retomarmos a proposição de Flege (1995) de que nossas categorias acústicas de L1, L2, L3, ou qualquer língua adicional não podem ser separadas por existirem no mesmo espaço fonológico, então é de se esperar que também haja mudanças no sistema de L1, evidenciando o atrito linguístico. Assim, chegamos aos dados da Tabela 9, referentes às diferenças encontradas a partir das tarefas de produção em PB-L1 para o Grupo 1 e também para os Grupos 3 e 4. Mais uma vez, lembramos que, no PB, temos um padrão de VOT tendendo a zero para /p/ e /t/, e um VOT levemente mais longo, com uma “semi-aspiração” (cf. M. ALVES, 2015; KUPSKE, 2016), para /k/. Para a verificação da ocorrência de atrito, realizamos Análises de Variância Unifatorial (*One-way ANOVA*), a fim de identificar a possível mudança no sistema de L1 pelos participantes plurilíngues.

**Tabela 9** - Análises intergrupo referentes às produções de VOT em PB

/p/	F(2,27) = 18,48 , p = 0,000	:)
/t/	F(2,27) = 33,80 , p = 0,000	:)
/k/	F(2,27) = 23,86 , p = 0,000	:)

Legenda: :) = significativo; :| = marginalmente significativo; :( = não-significativo

Podemos observar que há diferenças significativas na produção de VOT entre os grupos para /p/ (G1: 15,13 ms; G3: 27,54 ms; G4: 27,05 ms), F(2,27) = 18,48, p = 0,000, para /t/ (G1: 17,88 ms; G3: 31,01 ms; G4: 33,23 ms), F(2,27) = 33,80, p = 0,000, e também para /k/ (G1: 38,93 ms; G3: 62,81 ms; G4: 62,63 ms), F(2,27) = 23,86, p = 0,000. Como se trata de análises unifatoriais entre três grupos diferentes, testes *post-hoc* são mais uma vez necessários para podermos identificar onde ocorre essa diferença. Os resultados encontram-se na Tabela 10.

**Tabela 10** - Testes *post-hoc* (Bonferroni) para as análises intergrupo em PB

/p/	<b>Grupos 1 e 3</b>	p = 0,000	:)
	<b>Grupos 1 e 4</b>	p = 0,000	:)
	<b>Grupos 3 e 4</b>	p = 1,000	:(
/t/	<b>Grupos 1 e 3</b>	p = 0,000	:)
	<b>Grupos 1 e 4</b>	p = 0,000	:)
	<b>Grupos 3 e 4</b>	p = 0,918	:(
/k/	<b>Grupos 1 e 3</b>	p = 0,000	:)
	<b>Grupos 1 e 4</b>	p = 0,000	:)
	<b>Grupos 3 e 4</b>	p = 1,000	:(

Legenda: :) = significativo; :| = marginalmente significativo; :( = não-significativo

Como pode ser observado na Tabela 10, há diferenças significativas quando comparamos cada uma das três consoantes, individualmente, entre o Grupo 1 com cada um dos Grupos 3 e 4. Para as comparações entre os Grupos 3 e 4, no que diz respeito a cada uma das consoantes, não encontramos diferenças significativas. Estatisticamente, esses resultados confirmam que a produção dessas plosivas em PB, em termos de duração de VOT, é diferente para o grupo monolíngue em relação a cada um dos grupos plurilíngues, além de mostrar que, entre os dois últimos, essa produção não é significativamente diferente.

Com base nesses resultados, podemos verificar a ocorrência de atrito da L1 para todas as consoantes investigadas neste estudo. Ao retomarmos esses resultados, podemos verificar que os bilíngues e os trilíngues brasileiros fazem produções diferentes de VOT entre as suas línguas de conhecimento que possuem padrões diferentes para esse aspecto (PB e inglês, no caso dos bilíngues, e PB e as duas línguas adicionais, inglês e alemão, para os trilíngues). No caso da L2, os falantes plurilíngues dos dois grupos aproximam suas produções de VOT em inglês às dos nativos ingleses, chegando a uma produção sem diferenças significativas para /t/ e /k/. Ademais, especificamente para os falantes trilíngues, embora não pudéssemos realizar testes estatísticos para comparar a produção de VOT em alemão desses participantes com a produção de falantes nativos alemães, podemos especular, a partir das médias encontradas na literatura, que sua produção em L3 pelo menos se aproxima do padrão nativo. Assim, podemos verificar que as línguas adicionais dos falantes plurilíngues levam o sistema fonético-fonológico do PB ao atrito, afastando-o do padrão do sistema dos monolíngues brasileiros. Esse fenômeno provê evidências para a característica adaptativa da língua, mostrando que o sistema de L1 é aberto e sujeito a mudanças, podendo interagir com outros sistemas de línguas adicionais, de modo que possamos verificar que a transferência entre as línguas não se resume à visão tradicional linear L1 – L2 – L3.

#### **4. Discussão**

Neste estudo, tínhamos como objetivo geral verificar evidências de atrito linguístico, em contexto de dominância da L1, sobre os padrões de produção de *Voice Onset Time* das plosivas surdas iniciais do PB-L1 por bilíngues (com inglês-L2) e trilíngues (com inglês-L2 e alemão-L3). A constatação de atrito linguístico, à luz de SAC, não depende de apenas uma variável, como a mudança no sistema de L1, pois inclui também a investigação a respeito da influência das línguas adicionais nessa mudança. Para isso, nossos objetivos específicos, em linhas gerais, incluíam (i) investigar as produções de VOT dessas plosivas em cada língua de conhecimento dos participantes; (ii) comparar suas produções em inglês (L2 dos dois grupos) com as produções de VOT de nativos monolíngues de língua inglesa; (iii) comparar suas produções em PB (L1 dos dois grupos) com as produções de VOT de nativos de monolíngues brasileiros.



Em primeiro lugar, no que se refere aos participantes bilíngues, encontramos diferenças significativas na produção de VOT entre o PB e o inglês, sendo que os valores mais altos das médias de produção foram em língua inglesa, indicando que os participantes fazem distinção entre suas duas línguas de conhecimento no que concerne à produção de VOT. Em segundo lugar, no que se refere aos participantes trilíngues, também encontramos diferenças significativas na produção de VOT entre o PB e suas duas línguas adicionais. Porém, ao compararmos as médias em inglês e alemão, encontramos diferenças significativas para uma das consoantes estudadas, a consoante alveolar, com valores mais altos para o alemão, indicando que os trilíngues também diferenciam suas produções de VOT entre as línguas de tipologias diferentes, mas também apresentam essa diferença entre suas duas línguas adicionais em relação a pelo menos uma das consoantes. Podemos especular que esses dados podem estar relacionados com o fato de que, mesmo que o inglês e o alemão apresentem a mesma tipologia no que se refere ao VOT, os nativos monolíngues dessas duas línguas não necessariamente produzem exatamente as mesmas médias para cada uma das consoantes. Ademais, pudemos verificar que os dois grupos de falantes plurilíngues fazem distinção de tipologia na produção de VOT e, portanto, realizam a diferenciação pelo menos entre o sistema fonético-fonológico de sua L1 e os sistemas de sua(s) língua(s) adicionai(s).

Ao contrário do que esperávamos, encontramos diferenças significativas apenas para a plosiva surda bilabial nos valores de VOT em inglês entre os nativos londrinos e os participantes bilíngues e trilíngues. Isso indica que, no caso das plosivas surdas alveolar e velar, os aprendizes de inglês já adquiriram o padrão nativo. Além disso, dado o fato de que o padrão nativo já foi encontrado para dois dos três pontos de articulação investigados, não verificamos diferenças significativas nas produções de VOT em inglês entre os dois grupos de brasileiros plurilíngues, indicando que o conhecimento de mais uma língua com padrões semelhantes de VOT (nesse caso, o alemão e o inglês) não foi significativamente relevante para produzir um VOT mais longo em inglês para o grupo de trilíngues. Em outras palavras, de modo mais importante do que o número de línguas que apresentam o mesmo padrão de VOT, cabe mencionar o papel da assimilação/dissimilação de categorias (FLEGE, 1995), o que parece ser o caso entre o português e as duas línguas adicionais deste estudo, que sofrem efeito deste processo de assimilação conforme manifestado no atrito.

Em relação aos valores de VOT em PB-L1, as análises demonstraram haver diferenças significativas entre os monolíngues e os dois grupos plurilíngues, indicando que os dois últimos estão com os seus padrões de L1 modificados. Quando levamos esses dados em consideração, juntamente com os resultados encontrados nas análises referentes aos objetivos anteriores, podemos verificar a ocorrência do atrito no PB-L1 de nossos participantes plurilíngues. No entanto, não encontramos diferenças significativas entre os dois grupos plurilíngues, o que nos leva a entender que um grupo

não está mais atritado do que o outro, e que a presença de mais uma língua com uma tipologia diferente do PB não foi estatisticamente significativa para a ocorrência de um atrito linguístico mais forte para os participantes trilíngues. Esses dados sugerem o fato de que duas línguas adicionais com os mesmos padrões acústicos não vão militar duplamente no valor de atrito de L1. De fato, os dados aqui apresentados sugerem a não separação das línguas nesse espaço fonológico único. Além disso, esses dados também trazem à luz (principalmente no que se refere à plosiva surda bilabial, cuja produção de VOT em inglês-L2 ainda não está semelhante à nativa) a proposição de que não é preciso atingir o padrão de produção de uma língua adicional para que o sistema de L1 seja atritado, e que basta uma alteração no sistema (nesse caso, a adição de uma ou duas línguas com uma tipologia diferente da língua materna) para que todo o sistema seja afetado.

## 5. Considerações finais

Neste trabalho, a partir da descrição de um aspecto fonético-fonológico, discutimos, à luz da noção de língua como Sistema Adaptativo Complexo, o fato de que os subsistemas linguísticos de um indivíduo se encontram conectados entre si. Mais do que isso, cabe mencionar que, ainda que tenhamos nos valido da descrição de um aspecto fonético-fonológico, tal interconexão implica relações complexas entre todos os demais aspectos gramaticais.

Considerando-se que a totalidade de um sistema complexo não é a soma de suas partes, mas sim o resultado das relações entre todos os seus elementos, deixamos claro que os aspectos aqui mencionados representam uma pequena “amostra” de relações dinâmicas entre todos os entes da gramática, bem como entre todos os subsistemas linguísticos. Evidenciar tais relações, que, por serem dinâmicas, também se alteram ao longo do tempo, implica desafios para os pesquisadores que concebem a língua sob tal perspectiva. Dentre todo esse cenário de complexidade, acreditamos que, mesmo havendo considerado um aspecto bastante pontual, tal como o VOT, conseguimos ter prestado nossa contribuição e atingido o objetivo de demonstrar a forte relação entre os subsistemas linguísticos.

Para finalizarmos, cabe salientar que entendemos que este trabalho apresenta algumas limitações, como a ausência, por restrição de tempo, de uma investigação mais aguçada na produção de VOT *per se* dos participantes, uma pequena amostragem no que se refere ao número de participantes, além de um controle não tão rigoroso em seu recrutamento. Como enfrentamos dificuldades em encontrar voluntários trilíngues para participar desta pesquisa dentro da comunidade de Letras, tivemos que recorrer a participantes externos. Não pudemos controlar se a produção de VOT desses falantes já estava enviesada, por exemplo, por alguma instrução formal sobre a aspiração seguinte à soltura das plosivas em inglês ou alemão. Ademais, carecemos de pelo menos mais dois grupos de participantes

para um melhor entendimento desses dados no que concerne à multidirecionalidade e à tipologia no estudo de atrito em L1, como um grupo de participantes monolíngues nativos de alemão, e um grupo de participantes bilíngues brasileiros, nativos de PB e aprendizes de alemão como L2. Acreditamos que, em estudos futuros, voltadas a uma investigação da multidirecionalidade da transferência linguística, essas carências poderão ser supridas e esses assuntos abordados.

Por fim, ressaltamos mais uma vez a premissa da visão de língua como SAC de que a transferência pode ser multidirecional e não se resume à tradicional visão de “aquisição” plena de formas-alvo, uma vez que o sistema está em constante mudança e adaptação, pois este estudo traz contribuições com insumos empíricos para tal discussão teórica. Se pudermos fazer uma breve análise e um resumo dos resultados, podemos observar que, devido às suas trajetórias linguísticas, nossos falantes bilíngues e trilíngues brasileiros fazem produções diferentes de VOT entre as suas línguas de conhecimento, sendo que os falantes trilíngues respeitam uma questão tipológica na produção de VOT para suas línguas adicionais. Com sua experiência em L2, ambos os grupos de participantes plurilíngues aproximam suas produções de VOT em inglês às dos nativos ingleses, e os participantes trilíngues aproximam sua produção em alemão à dos nativos alemães. Dessa forma, o inglês dos bilíngues e o inglês e o alemão dos trilíngues (que correspondem a uma única categoria, em termos de VOT) acaba atritando o sistema fonético-fonológico do PB-L1, afastando-o do sistema dos monolíngues brasileiros. Assim, o estudo traz evidências de que o sistema de L1 é aberto e sujeito a mudanças, sofrendo e exercendo a ação de outros subsistemas de línguas adicionais; esses, por sua vez, estão inegavelmente interagindo uns com os outros, principalmente quando se enquadram na mesma tipologia linguística. Além disso, trazemos evidências de que efeitos de atrito linguístico podem ocorrer, também, em um ambiente de L2 não dominante (em sala de aula de ensino formal de L2, por exemplo), além do fato de que não é necessário chegar ao padrão nativo de uma língua adicional para que a L1 se modifique. Esperamos, com tais resultados, haver prestado contribuições empíricas e teóricas para a área de investigação.

## REFERÊNCIAS

ALVES, M. *Estudo dos parâmetros acústicos relacionados à produção das plosivas do português brasileiro na fala adulta: análise acústico-quantitativa*. Tese (Doutorado em Letras). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

ALVES, U. K.; ZIMMER, M. C. Percepção e produção dos padrões de VOT do inglês por aprendizes brasileiros: O papel de múltiplas pistas acústicas sob uma perspectiva dinâmica. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. Online), v. 59, p. 155-175, 2015.

BECKNER, C.; BLYTHE, R.; BYBEE, J.; CHRISTIANSEN, M.; CROFT, W.; ELLIS, N.; HOLLAND, J.; KE, J.; LARSEN-FREEMAN, D.; SCHOENEMANN, T. Language is a Complex Adaptive System: Position Paper. *Language Learning*, v. 59, n.1, p. 1-26, 2009.

BOERSMA, P.; WEENINK, D. Praat: doing phonetics by computer – version 6.0.40. 2018. Disponível em [www.praat.org](http://www.praat.org).

BRAUN, A. Zum Merkmal „Fortis/Lenis”. Phonologische Betrachtungen und instrumentalphonetische Untersuchungen an einem mittelhessischen Dialekt. *Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik*. Stuttgart, p. 226 - 229, 1988.

COHEN, G. V. *The VOT Dimension: a bi-directional experiment with English Brazilian Portuguese stops*. Dissertação – Mestrado em Letras. UFSC, Florianópolis: 2004.

DE BOT, K.; LOWIE, W.; THORNE, S. L.; VERSPOOR, M. Dynamic System Theory as a comprehensive theory of second language development. In GARCÍA MAYO, P.; GUTIERREZ MANGADO, J.; MARTINÉZ ADRIAN, M. (Eds.), *Contemporary perspectives on second language acquisition*. John Benjamins Publishers, 2013, p. 167-189.

FLEGE, J. E. Second Language Speech Learning: Theory, Findings, and Problems. In: STRANGE, W. (ed.) *Speech perception and linguistic experience: issues in cross language research*. Timonium, MD: York press, 1995, p. 233-277.

\_\_\_\_\_. Language contact in bilingualism: Phonetic system interactions. In: COLE, J.; HUALDE, J. (Eds.), *Laboratory phonology*, 9 (pp. 353–382) Berlin, Ger.: Walter de Gruyter, 2007.

GRASSEGGER, H. Akustische Aspekte der Verschlusslautproduktion von österreichischen (steirischen) Sprechern. In: KÖSTER, J.; GUTKNECHT, C. (Orgs.): *Neue Tendenzen in der angewandten Phonetik*. Hamburgo. P. 39-61, 1987.

IBM Corp. IBM SPSS Statistics for Windows – Version 21.0. Armonk, NY: IBM Corp., 2012.

KUPSKE, F. *Imigração, Atrito e Complexidade: a produção das oclusivas surdas iniciais do inglês e do português por brasileiros residentes em Londres*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal Do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2016.

\_\_\_\_\_; ALVES, U. K. A fala de imigrantes brasileiros de primeira geração em Londres como evidência empírica para a língua como um Sistema Adaptativo Complexo. *ReVEL*, v. 14, n. 27, 2016. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/e166bf461ecc067bb8459c6617d5fd52.pdf>

LISKER, L.; ABRAMSON, A. S. A cross-language study of voicing in initial stops: Acoustical measurements. *Word*, 20(3), p. 384-422, 1964.

LLAMA, R. *Cross-linguistic influence in third language acquisition: The roles of typology and L2 status*. 2008. Dissertação de Mestrado. Concordia University, Montreal, Canadá, 2008.

\_\_\_\_\_; CARDOSO, W.; COLLINS, L. The influence of language distance and language status on the acquisition of L3 phonology. *International Journal of Multilingualism*, v. 7, n. 1, p. 39-57, 2010.

\_\_\_\_\_; LÓPEZ-MORELOS, L. P. VOT production by Spanish heritage speakers in a trilingual context. *International Journal of Multilingualism*, v. 13, n. 4, p. 444-458, 2016.

PEREYRON, L. *A produção vocálica por falantes de Espanhol (L1), Inglês (L2) e Português (L3): uma perspectiva dinâmica na (multi) direcionalidade da transferência linguística*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal Do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2017.

RAATZ, U.; KLEIN-BRALEY, C. Introduction to language testing and to C-Tests. In COLEMAN, J.A.; GROTHJAHN, R.; RAATZ, U. (Eds.), *University language testing and the C-test*. AKS-Verlag, 2002, p. 75–91.

SCHERESCHEWSKY, L. C.; ALVES, U. K.; KUPSKE, F. F. First language attrition: The effects of English (L2) on Brazilian Portuguese VOT patterns in a L1-dominant environment. *Letrônica*, v. 10, n. 2, p. 700-716, 2017.

SCHWARTZHAUPT, B. M. *Testing intelligibility in English: the effects of positive VOT and contextual information in a sentence transcription task*. Dissertação (Mestrado em Letras). PPG Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2015.

\_\_\_\_\_; ALVES, U. K.; FONTES, A. B. A. L. The role of L1 knowledge on L2 speech perception: investigating how native speakers and Brazilian learners categorize different VOT patterns in English. *Revista de estudos da linguagem*. Belo Horizonte, MG. Vol. 23, n. 2 (2015), f. 311-334, 2015.

**A EMERGÊNCIA DO PADRÃO CAUSATIVO [ $X_{\text{AGENTE}}$  V.COM  $Y_{\text{AFETADO}}$ ] E SEUS  
EFEITOS PARA A EXPANSÃO DA REDE DE CONSTRUÇÕES TRANSITIVAS DO  
PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO**

***THE EMERGENCE OF THE CAUSATIVE PATTERN [ $X_{\text{AGENT}}$  V.COM  $Y_{\text{PATIENT}}$ ]  
AND ITS EFFECTS FOR THE EXPANSION OF THE TRANSITIVE CONSTRUCTIONS  
NETWORK IN CONTEMPORARY BRAZILIAN PORTUGUESE***

*Monclar Guimarães Lopes<sup>1</sup>*

**RESUMO**

Este trabalho busca descrever a expansão da *construção transitiva causativa*, uma estrutura complexa, parcialmente esquemática e emergente no português brasileiro, que possibilita o aumento de valência em verbos originalmente inacusativos, conforme atestaram Lopes (2015, 2017) e Lopes e Menezes (2018), a partir de dados diacrônicos dos verbos *acabar*, *desaparecer* e *sumir*. Nesta fase da pesquisa, busca-se investigar a expansão dessa construção a partir de dados sincrônicos de dois outros verbos inacusativos: *cessar* e *explodir*. Nessa análise, propomos o conceito de construcionalidade, que visa ao estudo sincrônico da mudança em perspectiva funcional.

**Palavras-chave:** Construcionalidade. Mudança de transitividade. Linguística Funcional Centrada no Uso.

**ABSTRACT**

This paper seeks to describe the expansion of the causative transitive construction, a complex, partially schematic and emergent structure in Brazilian Portuguese, which allows the increase of valence in originally inacusative verbs, according to Lopes (2015, 2017) and Lopes & Menezes (2018), who analyzed diachronic data of the verbs *acabar*, *desaparecer* and *sumir*. At this moment, we investigate the expansion of this construction based on synchronic data of two other verbs: *cessar*

---

1 Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense.

and *explodir*. In this process, we use the concept of *constructionality*, which aims at the synchronic study of change in functional perspective.

**Keywords:** Constructionality. Transitivity change. Cognitive-Functional Linguistics.

### Considerações iniciais

Em qualquer modelo de representação construcional da gramática (LANGACKER, 2008; GOLDBERG, 1995, 2003; 2006; CROFT, 2001; TRAUGOTT, 2008; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, HILPERT, 2014, entre outros), é consensual a ideia de que, na língua, há somente construções, isto é, pareamentos de forma e significado, que, organizados em uma rede na mente humana, “representam a totalidade de nosso conhecimento linguístico” (GOLDBERG, 2003, p. 219). Esse paradigma, em nosso ponto de vista, traz importantes contribuições para a descrição linguística em perspectiva funcional, dentre as quais destacamos duas: (a) a possibilidade de analisar estruturas de diferentes tamanhos (atômicas, parcialmente complexas e complexas) e graus de especificidade (específica, parcialmente esquemática e esquemática); (b) a ruptura da dicotomia entre léxico e gramática, na medida em que esta passa a ser vista como o conhecimento que temos da língua, em seus diferentes níveis de especificidade e/ou esquematicidade, e não como uma macrocategoria composta por subcategorias e itens de valor exclusivamente procedural<sup>2</sup>. Nesse sentido, sob o ponto de vista da GC (Gramática de Construções), a gramática de uma língua é constituída de uma rede de construções, embora haja algumas cuja função é referencial (lexical) e outras cuja função é procedural (gramatical), como bem descrevem Traugott e Trousdale (2013).

O destaque dos dois aspectos supracitados deve-se, sobretudo, ao nosso objeto de estudo: a emergência de um novo *type* nas construções transitivas, instanciado pelo padrão argumental [X<sub>agente</sub> V.COM Y<sub>afetado</sub>]. Trata-se de uma construção complexa (composta por mais de um item) e parcialmente esquemática (na medida em que apenas a preposição *com* é especificada), que passou a compor um novo nó na rede das construções transitivas no português brasileiro contemporâneo. Cabe frisar que afirmamos que a construção representa um **novo nó** na rede (mais especificamente, um caso de construcionalização, isto é, de FORMA<sub>NOVA</sub>-SENTIDO<sub>NOVO</sub>) porque tomamos como referência alguns trabalhos anteriores (LOPES, 2015, 2017; LOPES e MENEZES, 2018), nos quais procedemos a um levantamento de frequência das construções argumentais [X<sub>agente</sub> DESAPARECER.

---

2 Vale ressaltar que, embora o Funcionalismo Clássico já negue a existência de uma dicotomia rígida entre léxico e gramática, ele não compartilha da mesma visão de gramática que é defendida pela GC (Gramática de Construções), a de que a gramática (constituída exclusivamente por construções) representa todo o conhecimento que temos da língua.

COM  $Y_{afetado}$ ], [ $X_{agente}$  SUMIR.COM  $Y_{afetado}$ ] e [ $X_{agente}$  ACABAR.COM  $Y_{afetado}$ ] em perspectiva diacrônica, mais especificamente, do século XIV ao XXI. Nessas análises, pudemos constatar, nos *corpora* analisados, em contextos isolados (DIEWALD, 2002), a emergência das duas primeiras construções no século XX e da última no século XVII.

O subesquema [ $X_{agente}$  V.COM  $Y_{afetado}$ ] é constituído pelos seguintes elementos: um sujeito com papel semântico de agente, um verbo originalmente inacusativo (cujo emprego prototípico é o de um verbo intransitivo que seleciona um argumento com papel semântico de paciente<sup>3</sup>) seguido da preposição *com* (dessemantizada, sem que se recupere seu sentido básico de *associação*) e um objeto com papel semântico afetado. Com o intuito de tornar a descrição mais inteligível, seguem dois exemplos extraídos de dados da *web* e referenciados no *Corpus do Português* com suas respectivas análises:

(1) Para ajudar Aécio, *mídia desaparece com aeroporto dado à sua família*.

<https://www.esmaelmorais.com.br/2014/07/para-ajudar-aecio-midia-desaparece-com-o-aeroporto-dado-a-sua-familia/>

(2) O gerente operacional da Petrobras, Humberto Americano, trabalha embarcado há 24 anos e diz que essa falta é combatida com a convivência amistosa entre os colegas. Ele lembra de um caso em que seus filhos, quando pequenos, chegaram a tramar para que faltasse ao trabalho. “*Meus filhos sumiram com a chave de casa pra eu não sair para trabalhar, eles não queriam que eu fosse embarcar*”, lembra, emocionado.

<http://blog.planalto.gov.br/o-desafio-de-superar-a-saudade-numa-plataforma-de-petroleo/>

Na tradição gramatical, *desaparecer* e *sumir* figuram entre os verbos inacusativos, ou seja, verbos intransitivos que selecionam um único argumento de papel paciente (por exemplo: *minha carteira desapareceu/sumiu*). No entanto, nas ocorrências acima, observamos que esses verbos foram recrutados por uma outra construção, que apresenta dois *slots*: um para um sujeito agente e outro para um objeto afetado. Desse modo, observamos que, em (1), *a mídia (agente) faz o aeroporto (afetado) desaparecer*; em (2), *que meus filhos (agente) fazem a chave da casa (afetado) sumir*. Nessas ocorrências, observamos o emprego da preposição *com*, imediatamente após o verbo. É mister chamar a atenção para o fato de que o item *com*, nessa construção, encontra-se totalmente dessemantizado. Não conseguimos lhe atribuir um valor semântico básico, como *companhia*, *causa* ou *modo*, por

3 Os verbos inacusativos, na verdade, podem preencher o sujeito com dois diferentes papéis temáticos: paciente ou tema. Segundo Cançado (2005), o paciente é uma entidade que sofre efeito de alguma ação, havendo mudança de estado; o tema é uma entidade deslocada por uma ação. Não obstante, restringimos a nossa análise aos sujeitos de papel paciente, pois estes estão diretamente envolvidos na emergência da construção transitiva causativa.



exemplo, como ocorre quando esse elemento introduz adjuntos adverbiais que expressam esses tipos de circunstância. Cabe ressaltar que, em se tratando da construção em análise, a que nomeamos *construção transitiva causativa*, os papéis semânticos atribuídos aos argumentos são análogos aos da construção transitiva prototípica: nesta última, também há um sujeito agente, um objeto afetado e, prototipicamente, um verbo de processo material que denota uma transformação (HALLIDAY, 1985)<sup>4</sup>. Inclusive, na perspectiva tradicional da gramática, cuja preocupação reside quase exclusivamente na descrição das propriedades centrais das categorias da língua, “a transitividade refere-se à transferência de uma atividade de um agente para um paciente” (CUNHA, COSTA e CEZARIO, 2015, p. 28). Nesse sentido, a construção transitiva causativa difere da construção transitiva prototípica apenas no plano da forma, na medida em que apresenta preposição entre verbo e complemento.

Em trabalhos anteriores, analisamos, diacronicamente, a construção transitiva causativa em que o *slot* verbal é preenchido pelas formas originalmente inacusativas *acabar*, *desaparecer* e *sumir*, que podem ser semanticamente classificadas, segundo Halliday (1985), como verbos de processo material de transformação. Neste trabalho, incluímos dois novos verbos de processo material de transformação: *cessar* e *explodir*. A inclusão dessas novas formas verbais nos permitiu atestar a produtividade dessa construção, na medida em que recruta novos verbos. Paralelamente, neste estágio da pesquisa, promovemos uma análise de viés exclusivamente sincrônico. Para esse fim, apoiados em Hopper (1991), para quem o estado sincrônico da língua é um conjunto de diferentes camadas que emergem ao longo do tempo, em Traugott e Trousdale (2013), que descrevem três fatores relevantes para a emergência de construções (esquematicidade, produtividade e composicionalidade), e em Hilpert (2015), que defende o aumento de esquematicidade como fator intrínseco e exclusivo da gramaticalização, Rosário e Lopes (2019) cunham o termo *construcionalidade*, que pode ser definido como “a relação sincrônica estabelecida entre duas construções, de tal sorte que (i) uma construção A e uma construção B apresentam horizontalmente algum grau de parentesco, ou (ii) uma construção X menos esquemática pode ser associada verticalmente a uma ou mais construções de natureza mais esquemática.”.

Este texto se organiza do seguinte modo: na seção 1, tratamos do conceito de construcionalidade com que, recentemente, temos trabalhado empiricamente; na seção 2, apresentamos a análise dos dados e, por fim, fechamos o trabalho com as considerações finais e as referências bibliográficas.

---

4 Os verbos inacusativos, na verdade, podem preencher o sujeito com dois diferentes papéis temáticos: paciente ou tema. Segundo Cançado (2005), o paciente é uma entidade que sofre efeito de alguma ação, havendo mudança de estado; o tema é uma entidade deslocada por uma ação. Não obstante, restringimos a nossa análise aos sujeitos de papel paciente, pois estes estão diretamente envolvidos na emergência da construção transitiva causativa.

## 1. Construcionalidade: uma proposta sincrônica para o estudo das relações entre construções e da mudança linguística

Num primeiro momento, precisamos justificar os motivos que nos levaram à proposição de uma nova categoria analítica para o estudo da mudança linguística. Afinal, há modelos construcionistas amplamente adotados no Brasil que já são essencialmente sincrônicos, como a Gramática de Construções Cognitiva (GOLDBERG, 1995, 2006) e a Gramática Radical de Construções (CROFT, 2001), por exemplo. No entanto, vale ressaltar que tais abordagens não foram originalmente pensadas para o estudo da mudança linguística, mas, sim, para a representação do conhecimento linguístico na mente dos falantes. Nesse sentido, muito embora as pesquisas funcionalistas já viessem conciliando a abordagem construcional da gramática para o estudo da mudança linguística, com especial ênfase na gramaticalização de construções, faziam isso por meio da associação de pressupostos do Funcionalismo com alguns outros da Linguística Cognitiva.

Em 2013, motivados pela necessidade de uma abordagem analítica para o estudo da mudança linguística em perspectiva construcional, Traugott e Trousdale elaboraram o modelo da *Construcionalização e das Mudanças Construcionais* (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013), que tem sido uma das grandes referências nas pesquisas sobre a mudança linguística desenvolvidas no Brasil em perspectiva cognitivo-funcional. Não obstante, trata-se de uma versão exclusivamente diacrônica, preocupada, sobretudo, em descrever a formação de novos nós na rede de construções, a partir dos mecanismos da neoanálise e da analogização, cuja atuação acarreta o aumento da esquematicidade e da produtividade, bem como redução da composicionalidade da construção.

Como sabemos, inicialmente os estudos funcionalistas acerca da mudança linguística eram também essencialmente diacrônicos, o que é bastante compreensível. Afinal, sendo a gramaticalização o resultado de contínuos reprocessamentos de um item/construção ao longo do tempo (muitas vezes, um grande espaço de tempo), é natural adotar uma metodologia analítica que busque investigar a trajetória dos elementos linguísticos em mudança ao longo do tempo. Posteriormente, elaboraram-se os termos *gramaticalidade* e *gradiência*, em oposição à *gramaticalização* e *gradualidade*, de modo a valorizar os estudos funcionalistas de base sincrônica. Dessa maneira, passa-se a empregar uma categorização distinta para a abordagem histórica (gramaticalização e gradualidade) e outra para a abordagem sincrônica (gramaticalidade e gradiência).

Tendo isso em mente, Rosário e Lopes (2019) sustentam que a elaboração de uma nova categoria analítica para a descrição sincrônica da mudança construcional seja um passo relativamente esperado no percurso da Linguística Funcional Centrada no Uso. Certamente, outros pesquisadores fariam (e,

provavelmente, ainda farão) algumas proposições semelhantes às nossas, com o intuito de descrever a mudança construcional em perspectiva sincrônica.

É exatamente a partir do diálogo entre o modelo da Construcionalização e das Mudanças Construcionais (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013) e os estudos que versam sobre variação, gradiência e gramaticalidade (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2010; ROSENBAACH, 2010; ROSÁRIO e OLIVEIRA, 2016; PIETRANDREA, 2005; entre outros), que Rosário e Lopes (2019) elaboram o termo *construcionalidade*, que pode ser definido como

a relação sincrônica estabelecida entre duas construções, de tal sorte que (i) uma construção A e uma construção B apresentam horizontalmente algum grau de parentesco, ou (ii) uma construção X menos esquemática pode ser associada verticalmente a uma ou mais construções de natureza mais esquemática (ROSÁRIO e LOPES, 2019).

Em termos esquemáticos, o conceito pode ser representado da maneira que segue (Quadro 1):

**Quadro 1.** Relações e tipos de construcionalidade

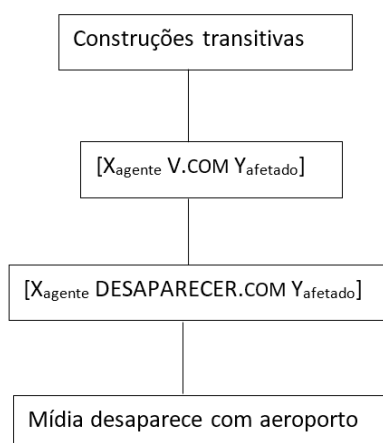
Relações horizontais	Construção A ↔ Construção B				
<b>Relações verticais</b>	<b>Tipo 1</b>	Construção A (mais esquemática) ↓ Construção B (menos esquemática)			
	<b>Tipo 2</b>	Construção B (mais esquemática) ↑ Construção A (menos esquemática)			
	<b>Tipo 3</b>	<table style="width: 100%; border: none;"> <tr> <td style="text-align: center; width: 50%;">                             Construção A                              (mais esquemática)                         </td> <td style="text-align: center; width: 50%;">                             Construção B                              (mais esquemática)                         </td> </tr> <tr> <td colspan="2" style="text-align: center;">                             ↘                      ↙                              Construção C                              (menos esquemática)                         </td> </tr> </table>	Construção A (mais esquemática)	Construção B (mais esquemática)	↘                      ↙ Construção C (menos esquemática)
Construção A (mais esquemática)	Construção B (mais esquemática)				
↘                      ↙ Construção C (menos esquemática)					

Fonte: Rosário e Lopes (2019).

Argumentamos que essas relações podem ser medidas a partir dos mesmos fatores de análise da construcionalização, que tomaremos, aqui, como fatores de construcionalidade, a saber: esquematicidade, composicionalidade e produtividade. Sob esse ponto de vista, retomando-se, por exemplo, os subsquemas [X<sub>agente</sub> DESAPARECER.COM Y<sub>afetado</sub>], [X<sub>agente</sub> SUMIR.COM Y<sub>afetado</sub>] e [X<sub>agente</sub> ACABAR.COM Y<sub>afetado</sub>], observamos entre eles a existência de **relações horizontais** ( $\leftrightarrow$ ), isto é, relações que se apresentam no mesmo nível hierárquico, porque: a) as três construções apresentam o mesmo nível de esquematicidade, sendo parcialmente preenchidas (diferindo entre elas apenas o *slot* do verbo), projetando os mesmos argumentos e apresentando um sentido abstrato de causatividade (X FAZ Y V); b) As construções, comparadas à construção inacusativa, são menos composicionais, na medida em que a preposição apresenta-se mais dessemantizada e vinculada ao verbo. Nesse sentido, vale lembrar que, na pesquisa sincrônica dos dados, não localizamos sequer uma ocorrência da construção transitiva causativa em que o objeto estivesse em outra posição, que não fosse a de posição imediata ao verbo; c) As três construções são nós subordinados de uma mesma construção esquemática [X<sub>agente</sub> V.COM Y<sub>afetado</sub>] e realizam-se no discurso, por meio dos constructos, da mesma maneira: preenchendo o sujeito com um termo de papel agente e o objeto com um termo afetado pela ação verbal.

As **relações verticais**, por sua vez, podem ser observadas através da análise dos diferentes níveis de esquematicidade. Sendo assim, levando-se em consideração o **tipo 1** (↓), podemos afirmar que o constructo *mídia desaparece com aeroporto* é uma instanciação da construção transitiva causativa [X<sub>agente</sub> DESAPARECER.COM Y<sub>afetado</sub>], que, por seu turno, é um *type* da construção [X<sub>agente</sub> V.COM Y<sub>afetado</sub>], que vem a ser um *type* das construções transitivas. Vejamos a representação dessas relações na Figura 1:

**Figura 1.** Representação esquemática da construção transitiva causativa de desaparecer.



Fonte: elaboração própria.

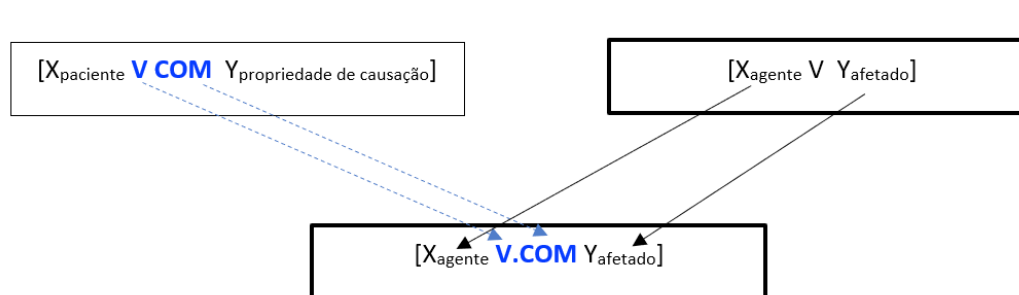
Vale ressaltar que, tanto nas relações horizontais quanto nas relações verticais do tipo 1 exemplificadas acima, temos basicamente uma descrição e representação sincrônica da rede, sem buscar atestar os processos de mudança. Cabe frisar que na relação vertical do tipo 1 (↓), de formação descendente, surgem novos *types* na rede por intermédio da produtividade de uma construção mais esquemática, que passa a recrutar novos elementos. Por sua vez, no tipo 2 (↑), de formação ascendente, um constructo é neoanalisado e, como consequência, formam-se nós hierarquicamente mais esquemáticos na rede.

Tanto as relações verticais do tipo 2 (↑) quanto as relações verticais do tipo 3 (↘↙) são formadas por meio de neoanálise, em que um constructo passa a ser interpretado como a instanciação de uma nova construção mais esquemática. Nesses casos, sustentamos que a mudança pode ser devidamente atestada por meio de dados sincrônicos, desde que as duas construções (tanto a inacusativa quanto a transitiva causativa coexistam em uma mesma sincronia).

Na relação vertical do tipo 2, a seta ascendente visa a ilustrar que a construção mais esquemática B não existia previamente na língua, cuja origem também é resultado do processo de neoanálise. Como sabemos, as construções mais esquemáticas, como os subesquemas e esquemas, não existem aprioristicamente. Desse modo, acreditamos que esse tipo de formação seja um tanto raro na língua, sendo mais frequentes as formações por neoanálise do tipo 3, em que uma construção menos esquemática herda propriedades de duas construções mais esquemáticas.

Por fim, **no tipo 3**, observamos a existência de relações de herança (GOLDBERG, 1995), em que o *mismatch* (a sanção parcial) de um constructo acarreta a instanciação de duas ou mais construções em níveis mais esquemáticos. No caso da construção transitiva causativa, por exemplo, observamos que ela apresenta algumas propriedades formais da construção inacusativa (a manutenção de um verbo originalmente inacusativo e uma preposição que encabeçava um adjunto adverbial) e algumas propriedades semânticas da construção transitiva prototípica (um termo agente como sujeito; um afetado como objeto). Essa relação poderia ser, assim, representada:

**Figura 2.** Relações de herança da construção transitiva causativa.



Fonte: Rosário e Lopes (2019).

Na Figura 2, Rosário e Lopes (2019) chamam a atenção para a diferença da representação dos traços, assim como para a espessura das caixas. Apesar de a construção transitiva causativa herdar propriedades de duas construções mais esquemáticas, ela tornou-se uma ocorrência da construção transitiva [X<sub>agente</sub> V Y<sub>afetado</sub>]. Por isso, os autores optaram pela representação contínua e tracejada das linhas. Esta última indica uma ligação mais esmaecida entre a construção transitiva causativa e a inacusativa.

Como afirmamos previamente, esse tipo de análise, feita a partir de dados sincrônicos, só é possível quando há coexistência das duas construções em uma mesma sincronia. Sob essa ótica, para estabelecer quando há uma relação de uma construção com outras de níveis mais esquemáticos, devemos observar as propriedades da forma e do significado (CROFT, 2001). Ademais, em se tratando de mudança que seja resultado de uma mudança por construcionalização gramatical (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013) ou de gramaticalização (HILPERT, 2015), podemos distinguir a construção fonte da construção nova a partir dos fatores da esquematicidade e da composicionalidade. As construções mais procedurais apresentam menor grau de composicionalidade (e, não raro, maior vinculação entre os elementos) e aumento de esquematicidade. Nesse sentido, a inserção de um novo padrão sintático para as construções transitivas acarreta a expansão do esquema, que passa a aceitar novas formas em seu inventário.

## **2. Análise de dados**

Nesta seção, descrevemos a expansão da rede das construções transitivas causativas no português brasileiro, a partir da análise dos seguintes verbos inacusativos de processo material de transformação: *cessar* e *explodir*. Em virtude da extensão deste tópico, dividimo-lo em três subseções. Em 2.1., tratamos das diferentes construções que instanciam o padrão *verbo (originalmente inacusativo) + preposição com*. Observamos que esse padrão se apresenta somente na construção inacusativa e na transitiva causativa. Em 2.2., falamos das propriedades da forma e do significado da construção inacusativa e da transitiva causativa, assim como dos fatores de construcionalidade. Em 2.3., apresentamos os dados de *cessar* e *explodir*, e, por fim, apresentamos uma proposta para a formalização da rede para as construções transitivas causativas já analisadas no português brasileiro. Todos os dados analisados foram extraídos de dados sincrônicos do *Corpus do Português* (DAVIES e FERREIRA, 2014).

### **2.1. As construções que instanciam o padrão *verbo + com***

No *Corpus do Português*, observamos que todas as ocorrências de verbo (originalmente

inacusativo) seguido da preposição *com* instanciam ora a construção inacusativa, ora a construção transitiva causativa. Portanto, essas são as duas únicas construções de estrutura argumental que nos interessam aqui, muito embora, no padrão inacusativo, *com* inicie termos de diferentes funções sintáticas e diferentes valores semânticos, como veremos mais à frente.

Nesse momento, observemos duas ocorrências das construções inacusativas com os verbos *cessar* e *explodir*:

(03) Com o tempo, aparecerão escritos mais consistentes que poderão ser analisados de acordo com o bom senso. Há casos em que o espírito desenha rabiscos sem sentido ou escrevem palavras sem qualquer significado, porém, *tais coisas costumam cessar com o desenvolvimento progressivo da faculdade*.

<http://marifuxico.blogspot.com/2009/12/espíritos-falam-com-mortais-pelas-maos.html>

(04) FOGO: governam pessoas e demonstram muita segurança e poder de decisão. *São emocionalmente instáveis, podendo explodir com relativa facilidade, revelando um temperamento colérico e inflamado*.

<http://www.mistico.com/p/chines/>

Nas duas ocorrências acima, os verbos *cessar* e *explodir* apresentam um sujeito de papel paciente: *tais coisas*, em (03); *pessoas*, em (04). Paralelamente, os verbos são seguidos da preposição *com*, a que podemos atribuir diferentes valores semânticos, a saber: um adjunto adverbial de causa ou meio, em *com o desenvolvimento progressivo da faculdade* (03); um adjunto adverbial de modo, em *com relativa facilidade* (04). Portanto, podemos observar que, na construção inacusativa, *com* pode apresentar adjuntos adverbiais de diferentes valores semânticos, sendo fixos da estrutura apenas o verbo inacusativo e o sujeito de papel paciente: [X<sub>paciente</sub> V].

Agora, vejamos ocorrências em que *cessar* e *explodir* instanciam pela construção transitiva causativa:

(05) Infelizmente, isto se pratica não só por pessoas ativistas veganas, mas também por instituições e grupos de ativismo. É o dever destes grupos e destas pessoas ativistas, principal e sumariamente, inclusive das veganarquistas, *o de cessar com tais violências*.

<http://antigo.incandescencia.org/post/42105545112>

(06) Uau Matilda! Arrasou! Concordo com tudo o que vc escreveu, bastante empolgada, mas, com toda a razão! *Fico também prestes a explodir com essas figuras* querendo me doutrinar a qualquer custo.

<http://cronai.wordpress.com/2013/01/28/prontofalei/>

Nos dois exemplos, temos ocorrências da construção transitiva causativa. Em (05), o verbo

cessar seleciona um sujeito agente (*os veganaquistas*) e um objeto afetado (*tais violências*). Ademais, observamos que, a despeito da mudança de transitividade, o verbo mantém seu sentido básico, de modo análogo ao que ocorre com *desaparecer* e *sumir* e com grande parte das ocorrências de *acabar*. Em (06), há um sujeito agente não explícito (eu) e o objeto afetado é o termo *com essas figuras*.

## 2.2. As propriedades da construção transitiva causativa e seus fatores de construcionalidade

Para Croft (2001), uma construção se caracteriza como um pareamento de forma-significado, cujos polos apresentam diferentes propriedades. Na Figura 3, a representação apresenta alguns aspectos da forma e do significado da construção em análise:

**Figura 3.** Representação das construções inacusativa e transitiva causativa e de suas propriedades.

Construção inacusativa → [ $X_{suj\_pac}$ V <sub>Verbo_ação</sub> COM $Y_{adj-adv\_propriedade\_causação}$ ]
Construção transitiva causativa → [ $X_{suj\_agt}$ V <sub>verbo_ação</sub> .COM $Y_{obj\_pac}$ ]

Fonte: elaboração própria.

Faz-se mister chamar atenção para o fato de que, para nossa análise, interessam as construções inacusativas cujos verbos sejam seguidos de um adjunto adverbial iniciado por *com*, cuja circunstância apresenta propriedade semântica de causação. Isso significa que não consideramos ocorrências de verbos inacusativos que estejam fora desse padrão sintático na formação da construção transitiva causativa. Conforme argumentamos em trabalhos anteriores (LOPES, 2015; 2017; LOPES e MENEZES, 2018), sustentamos a hipótese de que a construção transitiva causativa emergiu no sistema do português brasileiro por meio da neoanálise desse tipo de construção inacusativa. Portanto, entendemos que a produtividade da construção transitiva causativa esteja, pelo menos inicialmente, associada à produtividade da construção inacusativa em que há um adjunto adverbial iniciado por *com* com propriedade de causação imediatamente após o verbo.

Na Figura 3, observamos que a construção inacusativa investigada por nós se caracteriza pelo seguinte alinhamento de papéis sintáticos e semânticos: no plano sintático, apresenta um sujeito, um verbo e um adjunto adverbial iniciado por *com*; no plano semântico: um termo paciente na função de sujeito, um verbo de ação e um termo de valor causativo na função de adjunto adverbial. A construção transitiva causativa, por sua vez, apresenta: no plano sintático: um sujeito, um verbo e um objeto; no plano semântico: um termo de papel agente na função de sujeito, um verbo de ação e um termo afetado na função de objeto.

Paralelamente, além das propriedades sintáticas e semânticas, pesam também na distinção das construções inacusativa e transitiva causativa os três fatores de construcionalidade: composicionalidade,



esquematicidade e produtividade. No que se refere à composicionalidade, observamos que a construção inacusativa é mais composicional que a construção transitiva causativa. Nesta última, a preposição é dessemantizada, empregada apenas por uma servidão gramatical, historicamente motivada. Ou seja, tendo se originado a construção transitiva causativa de uma reinterpretação da construção inacusativa, o *com* se mantém na construção, muito embora não apresente mais valores semânticos. Outra característica advinda da diminuição da composicionalidade é a elevada vinculação existente entre verbo e preposição. Vale ressaltar que analisamos no *corpus* 200 ocorrências em que a preposição *com* se situa em outra posição (anteposta ou posposta ao verbo, com termos intervenientes), e nenhuma delas instanciava uma construção transitiva causativa. Ou seja, na construção transitiva causativa, os objetos vêm imediatamente após o verbo. Inclusive, há ocorrências em que a topicalização do objeto parece implicar a instanciação de uma outra construção, como vemos a seguir:

(07a) A morte marca o fim da personalidade física, faz cessar conseqüentemente a personalidade jurídica, sendo assim o homem compreendido em suas funções desaparece no momento de sua morte. Dessa forma, *a morte irá cessar com a personalidade jurídica* que o acompanhou durante a vida, enquanto ser autônomo de imputação de normas jurídicas.

<http://dadospessoais.net/2007/03/>

(07b) *Com a personalidade jurídica, a morte irá cessar.*

Em (07a), temos uma ocorrência da construção transitiva causativa, sendo *a morte* um sujeito de caráter + agentivo e *com a personalidade jurídica* o objeto afetado. Em (07b), deslocamos o objeto. A impressão que temos é que a inversão favorece a instanciação de uma construção inacusativa, e não transitiva causativa. Paralelamente, há diversos casos, no *corpus*, em que a mudança de posição do objeto, muito embora não instancie outra construção, soa-nos artificial, como observamos em (08b):

(08a) Nesta quarta-feira, um alto diplomata de Cartum advertiu que *seu governo usará todos os meios para acabar com a agressão.*

<http://2012umnovodespertar.blogspot.com/2012/04/situacao-explosiva-entre-os-dois-sudoes.html>

(08b) *Seu governo usará todos os meios para, com a agressão, acabar.*

Vale frisar que esse procedimento não funciona com todos os dados. Há, de fato, ocorrências em que a inversão soa natural, como observamos em (09):

(09a) Não estou sentindo nenhuma culpa por estar sendo amante dele. Não consigo viver sem o meu marido atual, *não penso em acabar com o meu casamento*, mas tenho medo de ele descobrir e não entender o meu sentimento pelo outro.

<http://3xtrinta.blogspot.com/2011/11/seu-dilema-e-possivel-amar-dois-ao.html>

(09b) *Com meu casamento, não penso em acabar.*

Muito embora a inversão soe natural com parte das ocorrências, como em (09b), defendemos que a forma é mais vinculada, na medida em que: a) de 200 ocorrências analisadas em que *com* se situa em outra posição, todas elas instanciavam a construção inacusativa, e não a transitiva causativa; b) nas construções inacusativas, o adjunto adverbial apresenta grande liberdade posicional, como podemos atestar no próprio *corpus*. Vejamos, por exemplo, as ocorrências (10) a (11), em que os adjuntos adverbiais de instrumento (*com esse hack*) e de meio (*com essa alternativa*) estão antepostos aos verbos, numa construção inacusativa:

(10) *Com esse hack as notícias vão aparecer*, assim como acontece com o meu blog.

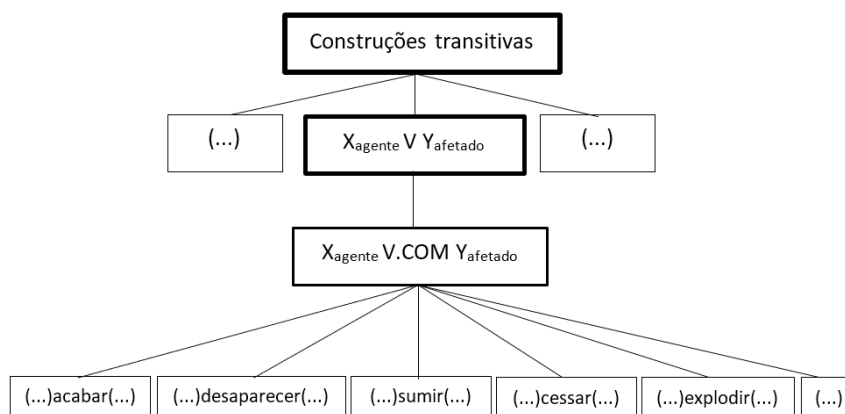
[br.forums.wordpress.org](http://br.forums.wordpress.org)

(11) Há números que comprovam que o aborto não faz tão bem psicologicamente para a mulher quanto algumas pessoas defendem, isso é muito questionável para se usar como base de algum argumento. Além do que *com essa alternativa poderia surgir atitudes ainda mais agressivas à mulher* como por ex coibir uma gravidez.

<http://amanditas.wordpress.com/2011/09/28/e-o-desejo-de-ser-mae-onde-fica/>

Em relação à esquematicidade, observamos os diferentes níveis de especificidade e esquematicidade da construção transitiva causativa. Cabe esclarecer que, uma vez que lidamos com uma construção de estrutura argumental, observamos apenas os subesquemas e esquemas, e não as microconstruções, uma vez que só são plenamente preenchidos (específicos) os constructos. Sob esse ponto de vista, a rede das construções transitivas causativas poderia ser representada conforme na Figura 4:

**Figura 4.** Representação parcial da rede das construções transitivas causativas.



Fonte: elaboração própria.

Na Figura 5, a construção mais esquemática, no topo, tem forma não especificada. Abaixo desse

nível, temos uma representação da construção transitiva em que há um sujeito agente, um verbo de ação e um objeto afetado, abaixo desta, a construção transitiva causativa [ $X_{agente}$  V.COM  $Y_{afetado}$ ], que se subdivide em diversos outros nós subordinados. Os outros elementos são *slots*, que apresentam restrição quanto à realização: um SN sujeito com papel temático de agente/causador, um verbo de ação originalmente inacusativo na posição do verbo e um SN objeto direto afetado (papel temático paciente). Como podemos verificar, além do *slot* da preposição, o do verbo também já está especificado.

Segundo Hilpert (2015), o aumento de esquematicidade ocorre na rede por meio da inserção de itens marginais. Por isso, entendemos que a emergência da construção transitiva causativa, por apresentar um padrão morfossintático inesperado para um objeto afetado pela ação do verbo (a presença de preposição), acarreta aumento de esquematicidade, ao ampliar os *types* de realização em níveis superiores da rede. Esse aumento de esquematicidade, fruto da expansão da rede das construções transitivas, está representado na Figura 4, por meio da espessura das caixas.

Por fim, no que tange à produtividade, consideramos a frequência *type* e *token* tanto das construções inacusativas quanto das construções transitivas causativas. Observemos o Quadro 2 a seguir:

**Quadro 2.** Frequência *type* e *token* dos diferentes padrões verbo seguido de com.

	Acabar	Sumir	Cessar	Explodir	Desaparecer
<b>1. Transitivas causativas</b>	82	84	48	35	24
<b>Inacusativas</b>					
2. Com Propriedade de causação	6	05	39	51	35
3. Sem propriedade de causação – sujeito paciente.	12	11	13	14	41
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Fonte: elaboração própria.

Analisamos as 100 primeiras ocorrências do verbo seguido da preposição *com* no *Corpus do Português* (Gráfico 1), dividindo-as, num primeiro momento, em três diferentes *types*: 1) Construção transitiva causativa; 2) construção inacusativa com a preposição *com* encabeçando um adjunto adverbial com propriedade semântica de causação; 3) construção inacusativa com a preposição

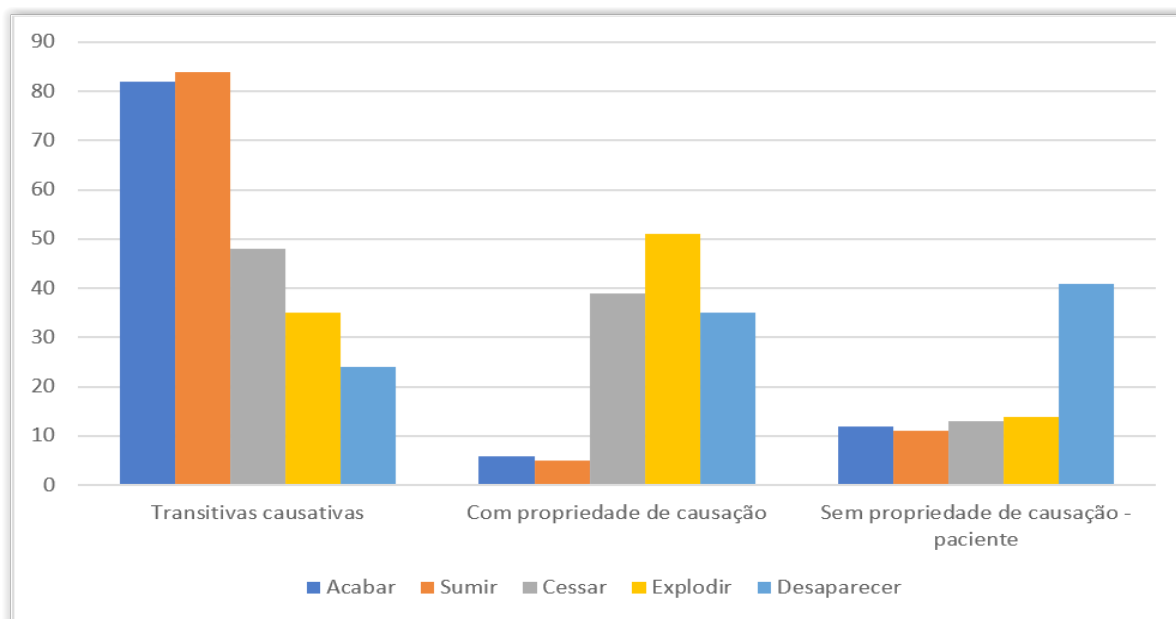
com encabeçando um adjunto adverbial sem propriedade semântica de causação. Posteriormente, distribuimos as ocorrências encontradas nesses *types* para cada verbo analisado.

Em se tratando das construções inacusativas e transitivas causativas que recrutam os verbos *acabar* e *sumir*, observamos, de um lado, uma elevada frequência *token* das construções transitivas causativas (82 e 84 ocorrências, respectivamente); de outro, uma baixíssima frequência *token* da construção inacusativa com adjunto adverbial com propriedade semântica de causação (06 e 05 ocorrências, respectivamente).

Por sua vez, observamos, nas construções que instanciam os verbos *cessar* e *explodir*, uma frequência *token* mais alta das construções do tipo 1 (48 e 35 ocorrências, respectivamente) e 2 (39 e 51 ocorrências, respectivamente), ao passo que apresenta uma baixa frequência das construções do tipo 3 (13 e 14 ocorrências, respectivamente).

Por fim, em se tratando do verbo *desaparecer*, observamos uma baixa frequência *token* das construções do tipo 1, e uma elevada frequência *token* das construções do tipo 2 e 3.

**Gráfico 1.** Frequência *type* e *token* das construções inacusativas e transitivas causativas.



Fonte: elaboração própria

### 2.3. Análise das construções transitivas causativas

Nesta subseção, observamos detidamente as construções transitivas causativas que com os verbos *cessar* e *explodir*.

### 2.3.1. [X<sub>agente</sub> CESSAR.COM Y<sub>afetado</sub>]

O verbo *cessar*, originalmente inacusativo (X<sub>paciente</sub> CESSAR), cujos sentidos denotativos são, segundo o dicionário Aurélio (2003), *interromper, suspender, acabar, concluir, descontinuar*, etc., também instancia construções transitivas diretas; como podemos observar em (12) e (13):

(12) Qin declarou que o grupo de Dalai deve perceber a situação, abandonar as intenções da “independência tibetana” com ações concretas e *cessar qualquer forma de atividade separatista*.

<http://br.china-embassy.org/por/fyrth/t389338.htm>

(13) Condições para a sua candidatura ser aceite. Este programa de arrendamento mais barato só está disponível para pessoas que cumpram os seguintes requisitos: ter uma taxa de esforço superior a 10% do rendimento disponível. Não ser proprietário, arrendatário ou titular de uma habitação no mesmo conselho. Caso tenha um imóvel arrendado, pode concorrer com a condição de *poder cessar o contrato atual em determinada data*, por motivos óbvios.

<http://casaseterrenos.com/mercado-social-de-arrendamento/>

Em (12), o sujeito de *cessar* é agente e está elíptico (o grupo de Dalai); seu objeto é a expressão *qualquer forma de atividade separatista*. De modo análogo, em (13), há um sujeito agente em elipse (você) e o objeto do verbo é *o contrato atual em determinada data*.

Ou seja, uma vez que já há, na língua, uma construção para a expressão desse verbo por meio da seleção de um sujeito agente e um objeto afetado, devemos nos questionar se tanto sua construção transitiva prototípica (SUJ VTD OD) quanto sua construção transitiva causativa apresentam exatamente a mesma função. Isto é, devemos verificar se uma diferença na forma acarreta uma diferença na função, como prevê o princípio da não sinonímia (GOLDBERG, 2006).

Nos dados levantados, observamos que *cessar*, na construção transitiva direta, seleciona como objeto direto um substantivo com ideia de resultado de um processo, a saber: *fogo, atividade, contrato, operação, serviço, sangramento, relacionamento, perseguição, guerras, ação, ataque, abusos, fluxo, luta, momento, venda, comunicação, exercício, impedimento, procura*, entre outros. Nesses casos, *cessar* apresenta um sentido mais próximo ao de *interromper*, na medida em que há um processo em andamento que é interrompido pela ação de um agente. É exatamente esse o sentido que encontramos em (72) e (73), em que *atividade* e *contrato*, termos que têm ideia processual, são suspensos por intermédio da ação de um agente.

Por sua vez, a construção transitiva causativa não apresenta esse tipo de restrição para o objeto, contendo nomes que veiculam processo em andamento (chegada, desenvolvimento, oração, canto, etc.) quanto outras que não contêm essa ideia (constituição, obrigatoriedade, demônio, entidades,

tipo, corpo, personalidade etc.). Observemos algumas ocorrências do *Corpus*:

(14) Efetivamente, não me recordo de ver carros articulados, agora, se não me falha a memória, ainda antes de 1997, altura em que deixei de andar regularmente pela zona, a 55 era feita com B10M da primeira geração. *Não sei precisar quando esse serviço começou e cessou com esse tipo de carros.*

<http://historiacfl.blogspot.com/2009/12/101-o-expresso-de-odivelas.html>

(15) A morte marca o fim da personalidade física, faz cessar conseqüentemente a personalidade jurídica, sendo assim o homem compreendido em suas funções desaparece no momento de sua morte. Dessa forma, *a morte irá cessar com a personalidade jurídica* que o acompanhou durante a vida, enquanto ser autônomo de imputação de normas jurídicas.

<http://dadospessoais.net/2007/03/>

(16) Como, então, a Humanidade poderia progredir, sem a preexistência e a reexistência da alma? Se as almas deixassem a Terra todos os dias, para não mais voltar, a Humanidade se renovaria *sem cessar com as entidades primitivas*, que teriam tudo a fazer e tudo a aprender.

<http://evangelhoespirita.wordpress.com/capitulos-1-a-27/cap-25-buscai-e-achareis/ajuda-te-e-o-ceu-te-ajudara/>

Em (14), o objeto de cessar é *esse tipo de carros*. Trata-se de um nome que não tem ideia de processo, como os vistos acima na construção transitiva direta, muito embora atribuamos uma ideia de processo temporal à ocorrência, em virtude do próprio verbo *cessar*. Ou seja, entendemos nesse dado que as pessoas pretendem dizer que pararam a produção desse tipo de carro. Em (15) e (16), *a personalidade jurídica* e *as entidades primitivas* também não são termos que têm ideia imanente de processo. Também associamos essa ideia em virtude do verbo, que evoca a ideia de que a existência da personalidade jurídica e das entidades primitivas é interrompida. Logo, observamos que a construção transitiva causativa com *cessar*, em comparação a construção transitiva direta, apresenta menos restrições e, por isso, representa uma expansão dos usos canônicos de *cessar* como verbo transitivo direto.

Vale ressaltar que *cessar* e *acabar* são verbos que apresentam um sentido muito próximo<sup>5</sup>, de modo que, em grande parte das ocorrências, são intercambiáveis. Não obstante, enquanto *acabar* pode assumir sentido mais subjetivo e metafórico na construção transitiva causativa (como, por exemplo, na expressão *o trabalho hoje acabou comigo*, em que a pessoa não foi efetivamente extinta), *cessar* sempre resulta na interrupção literal de uma entidade ou atividade, como podemos depreender nos exemplos de (14) a (16).

---

5 Próximo, mas não idêntico, já que *cessar* implica, em princípio, apenas a suspensão de uma força que estava em andamento, enquanto *acabar* pode implicar o emprego de uma força superior para interromper uma outra.

### 2.3.2. [ $X_{agente}$ EXPLODIR.COM $Y_{afetado}$ ]

Assim como *acabar* e *cessar*, *explodir* é um verbo originalmente inacusativo que é instanciado pela construção transitiva direta.

(17) A polícia procura uma quadrilha armada que invadiu uma fábrica e *explodiu um caixa eletrônico* hoje de madrugada em Fazenda Rio Grande. O grupo rendeu um dos vigilantes e levou todo o dinheiro do local.

<http://bandnewsfmcuitiba.com/2013/08/15/policia-procura-quadrilha-que-invadiu-uma-fabrica-e-explodiu-caixa-eletronico-na-rmc/>

(18) Taylor Lautner Sylvester Stallone veio ao Brasil rodar mercenários em 2009. Até aí, tudo bem, foi bem recebido por uma legião de fãs. Quando voltou para os EUA, na coletiva de imprensa ele fez comentários super maldosos a respeito do Brasil, dizendo, em tom de piada: “Lá, você pode atirar em pessoas, *explodir coisas e eles dizem ‘obrigado’!* E aqui está um macaco para você levar para casa”.

[http://www.folhades.com/site/pagina\\_interna.asp?nID=25415&tp=1](http://www.folhades.com/site/pagina_interna.asp?nID=25415&tp=1)

(19) Os raios ômega continuam tão devastadores quanto antes... travando em seus alvos e perseguindo-os até que os atinja em cheio. *Ele brinca de explodir aviões e pessoas*, para desespero do Flash, o primeiro a se levantar depois do ataque inicial.

<http://osantuario.com/2012/02/03/nova-liga-da-justica-superman-assassino-e-batman-desmascarado-nada-mais-e-sagrado/>

Nos exemplos acima, *explodir* apresenta-se em seu sentido mais básico, relacionado às situações que envolvem o emprego de armas químicas que, ao serem detonadas, extinguem seu alvo. Cabe frisar que as ocorrências transitivas diretas de *explodir* analisadas no *Corpus do Português* (50, ao todo) apresentavam sempre esse sentido (*explodir prédios, bancos, casas, pontes, etc.*). A construção inacusativa [ $X_{paciente}$  V], por sua vez, apresenta tanto ocorrências em que se observa esse sentido básico de *explodir* quanto sentidos mais metafóricos. Vejamos duas ocorrências:

(20) Ao descrever a primeira experiência do lançamento da bomba-atômica, o Departamento da Guerra informou que a torre de aço de onde foi lançada a bomba se fundiu, tendo subido à estratosfera uma gigantesca nuvem escura. No momento em que *a bomba explodiu*, um relâmpago mais brilhante do que a luz do dia iluminou toda a zona atingida.

[http://almanaque.folha.uol.com.br/mundo\\_07ago1945.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/mundo_07ago1945.htm)

(21) Adequou-se diante da necessidade dos clientes e detectou as suas maiores necessidades e assim, foi criado o seu primeiro sistema operacional que tinha como maior característica a facilidade no manuseio. *O sucesso explodiu* e a Apple se firmou no mercado como uma das maiores instituições do mundo.

<http://www.implantandomarketing.com/mais-que-vender-o-produto-temos-que-conquistar-o-mercado/>

Em (20), *bomba* é um termo concreto, mais especificamente, uma arma química passível de ser detonada e, por isso, representa o uso mais básico de *explodir*. Em (21), por seu turno, *sucesso* é um termo abstrato, que, por conseguinte, implica um uso mais abstrato desse verbo. Nessa ocorrência, evidencia-se que o verbo passou por expansão em seus contextos de uso, podendo ser empregado com sentidos metafóricos. Nesse sentido, dizer *o sucesso explodiu* significa afirmar que a empresa obteve um sucesso muito acima do esperado. Esse efeito de sentido é promovido por *explodir*, por se tratar de um verbo que envolve a movimentação de uma grande quantidade de energia.

Na construção transitiva causativa, *explodir* pode apresentar tanto seu sentido mais básico quanto com seu sentido mais abstrato. Portanto, muito embora tanto a construção transitiva direta quanto a construção transitiva causativa envolvam a transferência de energia de um agente para um paciente (um termo afetado), elas não são construções sinônimas, na medida em que apresentam diferentes possibilidades de significação. Observemos, abaixo, esses diferentes usos da construção transitiva causativa:

(22) O 3º filme do Planeta dos Macacos ou (SPOILERS): Como fazer uma sequela depois de matar todas as personagens e *explodir com o planeta no filme anterior*? Este filme é tramado... Se um segundo filme não estava pensado quando se rodou o primeiro, então, visto o final de *Beneath the Planet of the Apes*, é que este terceiro não podia estar mesmo previsto.

<http://depoisdocinema.blogspot.com/2013/05/escape-from-planet-of-apes-1971.html>

(23) – Ele segue o código ninjutsu. Para ele, justiça é mais importante do que vingança. Seja qual for o plano, ele acha que está a fazer a coisa certa. Isso ainda não explica a bomba.

– Tem razão – disse a cota, enquanto trazia umas tigelas de *mutlutlu* da cozinha. – Não faz sentido despejar-nos daqui e depois *explodir com o bairro*.

<http://jorgedeamizade.com/historias-mal-contadas/o-misterioso-js/o-misterioso-js-a-perseguaao-2/>

(24) O assunto rompimento com o governo Dilma e entrega dos cargos do partido vem irritando profundamente o governador Eduardo Campos, principalmente pela veiculação diária na mídia. Em entrevista no final da semana passada, o governador chegou a *explodir com os jornalistas* quando tais assuntos basearam as perguntas.

<http://lagoagrandeemacao.blogspot.com/>

(25) Conte até 100 antes de *explodir com os outros*, pois por estarmos mais propensos a desconsiderar os sentimentos dos outros, podemos causar muitas mágoas e ressentimentos.

<http://astrologiaeradaequario.blogspot.com/2013/02/horoscopo-da-semana-de-04-10-de.html>

Em (22) e (23), *explodir* apresenta um sentido mais concreto, na medida em que *o planeta* (22)



e o bairro (23) são destruídos por meio da ação de armamentos. Em (24) e (25), por sua vez, temos sentidos mais metafóricos para a construção transitiva causativa. Em (24) e (25), *explodir* pode ser entendido como *revoltar-se*, *irritar-se*. Nessas duas ocorrências, portanto, os objetos *jornalistas* e *os outros* não são efetivamente extintos por meio da ação do verbo. A provável motivação no emprego desse verbo é a de demonstrar que a desavença e/ou irritação atingiu o seu grau máximo, provocando a liberação de uma grande quantidade de energia. Verificamos que a maior parte das ocorrências das construções transitivas causativas são deste último tipo.

**Quadro 3.** Diferentes usos da construção transitiva causativa de *explodir*

Usos mais concretos	Usos mais abstratos
07 ocorrências	28 ocorrências

Fonte: elaboração própria.

Como podemos observar no Quadro 3, das 35 ocorrências transitivas analisadas, 28 são dos usos mais abstratos. Pensamos que esses resultados são favoráveis ao princípio da não sinonímia. Ou seja, não teríamos duas construções sinônimas, na medida em que uma delas (a transitiva causativa) possibilita a veiculação de sentidos mais metafóricos.

Nos dados analisados, *explodir*, em seus usos mais abstratos, apresenta os seguintes sentidos: *irritar-se/revoltar-se/insurgir-se* (28 ocorrências); *acabar*, *extinguir* (2 ocorrências); *alterar* (1 ocorrência). Além desses, encontramos duas ocorrências em que há, no nosso ponto de vista, um idiomatismo. Vejamos alguns exemplos abaixo:

- Revoltar-se/irritar-se/insurgir-se:

(26) No mais, por que não deveríamos admirar e trazer para perto a experiência e o pensamento de Paulo Leminsky, se ele nos ensinou tanto, se ele era sim um amente de Curitiba, se ele elevou o nome desta cidade, se sua luta foi *explodir com toda a babaquice* de nos considerarmos província?

<http://consumodecultura.blogspot.com/2013/03/a-gente-nao-ta-de-brincadeira-guilherme.html>

- Alterar:

(27) As energias baterão certo e haverá imensa harmonia. Para as famílias univértice, isto é, que ainda acham que sabem qual dos lados é melhor (mal sabem elas que todos os lados se complementam) irão nascer umas crianças bomba. Prontas *a explodir com as mais elementares regras de comportamento*. É que até as mais elementares regras estão a mudar. E vocês têm que mudar com elas.

<http://www.lacquaproject.net/front/index.php?page=as-criancas-indigo>

(28) Escute, meu chapa, um poeta não se faz com versos. É o risco, é estar sempre a perigo, sem medo, é inventar o perigo e estar sempre recriando dificuldades pelo menos maiores, é destruir a linguagem e *explodir com ela*. Nada no bolso e nas mãos.

<http://www.mundomundano.com.br/torquato-neto-um-poeta-nao-se-faz-com-versos/>

- “Explodir com a cabeça” – idiomatismo

(29) É ótimo filmá-las. Podemos filmar das maneiras mais loucas possível e encher de informação – pessoas e *walkers*. E é louco ver tantos juntos. A quantidade de trabalho que Greg e aquelas pessoas tiveram para fazer *essa temporada é simplesmente de explodir com a cabeça de qualquer um*.

<http://walkingdeadbr.com/category/amc/>

Em (26), *explodir* apresenta um sentido próximo a *insurgir-se*. Observamos no dado que se trata de uma ação que envolve uma grande quantidade de força, movida para a ação, e não um tipo de revolta que se manifesta apenas internamente. Em (27) e (28), por seu turno, inferimos que nem *as regras de comportamento* nem *a linguagem* deixam de existir por meio da ação de *explodir*, mas têm suas propriedades internas profundamente alteradas. Por fim, em (29), percebemos a atuação da metáfora, por meio da extensão imagética. Ao idiomatismo *explodir com a cabeça* (idiomatismo porque é uma expressão não composicional), associamos a ideia de que a cabeça é um compartimento fechado, de espaço limitado que permite apenas uma quantidade X de informações. Nesse sentido, a expressão é empregada para significar que a temporada da série trará ideias novas, diferentes daquelas que já estão acomodadas na mente, levando-nos a refletir sobre nossos pensamentos e crenças.

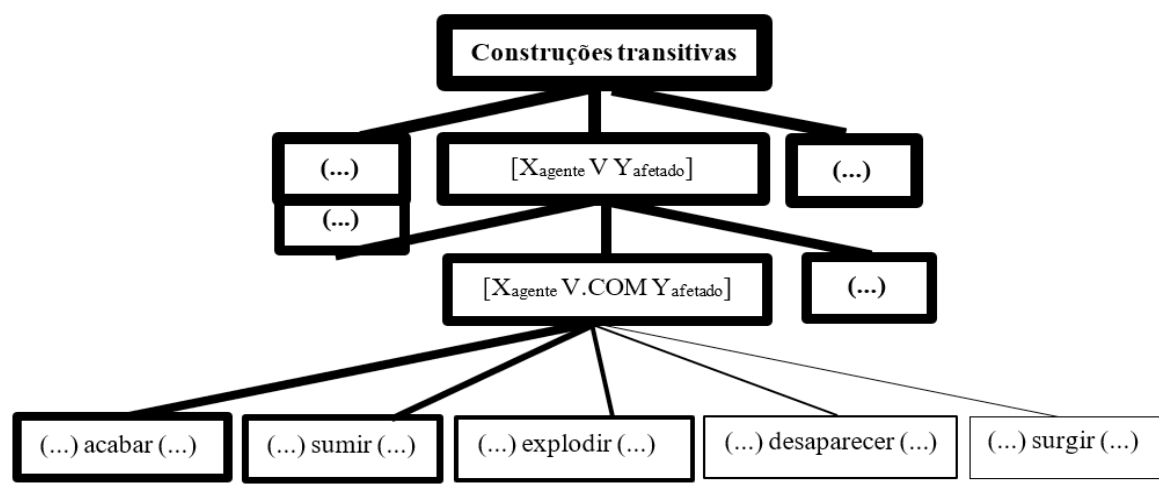
Por fim, faz-se mister chamar a atenção para o fato de que, a despeito dos diferentes usos de *explodir*, observamos em todas as construções e ocorrências instanciadas pelo verbo uma propriedade semântica comum, que pode ser explicitada, no nosso ponto de vista, como uma **mudança promovida por uma grande quantidade de energia**. Sob esse ponto de vista, argumentamos que, a despeito da abstratização do sentido, há a persistência (HOPPER, 1991) dessa propriedade em todas as ocorrências de *explodir*.

#### 4. Considerações finais

Em nosso estudo, pudemos observar que a construção transitiva causativa é bastante produtiva na rede das construções transitivas do Português Brasileiro. Paralelamente, verificamos que, a despeito das semelhanças de ordem semântica, a construção transitiva causativa e a construção transitiva canônica (ou prototípica) apresentam diferenças semânticas, conforme evidenciamos a partir das ocorrências com os verbos *acabar*, *cessar* e *explodir*, recrutados por ambas construções.

A partir dos dados sincrônicos analisados<sup>6</sup>, propomos uma formalização da rede das construções transitivas causativas investigadas (Figura 6). Uma vez que acreditamos que os membros mais prototípicos estão associados à frequência de uso, representamos essas informações por meio da espessura das caixas e linhas. Ou seja, quanto mais espessa a linha, maior é a frequência *type*. Desse modo, podemos verificar que, na rede, a frequência *type* das construções menos esquemáticas é indicada, da esquerda para a direita, em ordem decrescente. Por sua vez, quanto mais alta na hierarquia a construção (e, por isso, mais esquemática), mais produtiva ela é e, por conseguinte, mais ativada na rede de construções.

Figura 6. Representação da rede das construções transitivas causativas.



Fonte: elaboração própria.

## REFERÊNCIAS

CROFT, William. *Radical Construction Grammar*. New York: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, Maria Angélica Furtado; COSTA, Marcos Antônio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. *Linguística funcional*. Teoria e Prática. São Paulo: Parábola, 2015.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português – Web dialects*, 2014. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>

DIEWALD, Gabriele. A model of relevant types of contexts in grammaticalization. In: Wischer, Ilse & Diewald, Gabriele (eds.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam / Philadelphia:

<sup>6</sup> Vale lembrar que os dados sincrônicos de acabar, desaparecer e sumir foram investigados na seção 2 desta pesquisa. Por isso, constam na representação.

John Benjamins, 2002, p. 104-120.

GOLDBERG, Adele. *A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

\_\_\_\_\_. *Constructions at Work. The Nature of Generalization in Language*. New York: Oxford University Press, 2006.

\_\_\_\_\_. *Constructions: a new theoretical approach to language. Trends in Cognitive Science*. Illinois, Vol. 7, no. 5, 2003, p. 219-223.

HALIDAY, Michael A. K. *An introduction to functional grammar*. New York: Edward Arnold, 1985.

HILPERT, Martin. *Construction grammar and its application to English*. Edimburgo: Edinburg Textbooks, 2014, 233p.

\_\_\_\_\_. *From hand-carved to computer-based: Noun-participle compounding and the upward strengthening hypothesis. Cognitive Linguistics*, Volume 26, Issue 1, 2015, p. 113-147.

HOPPER, Paul. *On some principles of grammaticalization*. In: TRAUGOTT, E. C. & HEINE, B (eds). *Approaches to grammaticalization*. V.1. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991, p. 17-35.

LANGACKER, Ronald. *Cognitive Grammar*. New York: Oxford University Press, 2008.

LOPES, Monclar Guimarães. *Transitivização de desaparecer em perspectiva cognitivo-funcional*. Tese de doutorado. Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015, 178p.

\_\_\_\_\_. *Transitivização de sumir e desaparecer no português do Brasil: um caso de construcionalização lexical. Revista Entrepalavras*, Fortaleza, n. 4., v. 7, 2017, 18p. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/729>.

LOPES, Monclar Guimarães; MENEZES, Vanda Maria Cardozo. *A formação do sub-esquema argumental causativo no português brasileiro. Revista Confluência*. Rio de Janeiro, n. 54., v.1, 2018, 23 p. Disponível em: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/view/213>.

PIETRANDREA, Paola. *Epistemic Modality: functional properties and the Italian system*. Amsterdam, John Benjamins, 2005..

ROSÁRIO, Ivo da Costa; LOPES, Monclar Guimarães. Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica. *Revista Soletas*. Rio de Janeiro: n. 37, v.1, 2019, 20p. Disponível em: <http://e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletas/article/view;36318/29209>

ROSÁRIO, Ivo da Costa; OLIVEIRA, Mariangela Rios. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Revista Alfa*, São Paulo, nº 60, v. 2, 2016, 28p. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60-2-0233.pdf>

ROSENBAACH, Anette. How synchronic gradience makes sense in the light of language change (and *vice versa*). In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUDALE, Graeme (Eds.). *Gradience, gradualness and grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2010, p. 149-180.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUDALE, Graeme. *Constructionalization and Construcional Changes*. Oxford, Oxford University Press, 2013.

\_\_\_\_\_. Gradience, gradualness and grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUDALE, Graeme (Eds.). *Gradience, gradualness and grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2010, p. 19-44.

\_\_\_\_\_. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: Regine Eckardt, Gerhardt Jäger, and Tonjes Veenstra (eds.). *Variation, Selection, Development – Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008, p. 219-250.

**SERGIPANOS EM SÃO PAULO: REDES SOCIAIS, CONTATO DIALETAL E  
PRONÚNCIA VARIÁVEL DE VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS**

***SERGIPANOS IN SÃO PAULO: SOCIAL NETWORKS, DIALECT CONTACT AND  
VARIABLE PRONUNCIATION OF PRE-STRESSED MID VOWELS***

*Amanda de Lima Santana<sup>1</sup>*

*Ronald Beline Mendes<sup>2</sup>*

**RESUMO**

Esse artigo reporta resultados de análises da pronúncia das pretônicas /e/ e /o/ na fala de sergipanos residentes em São Paulo. O principal objetivo foi verificar se a natureza de suas redes sociais (aberta – contato frequente com paulistanos; fechada – mais contato com migrantes nordestinos) tem correlação com a pronúncia dessas vogais (mais próxima da sergipana ou da paulistana). A variável foi tratada como numérica (por meio de medidas de F1). Os resultados não confirmam a hipótese de que os sergipanos da rede mais aberta se “acomodam” mais à fala paulistana do que aqueles da rede mais fechada.

**Palavras-chave:** Vogais médias pretônicas. Acomodação dialetal. Redes sociais. Sergipe. São Paulo.

**ABSTRACT**

This article analyzes the pronunciation of pre-stressed mid vowels /e/ and /o/ in the speech of Sergipanos living in São Paulo. The main goal was to verify if the social networks formed by these migrants (open – with frequent contact with Paulistanos; closed – with more contact with other migrants from Northeastern Brazil) correlate with their pronunciation of these vowels. The dependent variable was treated as numeric (measures of F1). Results suggest that the accommodation hypothesis

1 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística pela Universidade de São Paulo (FFLCH).

2 Professor do departamento de Linguística da Universidade de São Paulo (FFLCH).

cannot be confirmed: migrants of the more open network do not accommodate more to the São Paulo pattern than those of the more closed network.

**Keywords:** Pre-stressed Mid vowels. Dialect contact. Accomodation. Social networks. Sergipe. São Paulo.

## Introdução

Os processos de acomodação dialetal, no sentido de Trudgill, (1986), isto é, aqueles que se dão no longo prazo, ainda são pouco estudados no cenário nacional. Sobre nordestinos residentes em São Paulo, por exemplo, se tem notícias, até o momento, de um número reduzido de trabalhos: Gomes da Silva (2014), Silva *et al* (2016), Oushiro (2016, 2017), Santos (não publicado, 2017), Souza (2017) e Santana (2018). Por conta desse quadro, há ainda perguntas em aberto sobre processos de acomodação: de que maneira a rede de que participa o migrante influencia a variação na sua fala? A idade com que o migrante chega ao novo lugar de residência é um fator relevante? Qual é o papel do tempo de residência na nova localidade nesses processos?

Estudar a variação na fala de migrantes residentes em São Paulo representa um passo adiante na descrição e compreensão das peculiaridades do português dessa cidade, fortemente caracterizada por migrações, especialmente por parte de nordestinos (aproximadamente 30% dos migrantes no estado de São Paulo são nordestinos (IPEA, 2011)). Apesar de essa grande população nordestina residir em São Paulo, poucos estudos foram realizados levando em consideração tais grupos no cenário linguístico da cidade. O trabalho de Souza (2017) é um dos poucos que faz isso, em que se desenvolve uma análise comparativa entre paulistanos e baianos residentes na capital paulista, levando em conta padrões de variação das vogais médias pretônicas, das estruturas de negação, do uso de artigos diante de antropônimos e do emprego de certos itens lexicais.

As vogais médias pretônicas constituem uma das variáveis mais estudadas no Brasil, uma vez que ela é diferenciadora de dialetos (MOTA & CARDOSO, 2015). Nascentes (1953 [1922]), por exemplo, utiliza essa variável para diferenciar os falares brasileiros do norte e do sul: naqueles existe predominância de vogais médias abertas ([ɛ] e [ɔ]), enquanto nos últimos predominam as vogais médias fechadas ([e] e [o]). Bisol (1981) e Klunck (2007), no Rio Grande do Sul; Viegas (1987) e Bisinotto (2011), em Minas Gerais; Silva (1989) e Soares (2004), na Bahia; Yaconvenco (1993) e Marques (2006), no Rio de Janeiro, são apenas alguns exemplos da grande quantidade de estudos desenvolvidos sobre essa variável.

O conceito de redes sociais (MILROY & LLAMAS, 2013 [2002]) é crucial para este estudo, pois por meio desse tipo de coleta é possível “mapear” as interações sociais dos informantes (no sentido de considerar quem conversa mais com quem) e verificar, por exemplo, se o contato mais frequente entre nordestinos migrantes (do que com paulistanos) explica ou não sua pronúncia de vogais médias pretônicas. Em outras palavras, a coleta de dados foi feita considerando-se as redes de que participam os falantes (em vez de partir de estratificações baseadas em sexo/gênero, faixa etária e escolaridade, por exemplo) porque parte-se da premissa de que os migrantes podem aproximar sua performance linguística às daqueles com quem conversam mais frequentemente. Vale esclarecer que esse mapeamento serviu para organizar a amostra e que as conversas gravadas ocorreram entre o migrante e a pesquisadora e não entre os migrantes. A hipótese central do estudo é que os integrantes da rede mais aberta estão mais acomodados à pronúncia paulistana das vogais médias pretônicas do que os sujeitos da rede mais fechada, porque estes interagem mais frequentemente com outros migrantes nordestinos. Tal hipótese é testada de duas maneiras: primeiramente pela média de F1 das vogais de ambas as redes em comparação à média paulistana<sup>3</sup> e, depois, através de um índice chamado de *integração à rede*, pelo qual se contabiliza o número de contatos de conterrâneos que cada informante tem dentro de sua própria rede.

Além das redes dos migrantes, o presente artigo traz análises de outra variável independente, a saber: *proporção de vida em São Paulo*. Com ela, busca-se testar a hipótese de que quanto mais tempo o migrante esteja vivendo na nova localidade, mais acomodada sua fala está à pronúncia paulistana.

O presente artigo, diferentemente da grande maioria dos trabalhos sociolinguísticos brasileiros sobre vogais, propõe uma análise das vogais médias pretônicas a partir de sua configuração acústica. Em vez de classificar cada ocorrência dessas vogais como “alta”, “média-alta” ou “média-baixa” (de oitiva), utiliza-se o valor de F1, medido para cada ocorrência, com o Praat (BOERSMA & WEENINCK, 2014). Dessa forma, trata-se a abertura dessas vogais como uma variável numérica e contínua, o que, por sua vez, permite abordar o processo de “acomodação” dialetal também como um contínuo. Para o tratamento de tais vogais, foram utilizados 4 scripts (EasyAlign (GOLDMAN, 2011), silac (OUSHIRO, 2015, 2018), silacpret (OUSHIRO, 2016) e Vowel Analyzer (RIEBOLD, 2013)) que serviram para automatizar a maior parte da extração dos dados (cf. SANTANA, 2018).

A análise das vogais na fala dos migrantes sergipanos é feita tomando-se por base ocorrências de /e/ e /o/ extraídas da fala de 7 paulistanos (da amostra SP2010 – MENDES & OUSHIRO, 2012).

---

3 Tal média foi calculada a partir dos dados da amostra SP2010 (MENDES & OUSHIRO, 2012). Mais detalhes são dados nos próximos parágrafos.



Para o estudo, um total de 3119 ocorrências de /e/ e 1926 de /o/ da amostra dos sergipanos migrantes, constituída por 27 falantes, foi analisado. Quanto à amostra paulistana, 350 ocorrências de /e/ e 350 de /o/ foram analisadas. Vale destacar que as ocorrências extraídas pertencem a palavras cujo contexto fonológico favorece o abaixamento da vogal, já que se busca, aqui, verificar se os migrantes estão deixando de abaixar a vogal em contextos propícios a esse fenômeno. Os testes estatísticos foram realizados na plataforma R (R CORE TEAM, 2017), que permite a criação de modelos de efeitos mistos.

### **Conceito de “acomodação”, estudos sobre redes sociais e suas contribuições**

Para Trudgill (1986), o tipo de acomodação<sup>4</sup> que mais interessa aos linguistas é aquela que se dá no longo prazo, no contato entre indivíduos de diferentes variedades regionais. Nesse caso, os principais interesses de pesquisa são: (i) determinar como os falantes se acomodam; (ii) em que medida eles se acomodam; (iii) por que em algumas situações alguns indivíduos produzem mais (ou tipos diferentes de) acomodação do que outros.

Esse autor considera também que é durante a interação face a face que se dá a acomodação e, nesse sentido, seu ponto de vista serve como uma justificativa para a utilização do método das redes sociais para desenvolver uma pesquisa sobre tal tema, uma vez que as entrevistas coletadas para o presente trabalho são de pessoas que interagem cotidianamente, o que permite analisar os padrões de cada uma delas e compará-los. Como resultado de processos de acomodação, Trudgill entende que ocorre a chamada difusão dialetal, definida como o momento em que o falante faz uso de uma nova variante<sup>5</sup>, ainda que na ausência de falantes da variedade que originalmente contém esse traço.

Partindo do pressuposto de que a fala das pessoas se acomoda aos padrões de variação daquelas com quem elas mais interagem face a face (TRUDGILL, 1986), o presente estudo faz uso do método das redes sociais (MILROY & LLAMAS, 2013 [2002]) para amostrar os sergipanos migrantes residentes em São Paulo. Os estudos sobre a variação na fala de migrantes desenvolvidos a partir

---

4 Convém destacar que o termo “acomodação dialetal”, para se referir ao processo pelo qual os migrantes podem (ou não) passar ao entrar em contato com um novo dialeto, não é unanimidade entre os pesquisadores. Souza (2017), por exemplo, prefere trabalhar com o conceito de “plasticidade dialetal”, definido por ele como uma “mudança adaptativa na estrutura do dialeto, numa situação de contato linguístico, sob influência de fatores externos”, como idade de migração, identidade e escolaridade, por exemplo. O termo “acomodação” pode pressupor uma espécie de “letargia” do migrante, como se a fala dele variasse menos em situação de contato dialetal. Entretanto, e como apontamos mais detalhadamente nas considerações finais do presente texto, verificamos que o gradiente de variação na fala do migrante é maior do que aqueles que não migraram.

5 À qual ele se acomodou ou que ele adquiriu.

do método das redes (definidas como teias infinitas de laços que se estendem a toda a sociedade, ligando as pessoas entre si) se justificam por uma série de motivos. Eles revelam, por exemplo, que a pronúncia variável entre diferentes gêneros e distintas faixas etárias não é explicada só pelas categorias macrossociais largamente estudadas em análises labovianas, mas também pelos tipos de laços existentes entre os membros de diferentes redes sociais. A importância de um estudo realizado sob tal perspectiva reside propriamente no fato de ser possível observar quais são as características das pessoas que falam de um determinado modo (e não de outro) e quais os tipos de relações que elas estabelecem com os indivíduos de seu entorno social.

O estudo de Milroy (1987 [1980]) é o mais lembrado entre os sociolinguistas e se mostra como um parâmetro para os que se debruçam sobre o método das redes. A autora analisou 8 variáveis fonológicas, a partir da fala de 46 informantes, a partir da relação com a estrutura das redes dos indivíduos entrevistados. A hipótese de Milroy era a de que os padrões de variação estariam relacionados à estrutura da rede social de cada sujeito. Um exemplo disso é a diferença verificada na fala dos homens e das mulheres de Belfast, explicada pelas características distintas de suas redes: os homens geralmente têm laços em redes mais densas (ou seja, redes em que um grande número de pessoas se conhecem) em comparação às mulheres e tal configuração está correlacionada aos diferentes padrões de língua verificados entre os dois gêneros<sup>6</sup>. O presente trabalho também lança um olhar para as possíveis diferenças nas redes de migrantes coletadas e para a influência disso no processo de acomodação dialetal de tais sujeitos.

Já Bortoni-Ricardo (2011 [1985]), também a partir do método das redes sociais, mas em contexto brasileiro, desenvolveu um trabalho na região administrativa de Brazlândia, em Brasília, para analisar a fala de migrantes de regiões rurais. Seus objetos linguísticos foram 4: a vocalização do fonema alveopalatal lateral em posição intervocálica (como em “filha” e “trabalho”); a redução dos ditongos crescentes em finais de palavras (como em “polícia” e “gêmeo”); a concordância verbal variável na 1ª e na 3ª pessoa do plural. A intenção da autora foi verificar uma “tendência evolutiva do dialeto dos migrantes” (p. 16), observando a transição de um dialeto rural (ou caipira) para um falar considerado urbano. Com o método das redes, ela mapeou a frequência das interações entre os informantes de sua amostra e desenvolveu um índice chamado de integração, pelo qual ela controlou “o número de vínculos contraídos pelo migrante no ambiente urbano” (BORTONI-RICARDO, 2011 [1985]: 267). Semelhantemente ao trabalho de Milroy (1987 [1980]), mas em um contexto mais específico, de

---

6 “Men in the Belfast neighborhoods generally contracted denser and more multiplex localized network ties than women, and network structure correlated with language use patterns differently for men and women” (MILROY & LLAMAS, 2013 [2002]: 413).

contato dialetal, a principal contribuição desse estudo está na constatação de que existe “uma relação consistente entre estrutura de redes sociais e comportamento linguístico” (p. 270). Com esse trabalho, Bortoni-Ricardo (2011 [1985]) mostrou que alguns padrões de variação não poderiam ser explicados levando-se em conta as categorias macrosociais costumeiras na sociolinguística laboviana (sexo/gênero, classe, etc.), pois existia uma homogeneidade característica daquela comunidade em específico (ou seja, não generalizável). É nesse sentido que tal estudo interessa ao que está se desenvolvendo com os migrantes sergipanos em São Paulo: é possível que a variação na pronúncia das vogais médias pretônicas desses sujeitos esteja correlacionada a um contexto mais específico, ou seja, às interações existentes nas redes (interações mais abertas, que se dão entre os migrantes e paulistas/paulistanos, ou interações mais fechadas, que ocorrem, mais frequentemente, apenas entre os migrantes nordestinos).

As redes do presente trabalho são chamadas de aberta e fechada a partir das definições de Bortoni-Ricardo (2011 [1985]) para “rede isolada” e “rede integrada”:

“[a]s redes isoladas tendem a favorecer a manutenção da cultura rural e, portanto, a focalização do vernáculo. Exibem um alto grau de densidade consensual ou moral que funciona como um mecanismo de resistência à mudança. Tal resistência não opera necessariamente ao nível da consciência (...), [p]elo contrário, é consequência do próprio estado de isolamento.” (p. 135)

“As redes integradas são territorialmente dispersas e mais heterogêneas no que concerne às oportunidades de estabelecimento de vínculos. Esses são constituídos e implementados em uma gama mais ampla de contextos sociais.” (p. 135)

A partir desses conceitos, espera-se que os sergipanos da rede fechada (ou “rede isolada”) tendam a apresentar graus maiores de abaixamento de pretônicas, indicando, assim, menor acomodação à pronúncia paulistana, em sentido oposto, portanto, dos migrantes da rede mais aberta (ou “rede integrada”).

Um estudo mais recente, e que faz coro às descobertas de Milroy (1987 [1980]) e de Bortoni-Ricardo (2011 [1985]), é o de Battisti *et al.* (2007), que foi desenvolvido em Antônio Prado, no Rio Grande do Sul, com dois tipos de rede – uma rural e outra urbana. A pesquisa foi realizada com 48 participantes, divididos entre homens e mulheres, de quatro faixas etárias (15 a 30 anos, 31 a 50 anos, 51 a 70 anos, 70 ou mais anos) e o objeto linguístico era a frequência da palatalização das oclusivas alveolares (como em “tipo” e “dica”). Os dados mostraram que a palatalização ocorreu mais na zona urbana da cidade, onde os laços estabelecidos entre os sujeitos “não fortalecem um vernáculo local” (p. 23). O vernáculo local caracteriza-se justamente pela não palatalização, variante essa que se mostra como conservadora e que está presente massivamente na fala dos mais idosos. A palatalização, por sua vez, é a variante inovadora, pronunciada majoritariamente pelos habitantes mais jovens. Em

outras palavras, significa dizer que as redes dessas duas faixas etárias se mostraram significativas para compreender as diferentes taxas de palatalização:

“em termos gerais, informantes que palatalizam interagem (menos intimamente) em rede com informantes que também palatalizam, sendo esses informantes jovens. Os usuários das formas não-palatalizadas são idosos que, em rede, conectam-se (com grau maior de intimidade) a informantes que tampouco palatalizam, geralmente idosos.”  
(BATTISTI *et al.*, 2007: 26)

Battisti *et al.* (2007) mediram os diferentes tipos de relacionamento entre os informantes a partir de 3 graus distintos, do mais ao menos íntimo, método esse semelhante ao de Bortoni-Ricardo (2011 [1985]), que elaborou um “índice de integração” para cada um dos indivíduos da rede, com o objetivo de verificar em que nível eles estavam inseridos no contexto urbano. No presente trabalho, de maneira muito próxima a esses referidos estudos, criou-se um índice para medir o quão integrado está o migrante à sua rede (formada pelos sergipanos que ele indicou e pelos quais ele foi indicado). Tal índice, chamado de *integração à rede*, deverá mostrar quais são os migrantes mais e menos integrados dentro de sua própria rede.

### **Migrantes sergipanos em duas redes**

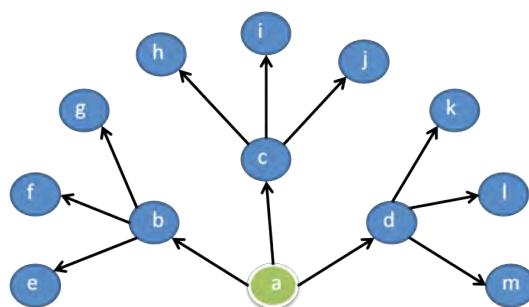
As duas amostras de redes de sergipanos foram construídas a partir de um informante âncora – não no sentido de Bortoni-Ricardo (2011 [1985]: 147), com base em Mitchell (1969: 13) (“o(s) indivíduo(s) específico(s) cujo comportamento o pesquisador deseja estudar”), mas meramente como um ponto de partida para o contato de informantes da sua rede e para a gravação das entrevistas. No sentido de verificar se existem mais semelhanças ou diferenças entre redes distintas, que não têm contato entre si, estabeleceu-se o critério de que os sujeitos de uma não conhecessem os da outra e vice-versa.

O âncora da rede 1 foi uma mulher (ReginaL<sup>7</sup>), conhecida pela documentadora (sem laços fortes, por meio de raros encontros). Já no caso da rede 2, a coleta da amostra começou com um homem (JoãoS) conhecido de uma pessoa próxima à pesquisadora. Ao final dessas duas primeiras entrevistas<sup>8</sup>, solicitou-se aos respectivos âncoras que indicassem as dez pessoas com as quais mais

7 Trata-se de um pseudônimo, assim como todos os outros nomes que aparecerem daqui por diante (a letra maiúscula final refere-se à primeira letra de seu sobrenome verdadeiro).

8 As entrevistas duraram entre 40 minutos e 1 hora e 30 minutos e envolvem perguntas sobre a infância no estado natal, a vinda para São Paulo, o contato com paulistanos e nordestinos, atitudes linguísticas (de qual pronúncia mais gosta e de quais não gosta, mas esse tópico não será discutido aqui), sobre se tem vontade de retornar ao Nordeste, entre outros assuntos (ver Anexo B).

conversassem diariamente (inclusive membros da família). Os indicados foram entrevistados e indicaram outras dez pessoas que fizessem parte de sua rotina – e assim sucessivamente, conforme ilustra a Figura 1 a seguir<sup>9</sup>.



**Figura 1:** Representação do mecanismo de coleta da amostra por rede social (Fonte: elaboração própria)

Dentre os indicados, entrevistaram-se apenas os sergipanos, mas os demais foram levados em conta no intuito de determinar como se constitui o círculo social de cada sujeito da amostra e, portanto, de sua rede (mais aberta ou mais fechada).

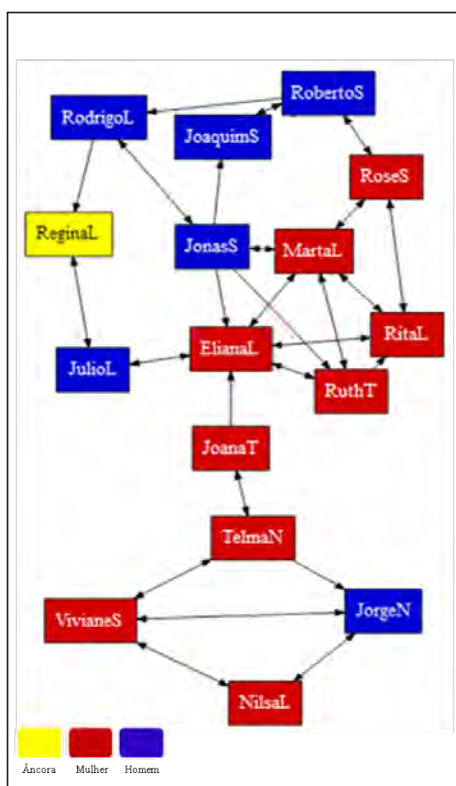
A rede 1 é considerada mais fechada que a 2 porque a grande maioria de seus integrantes estabelecem contato com seus conterrâneos ou com outros nordestinos, dentro do próprio bairro onde moram ou em seus locais de trabalho. Por exemplo, dentro da rede 1, temos: JulioL que trabalha numa fábrica que emprega muitos nordestinos; RodrigoL que está afastado do trabalho por conta de seu problema de saúde e que fica mais recluso no bairro, interagindo em grande parte com seus vizinhos nordestinos; JoaquimS que trabalha em uma empresa de metalurgia onde se relaciona com outros nordestinos (assim como no seu bairro); JonasS que é aposentado e passa a maior parte do tempo em seu bairro, onde convive com nordestinos. Tais cenários são diferentes daqueles observados na rede 2, formada por migrantes que conversam, mais frequentemente, com pessoas nascidas em São Paulo e que não necessariamente moram no mesmo bairro. Constatamos que JoãoS, âncora da rede 2, namora uma paulistana, mora com sua nora também paulistana e tem três filhos que cresceram em São Paulo. VandaR tem três filhos e dois deles são nascidos e criados na região metropolitana de São Paulo. CarlaB, que trabalha numa escola de Barueri (outra cidade da Grande São Paulo), interage frequentemente com os colegas de profissão, com os alunos e seus pais, que não são majoritariamente nascidos fora da região Sudeste. O objetivo principal do artigo, portanto, é analisar a possível relação entre esse número de interações com o processo de acomodação dialetal, ou seja, a pergunta que se faz é: o informante

<sup>9</sup> Para simplificar a ilustração, a imagem mostra apenas três indicações feitas por cada indivíduo. Houve ainda sobreposição de indicações (por exemplo, assim como “a” indicou “b”, “b” indicou “a” como uma das pessoas com quem ele mais conversa), porque era esperado que duas pessoas que conversam frequentemente indicassem umas às outras.

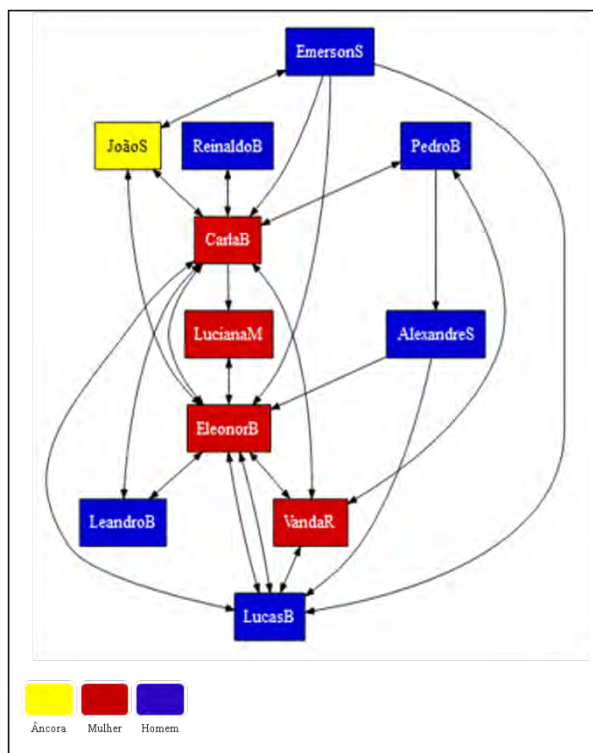
que tem bastante contato com outros sergipanos apresenta menores taxas de acomodação em relação às outras pessoas que têm menos interação com outros indivíduos da mesma rede?

Além das interações, a própria mobilidade geográfica dos falantes possibilita a classificação da rede 1 como mais fechada e a 2 como mais aberta. A rede 1 é caracterizada por mulheres que ficam mais em casa (caso da RitaL, RoseS e RuthT, quando esta não está em horário de serviço), diferentemente daquelas da rede 2, pois CarlaB procura sair com sua filha e fazer passeios em São Paulo e EleonorB viaja com certa frequência para alguns lugares do Brasil (em grupos de turismo). EleonorB e VandaR frequentam a academia e lá interagem com pessoas que não são nordestinas.

As Figuras 2 e 3 mostram que alguns indivíduos “recebem muitas flechas”, o que indica uma intensa conexão entre eles com o resto da rede. Por outro lado, nem todos os integrantes de uma mesma rede estabelecem laços fortes entre si, ou seja, todos se conhecem, mas não necessariamente interagem com muita frequência. Além disso, há informantes, na rede 1, que são familiares e que se encontram quase diariamente e há informantes que são apenas vizinhos e que conversam com uma frequência menor. Os migrantes da rede 2, por sua vez, são todos de uma mesma família, mas alguns deles têm menos contato com o restante das pessoas por morar em bairros mais distantes, por exemplo.



**Figura 2:** Representação da rede 1 de sergipanos residentes em São Paulo (Fonte: elaboração própria)



**Figura 3:** Representação da rede 2 de sergipanos residentes em São Paulo (Fonte: elaboração própria)

As interações mencionadas acima foram operacionalizadas a partir do que se chamou de *Índice de integração à rede*. Logo após a entrevista sociolinguística, o migrante informava quem eram seus 10 contatos mais frequentes em seu dia a dia, se familiares ou amigos. Tanto os nomes dessas pessoas quanto a origem delas eram anotados, para que fosse possível mapear a rede de contatos de todos os migrantes. A hipótese formulada para essa variável é que quanto mais o migrante estiver integrado à sua própria rede, menor é sua taxa de acomodação, porque mais contatos com sergipanos ele tem.

O cálculo realizado para o desenvolvimento do índice se deu da seguinte maneira: 1) contagem do número de sergipanos, também pertencentes à rede entrevistada, que o migrante citou; 2) contagem do número de vezes que o migrante foi citado (caso quem o citou não tenha sido indicado pelo informante no passo 1)<sup>10</sup>; 3) soma desses números; 4) divisão entre o número obtido no passo 3 e o número de informantes que a rede contém. Por exemplo, ReginaL citou apenas 1 migrante sergipano com o qual ela tem contato rotineiramente, a saber, JulioL (ele também a citou de volta, mas apenas 1 direção foi contada) e outro migrante (RodrigoL) a citou como um contato frequente, somando, assim, 2 laços; esse número foi dividido por 16, pois a rede 1 contém 16 informantes. ReginaL, portanto, apresenta um índice de integração à rede igual a 2/16, ou seja, 0,125. Tal índice, então, pode ir de 0 a 1.

<sup>10</sup> Por exemplo, supondo que o migrante A tenha citado B e que B também tenha citado A, esse laço entre eles é contado apenas uma única vez (e não duas vezes), para cada um dos migrantes A e B.

Entre os indivíduos da rede 1, os mais integrados são MartaL e RitaL (Tabela 1), com os índices 0,5 e 0,4375, respectivamente. Isso significa que são elas as que mantêm contato com o maior número de pessoas da própria rede. JoaquimS, por sua vez, é o que mantém menos laços com os migrantes de sua própria rede, mas isso não significa que o contato que ele tem com outros nordestinos (fora da rede entrevistada) também seja baixo. A maior parte da rede 1 é formada por pessoas de uma mesma família, contudo, esse não é o caso de JoaquimS, e isso explica, em parte, sua pouca integração à rede.

Quanto à rede 2, as mais integradas são EleonorB e CarlaB, com os índices 0,727 e 0,818, respectivamente. EleonorB foi a primeira pessoa da família a migrar para São Paulo e ela serviu como apoio para os demais que migraram depois. Nesse sentido, é compreensível que seu papel na família tenha uma importância muito significativa e seu alto índice se explica pelas várias relações estabelecidas pelos familiares em relação a ela. CarlaB, por morar na mesma casa que a sogra (EleonorB) e por ser uma pessoa dinâmica, também estabelece um número alto de vínculos com os familiares de seu marido. Vale destacar que foi ela que auxiliou a pesquisadora na etapa de contatar os indivíduos para realizarem a entrevista sociolinguística. Dentre os menos integrados da rede 2 estão LucianaM e ReinaldoB, os quais não residem próximo ao restante da família. Enquanto a maioria dos integrantes da rede mora um próximo do outro (na mesma rua ou no mesmo bairro), eles dois estão um pouco distantes, em outra cidade. Por esse motivo seus índices são bastante baixos.



**Tabela 1** – Relação dos valores do índice de integração à rede e da proporção de vida em SP para cada migrante

Rede	Informante	Índice de integração	Proporção de vida em SP <sup>11</sup>
1	ElianaL	0,3125	0,7
	JoanaT	0,187	0,62
	JoaquimS	0,0625	0,62
	JonasS	0,375	0,5
	JorgeN	0,1875	0,63
	JulioL	0,1875	0,6
	MartaL	0,5	0,62
	NilsaL	0,125	0,45
	ReginalL	0,125	0,63
	RitaL	0,4375	0,63
	RobertoS	0,3125	0,45
	RodrigoL	0,375	0,57
	RoseS	0,25	0,5
	RuthT	0,3125	0,66
	TelmaN	0,25	0,66
	VivianeS	0,1875	0,75
2	AlexandreS	0,363	0,44
	CarlaB	0,727	0,4
	EleonorB	0,818	0,62
	EmersonS	0,454	0,7
	JoãoS	0,363	0,41
	LeandroB	0,181	0,9
	LucasB	0,545	0,71
	LucianaM	0,181	0,67
	PedroB	0,454	0,78
	ReinaldoB	0,181	0,49
	VandaR	0,454	0,71

Vemos na Tabela 1 que não há uma distribuição uniforme dos informantes ao longo dessa escala de índices: a maioria deles apresenta um valor menor que 0,5. Por conta disso, os sujeitos da amostra foram reagrupados – de acordo com a Tabela 2. O grupo 3 tem migrantes cujos índices variam num intervalo relativamente grande (com uma diferença de 0,4 entre o menor e o maior número, enquanto nos outros grupos a diferença é de aproximadamente 0,1), mas manter esses informantes num mesmo conjunto justifica-se pela necessidade de não se criar grupos muito menores – a fim de tornar factível tal análise.

<sup>11</sup> Essa variável é descrita mais adiante.

Tabela 2 – Reagrupamento dos migrantes de acordo com seu Índice de integração à rede

Grupo	Índice de integração à rede	Informantes	N
1	De 0,062 a 0,187	JoanaT; JoaquimS; JorgeN; JulioL; LeandroB; LucianaM; NilsaL; ReginaL; ReinaldoB; VivianeS	10
2	De 0,25 a 0,375	AlexandreS; ElianaL; JoãoS; JonasS; RobertoS; RodrigoL; RoseS; RuthT; TelmaN	9
3	De 0,437 a 0,818	CarlaB; EleonorB; EmersonS; LucasB; MartaL; PedroB; RitaL; VandaR	8

Os sergipanos entrevistados<sup>12</sup> residem em cinco cidades diferentes: Taboão da Serra e Cotia (rede 1, mais fechada) e São Paulo, Osasco e Carapicuíba (rede 2, mais aberta). Todas elas fazem divisa com São Paulo e apenas Osasco e Taboão da Serra não fazem fronteira entre si. Na rede 1, há certa homogeneidade quanto ao tempo de residência dos migrantes em São Paulo: 30 anos, em média. Por outro lado, a rede 2 apresenta uma variação maior (um de seus integrantes está em São Paulo há apenas 16 anos, enquanto outro está há 45, por exemplo). Quanto à escolaridade, a rede 2 tem uma migrante com ensino superior completo, diferentemente do que se vê na rede 1, em que os mais escolarizados são os que concluíram o ensino médio. Essas informações são importantes para compreender melhor as características de ambas as redes, mas apenas o tempo de residência na nova localidade será analisado no presente artigo, através da variável *proporção de vida em São Paulo*.

Em relação à variável *proporção de vida em São Paulo*, espera-se que o informante que tenha vivido a maior parte da sua vida em São Paulo apresente uma acomodação maior à pronúncia paulistana. O cálculo é realizado por meio da divisão entre o número de anos que o falante está morando em São Paulo e sua idade:

$$\text{proporção de vida em SP} = \frac{\text{número de anos que está em São Paulo}}{\text{idade do migrante}}$$

A escolha pela proporção e não apenas pelo número de anos que o falante está na nova cidade se deu porque o número de anos pode dar uma impressão errônea acerca do migrante. Por exemplo, vamos imaginar duas pessoas com idades diferentes, uma com 18 anos e outra com 40, sendo que a primeira migrou há 9 anos e a segunda há 20. Dessa maneira, a impressão que temos é que quem está há 20 anos em São Paulo, possui uma maior probabilidade de estar mais acomodada<sup>13</sup> do que a que

12 Ver o Anexo A para mais informações sobre os informantes.

13 Hipoteticamente falando, sem levar em consideração o peso de outras variáveis.

migrou há apenas 9, mas isso não é necessariamente verdade. Portanto, comparar tais pessoas a partir da perspectiva da proporção de vida significa levar em conta tanto os anos vividos no estado natal quanto os vividos no estado atual.

Na Tabela 1 vimos que a grande maioria dos migrantes da amostra tem praticamente a mesma proporção de vida em São Paulo. Assim, com o intuito de tornar factível uma análise estatística, foi necessário reagrupar os migrantes de acordo com tal variável.

**Tabela 3** – Agrupamento dos migrantes de acordo com sua “Proporção de vida em São Paulo”

<b>Grupo</b>	<b>Proporções</b>	<b>Informantes</b>	<b>N</b>
1	De 0,34 a 0,57	AlexandreS; CarlaB; JoãoS; JonasS; NilsaL; ReinaldoB; RobertoS; RodrigoL; RoseS	9
2	De 0,6 a 0,67	EleonorB; JoanaT; JoaquimS; JorgeN; JulioL; LucianaM; MartaL; ReginaL; RitaL; RuthT; TelmaN	11
3	De 0,7 a 0,9	ElianaL; EmersonS; LeandroB; LucasB; PedroB; VandaR; VivianeS	7

A Tabela 3 mostra que os migrantes foram divididos em 3 grupos, de forma que cada um, ainda que tenham poucos informantes cada, tem quantidades comparáveis de pessoas. O maior conjunto é o 2, com 11 informantes, e se somarmos esse número à quantidade de sujeitos do grupo 3, vemos que dois terços dos migrantes da amostra estão em São Paulo mais da metade da vida.

Como a hipótese central de que trata esse artigo diz respeito à acomodação da fala dos migrantes das duas redes à fala paulistana, utilizou-se uma subamostra do Projeto SP2010 (MENDES & OUSHIRO, 2012)<sup>14</sup>: 7 informantes (Tabela 4) da amostra paulistana utilizados para a comparação com a fala dos migrantes têm uma escolarização mais baixa (até ensino médio) e pertencem à faixa dos 30 anos de idade, perfis esses compatíveis com os sergipanos entrevistados. A escolha de tais sujeitos, portanto, baseou-se nas similaridades entre os informantes de ambas as amostras. A utilização dessa subamostra ainda se justifica na medida em que ela também foi utilizada por Oushiro (2016), o que permite a comparabilidade entre os trabalhos.

14 Disponível em <http://projetosp2010.fflch.usp.br/corpus>. Último acesso em 26/07/2017.

A SP2010 – Amostra da Fala Paulistana, construída entre 2011 e 2013 pelos integrantes do Grupo de Estudos em Sociolinguística da Universidade de São Paulo, é constituída de 60 entrevistas sociolinguísticas, realizadas com homens e mulheres, pertencentes a uma extensa faixa etária (dos 19 aos 89 anos), com diferentes níveis de escolaridade e residentes de zonas variadas da cidade.

**Tabela 4** – Informantes da amostra paulistana (SP2010) utilizados para comparação com os migrantes

<b>Informante</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Escolaridade</b>
AliceM	F	30	Médio
AnaS	F	32	Médio
RenataC	F	35	Médio
RobsonF	M	31	Médio
NelsonF	M	37	Médio
MauricioB	M	36	Médio
LucianoT	M	39	Médio

## Dados

Como o intuito central dessa pesquisa é verificar se está ocorrendo acomodação na fala de sergipanos em São Paulo em direção à pronúncia paulistana, decidiu-se analisar apenas aquelas palavras em que mais há favorecimento ao abaixamento da vogal, uma vez que há contextos, na variedade sergipana, nos quais os falantes podem alçar a vogal pretônica (como no caso de “menino”) ou realizá-la como média (em “depois”, por exemplo). De acordo com Mota (1979), sobre a comunidade sergipana de Ribeirópolis, favorecem o abaixamento da vogal pretônica: vogal baixa /a, ε, o/ na sílaba contígua à pretônica (como em “memória” e “coragem”); uma vogal nasal que não seja alta (como em “dezembro”); a presença da fricativa velar /x/ em coda silábica ou no ataque<sup>15</sup> (como em “mercado” e “relógio”). Além disso, evitou-se incluir palavras em que a média pretônica ocorria em casos de ditongo, por conta da dificuldade de se segmentar as vogais nesses casos, pois é difícil verificar onde uma vogal termina e outra começa, tanto visualmente (olhando para a onda sonora) quanto de oitiva (como em “doação”, por exemplo). Todas as realizações que se encaixavam nas condições anteriormente descritas foram extraídas, mas alguns dados foram excluídos porque apresentavam algum tipo de alteração causada por ruídos do ambiente<sup>16</sup>.

15 No ataque da mesma sílaba a qual pertence a vogal pretônica ou o ataque da sílaba seguinte. No caso do ataque da sílaba seguinte, pode ocorrer um tepe (como em “coragem”).

16 Mesmo tendo cuidado na escolha do ambiente de gravação, alguns ruídos foram inevitáveis (como barulho de telefone, de conversas ao fundo, etc.).

**Tabela 5** – Total de ocorrências das vogais em posição pretônica extraídas

<b>Amostra</b>	<b>Informantes</b>	<b>(e)</b>	<b>(o)</b>	<b>Total</b>
SESP-2016	AlexandreS	26	11	37
	CarlaB	219	106	325
	EleonorB	133	94	227
	ElianaL	91	94	185
	EmersonS	63	44	107
	JoanaT	74	23	97
	JoãoS	155	118	273
	JoaquimS	100	46	146
	JonasS	110	59	169
	JorgeN	115	60	175
	JulioL	98	63	161
	LeandroB	97	54	151
	LucasB	151	59	210
	LucianaM	90	100	190
	MartaL	72	91	163
	NilsaL	157	72	229
	PedroB	116	88	204
	ReginaL	124	72	196
	ReinaldoB	205	71	276
	RitaL	104	78	182
	RobertoS	40	27	67
	RodrigoL	230	160	390
	RoseS	120	43	163
	RuthT	133	120	253
	TelmaN	61	45	106
	VandaR	143	77	220
VivianeS	92	51	143	
	<b>Total</b>	3119	1926	5045
SP2010	AliceM	50	51	101
	AnaS	50	51	101
	LucianoT	50	50	100
	MauricioB	50	49	99
	NelsonF	50	49	99
	RenataC	50	50	100
	RobsonF	50	50	100
		<b>Total</b>	350	350

A partir dos critérios estabelecidos, obteve-se um total de 3119 vogais pretônicas /e/ e 1926 /o/, da amostra SESP. Da amostra paulistana, foram extraídas 350 ocorrências de /e/ e também 350 de /o/. Para a presente pesquisa, quatro *scripts* foram utilizados para o tratamento das vogais médias pretônicas: EasyAlign (GOLDMAN, 2011), silac (OUSHIRO, 2015), silacpret (OUSHIRO, 2016) e Vowel Analyzer (RIEBOLD, 2013), os quais serviram para automatizar a maior parte da extração das ocorrências (cf. SANTANA, 2018).

É importante dizer ainda que é desejável que os valores de frequência de formantes, numa pesquisa como esta, sejam normalizados porque o trato vocal de cada indivíduo tem efeito na produção dos segmentos fônicos. Na tentativa de minimizar possíveis enviesamentos, usa-se a normalização de Lobanov (1971), que é considerada pelos foneticistas como o melhor procedimento, de acordo com Barbosa & Madureira (2015), que explicam que tal técnica

“altera os valores brutos das frequências de formantes para valores normalizados por *z-score*, que são relativos aos valores de média e de desvio padrão de todas as vogais de cada falante. O *z-score* é a distância em relação à média em unidades de desvio padrão de todas as vogais de cada falante.” (p. 269)

É importante destacar que os valores de F1 analisados no presente artigo se referem às médias de cada grupo. Ou seja, tanto a rede 1 quanto a rede 2 têm uma média de F1 para /e/ e para /o/, obtida pela soma de todos os valores de F1 das vogais extraídas e dividida pela quantidade de ocorrências.

## **Discussão e análise dos resultados**

Tal como vimos anteriormente, seria de esperar uma correlação entre a natureza das redes sociais dos migrantes na nova cidade em que se estabeleceram e sua variação na pronúncia de vogais médias pretônicas. Mais especificamente, o conjunto dos migrantes que integram a rede 2 apresentaria um padrão mais semelhante ao paulistano, uma vez que se trata de uma rede mais aberta, em que os migrantes nordestinos estabelecem contatos rotineiros com paulistanos (e não apenas com outros nordestinos que também migraram para São Paulo). Diferentemente, o conjunto de falantes da rede 1 (mais fechada), não se aproximaria (ou se aproximaria menos) ao padrão paulistano (mantendo valores de F1 mais altos – médias pretônicas mais baixas, portanto), assemelhando-se mais ao padrão sergipano de tendência de pronúncia dessas vogais.

**Tabela 6** – Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /e/ pretônica nas duas redes em comparação com SP2010 (N = 3454)

	<b>Estimativa</b>	<b>Erro padrão</b>	<b>Valor-t</b>	<b>Significância (p)</b>
<i>(Intercept)</i>	392,163	4,214	93,063	< 0,001 ***
Rede 1	3,672	4,330	0,848	0,409
Rede 2	2,678	4,421	0,606	0,553

Modelo:  $\text{lmer}(F1.NORM \sim REDE2 + (1|INFORMANTE) + (1|PALAVRA))^{17}$ , data=vogal.e2)

A Tabela 6 resume um modelo de regressão linear para a vogal /e/ em que se comparam as duas redes com a amostra paulistana (cuja média de F1 – 392,163 Hz – foi estabelecida como o valor de referência – o chamado *intercept*). As diferenças entre as estimativas de F1 para cada uma das duas redes de sergipanos e a média paulistana são pequenas (3,672 e 2,678, respectivamente) – o que significa que a média de F1 para nenhuma das duas redes se diferencia significativamente da média paulistana. A confirmação de nossa hipótese seria observada com uma média de F1 significativamente maior para a Rede 1 (mais fechada). Nesse caso, teríamos um valor significativamente maior para a média de F1 para o conjunto de sergipanos dessa rede, o que seria indicativo de que eles estariam mantendo o padrão de pronúncia da média pretônica /e/ como uma vogal mais baixa que no padrão paulistano. Em outras palavras, de acordo com os resultados resumidos na Tabela 6, as médias para ambas as redes se assemelham à paulistana (*intercept*) e não podemos entender que o conjunto de migrantes da rede 2 (mais aberta que a rede 1) acomodou-se mais ao padrão paulistano do que os da rede 1.

**Tabela 7** – Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /o/ pretônica nas duas redes em comparação com SP2010 (N = 2272)

	<b>Estimativa</b>	<b>Erro padrão</b>	<b>Valor-t</b>	<b>Significância (p)</b>
<i>(Intercept)</i>	397,854	6,317	62,984	< 0,001 ***
Rede 1	11,218	6,522	1,720	0,109
Rede 2	14,513	6,686	2,171	0,048 *

Modelo:  $\text{lmer}(F1.NORM \sim REDE2 + (1|INFORMANTE) + (1|PALAVRA))$ , data=vogal.o2)

17 Nesse modelo (e nos que seguem), *Informante* e *Palavra* foram adicionados ao cálculo como “efeito aleatório”. Segundo Levshina (2015) e Oushiro (2017), os efeitos aleatórios são os agrupados da população utilizada na amostra. Isto é, se outros informantes e outras palavras estivessem sendo testados nesses modelos, seus efeitos poderiam não ser os mesmos que os que estão sendo apresentados aqui. Em outras palavras, pode-se dizer que os efeitos fixos são os que podem ser replicados entre as diferentes pesquisas (como valor de F1, tipo de sílaba, etc.) e os aleatórios são aqueles que mudam de estudo para estudo (informante, palavra, etc.). Incluir *Informante* e *Palavra* como efeitos aleatórios aumenta a confiabilidade do modelo.

Por outro lado, para a vogal /o/, a Tabela 7 revela uma diferença significativa entre a média de F1 para os migrantes da rede 2 e a média paulistana. O valor dessa diferença é 14,513 Hz, de modo que se a média paulistana é 397,854 Hz, a média da rede 2 é 412,367 Hz (397,854 + 14,513). A diferença entre 397,854 Hz (a média paulistana) e 412,367 Hz (a média da rede 2) é estatisticamente significativa ( $p^{18} = 0,048$ ). Isso significa que os migrantes da rede 2 estão mantendo um padrão de pronúncia de /o/ como uma vogal mais baixa do que no padrão paulistano (valores mais altos de F1). Em outras palavras, para a vogal /o/, os migrantes da rede 1 (mais fechada), no seu conjunto, se aproximam ao padrão paulistano, enquanto os da rede 2 mantêm um padrão mais próximo do sergipano. Interpretamos esses resultados, portanto, como evidência de que os migrantes da rede 1 (mais fechada) acomodaram-se ao padrão paulistano, mas os da rede 2 não. Diferentemente do que vimos para /e/, no processo de acomodação dialetal para a vogal posterior pretônica, interessa se o sujeito pertence a uma rede fechada ou aberta, pois os integrantes da rede mais aberta tendem a produzir vogais mais abertas (valores de F1 mais altos). Nesse sentido, o teste confirma o oposto do que foi aventado pela hipótese inicial: os sujeitos menos acomodados à pronúncia paulistana da vogal /o/ são os da rede 2 e não os indivíduos da rede mais fechada (rede 1).

O que se viu aqui, em resumo, é que tal como foram coletados os dados, não se pode dizer que: i) as redes se diferenciam, no que diz respeito a valores médios de F1 para /e/; ii) os migrantes da rede 2, quanto à vogal /o/, estão menos acomodados em relação aos da rede 1.

No que concerne à variável *índice de integração à rede*, vimos, na seção “Migrantes sergipanos em duas redes”, que ela consiste no grau que cada migrante está conectado a sua rede: quanto maior o índice, com mais pessoas, de sua própria rede, o falante mantém contato. A hipótese, nesse sentido, é de que quanto mais o migrante interage com seus conterrâneos, maior é sua tendência de abrir as vogais.

Os migrantes que pertencem ao conjunto 1 são os menos integrados às suas respectivas redes, enquanto que os do grupo 3 são os mais integrados, ou seja, são aqueles que mantêm contato com várias pessoas de sua rede. Espera-se, portanto, que os sujeitos menos integrados apresentem médias de F1, tanto para /e/ quanto para /o/, menores que as dos indivíduos mais integrados.

---

18 O valor de  $p$  indica a probabilidade de obter tais resultados caso a hipótese nula fosse verdadeira (ou seja, caso não houvesse diferença significativa entre a média da rede 2 e a média paulistana). Como essa probabilidade é suficientemente baixa (menor que 5%, tal como se faz normalmente nas ciências humanas – GRIES, 2013), entende-se que podemos rejeitar a hipótese nula e que é significativa a diferença entre os dois valores.



Os resultados extraídos dos modelos para a vogal /e/ (Tabela 8) revelam que não há diferença significativa entre os migrantes mais e menos integrados à sua respectiva rede. As estimativas para os três grupos são muito próximas entre si, o que significa que não faz diferença, para o padrão de variação em relação a /e/, se o falante tem mais ou menos contatos com sergipanos dentro de sua própria rede. Esse resultado é verificado nos dois modelos: sem e com a inclusão da amostra paulistana.

**Tabela 8** – Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogais /e/ pretônicas dos migrantes de acordo com o índice de integração à rede (N = 3119)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)
<b>Sem incluir SP2010</b>				
(Intercept)	298,744	6,973	42,840	< 0,001 ***
Indice.Integracao 2	-1,080	2,647	-0,408	0,687
Indice.Integracao 3	-2,094	2,290	-0,779	0,444
<b>Com a inclusão de SP2010</b>				
(Intercept)	392,161	4,228	92,744	< 0,001 ***
Indice.Integracao 1	4,129	4,442	0,930	0,367
Indice.Integracao 2	3,738	4,494	0,832	0,418
Indice.Integracao 3	1,828	4,494	0,407	0,690

Modelo: lmer(F1.NORM ~ F1.SEG.NORM + CONT.PREC + CONT.SEG + IND.INTEG + (1|INFORMANTE) + (1|PALAVRA), data = vogal.e.redes)

Os resultados para a vogal /o/ estão na Tabela 9. Mais uma vez, os modelos mostram que não há diferença significativa entre as estimativas dos três grupos e nem em relação à estimativa dos paulistanos. Não importa, então, para a realização de /o/ como uma vogal mais ou menos alta, se o migrante está menos ou mais integrado à sua rede.

**Tabela 9** – Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para a vogal /o/ pretônica dos migrantes de acordo com o índice de integração à rede (N = 1926)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)
<b>Sem incluir SP2010</b>				
(Intercept)	272,660	10,938	24,926	< 0,001 ***
Indice.Integracao 2	1,217	3,270	0,372	0,713
Indice.Integracao 3	0,232	2,285	0,071	0,944
<b>Com a inclusão de SP2010</b>				
(Intercept)	397,866	6,782	58,668	< 0,001 ***
Indice.Integracao 1	12,370	7,180	1,723	0,107
Indice.Integracao 2	13,123	7,242	1,812	0,091
Indice.Integracao 3	12,027	7,243	1,661	0,119

Modelo: lmer(F1.NORM ~ F1.SEG.NORM + CONT.PREC + CONT.SEG + IND.INTEG + (1|INFORMANTE) + (1|PALAVRA), data = vogal.o.redes)

No trabalho de Bortoni-Ricardo (2011 [1985]), o índice de integração foi tomado como “um indicador do processo de transição do migrante de uma rede isolada de parentes e conhecidos na sua vivência no ambiente da pré-geração para uma rede integrada mais heterogênea” (p. 187), ou seja, quanto mais alto tal índice, mais adiantado o migrante estaria nesse processo de transição e, como consequência, mais difuso estaria seu dialeto rural porque ele estaria empregando formas urbanas com mais frequência. Na presente pesquisa, por outro lado, essa relação é inversa, pois a hipótese que aqui se aventava é que quanto mais o informante estiver integrado à rede, ou seja, quanto mais se comunica com outros sergipanos, menos ele ou ela tenderá a se acomodar à fala paulistana. Ou seja: enquanto que Bortoni-Ricardo estudou uma comunidade que ainda estava se formando a partir de intensos fluxos migratórios, o presente estudo se volta para um contexto urbano já consolidado.

Bortoni-Ricardo verificou que havia correlação entre o índice de integração e as diversas variáveis linguísticas na fala de seus migrantes: os sujeitos mais integrados usavam, com maior frequência, as variantes urbanas, de modo que sua hipótese foi confirmada. Diferentemente do que foi atestado aqui, o índice de integração não está correlacionado à variação na pronúncia tanto de /e/ quanto de /o/, o que significa que a hipótese aventada não corresponde aos resultados obtidos.

Para a variável *proporção de vida em São Paulo*, cujas variantes foram chamadas de “grupo 1” (migrantes com as menores proporções), “grupo 2” (proporções intermediárias) e “grupo 3” (maiores proporções), na seção do texto intitulada “Migrantes sergipanos em duas redes”, a expectativa que se tem é que os migrantes que pertencem ao grupo 1 estejam menos acomodados à fala paulistana.

**Tabela 10** – Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para a vogal /e/ pretônica na fala dos migrantes, de acordo com sua proporção de vida em São Paulo (N = 3119)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)
<b>Sem incluir SP2010</b>				
(Intercept)	312,763	9,742	32,105	< 0,001 ***
PROP.SP2	1,437	2,221	0,647	0,524
PROP.SP3	-5,471	2,487	-2,200	0,038 *
<b>Com a inclusão de SP2010</b>				
(Intercept)	392,194	3,572	109,798	< 0,001 ***
PROP.SP1	3,755	3,773	0,995	0,338
PROP.SP2	5,365	3,745	1,433	0,175
PROP.SP3	-0,534	3,855	-0,139	0,892

Modelo: lmer(F1.NORM ~ F1.SEG.NORM + CONT.PREC + CONT.SEG + PROP.SP + (1|INFORMANTE) + (1|PALAVRA), data = vogal.e.redes)

Os modelos para a vogal /e/ (Tabela 10) apontam para dois aspectos: enquanto que o primeiro (sem a inclusão da amostra paulistana) mostra que existe uma diferença significativa entre o grupo 1 (valor do *intercept*) e o 3, o segundo diz que nenhum dos grupos se distancia significativamente da estimativa da amostra paulistana. O segundo modelo, então, esclarece que não importa se o migrante está em São Paulo a maior parte da sua vida ou não, pois todos os grupos estão acomodados à variante paulistana, em menor ou maior grau. A diferença só é significativa dentro da própria amostra dos migrantes sergipanos, de maneira que os sujeitos do grupo 3 (os que estão em São Paulo a maior parte de sua vida) tendem a produzir a vogal /e/ relativamente mais alta (ou seja, com valores menores de F1).

Já os modelos para a vogal /o/ revelam o oposto do que vimos para a vogal /e/: sem a inclusão da amostra paulistana, observa-se que não existe uma diferença significativa entre os grupos; contudo, quando a comparação é feita com SP2010, o teste assinala que os indivíduos dos grupos 1 e 3 não estão acomodados à vogal /o/ paulistana ( $p = 0,049$ ,  $p = 0,031$ , respectivamente). Para esse segundo modelo, portanto, o grupo 2 é o mais acomodado. Tal resultado diverge da hipótese formulada a respeito dessa variável, pois se esperava que o grupo 3, o que está em São Paulo a maior parte da vida, fosse o mais acomodado.

**Tabela 11** – Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para a vogal /o/ pretônica na fala dos migrantes de acordo com sua proporção de vida em São Paulo (N = 1926)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)	
<b>Sem incluir SP2010</b>					
( <i>Intercept</i> )	263,458	12,749	20,666	< 0,001	***
PROP.SP2	-3,517	2,946	-1,194	0,246	
PROP.SP3	1,056	3,294	0,321	0,751	
<b>Com a inclusão de SP2010</b>					
( <i>Intercept</i> )	397,857	5,865	67,841	< 0,001	***
PROP.SP1	13,841	6,271	2,207	0,049	*
PROP.SP2	9,165	6,181	1,483	0,166	
PROP.SP3	15,594	6,373	2,447	0,031	*

Modelo:  $\text{lmer}(F1.NORM \sim F1.SEG.NORM + \text{CONT.PREC} + \text{CONT.SEG} + \text{PROP.SP} + (1|\text{INFORMANTE}) + (1|\text{PALAVRA}), \text{data} = \text{vogal.o.redes})$

Por sua vez, a diferença significativa entre o grupo 1 e a estimativa dos paulistanos, no segundo modelo, é um resultado dentro do esperado, porque são os migrantes com menos tempo em São Paulo.

## Considerações finais

Este estudo teve como objetivo central analisar a acomodação dialetal de migrantes sergipanos que residem em São Paulo e que pertencem a redes sociais distintas, no que diz respeito à produção das vogais médias pretônicas /e/ e /o/. Nesse sentido, o presente trabalho avança em dois aspectos: no fato de analisar a fala de migrantes em São Paulo, o que ainda é pouco feito no cenário sociolinguístico brasileiro, e por realizar análises com valores de F1, em Hz, das vogais em foco, uma prática pouco desenvolvida no estudo de tal variável, pelo menos nas pesquisas de sociolinguística.

Quanto às características das redes analisadas, vimos que os integrantes da rede 1 se caracterizam por interagir mais frequentemente com outros migrantes nordestinos, diferentemente dos sujeitos da rede 2, que têm mais contato com paulistanos e paulistas. A partir dessas caracterizações, testamos a hipótese sobre se os contatos dos migrantes têm correlação com a sua pronúncia variável das pretônicas. Esse tipo de investigação só foi possível de realizar porque o método utilizado para a construção da amostra foi o das redes sociais. Isso significa dizer que métodos mais tradicionais da sociolinguística, como o laboviano, não permitiriam fazer esse tipo de análise.

Esperava-se, a partir da configuração acima referida, que os migrantes da rede 1 estivessem menos acomodados às vogais médias pretônicas dos paulistanos (ou seja, que ainda mantivessem maiores graus de abertura dessas vogais ou, em outros termos, valores maiores de F1). Entretanto, as análises quantitativas mostraram que essa hipótese não se confirma nos dados amostrados. Em relação à vogal /e/, de modo geral, ambas as redes estão acomodadas à fala paulistana. Quanto a /o/, viu-se que foi a rede 2 que não se acomodou, resultado esse oposto ao que estava sendo esperado.

Quanto à variável *Índice de integração à rede*, não se verificou uma correlação com os valores de F1 para nenhuma das duas vogais. Ou seja, não importou, para os dados aqui amostrados, e para a abertura de ambas as vogais, se o migrante era mais ou menos integrado a sua própria rede. Para a *Proporção de vida em São Paulo*, observamos que, para a vogal /o/, os migrantes com as menores proporções de vida (grupo 1) e as maiores (grupo 3) apresentam os valores mais altos de F1, o que indica uma não acomodação à fala paulistana. No caso de /e/, nenhuma correlação foi observada através dos testes estatísticos.

Uma possível explicação para a grande variação observada entre os migrantes entrevistados, no que se refere à pronúncia das vogais analisadas, se deve ao fato de que adquirir um novo dialeto não pressupõe, necessariamente, a substituição do original, portanto, o migrante (principalmente aquele que apresenta um padrão mais próximo da comunidade anfitriã) tem mais opções de realização (mais

do que o nordestino que não migrou e mais do que os paulistas/paulistanos), porque suas vogais podem ter ficado mais altas, no geral, ou passado a incluir, junto a realizações mais baixas, também realizações mais altas (o que culmina numa média de F1 maior). Isso significa dizer que o espectro de variação para o migrante é maior que os dos outros e, nesse sentido, o termo “acomodação” pode gerar uma expectativa de que a variação na fala do migrante poderia ser menor (mais parecida com a da comunidade anfitriã), quando, o que observamos, é uma variação maior.

É importante dizer ainda que, apesar de os resultados observados não terem convergido para a hipótese principal do estudo, a metodologia utilizada para a coleta de dados foi importante para compreender as dinâmicas sociais dos entrevistados (suas interações e deslocamentos, por exemplo) e, além disso, não se descarta a possibilidade de a configuração das redes ainda ser relevante para analisar outras variáveis linguísticas (que são diferenciadoras de dialetos também, como pronúncia de /d/ e /t/ diante de /i/). O estudo, portanto, fica como inspiração para ser replicado em outros grupos em situação de contato dialetal com o intuito de testar outras variáveis linguísticas.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, P. & MADUREIRA, S. *Manual de fonética acústica experimental: aplicações a dados do português*. São Paulo: Cortez, 2015.

BATTISTI, E. Redes sociais, identidade e variação linguística. In: FREITAG, R. M. K. (Org.). *Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística*. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014. URL: <http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-7cap>

BATTISTI, E.; DORNELLES FILHO, A. A.; PIRES LUCAS, J. I.; BOVO, N. M. P. Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Vol. 5, n. 9, p. 1-29, 2007. URL: [http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel\\_9\\_palatalizacao\\_das\\_clusivas\\_alveolares.pdf](http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_9_palatalizacao_das_clusivas_alveolares.pdf)

BISINOTTO, A. G. *O alçamento das vogais médias pretônicas: um estudo do falar Ituiutabano*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

BISOL, L. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

BOERSMA, P. & WEENINK, D. Praat: doing phonetics by computer. 2014. URL: <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011 [1985].

GOLDMAN, J. P. EasyAlign: an automatic phonetic alignment tool under Praat. In: *Proceedings of InterSpeech*. 2011. URL: <http://latlcui.unige.ch/phonetique/easyalign.php>

GRIES, S. Th. *Quantitative Corpus Linguistics with R: a practical introduction*. New York and London: Routledge, 2009.

IPEA. Perfil dos migrantes em São Paulo. In: *Comunicados do IPEA*, nº 115, 2011. Disponível em: [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5278/1/Comunicados\\_n115\\_Perfil.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5278/1/Comunicados_n115_Perfil.pdf). Acesso em: 26/10/2019.

KLUNCK, P. *Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, 2007.

LEVSHINA, N. *How to do Linguistics with R: data exploration and statistical analysis*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamim Publishing Company, 2015.

LOBANOV, B. M. Classification of Russian vowels spoken by different listeners. *J. Acoust. Soc. Am.*, v. 49, p. 606-608, 1971.

MARQUES, S. M. O. *As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MENDES, R. B. & OUSHIRO, L. “O paulistano no mapa sociolinguístico brasileiro.” *Alfa*, vol. 56(3), p. 973-1001, 2012. URL: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4942/4369>

MILROY, L. *Language and social networks*. 2ª ed. Oxford: Blackwell, 1987[1980].

MILROY, L. & LLAMAS, C. Social networks. In: CHAMBERS, J.K., TRUDGILL, P. & SCHILLING-ESTES, N. (Eds.) *The Handbook of Language and Change*. Malden, MA: Blackwell, 2 ed., p. 409-427, 2013 [2002].

MITCHELL, J. C. The concept and use of social networks. In: MITCHELL, J. C. (org.). *Social Networks in Urban Situations*. Manchester: Manchester University Press, 1969.

MOTA, J. *Vogais antes do acento em Ribeirópolis – SE*. 2v. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1979.

MOTA, J. & CARDOSO, S. Variação fônica nas capitais brasileiras. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2015. p. 65-78.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953 [1922].

OUSHIRO, L. *silac: Silabificador, acentuador e transcritor fonológico do Português Brasileiro - v0.2*. Ms.. (script do R). 2015.

\_\_\_\_\_. *A acomodação dialetal e a estabilidade de padrões sociolinguísticos na fala adulta*. Relatório Científico de Pós-Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

\_\_\_\_\_. *Introdução à estatística para linguistas (Version 1.0.1)*. Zenodo. 2017. Disponível em: <http://doi.org/10.5281/zenodo.1133792>.

\_\_\_\_\_. *silac: Transcritor fonológico do português*. Versão online (v0.5.1). 2018. Disponível em: [oushiro.shinyapps.io/silac](http://oushiro.shinyapps.io/silac). Acesso em 03/09/2018.

R CORE TEAM. R: A language and environment for statistical computing. *R Foundation for Statistical Computing*, Vienna, Austria, 2017. URL: <http://www.R-project.org/>

RIEBOLD, J. Vowel analyzer. Ms.. (script do Praat). 2013. URL: <https://raw.githubusercontent.com/jmriebold/Praat-Tools/master/Vowel-Analyzer.praat>

SANTANA, A. L. *As vogais médias pretônicas na fala de sergipanos em São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo/FFLCH, São Paulo, 2018. 148f.

SANTOS, S. C. G. *Emprego do artigo definido em situação de contato dialetal: um estudo da fala de migrantes paraibanos em São Paulo*. Campinas: não publicado, 2017.

SILVA, M. B. *As pretônicas no falar baiano*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

SILVA, M. R; GOMES, A. A. A.; SOUZA, R. V. Contato dialetal: discussões iniciais do falar paraibano em São Paulo. In: IX SELIMEL. *Anais eletrônicos*. João Pessoa, 2016. URL: <http://www.selimel.com.br/wp-content/uploads/2016/03/Mikaylson-Rocha-gt-09.pdf>.

SOARES, A. S. *As pretônicas médias em comunidades rurais do semi-árido baiano*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

SOUZA, E. S. *Plasticidade dialetal na fala de migrantes baianos em São Paulo*. In: Seminários de Teses em Andamento (SETA). Campinas – SP, 2017.

TRUDGILL, P. *Dialects in contact*. Oxford: Blackwell, 1986.

VIEGAS, M. C. *Alçamento das vogais pretônicas*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

YACONVENCO, L. C. *As vogais médias pretônicas na fala culta carioca*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.



Anexo A – Tabela 1 – Informantes sergipanos migrantes das duas redes

	Informante	Idade	Sexo	Escolaridade	Idade de migração	Tempo em SP	Ocupação
Rede 1	ElianaL	53	F	Fundamental I	17	37	Desempregada
	JoanaT	56	F	Fundamental I	21	35	Operadora de máquina de tecido
	JoaquimS	61	M	Fundamental I	23	38	Metalúrgico
	JonasS	50	M	Fundamental I	25	25	Aposentado
	JorgeN	49	M	Fundamental I	18	31	Mecânico industrial
	JulioL	55	M	Fundamental I	20	33	Operador de máquina injetora
	MartaL	47	F	Médio	19	29	Auxiliar de berçário
	NilsaL	55	F	Médio	30	25	Pensionista
	ReginaL	49	F	Fundamental II	18	31	Cozinheira
	RitaL	46	F	Fundamental II	17	29	Dona de casa
	RobertoS	55	M	Fundamental I	30	25	Ajudante geral
	RodrigoL	44	M	Médio	19	25	Encostado pelo INSS
	RoseS	50	F	Fundamental I	25	25	Dona de casa
	RuthT	44	F	Fundamental I	14	29	Empregada doméstica
	TelmaN	64	F	Fundamental I	22	42	Costureira
VivianeS	49	F	Fundamental II	12	37	Dona de casa	

Rede 2	AlexandreS	32	M	Médio	18	14	Motorista de pet shop
	CarlaB	40	F	Superior	24	16	Professora
	EleonorB	73	F	Fundamental II	29	45	Aposentada
	EmersonS	23	M	M é d i o incompleto	7	16	Funcionário de uma empresa de transporte
	JoãoS	44	M	Fundamental II	26	18	Funcionário de uma transportadora
	LeandroB	48	M	Médio	5	43	Funcionário público
	LucasB	49	M	Fundamental I	14	35	Metalúrgico
	LucianaM <sup>19</sup>	54	F	Fundamental I	16	36	Dona de casa
	PedroB	45	M	Fundamental II incompleto	10	35	Taxista
	ReinaldoB	46	M	Fundamental II	24	22	Zelador e atleta
	VandaR	62	F	Fundamental I	17	44	Aposentada

## Anexo B - Roteiro de perguntas

### PARTE 1

- 01) onde você mora?
- 02) você gosta aqui do bairro? A vizinhança é tranquila?
- 03) quando você veio pra cá?
- 04) você tinha quantos anos na época?
- 05) por que que você veio pra São Paulo?
- 06) de onde você é?
- 07) você já conhecia alguém aqui?
- 08) vir aqui pra São Paulo já era uma coisa planejada?
- 09) logo que você veio, já tinha intenção de ficar por aqui mesmo?

<sup>19</sup> Ela chegou a morar por 2 dois anos no Paraná, por isso que seu tempo em São Paulo é de 36 anos (e não 38).

10) como é que foi a infância lá?

11) (Se frequentou a escola, perguntar:) você estudou até que série lá?

12) você gostava de ir pra escola?

## PARTE 2

13) você trabalha atualmente? gosta do seu emprego?

14) tem alguma outra coisa que você gostaria de fazer ou gostaria de ter algum outro emprego?

15) você é casado (a)?

16) tem filhos? (Se sim) todos nasceram aqui?

17) sua esposa/seu marido é daqui também?

18) (Se não for daqui) vocês vieram juntos ou um veio antes?

19) aqui em São Paulo, o que você acha desse bairro?

20) você sempre morou por aqui desde que você chegou?

21) (Se já morou em outros) e desses lugares que você morou, qual que você mais gostou?

## PARTE 3

22) o que você costuma fazer quando tem tempo livre?

23) você costuma passear? Se sim, quais lugares você gosta de frequentar?

24) você acha que São Paulo oferece várias/boas opções de lazer? Ou você acredita que a cidade poderia ter mais opções?

25) pra você, qual o maior problema de São Paulo hoje? Por quê?

26) o que você acredita que o poder público poderia fazer para solucionar esse problema?

27) e qual é a melhor coisa que São Paulo oferece para as pessoas? Por quê?

## PARTE 4

28) hoje você pensa em voltar pra Sergipe ou você já está definitivo aqui? Por quê?

29) você mantém contato com o pessoal de lá?

30) você costuma voltar?

31) (Se costuma voltar) como que vocês vão pra lá? De avião? De carro?

32) já fez essa viagem de ônibus também?

33) sua família que ficou lá em Sergipe vem pra cá às vezes?

- 34) alguém da sua família quer voltar pra Sergipe? Ou todos preferem continuar morando aqui em SP?
- 35) o que você percebe de diferente entre seu antigo bairro lá de Sergipe e aqui?
- 36) são quantos habitantes lá?
- 37) do que você mais sente falta de lá? Família? Comida? Clima?

#### PARTE 5

- 38) você tem família morando aqui em São Paulo também?
- 39) vocês costumam se ver, se reunir?
- 40) seus melhores amigos moram aqui no bairro ou a maioria é do seu trabalho?
- 41) você costuma conversar com seus vizinhos? Você gosta de conversar com eles? Costuma se reunir com eles com frequência?

#### PARTE 6

- 42) quando você conhece uma pessoa aqui em SP você sabe se a pessoa é de Sergipe ou se ela não é? você consegue reconhecer? (Se consegue) como?
- 43) e você consegue reconhecer quando uma pessoa é nordestina?
- 44) você acha que o sergipano é diferente em relação às pessoas dos outros estados nordestinos? O sergipano é diferente do baiano, por exemplo?
- 45) como é que fala o paulistano? você gosta do modo como o paulistano fala?
- 46) qual “sotaque” (pronúncia) que você mais gosta no Brasil?
- 47) você acha que você mudou seu jeito de falar desde que você chegou?
- 48) as pessoas reconhecem que você é de Sergipe?
- 49) você já sofreu algum tipo de preconceito por ser sergipano(a)?
- 50) você acha que o pessoal de São Paulo recebe bem os migrantes de outros estados? Ou você acredita que existe um nível alto de preconceito com os nordestinos em geral?
- 51) você tem bastante contato com paulistanos? E com pessoas de outros estados do Nordeste?
- 52) o que você percebe de diferente entre lá e aqui?

#### PARTE 7

- 53) quais são seus planos pro futuro?
- 54) se você ganhasse na Mega-Sena, o que você faria?

55) você já viajou pra outros lugares do Brasil? Quais?

56) vocês mantêm suas tradições? Existe alguma coisa que vocês faziam lá e que vocês fazem questão de continuar fazendo aqui?

57) você faria tudo de novo? Viria aqui pra São Paulo de qualquer jeito ou se você tivesse a cabeça de hoje, você acredita que faria diferente?

## DESLOCAMENTO DE SINTAGMA NOMINAL DEFINIDO COM FUNÇÃO DE FOCO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

### *NOMINAL DEFINITE PHRASE DISLOCATION WITH FOCUS FUNCTION IN BRAZILIAN PORTUGUESE*

*Fernanda Rosa da Silva<sup>1</sup>*

#### RESUMO

Este artigo investiga as características semântico-pragmáticas de sentenças do português brasileiro, PB, que apresentam deslocamento de sintagmas com função de foco. A pesquisa, entre outras, faz comparações com os seguintes conceitos: contraste x não contraste; exaustividade x não exaustividade. A partir dos dados investigados, concluímos que, em PB, sintagmas de foco podem ser deslocados para a periferia esquerda da sentença. Também foi constatado que contraste não é noção obrigatória em sentenças com deslocamento. Ainda, exaustividade é uma implicatura em alguns casos, mas não pode ser cancelada em outros, principalmente naqueles nos quais os elementos do conjunto não são dados explicitamente.

**Palavras-chave:** Deslocamento de foco; contraste; implicatura.; estrutura informacional.

#### ABSTRACT

This paper investigates the semantic-pragmatic characteristics of sentences in Brazilian Portuguese (PB) which presents focus phrases dislocated. This research also intends to compare the following concepts: contrast x non-contrast; exhaustivity x non-exhaustivity. From the analyzed data, we conclude that in PB focus phrases can be dislocated to the left periphery of the sentence. We also conclude that contrast itself is not an obligatory in sentences with dislocated phrases. We also show that exhaustivity is an implicature in some cases, but cannot be canceled in others, mainly in the ones in which the elements of the set are not explicitly given.

**Keywords:** Focus dislocation; contrast; conversational implicature

---

<sup>1</sup> Linguista, professora do Centro Universitário Fundação Santo André (CUFSA), mestra e doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP), com pós-doutorado pela Universidade Federal Fluminense.

## 1. Introdução

O presente artigo tem como objetivo analisar contextos de deslocamento do português brasileiro, cujo sintagma deslocado para a periferia esquerda da sentença tenha a função informacional de foco. Mais precisamente, busca-se responder às seguintes perguntas: (i) é possível haver deslocamento de sintagmas com função de foco para a periferia esquerda da sentença? (ii) a noção de contraste é obrigatória em sentenças com deslocamento de foco?; (iii) exaustividade é uma inferência obrigatória nestes tipos de sentenças? (iv) a posição do sintagma com função de foco influencia na aceitabilidade da sentença?

Nossa proposta metodológica é analisar contextos de perguntas e respostas e observar, de acordo com a intuição do falante, se a resposta é adequada ou não para o contexto. Considere abaixo os seguintes diálogos, que são objetos de investigação da presente pesquisa:

(1) A: Quem o João convidou pra festa?

B: O João convidou a MARIA.<sup>2</sup>

(2) A: Quem o João convidou pra festa?

B: A MARIA, o João convidou.

Assumimos, neste trabalho, que as condições de verdade das sentenças (1)B e (2)B são as mesmas. Desta maneira, defendemos que o deslocamento na sentença em (2)B não altera as suas condições de verdade, e sim as condições de felicidade ou de uso da sentença (Lopez, 2009, Rosa-Silva, 2017). Tanto a sentença sem deslocamento quanto a com deslocamento possuem as seguintes condições de verdade:

(3)  $[[ (1)B / (2)B ]]$  = É verdadeiro sse o João convidou a Maria.

Ainda em relação aos dois diálogos acima, procuraremos identificar, no presente artigo, se as duas respostas, tanto a canônica, em (1), quanto a com deslocamento, em (2), são adequadas para o contexto dado. Se ambas são adequadas, buscaremos responder se há uma preferência por uma ou outra, e se o contexto pode influenciar na opção do falante entre as duas. Também, será investigado se, tanto em uma quanto em outra construção, há a presença de noções semântico-pragmáticas como contraste e exaustividade.

Deslocamento é considerado nesta pesquisa como um fenômeno sintático em que um sintagma é deslocado para a periferia esquerda da sentença. Ele pode ocorrer de duas maneiras: pode haver

<sup>2</sup> Os sintagmas com função de foco serão destacados neste artigo em caixa alta, conforme os exemplos (1) e (2).

uma lacuna no local de origem do sintagma deslocado ou; o local de origem pode ser preenchido com um pronome. É importante destacar que a literatura em geral faz distinção entre estes dois tipos de deslocamento, (PRINCE, 1998; WARD & PRINCE, 1991; PONTES, 1987, entre outros), denominando o primeiro de topicalização e o segundo de deslocamento à esquerda. Neste artigo, optamos por chamar os dois casos genericamente por deslocamento, sendo que o primeiro ocorre sem o preenchimento de pronome e o segundo com preenchimento de pronome.

Destacamos que os fenômenos de deslocamento de sintagmas da estrutura informacional em PB, como foco e tópico, já foram amplamente investigados a partir de diversas perspectivas. Teorias funcionalistas já debruçaram sobre o assunto (PONTES, 1987; ILARI, 1992). Além disso, há diversos trabalhos que investigaram as questões sintáticas em uma perspectiva mais formalista, como a teoria gerativista (KATO, 1989; KATO, 1998; MIOTO, 2003). Ainda, há alguns trabalhos sociolinguísticos que levantaram possíveis contextos de uso para deslocamento de tópico (ORSINI & VASCO, 2007, ORSINI, 2011).

A proposta, entretanto, é trazer mais uma contribuição para os estudos no campo da semântica formal em interface com a pragmática formal. Nosso desafio, portanto, é investigar tal fenômeno dentro desta perspectiva, destacando o papel do foco nestes contextos e utilizando-se de teorias formais como as de Rooth, 1995 e Roberts, 1996 para explicar tal fenômeno.

Nas seções a seguir, serão exploradas as peculiaridades do deslocamento de foco, suas propriedades semânticas e pragmáticas. Para isto, o artigo está organizado da seguinte forma: na seção 2, serão apresentados os conceitos de foco, contraste e exaustividade adotados. Na seção 3 serão analisados os contextos que apresentam sentenças com deslocamento de foco, nas quais não há noção de contraste. Em seguida, na seção 4, serão investigados os contextos nos quais haja sentenças com deslocamento de foco contrastivo. Por fim, na seção 5, serão destacadas as conclusões em relação ao presente estudo.

## **2. Conceitos de Foco**

Assume-se, neste artigo, que um sintagma com função de foco é aquele que apresenta uma marcação prosódica peculiar e pode ser identificado pelo par questão/resposta. O sintagma que representa a informação solicitada pela pergunta trata-se do foco, como exemplificamos a seguir.

(4) A: Quem o João tá namorando?

B: O João tá namorando A MARIA.



- (5) A: Quem tá namorando a Maria?  
B: O JOÃO tá namorando a Maria.

Nos diálogos acima, podemos comparar as diferentes estruturas da informação desencadeadas a partir da pergunta (cf. ROBERTS, 1996).<sup>3</sup> Em (4), o sintagma ‘a Maria’, destacado em caixa alta, tem a função informacional de foco, já que é o elemento que representa a informação requisitada pela pergunta e recebe uma marcação prosódica de acento descendente (cf. PIERREHUMBERT & HIRSCHBERG, 1990 (para o inglês), ILARI, 1992 & CAGLIARI, 1980 (para o português brasileiro)). Por outro lado, em (5), o elemento que representa o foco é ‘o João’.<sup>4</sup>

Para Rooth (1995), a marcação prosódica de foco evoca um conjunto de alternativas contextualmente relevantes. Com isso, o falante tem à disposição um conjunto de asserções e entre elas escolhe uma para a resposta. Desta maneira, cada um dos diálogos acima desencadeará um conjunto de alternativas distinto.

Para calcular as alternativas de foco, o autor define o valor de foco. Segundo Rooth, as sentenças apresentam seu valor ordinário e valor de foco. Considerando o contexto (4), acima, o valor de foco da sentença (4)B é o conjunto de alternativas contextualmente relevantes para a resposta de (4)A. Veja a representação do valor ordinário e de foco de (4)B abaixo, considerando que os indivíduos disponíveis no discurso sejam: Maria, Ana, Marta, João, Pedro, Marcos. Em seguida, apresentamos os valores ordinário e de foco para (5)B, a fim de comparação com o anterior.

(6)  $[[[(4)B]]^0 = \text{namorar}(m,j)$

(7)  $[[[(4)B]]^f = \{\text{O João tá namorando a Maria, O João tá namorando a Ana, O João tá namorando a Marta}\}$

---

3 Estrutura informacional é para Roberts (1996) um universal do discurso humano, não dependente exclusivamente de uma estrutura sintática específica. É a relação que se estabelece entre elementos do discurso como tópico e foco, a partir da prosódia, morfologia, sintaxe, ou combinação dessas, de acordo com cada língua, já que apresentam padrões distintos de organização e marcação dos elementos. Roberts assume, com Carlson (1983) que todo discurso é organizado em relação a perguntas e respostas, sejam elas implícitas ou explícitas. Segundo Roberts, o objetivo maior em um discurso é responder as questões que o estruturam. Os participantes da conversa primeiramente aceitam a questão mais imediata que está em discussão, a qual Roberts chama de questão sob discussão (QUD) e tendem a buscar uma resposta para ela. Para responder a QUD, o falante faz uso de estratégias. As estratégias variam entre responder parcialmente ou completamente uma pergunta. Ainda, o falante pode optar por dar uma resposta explícita ou direta, ou responder implicitamente.

4 A marcação prosódica do deslocamento de foco diferente da marcação prosódica do deslocamento de tópico. Enquanto o tópico apresenta curvatura ascendente, o foco apresenta curva entoacional descendente.

$$(8) \quad [[(5)B]]^0 = \text{namorar}(m,j)$$

$$(9) \quad [[(5)B]]^f = \{O \text{ João tá namorando a Maria, O Pedro tá namorando a Maria, O Marcos tá namorando a Maria}\}$$

Como podemos observar acima, os valores ordinários, tanto de (4)B quanto de (5)B, são idênticos e possuem a mesma forma lógica, representada em (6) e (7). Conforme mencionado anteriormente, a estrutura informacional das sentenças, assim como a ordem dos constituintes não alteram as suas condições de verdade. Entretanto, os valores de foco das sentenças comparadas são distintos. Como os conjuntos de proposições são evocados a partir da marcação de foco, as alternativas são diferentes para cada contexto. Para o diálogo em (4), o conjunto de alternativas, representado por (7), apresenta proposições com o mesmo sujeito e objetos diferentes. Por outro lado, o conjunto de alternativas evocado por (5) e representado em (9) possui proposições com o mesmo objeto e sujeitos diferentes. Tal comparação demonstra que sentenças com valores semânticos ordinários idênticos podem apresentar valores de foco distintos. Esta distinção se dará a partir da pergunta dada explícita ou implicitamente pelo contexto e, conseqüentemente, pela marcação prosódica atribuída à sentença.

As respostas, tanto para (4) quanto para (5), são adequadas para as perguntas dadas. Essa relação de adequação entre a pergunta colocada no contexto e a resposta é definida na literatura por congruência (cf. ROOTH,1995; ROBERTS,1996; BÜRING, 1999,2003). Tal congruência está relacionada à semântica da pergunta dada. Uma resposta é congruente a uma questão se o conjunto de alternativas de foco da resposta equivale ao valor ordinário da pergunta.

Para formalização das questões, tomamos como base os conceitos *Q-alternative set*, de Hamblin (1973). Para o autor, o valor ordinário de uma pergunta denota um conjunto de proposições relativas a possíveis respostas para tal pergunta. Os valores ordinários das perguntas dadas acima são representados como segue, considerando que os mesmos indivíduos sejam disponíveis no discurso.

$$(10) \quad [[\text{Quem o João tá namorando?}]]^0 = \{O \text{ João tá namorando a Maria, O João tá namorando a Ana, O João tá namorando a Marta}\}$$

$$(11) \quad [[\text{Quem tá namorando a Maria?}]]^0 = \{O \text{ João tá namorando a Maria, O Pedro tá namorando a Maria, O Marcos tá namorando a Maria}\}$$

As perguntas acima têm sua denotação semântica formada por um conjunto de alternativas contextualmente relevantes. Podemos observar que o conjunto de alternativas representado em (10) corresponde ao conjunto de alternativas de foco dado em (7), assim como o conjunto de alternativas

de (11) corresponde a (9). Essa equivalência está relacionada à noção de congruência. Uma resposta é congruente em um contexto apenas se o conjunto de alternativas de foco da resposta equivale ao conjunto de alternativas da pergunta.

(12)  $[[\text{Quem o João tá namorando?}]]^0 \equiv [[(4)\text{B}]]^f = \{\text{O João tá namorando a Maria, O João tá namorando a Ana, O João tá namorando a Marta}\}$

(13)  $[[\text{Quem tá namorando a Maria?}]]^0 \equiv [[(5)\text{B}]]^f = \{\text{O João tá namorando a Maria, O Pedro tá namorando a Maria, O Marcos tá namorando a Maria}\}$

A proposta semântica de foco dada por Rooth (1995), assim como a semântica de alternativas de Hamblin (1973), serão adotadas neste artigo e servirão como ponto de partida para a análise dos fenômenos de deslocamento, objeto principal deste estudo.

## 2.1 Contraste

A noção de contraste é essencial para a presente pesquisa. Isto porque uma das perguntas a ser respondida é se contraste é obrigatório em sentenças com deslocamento de foco no PB. Desta maneira, dada a importância que tal conceito apresenta na análise do fenômeno aqui investigado, esta seção busca apresentar algumas das discussões presentes na literatura para tal conceito.

Buscando identificar as diversas relações semânticas que as sentenças com contraste apresentam, Repp (2014) destaca que há três tipos de relações entre elementos de duas sentenças que os tornam contrastivos. São elas: relação com alternativas explícitas, em que são atribuídas propriedades a cada um dos elementos destacados; relação com conjunto de alternativas explícitas, na qual os elementos são declarados e a apenas um é atribuída a propriedade declarada; relação com conjunto de alternativas implícitas, em que um conjunto é inserido no contexto, porém os elementos que o compõem não são declarados explicitamente no discurso. Observe, a seguir, mais detalhadamente cada uma dessas relações, com exemplos similares aos dados pela autora.

O primeiro tipo de relação semântica ocorre em contextos no qual haja uma alternativa explícita a ser contrastada. A noção de contraste, a partir de seleção de alternativas, é definida pela autora com base na noção de semântica de alternativas dada por Rooth (1995). Observe, a seguir, o exemplo dado, adaptado de Repp para o português brasileiro.

(14) O João colocou UMA MAÇÃ na tigela nova e ele colocou UMA BANANA em outra tigela.

No contexto acima, há dois elementos disponíveis que foram explicitados: ‘uma maçã’ e ‘uma banana’. Ao elemento ‘uma maçã’ é atribuída a propriedade ‘O João colocou x na tigela nova’, enquanto ao elemento ‘uma banana’ é atribuída a propriedade ‘O João colocou x em uma outra tigela’. Essa relação é de alternativas explícitas, pois para cada um dos dois elementos inseridos no contexto foram atribuídas propriedades distintas. A outra relação de contraste dada por Repp (2014) é aquela na qual nem todas as alternativas são declaradas explicitamente, como mostra o exemplo a seguir, adaptado da autora.

(15) O João comprou uma banana e uma maçã. Ele colocou A BANANA na sua tigela nova.

A relação de contraste acima envolve um conjunto explícito. Tal conjunto é formado pelos elementos: ‘uma banana’ e ‘uma maçã’. Ao afirmar que o João colocou a banana na tigela nova, o falante declara que a propriedade de ‘o João colocar x na tigela nova’ é aplicada à ‘banana’, mas deixa em aberto que essa mesma propriedade seja aplicada à maçã. Entretanto, fica implícito que tal propriedade não é atribuída ao elemento ‘maçã’.

Por último, apresentamos um exemplo dado pela autora para a relação semântica que ocorre a partir de um conjunto disponível no contexto, cujos elementos não são dados explicitamente no discurso.

(16) O João estava escolhendo as frutas para colocar em sua tigela nova. Ele colocou A BANANA na tigela nova.

No contexto acima, o constituinte ‘as frutas’ representa um conjunto de elementos. Ao trazer informações sobre ‘a banana’, o falante contrasta este elemento com as demais frutas que compõem o conjunto inserido no discurso. O contraste se dá implicitamente, visto que nem os elementos do conjunto nem as alternativas são apresentados no contexto. Dessa maneira, supõe-se que a propriedade ‘O João colocou x na tigela nova’ seja aplicada somente à ‘banana’ e a mais nenhum dos demais elementos do conjunto.

Repp (2014), ainda, no que diz respeito à relação da noção de contraste com o discurso, apresenta dois tipos de contraste: o de oposição e o de correção. No contraste por oposição, duas asserções podem ser verdadeiras e fazem contribuições opostas à questão em discussão. No contraste por correção, por outro lado, uma proposição rejeita a outra, sendo que se uma for verdadeira, a outra necessariamente é falsa. Abaixo, apresentamos um exemplo de contraste por oposição, em (17), e um exemplo de contraste por correção em (18).

(17) O João foi pra festa. O Pedro não foi.

(18) A: O João foi pra festa.

B: Não, o Pedro foi pra festa.

Na sentença em (17), as duas proposições são verdadeiras, sendo que a propriedade de ‘x ir pra festa’ é aplicada apenas ao João. Já no contexto em (18), a proposição ‘O João foi pra festa’ é falsa, enquanto ‘O Pedro foi pra festa’ é verdadeira. Abaixo, apresentamos alguns contextos que consideramos haver contraste implícito.

(19) A: A Maria e a Ana chegaram?

B: A Ana chegou.

Ao responder afirmativamente sobre a Ana, o falante deixa implícito que a Maria não tenha chegado. Com isso, a informação a respeito de Ana é contrastada com a informação de Maria. Apesar dos dois elementos serem apresentados pela pergunta e a interpretação mais óbvia seja de que Maria não tenha chegado. Outro contexto que apresenta contraste implícito é aquele no qual há um conjunto de elementos disponível no contexto, entretanto seus membros não são explicitados.

(20) A: Qual dos alunos chegou?

B: O PAULO chegou.

No contexto acima, a pergunta insere no discurso o conjunto de alunos cujos membros não são descritos. Ao responder com a proposição sobre o Paulo, há uma pressuposição de que os demais alunos não tenham chegado ou ainda de que o falante não tenha informações sobre os demais alunos, o que caracteriza uma relação de contraste desse elemento com os demais.<sup>5</sup>

Na resposta acima, em, o sintagma o Paulo recebe o acento característico de foco, representado pelas letras maiúsculas, que segundo autores como Pierrehumbert & Hirschberg, 1990, para o inglês (e assumimos que o português brasileiro tenha acento similar, cf. ILARI, 1992 e CAGLIARI, 1980), é caracterizado pelo pico de acento descendente.

<sup>5</sup> A resposta em (20) gera uma implicatura de que apenas o Paulo chegou. Não é uma pressuposição, pois essa pode ser cancelada pelo contexto.

(i) A: Qual dos alunos chegou?

Nesta pesquisa assumimos com Repp (2014) que contraste está relacionado com a semântica de alternativas, de Rooth (1995). Ainda, consideramos que o contraste só ocorrerá se houver uma relação de oposição ou correção entre os elementos disponíveis no discurso. Um elemento contrastivo evoca um conjunto de proposições alternativas no qual uma das proposições é afirmada e pelo menos uma é negada no discurso.

## 2.2 Foco não contrastivo

O elemento de foco que apenas indica informação nova é denominado na literatura de foco não-contrastivo ou informacional (Zubizarreta, 1998; Kiss, 1998, entre outros). Segundo Menuzzi, 2012, foco informacional ou não contrastivo apresenta a asserção de uma proposição do conjunto de proposições alternativas dadas pelo contexto. Consideramos, neste artigo, que foco não contrastivo além de assertar pelo menos uma das alternativas do valor de foco (cf. Rooth, 1995), não apresenta relação de contraste nem de oposição nem de correção (cf. Repp, 2014). Observemos, a seguir, o diálogo abaixo:

(21) A: Quem chegou?

B: A MARIA chegou.

(22)  $[[[(21)B]]]^f = \{A \text{ Maria chegou, A Ana chegou, A Marta chegou}\}$

O contexto dado em (21) não apresenta uma alternativa que se oponha à sentença em B, como por exemplo: ‘A Ana não chegou’. Também não é um contexto de correção. Desta maneira, consideramos que sentenças como a acima não apresentam contraste e o sintagma marcado tem a função informacional de foco não contrastivo.

Neste artigo, além de assumirmos que para ser foco não contrastivo não deve haver negação de alguma das alternativas (cf. MENUZZI, 2012), também consideramos que se o contexto em que foi inserida a alternativa não apresentar nem relação de oposição nem de correção (cf. REPP, 2014), o elemento marcado como foco possui a função discursiva de foco não contrastivo.

Desta maneira, por não veicular necessariamente negação no contexto em (21), esta pesquisa considera que o tipo de foco presente nestes contextos é foco informacional ou não contrastivo. A próxima seção é dedicada para investigar contextos de foco contrastivo.

## 2.3 Foco contrastivo

Como já citado anteriormente, serão denominados de foco contrastivo apenas aqueles elementos que apresentarem negação de pelo menos uma das alternativas e ainda indicarem uma relação de oposição ou correção entre as alternativas disponíveis.

(23) A: A Maria chegou.

B: A ANA<sub>FC</sub> chegou. (Não a Maria).<sup>6</sup>

(24)  $[[ (23) B ] ]^f = \{ \text{A Maria chegou, A Ana chegou, A Marta chegou} \}$

Em (23), o falante A afirma que propriedade ‘chegar’ é aplicada à ‘Maria’. O falante B, por sua vez, faz uma correção explícita, afirmando que a propriedade ‘x chegar’ é aplicada à ‘Ana’ e não ‘à Maria’. Com isso, afirma a alternativa em relação a Ana e nega a alternativa em relação à Maria, dada pelo valor de foco em (24). O contexto acima apresenta um contraste por correção.

Outro contexto de foco contrastivo é aquele no qual o conjunto de alternativas é delimitado no discurso. Desta maneira, ao escolher uma das alternativas, o falante nega implicitamente as demais alternativas.

(25) A: A Maria e a Ana chegaram?

B: A ANA<sub>FC</sub> chegou.

(26)  $[[ (25) B ] ]^f = \{ \text{A Maria chegou, A Ana chegou} \}$

Em (25)B, ao afirmar sobre a Ana, fica implícito que o falante nega que a Maria tenha chegado, ou pelo menos não tenha informações acerca da Maria. Então, ao afirmar que a propriedade ‘x chegar’ seja aplicada à Ana, o falante deixa implícito que tal propriedade não seja aplicada à ‘Maria’, o que indica um contexto de contraste por oposição.

Ainda, outro exemplo de foco contrastivo é quando o falante nega explicitamente uma das alternativas dadas pelo contexto, conforme apresenta o diálogo a seguir:

(27) A: A Maria e a Ana chegaram?

B: A ANA<sub>FC</sub> chegou. A Maria não chegou ainda.

---

<sup>6</sup> Para diferenciar marcação de foco contrastivo de foco não contrastivo, adotamos no presente artigo a notação FC (foco contrastivo) subscrito.

No diálogo em (27), o falante B, não apenas responde que a Ana chegou, mas também justifica que a Maria não chegou. Nesse caso, além de afirmar explicitamente uma alternativa, o falante nega explicitamente outra, o que caracteriza mais um contexto de contraste explícito, em uma relação de oposição entre as alternativas.

Para a presente pesquisa, será denominado foco contrastivo aquele que envolver a negação de pelo menos uma das alternativas disponíveis no contexto (cf. MENUZZI, 2012) e ainda apresentar uma relação de oposição ou de correção (cf. REPP, 2014).

## 2.4 Foco e exaustividade

Uma noção que está relacionada a foco, como vimos anteriormente, é exaustividade. Menuzzi (2012) apresenta uma discussão em relação a essa noção e declara que em contextos com sentenças clivadas a noção de exaustividade é obrigatória. Exaustividade, para Menuzzi, é quando todas as alternativas são negadas, com exceção à alternativa assertada. Clivadas são exemplos clássicos de exaustividade.

(28) A: Qual aluno comprou o livro de linguística?

B: Foi O JOÃO<sub>FC</sub> que comprou o livro de linguística.

(29) [[(28)B]]<sup>f</sup> = {O João comprou o livro de linguística, O Paulo comprou o livro de linguística, O Pedro comprou o livro de linguística}

O contexto acima é exaustivo, visto que ao afirmar que ‘Foi o João que comprou o livro de linguística’, o falante nega todas as demais alternativas, indicando que a propriedade de ‘x comprar o livro de linguística’ é exclusiva para o indivíduo ‘O João’. Menuzzi (2012) sugere que a exaustividade pode ser uma pressuposição, já que essa, segundo o autor não pode ser cancelada no discurso. Observemos, a seguir, um contexto no qual mais uma alternativa, além da alternativa sobre “o João”, seja assertada.

(30) A: Qual aluno comprou o livro de linguística?

B: ?Foi O JOÃO<sub>FC</sub> que comprou o livro de linguística. E o Pedro também.

Apesar da resposta acima não ser a mais natural, ela não parece ser totalmente inaceitável, o que indica que talvez a exaustividade em clivadas não seja necessariamente uma pressuposição. Teixeira & Menuzzi (2015) argumentam que exaustividade em clivadas envolvem vários tipos de inferências que não somente pressuposição ou implicatura, e essas vão ser determinadas a partir do contexto dado. Observemos em um contexto com o ‘só’, se este apresenta acarretamento, pressuposição ou implicatura.



(31) A: Qual aluno comprou o livro de linguística?

B: #Só O JOÃO<sub>FC</sub> que comprou o livro de linguística. E o Pedro também.

A sentença acima acarreta que a propriedade de comprar o livro de linguística é aplicada apenas ao 'João'. A exaustividade é um acarretamento e não uma pressuposição, porque essa noção não se mantém na negação, como podemos observar a seguir.

(32) A: Qual aluno comprou o livro de linguística?

B: Não foi só O JOÃO<sub>FC</sub> que comprou o livro de linguística. O Pedro também comprou.

No contexto acima, a inferência de exaustividade não se mantém com a negação da alternativa, o que indica que não se trata de uma pressuposição. Como essa noção não pode ser cancelada no contexto, ela é um acarretamento.

Exaustividade, segundo Menuzzi, está presente também em sentenças que apresentam sintagmas com função discursiva de foco contrastivo. Observe o contexto abaixo.

(33) A: Qual aluno comprou o livro de linguística?

B: O JOÃO<sub>FC</sub> comprou o livro de linguística.

Ao responder que 'o João comprou o livro de linguística', fica implícito que a propriedade de 'x comprar o livro de linguística' é exclusiva do 'João', já que fica subentendido que ninguém, além do João comprou tal livro. Entretanto, é possível haver um contexto no qual a exaustividade possa ser cancelada.

(34) A: Qual aluno comprou o livro de linguística?

B: O JOÃO<sub>FC</sub> comprou o livro de linguística. E a Maria também.

No contexto acima, em (34), a exaustividade foi cancelada, a partir do momento em que o falante responde afirmativamente a duas alternativas disponíveis, a alternativa sobre 'o João' e a alternativa sobre 'a Maria'.

Neste artigo, propomos que sentenças com deslocamento de foco apresentam implicatura de exaustividade em um nível mais intenso e menos passível de cancelamento do que sentenças canônicas, como veremos mais adiante.<sup>7</sup> A partir das seções seguintes investigaremos se tanto contraste quanto exaustividade são obrigatórios em sentenças com deslocamento de foco.

---

<sup>7</sup> Foi realizada uma pesquisa empírica, com experimentos psicolinguísticos, e os resultados desta foram publicados no artigo "Cancelamento de exaustividade em sentenças focalizadas: um estudo experimental", da Revista Letras v. 99 (2019): Número Temático - XII Workshop on Formal Linguistics.

Para tanto, consideramos que há dois tipos de foco: foco não contrastivo e contrastivo, ambos apresentam um valor de foco que veicula um conjunto de alternativas. A diferença é que, enquanto foco contrastivo apresenta a negação implícita ou explícita de pelo menos uma alternativa e uma relação de oposição ou correção entre as alternativas, foco não-contrastivo apenas disponibiliza as alternativas no contexto, das quais o falante escolhe uma, sem estabelecer essas relações de contraste.

### 3. Deslocamento de foco não constrativo

Nesta seção, analisaremos as características semânticas e pragmáticas de contextos que apresentem uma sentença com deslocamento, cujo sintagma definido deslocado tenha a função de foco não contrastivo. Mais precisamente, observaremos se a posição original do sintagma deslocado influencia na aceitabilidade da sentença. Ressaltamos, entretanto, que a estrutura de foco não contrastivo deslocado não é a mais comum em PB, conforme os dados apresentados em trabalhos anteriores como Pontes (1987) e Ilari (1992). Na maioria dos casos, o deslocamento de foco apresenta contraste, que será investigado na próxima seção. No entanto, mesmo que poucos, há casos de deslocamento de foco não contrastivo ou informacional e esses serão investigados nesta seção. Iniciaremos com contextos que apresentem deslocamento de foco na posição inicial de sujeito. Observe os diálogos abaixo, o primeiro sem deslocamento e o segundo com deslocamento retomado por pronome.

(35) A: Quem convidou a Maria?

B: O JOÃO convidou a Maria.

(36) A: Quem convidou a Maria?

B: O JOÃO<sub>1</sub>, ele<sub>1</sub> convidou a Maria.

Na resposta em (36), o sintagma deslocado tem a função de foco não contrastivo porque o indivíduo ‘o João’ não estabelece nem relação de oposição nem de correção com nenhum outro indivíduo do discurso. Uma diferença entre a sentença canônica e a com deslocamento é que, na sentença com deslocamento, o falante opta por primeiramente inserir um indivíduo no discurso para depois lhe atribuir a propriedade de ‘x convidar a Maria’. Outra diferença entre as duas respostas é que apesar das duas apresentarem implicatura de exaustividade, em que ‘O João e ninguém mais convidou a Maria’, a sentença com deslocamento de foco retomado por pronome parece apresentar uma implicatura de exaustividade menos passível de cancelamento. Compare novamente os dois diálogos:

(37) A: Quem convidou a Maria?

B: O JOÃO convidou a Maria. E o Paulo também convidou ela.

(38) A: Quem convidou a Maria?

B: ?O JOÃO<sub>1</sub>, ele<sub>1</sub> convidou a Maria. E o Paulo também convidou ela.

Apesar da implicatura de exaustividade poder ser cancelada nos dois casos, a segunda sentença em (38)B parece ser menos natural para continuidade do discurso do que a anterior, que apresenta uma sentença canônica no início. Desta maneira, sentenças com deslocamento apresentam inferência de exaustividade que não chega a ser pressuposição ou acarretamento, já que não podem ser canceladas no contexto, mas essa inferência é menos passível de cancelar do que em sentenças canônicas.<sup>8</sup> Consideramos, então, que em contextos como o acima, há uma implicatura de exaustividade.

Ainda, o valor de foco para (38)B, considerando que no domínio haja os indivíduos: João, Pedro e Paulo, é representado como segue.

(39)  $[[[(38)B]]]^f = \{O \text{ João convidou a Maria, O Pedro convidou a Maria, O Paulo convidou a Maria}\}$

Dado o conjunto de proposições representado pelo valor de foco, o falante responde afirmativamente à proposição ‘O João convidou a Maria’. Além disso, há uma implicatura de que ele negue as demais proposições, ou seja, o João convidou a Maria e ninguém mais. Observemos se a sentença pode apresentar uma estrutura de deslocamento sem retomada de pronome.

(40) A: Quem convidou a Maria?

B: O JOÃO<sub>1</sub>, [ ]<sub>1</sub> convidou a Maria.<sup>9</sup>

Apesar de ser menos natural do que a resposta com retomada de pronome, a sentença acima também é válida para responder (41)A. A mesma estratégia é utilizada de primeiramente inserir um indivíduo no contexto para posteriormente atribuir a propriedade dada pela pergunta a esse. Neste caso também há implicatura de exaustividade e essa pode ser cancelada pelo contexto. O cancelamento é mais natural do que com retomada de pronome.

8 Por ser uma impressão, essa deve ser analisada a partir de um experimento psicolinguístico que teste o nível de aceitabilidade de (37) em comparação a (38), com deslocamento. Tal pesquisa está em andamento em um projeto de pós-doutorado financiado pela CAPES – PNPd, na Universidade Federal Fluminense.

9 Os dois colchetes [ ] representam uma pausa na pronúncia da sentença acima.

(41) A: Quem convidou a Maria?

B: O JOÃO, []  $t_1$  convidou a Maria. E o Paulo também convidou.

Em seguida, observemos se em um contexto de pergunta geral, é possível haver deslocamento de sintagma na posição de sujeito em que esse tenha a função discursiva de foco não contrastivo.

(42) A: O que aconteceu?

B: O JOÃO<sub>F1</sub>, ele<sub>1</sub> está doente.

Com pergunta geral, como a acima, a sentença com deslocamento de um DP sujeito com função discursiva de foco é possível e, além disso, não apresenta contraste, já que não há relação de contraste por oposição ou correção entre as alternativas desencadeadas pelo foco da sentença. Vejamos se, em um contexto de pergunta geral, também é possível a ocorrência de deslocamento de foco na posição de objeto, sem que haja necessariamente a noção de contraste presente.

(43) A: O que aconteceu?

B: ?A MARIA<sub>F1</sub>, o João convidou pra festa  $t_1$ .

Ao contrário do deslocamento de foco na posição de sujeito, parece não ser adequado o deslocamento de foco na posição de objeto em contextos de perguntas mais gerais, como em (43). Observemos, no entanto, se é possível deslocar o sintagma com função de foco não contrastivo na posição de objeto para a periferia esquerda da sentença em contextos de perguntas mais específicas.

(44) A: Quem o Pedro convidou pra festa?

B: Ele convidou A MARIA pra festa.

(45) A: Quem o Pedro convidou?

B: A MARIA<sub>1</sub> ele convidou  $t_1$  pra festa.

No contexto acima, o falante poderia responder simplesmente com uma resposta canônica, como em (44), mas também tem a opção de responder com o sintagma deslocado, (45). Entretanto, com deslocamento há contraste, porque com o deslocamento há uma indicação de que haja outros indivíduos no discurso, os quais o Pedro não tenha convidado. Ou seja, há uma relação implícita de oposição.

Observe, a seguir, outro diálogo, na qual a resposta apresenta uma sentença com estrutura de deslocamento, a fim de verificarmos se há contextos de deslocamento de objeto com função de foco não contrastivo.

(46) A: O que a Maria comprou na FNAC?

B: ESSE LIVRO<sub>1</sub>, a Maria comprou t<sub>1</sub> na FNAC.

Na sentença acima, o sintagma com função de foco, ao ser deslocado para a periferia esquerda da sentença, indica que o falante responde afirmativamente a uma das alternativas do valor de foco. Entretanto, para o exemplo acima, também fica implícito que ‘esse livro’ esteja sendo contrastado com outros elementos disponíveis no discurso, em uma relação de oposição. O valor de foco para (46) B pode ser representado como segue:

(47) [[(46)B]]<sup>f</sup> = {A Maria comprou esse livro, A Maria comprou aquele livro, A Maria comprou o outro livro}

Com retomada de pronome, a sentença não é aceitável em um contexto de pergunta como no diálogo abaixo, em que resposta apresenta uma estrutura na qual o sintagma ‘esse livro’, que tem a função de foco, é retomado por um pronome.

(48) A: O que você comprou na FNAC?

B: #ESSE LIVRO<sub>1</sub>, eu comprei ele<sub>1</sub> na FNAC.

Outra estrutura a ser investigada é aquela que apresenta PP deslocado. Observe o contexto abaixo, no qual a resposta apresenta o sintagma com função de foco, em sua posição original de PP deslocado para a periferia esquerda da sentença. Primeiramente, observe a resposta com a sentença canônica, para depois compará-la com a deslocada.

(49) A: De quem o João tava falando?

B: Ele tava falando DA MARIA.

(50) A: De quem o João tava falando?

B: DA MARIA<sub>1</sub>, ele tava falando t<sub>1</sub>.

A sentença deslocada envolve contraste, já que fica implícito que o indivíduo ‘A Maria’ esteja sendo contrastada com algum outro indivíduo do discurso e esse contraste se dá a partir de uma relação de oposição. Considerando que no domínio haja os seguintes indivíduos: Ana, Maria e Paula, o valor de foco para(50)B é:

(51) [[(50)B]]<sup>f</sup> = {O João tava falando da Maria, O João tava falando da Ana, O João tava falando da Paula}

Ao responder B, o falante responde afirmativamente a proposição ‘O João tava falando da Maria’ e nega as demais.

Se, ao invés de deslocamento de PP, tivermos uma estrutura, na qual o sintagma deslocado seja um DP, com preposição, a resposta é aceitável, e mais que isso, o sintagma no início da sentença apresenta a função de foco não contrastivo.

(52) A: De quem o João tava falando ontem?

B: A MARIA<sub>1</sub>, ele tava falando dela<sub>1</sub>.

No contexto acima, o sintagma deslocado na resposta em B apresenta a função de foco não contrastivo, que evoca um conjunto de alternativas, afirma uma delas e deixa as demais sem informação. Não apresenta relação de oposição nem de correção entre as alternativas. A função do deslocamento é primeiramente inserir o indivíduo ‘a Maria’ no discurso para depois atribuir a ela a propriedade dada pela pergunta ‘o João tava falando de x’. Se a estrutura em vez de um pronome apresentar uma lacuna, por outro lado, a resposta é bastante estranha, como podemos observar no diálogo que segue:

(53) A: De quem o João tava falando ontem?

B: ?A MARIA<sub>1</sub>, ele tava falando t<sub>1</sub>.

A sentença acima não parece ser a mais natural. Entretanto, mesmo que ela seja considerada gramatical, o deslocamento do sintagma na posição de objeto implica em contraste, já que fica implícito que há uma relação de oposição entre o indivíduo ‘A Maria’ e outros indivíduos disponíveis no discurso.

Esta seção teve como objetivo investigar o deslocamento de sintagmas definidos com função de foco não contrastivo. Pudemos observar que, mesmo sendo poucos casos, é possível haver sentença com deslocamento de foco não contrastivo para a periferia esquerda da sentença, cuja função é introduzir um indivíduo, para depois lhe atribuir uma propriedade. Tal função tem o objetivo de evidenciar o elemento deslocado.

No que diz respeito à posição original do sintagma, pudemos identificar que sintagmas definidos deslocados na posição de sujeito podem ter a função de foco não contrastivo, tanto em sentenças com retomada de pronome quanto sem. Na posição de objeto ou PP deslocado o sintagma deslocado não apresenta função de foco não contrastivo, pois há contraste implícito. Outra estrutura que apresenta foco não contrastivo é aquela em que a estrutura possui um DP deslocado sem a preposição de sua posição original, com retomada de pronome.

#### 4. Deslocamento de foco construtivo em PB

Esta seção é reservada para investigar as sentenças com deslocamento no português brasileiro, nas quais o sintagma deslocado seja definido e tenha a função discursiva de foco contrastivo. Mais precisamente, analisaremos as restrições semânticas e pragmáticas do sintagma deslocado, considerando a posição sintática que ocupa. Observaremos se a posição original do sintagma deslocado influencia na aceitabilidade da sentença. Iniciaremos com um contexto em que o conjunto é delimitado explicitamente. Observe o diálogo abaixo.

(54) A: Qual dos seus amigos foi pra festa, o João ou a Maria?

B: ?O JOÃO<sub>FC</sub> foi pra festa.

A sentença sem deslocamento somente é natural se o falante não a pronunciar completamente, omitindo o complemento do verbo. Entretanto, se a intenção do falante for primeiramente direcionar a atenção do ouvinte para novo referente, para depois lhe atribuir uma propriedade, a resposta com deslocamento, como a abaixo é a mais adequada.

(55) A: Qual dos seus amigos foi pra festa, o João ou a Maria?

B: O JOÃO<sub>FC1</sub>, ele<sub>1</sub> foi pra festa.

No contexto acima, o falante B direciona a atenção do ouvinte para o indivíduo inserido no contexto, ‘o João’, para depois atribuir propriedade de ‘x ir pra festa’ ao indivíduo. Além disso, tal resposta indica contraste, já que com o deslocamento, o falante reforça que essa propriedade é aplicada ao João, mas não à Maria, indivíduo inserido explicitamente no discurso. A relação de contraste dada neste contexto é de oposição, já que a propriedade “x ir pra festa” é aplicada ao “João” em oposição à “Maria”. Como João e Maria são os indivíduos disponíveis no discurso, o valor de foco para a sentença em (55)B é o abaixo:

(56) [[(55)B]]f = {O João foi pra festa, A Maria foi pra festa}

O valor de foco indica que ao responder (55)B, o falante responde afirmativamente para a proposição ‘o João foi pra festa’ e nega a proposição ‘A Maria foi pra festa’. A resposta dada apresenta uma inferência de exaustividade. Observemos se tal inferência é uma implicatura, que pode ser cancelada no contexto, ou um acarretamento ou pressuposição, que não podem ser cancelados.

(57) A: Qual dos seus amigos foi pra festa, o João ou a Maria?

B: #O JOÃO<sub>FC1</sub> foi pra festa. A Maria também foi.

(58) A: Qual dos seus amigos foi pra festa, o João ou a Maria?

B: #O JOÃO<sub>FCL</sub>, ele<sub>1</sub> foi pra festa. A Maria também foi.

Comparando as duas respostas acima, nenhuma das duas parece natural, nem a sem deslocamento, nem a com deslocamento. Isto porque seria mais cooperativo (cf. GRICE, 1975) o falante responder que os dois amigos foram pra festa em uma proposição, em vez de dar primeiramente a informação de um indivíduo para depois inserir a informação do outro. Entretanto, a resposta com deslocamento é menos natural ainda. O deslocamento do foco reforça a relação de contraste entre um indivíduo e outro, quando tais indivíduos são dados explicitamente no contexto. Se ambos possuem a mesma propriedade, não é natural que se desloque um dos indivíduos para a periferia esquerda da sentença.

Como a propriedade ‘x ir pra festa’ é exclusiva do elemento deslocado, há uma indicação de que exaustividade nesses casos, em que os elementos são dados explicitamente, não são meramente uma implicatura, que pode ser cancelada pelo contexto, e sim um acarretamento.

Observemos, a seguir, se, em um contexto no qual as alternativas são dadas explicitamente, é possível uma estrutura na qual haja deslocamento com lacuna e pausa. Ainda se tal estrutura apresenta a noção de contraste.

(59) A: Qual dos seus amigos foi pra festa, o João ou a Maria?

B: #O JOÃO<sub>FCL</sub>, [ ]t<sub>1</sub> foi pra festa.

Com pausa, sem retomada de pronome, o deslocamento de sujeito na resposta acima é inadequado. Nos exemplos acima, o contraste era dado implicitamente. Observemos, a seguir, contextos em que pelo menos uma alternativa seja negada explicitamente no discurso.

(60) A: Quais dos seus amigos foi pra festa, o João ou a Maria?

B: O JOÃO<sub>FCL</sub>, ele<sub>1</sub> foi. A Maria não foi.

A resposta em (60)B, além de ser adequada, reforça a presença de contraste, que é explicitado pela segunda sentença. Ao deslocar o sintagma na posição de sujeito e retomá-lo por um pronome, o falante direciona a atenção do ouvinte para o novo referente no discurso, ‘o João’, e depois lhe atribui a propriedade ‘x ir pra festa’ a esse indivíduo. Posteriormente, o falante nega explicitamente que tal propriedade seja atribuída à Maria. A relação de contraste estabelecida em uma sentença e outra é a relação de oposição, que apresenta contribuições opostas à questão sob discussão<sup>10</sup>.

10 QUD para Roberts (1996) representa um conjunto de questões ainda não respondidas, mas que estão disponíveis no discurso e são passíveis de resposta. Essas são responsáveis por direcionar o discurso. A questão mais imediata em discussão é aquela que os participantes buscam respondê-la.



Até o presente momento, analisamos sentenças com deslocamento em que o contexto no qual a sentença está inserida apresenta explicitamente os elementos a serem contrastados. Observemos, a seguir, um contexto no qual os elementos a estabelecerem relação de contraste não sejam dados explicitamente no discurso.

(61) A: Qual aluna foi pra festa?

B: A ALUNA DO TERCEIRO ANO<sub>FCI</sub> foi pra festa.

(62) A: Qual aluna foi pra festa?

B: A ALUNA DO TERCEIRO ANO<sub>FCI</sub>, ela<sub>1</sub> foi pra festa.

Nos exemplos acima, a diferença da resposta com deslocamento para a canônica é que enquanto a com deslocamento indica contraste por oposição, a sentença sem deslocamento não apresenta relação de contraste. O contraste é dado na sentença com deslocamento porque, ao ser deslocado, o referente do sintagma ocupa uma posição de relevância e esse referente é contrastado com os demais elementos do conjunto dado. O falante faz uso da estratégia de primeiramente inserir o indivíduo ‘a aluna do terceiro ano’, para posteriormente lhe atribuir a propriedade de ‘x ir pra festa’. Há uma relação de contraste por oposição, já que, ao atribuir a propriedade ‘x ir pra festa’ à ‘aluna do terceiro ano’, fica implícito que as proposições relacionadas aos demais indivíduos fazem contribuições opostas à questão em discussão. Ainda, há uma implicatura de exaustividade nas duas sentenças, entretanto, na sentença sem deslocamento ela é mais facilmente cancelada.

(63) A: Qual aluna foi pra festa?

B: A ALUNA DO TERCEIRO ANO<sub>FCI</sub> foi pra festa. E a do primeiro ano também foi.

(64) A: Qual aluna foi pra festa?

B: ?A ALUNA DO TERCEIRO ANO<sub>FCI</sub>, ela<sub>1</sub> foi pra festa. E a do primeiro ano também foi.

Nos dois diálogos é possível cancelar a implicatura de exaustividade, na qual a propriedade ‘x ir pra festa’ a atribuída exclusivamente ao indivíduo ‘aluna do terceiro ano’. Entretanto, o cancelamento desta implicatura é mais natural no contexto que apresenta a sentença sem deslocamento, em (63)B. Para o contexto com deslocamento, em (63), a continuidade do discurso indicando o cancelamento da implicatura, apesar de ser possível, é menos natural que o anterior, o que indica que a inferência de exaustividade pode apresentar maiores ou menores possibilidades de cancelamento. O valor de foco para (63)B é o seguinte:

(65) [[[(63)B]]]f = {A aluna do terceiro foi pra festa, A aluna do primeiro ano foi pra festa, A aluna do segundo ano foi pra festa}

Ao responder (63)B, o falante responde afirmativamente à alternativa ‘A aluna do terceiro foi pra festa’ e nega pelo menos uma das demais alternativas, em uma relação de contraste por oposição.

Por fim, observemos um contexto no qual a relação de contraste se estabeleça a partir de uma relação de correção, na qual a verdade de uma proposição implica falsidade de outra proposição inserida no contexto.

(66) A: O João foi pra festa.

B: O PAULO<sub>FC</sub> foi pra festa. (Não o João)

(67) A: O João foi pra festa.

B: O PAULO<sub>FC1</sub>, ele<sub>1</sub> foi pra festa. (Não o João)

Observando as duas respostas, a primeira sem deslocamento e a última com, podemos afirmar que as duas são adequadas e o sintagma deslocado tem a função discursiva de foco contrastivo, já que o elemento deslocado ‘O Paulo’ estabelece uma relação de contraste por correção com o elemento já inserido no contexto ‘O João’. A marcação de foco no sintagma deslocado evoca um conjunto de alternativas, das quais a alternativa sobre o João é considerada falsa e a alternativa sobre o Paulo verdadeira. A diferença entre a sentença com deslocamento e a sem é que nesta última há uma estratégia por parte do falante de primeiramente inserir um indivíduo para depois atribuir a propriedade ‘x ir pra festa’ a ele.

Ainda, as duas respostas apresentam inferência de exaustividade, porém essa não pode ser cancelada pelo contexto, como podemos observar abaixo, nos diálogos que seguem.

(68) A: O João foi pra festa.

B: #O PAULO<sub>FC</sub> foi pra festa. E o João também foi.

(69) A: O João foi pra festa.

B: #O PAULO<sub>FC1</sub>, ele<sub>1</sub> foi pra festa. E o João também foi.

Nos exemplos acima, tanto na sentença sem deslocamento, quanto na sentença com, a exaustividade não pode ser cancelada, o que demonstra que essa seja um acarretamento ou uma pressuposição.

Até o presente momento analisamos apenas contextos nos quais o sintagma com função de foco contrastivo deslocado ocupa a posição inicial de sujeito. Investiguemos, a seguir, se sintagmas na

posição de objeto podem ser deslocados para a periferia esquerda da sentença e assumirem a função discursiva de foco contrastivo. Observe o diálogo, a seguir.

(70) A: Quem o João convidou pra festa?

B: Ele convidou A MARIA.

(71) A: Quem o João convidou pra festa?

B: A MARIA<sub>FCI</sub> ele convidou t<sub>1</sub>.

Comparando os dois diálogos acima, podemos observar que, enquanto na sentença sem deslocamento, o contraste não é claro, na sentença com deslocamento, fica implícito que o elemento deslocado, 'A Maria' é contrastado com outros elementos do discurso, mas que não são dados explicitamente. Essa relação de contraste é uma relação de oposição entre o elemento 'A Maria', com os demais elementos do conjunto, já que dois indivíduos podem fazer contribuições opostas à pergunta em discussão.

Na sentença com deslocamento, em (70)B, o falante, ao deslocar o sintagma na posição de objeto, utiliza-se da estratégia de primeiramente introduzir um indivíduo no contexto para posteriormente lhe atribuir a propriedade, dada pela pergunta, a de 'o João convidar x'. O valor de foco para tal sentença é o seguinte:

(72) [[(70)B]] f = {O João convidou o Pedro, O João convidou a Maria, O João convidou a Ana}

Tanto na resposta com deslocamento como na resposta sem, há inferência de exaustividade, que pode ser cancelada com a continuidade do discurso. Entretanto, no caso da sentença sem deslocamento, o cancelamento é mais aceitável.

(73) A: Quem o João convidou?

B: Ele convidou A MARIA. E também convidou a Ana e o Pedro.

(74) A: Quem o João convidou?

B: A MARIA<sub>FCI</sub> ele convidou t<sub>1</sub> E também convidou a Ana e o Pedro.

Nas respostas acima, a exaustividade é cancelada, tanto na que apresenta uma sentença canônica, em (73)B, quanto na que apresenta uma sentença com deslocamento, em (74)B. A diferença entre uma e outra é que parece haver um nível graduável de cancelamento da exaustividade, em que, no contexto

que apresenta uma sentença com deslocamento, esse cancelamento seja menos aceitável. A partir do momento em que o falante, além de responder afirmativamente sobre ‘a Maria’, também afirma que ‘a Ana’ possui a propriedade de ‘ter sido convidada pelo João’, ele explicita que tal propriedade não é exclusiva da ‘Maria’.

O contraste também pode ser dado explicitamente, como podemos observar mais adiante, no diálogo que segue.

(75) A: Quem o João convidou?

B: A MARIA<sub>FC1</sub> ele convidou t<sub>1</sub>. O PEDRO<sub>FC2</sub>, não convidou t<sub>1</sub>.

Nesta resposta, o falante nega explicitamente que a propriedade de ‘O João convidar x’ seja aplicada a um dos indivíduos disponíveis no discurso. Se considerarmos que (75)B tenha o mesmo valor de foco apresentado acima, em (70)B, a alternativa de que ‘O João convidou o Pedro’ é explicitamente negada. Na resposta, o falante faz uso da estratégia de primeiramente inserir um indivíduo no contexto, para posteriormente lhe atribuir uma propriedade. Propriedade essa que é negada para o indivíduo que é inserido em seguida; ‘o Pedro’.

Outro contexto de foco contrastivo, no qual pode haver uma sentença com deslocamento, é o de correção. Compare as duas sentenças a seguir.

(76) A: O Pedro convidou o João.

B: Ele convidou A MARIA<sub>FC</sub>.

(77) A: O João convidou o Pedro.

B: A MARIA<sub>FC1</sub>, ele convidou t<sub>1</sub>.

Comparando os dois diálogos acima, o primeiro em que a asserção de correção não apresenta deslocamento e o segundo em que há deslocamento, podemos observar que, apesar das duas serem aceitas, a sentença com deslocamento parece ser a mais natural. Isso porque, ao se utilizar da estrutura com deslocamento, o falante introduz primeiramente um novo indivíduo no discurso para evidenciar o indivíduo a ser contrastado com ‘Pedro’, o elemento já disponível. Com isso, ele indica que a propriedade ‘o João convidar x’ não é aplicada a ‘Pedro’, mas à ‘Maria’, o indivíduo apresentado pelo falante B. A verdade da sentença proferida por B implica na falsidade da sentença proferida por A.

Tanto nos contextos anteriores, quanto no contexto acima, em (77)B, ocorre contraste. Além disso, há também exaustividade, já que ao afirmar que o João tenha convidado a Maria, o falante

necessariamente nega que o João tenha convidado o Pedro. Desta forma, podemos concluir que deslocamento de foco contrastivo requer exaustividade. Porém diferentemente do contexto de oposição, no contexto de correção, a inferência de exaustividade não pode ser cancelada.

(78) A: O João convidou o Pedro.

B: #Ele convidou A MARIA<sub>FC</sub>. E convidou também o Pedro.

(79) A: O João convidou o Pedro.

B: #A MARIA<sub>FC1</sub>, ele convidou t<sub>1</sub>. E convidou também o Pedro.

Como podemos observar nos diálogos acima, tanto na sentença com deslocamento quanto na sentença sem, o cancelamento da exaustividade em uma relação de contraste por correção não é aceitável. Ainda, se houver um conjunto explícito de opções dado pela pergunta, a resposta com foco contrastivo deslocado também é possível.

(80) A: Quem o João convidou, o Pedro ou a Maria?

B: Ele convidou A MARIA<sub>FC</sub>.

(81) A: Quem o João convidou, o Pedro ou a Maria?

B: A MARIA<sub>FC1</sub>, ele convidou t<sub>1</sub>.

Conforme apresentado acima, as duas possibilidades de resposta são adequadas, tanto a de ordem canônica (80), quanto a resposta com deslocamento de foco (81). Entretanto, em relação à resposta com deslocamento, além da estratégia de primeiramente introduzir um indivíduo no discurso para posteriormente lhe atribuir uma propriedade, a exaustividade não pode ser cancelada, diferentemente do contexto sem.

(82) A: Quem o João convidou, o Pedro ou a Maria?

B: Ele convidou A MARIA<sub>FC</sub>. E convidou também o Pedro.

(83) A: Quem o João convidou, o Pedro ou a Maria?

B: #A MARIA<sub>FC1</sub>, ele convidou t<sub>1</sub>. E convidou também o Pedro.

No contexto acima, em (82)B, a exaustividade não pode ser cancelada, diferentemente de (83) B, que aceita no contexto outros indivíduos com a mesma propriedade do indivíduo focalizado. O que indica que em contextos de deslocamento de foco, se os indivíduos forem explicitamente mencionados, exaustividade não pode ser cancelada. O valor de foco para o enunciado em (83)B é dado como segue.

(84) [[(83)B]]<sup>f</sup> = {O João convidou o Pedro, O João convidou a Maria}

Por último, observemos se em português brasileiro é possível haver deslocamento de foco na posição de objeto com preenchimento de pronome.

(85) A: Quem o Pedro convidou?

B: Ele convidou A MARIA.

(86) A: Quem o Pedro convidou?

B: \*A MARIA<sub>FCI</sub> ele convidou ela<sub>1</sub>.

(87) A: Quem o Pedro convidou o João ou a Maria?

B: \*A MARIA<sub>FCI</sub>, ele convidou ela<sub>1</sub>.

(88) A: O Pedro convidou o João.

B: \*A MARIA<sub>FCI</sub>, ele convidou ela<sub>1</sub>. Não o João.

Em todos os casos acima, o deslocamento de foco com preenchimento de pronome é agramatical, diferentemente do deslocamento de foco na posição de sujeito, no qual a única estrutura possível é a de deslocamento com retomada de pronome.

Analisemos, a seguir, os contextos que apresentem sentenças com deslocamento de PP. Primeiramente, observaremos se uma resposta com deslocamento é adequada para uma pergunta sim / não. Compare, a seguir, os dois exemplos. O primeiro com uma resposta sem deslocamento e o segundo com uma resposta com deslocamento de PP.

(89) A: Você gosta desse livro?

B: #Eu gosto DESSE LIVRO.

(90) A: Você gosta desse livro?

B: #DESSA LIVRO<sub>FCI</sub>, eu gosto t<sub>1</sub>.

Tanto a resposta com deslocamento, em (89)B, quanto a sem, em (90)B não são naturais. Sentença com deslocamento de PP que apresente uma entonação típica de foco não é adequada para responder a uma pergunta sim / não. Nem mesmo a resposta canônica, dada em (89), é apropriada com entonação de foco. Seria adequada somente se o sintagma ‘desse livro’ fosse omitido. Se, por outro lado, a pergunta for de constituinte, a resposta com deslocamento de PP é possível.

(91) A: De que livro você gosta?

B: Eu gosto DESSE LIVRO.

(92) A: De que livro você gosta?

B: DESSE LIVRO<sub>FC1</sub>, eu gosto t<sub>1</sub>.

As duas respostas são adequadas para o contexto. Entretanto, se o falante quiser enfatizar a relação de contraste entre o elemento deslocado e os demais elementos do discurso, a resposta em (92)B é mais apropriada. Com essa resposta, o falante responde afirmativamente a uma alternativa do valor de foco e negativamente a pelo menos uma das demais alternativas. O valor de foco para tal sentença é o seguinte, considerando os seguintes elementos no domínio: esse livro, aquele livro.

(93) [[(92)B]]<sup>f</sup> = {Eu gosto desse livro, Eu não gosto daquele livro}

A resposta com deslocamento de PP necessariamente apresenta contraste. Nela, o falante afirma a primeira alternativa: ‘eu gosto desse livro’ e nega a outra alternativa: ‘eu gosto daquele livro’, estabelecendo uma relação de contraste por oposição. Além do contraste, há também exaustividade. Entretanto, tal exaustividade, apesar de ser presente nesse contexto é uma implicatura, que pode ser cancelada, como podemos observar no diálogo a seguir:

(94) A: De que livro você gosta?

B: DESSE LIVRO<sub>FC1</sub>, eu gosto t<sub>1</sub>. E daquele também.

Apesar de não ser a resposta mais natural, a resposta acima é possível. Nela a implicatura de exaustividade é cancelada, já que o falante afirma que a propriedade de ‘A gostar de x’ é aplicada a pelo menos dois elementos: ‘esse livro’ e ‘aquele livro’.

Se o sintagma deslocado for retomado por um pronome, a resposta não é gramatical, como podemos observar no exemplo que segue:

(95) A: De que livro você gosta?

B: \*DESSSE LIVRO<sub>FC1</sub>, eu gosto dele<sub>1</sub>.

Outra construção que investigamos na seção anterior, em contextos de foco não contrastivo, é aquela que apresenta um elemento deslocado com omissão da preposição.

(96) A: De que livro você gosta?

B: \*Eu gosto ESSE LIVRO.

(97) A: De que livro você gosta?

B: ESSE LIVRO<sub>FC1</sub>, eu gosto t<sub>1</sub>.

Como podemos observar, a resposta sem deslocamento sem a presença da preposição é agramatical, enquanto o deslocamento sem preposição é aceito e indica contraste. Há uma implicatura de que a propriedade ‘eu gostar de x’ é aplicada ao elemento ‘esse livro’, mas não aos demais elementos disponíveis no contexto, que indica exaustividade.

Da mesma maneira que o exemplo de deslocamento de PP, o deslocamento sem preposição com retomada de pronome é agramatical.

(98) A: De que livro você gosta?

B: \*ESSE LIVRO<sub>FC1</sub>, eu gosto dele<sub>1</sub>.

Se o conjunto for delimitado pelo contexto, também é possível haver o deslocamento e o contraste é presente, tanto com deslocamento de PP, quanto com deslocamento do sintagma sem preposição, conforme podemos observar nos exemplos que seguem.

(99) A: De que livro você gosta, desse ou daquele?

B: DESSE LIVRO<sub>FC1</sub>, eu gosto t<sub>1</sub>.

(100) A: De que livro você gosta, desse ou daquele?

B: ESSE LIVRO<sub>FC1</sub>, eu gosto t<sub>1</sub>.

Para os exemplos acima, o valor de foco é delimitado em duas proposições, sendo que uma é afirmada e a outra é negada. O valor de foco para (99)B e (100)B é dado a seguir.

(101) [[(99)B / (100)B]]<sup>f</sup> = {Eu gosto desse livro, Eu gosto daquele livro}

No contexto também há exaustividade, visto que, do conjunto delimitado, a propriedade de ‘eu gostar de x’ é exclusiva para ‘esse livro’. Assim como para deslocamento de sujeito e de objeto, se o conjunto de elementos for delimitado pelo contexto, a exaustividade é mais difícil de ser cancelada.

(102) A: De que livro você gosta, desse ou daquele?

B: ?DESSE LIVRO<sub>FC1</sub>, eu gosto t<sub>1</sub>. E daquele eu gosto também.



(103) A: De que livro você gosta, desse ou daquele?

B: #ESSE LIVRO<sub>FC1</sub>, eu gosto  $t_1$ . E aquele eu gosto também.

Em (102)B, apesar de não ser tão natural, pode-se afirmar que a propriedade de ‘eu gostar de x’ é não exclusiva para ‘esse livro’. Já em (103)B, a continuidade do discurso em que a proposição ‘eu gosto daquele livro’ é afirmada é inadequada, o que nos leva a afirmar que a exaustividade não pode ser cancelada neste último caso.

O contraste, ainda, pode ser dado explicitamente na resposta, tanto com PP, (104)B, quanto com sintagma sem preposição, (105)B. Entretanto, a estrutura com retomada de pronome é inadequada para PP, (106)B, mas aceitável para DP sem preposição, (107)B, como podemos observar nos exemplos a seguir:

(104) A: De que livro você gosta?

B: DESSE LIVRO<sub>FC1</sub>, eu gosto  $t_1$ . Daquele não.

(105) A: De que livro você gosta?

B: ESSE LIVRO<sub>FC1</sub>, eu gosto  $t_1$ . Aquele não.

(106) A: De que livro você gosta?

B: \*DESSE LIVRO<sub>FC1</sub>, eu gosto dele<sub>1</sub>. Daquele não.

(107) A: De que livro você gosta?

B: ESSE LIVRO<sub>FC1</sub>, eu gosto dele<sub>1</sub>. Aquele não.

Por fim, observemos PPs deslocados para a periferia esquerda da sentença em contextos que apresentam relação de contraste por correção entre o elemento deslocado e outro indivíduo inserido no contexto.

(108) A: O João gosta do livro de sintaxe.

B: Ele gosta DO LIVRO DE SEMÂNTICA.

(109) A: O João gosta do livro de sintaxe.

B: DO LIVRO DE SEMÂNTICA<sub>FC1</sub>, ele gosta  $t_1$ .

Observando os dois diálogos, podemos afirmar que, apesar das duas asserções serem adequadas, a resposta com deslocamento é a mais natural. Isto porque, ao deslocar o sintagma, o falante destaca

o referente deste sintagma para indicar que esse está em uma relação de contraste por correção com o elemento inserido anteriormente, ‘o livro de sintaxe’. Com isso, afirma que a propriedade ‘O João gosta de x’ é aplicada ao ‘livro de semântica’ e não ao ‘livro de sintaxe’. Ainda, assim como nos outros contextos de correção apresentados até então, a inferência de exaustividade não pode ser cancelada.

(110) A: O João gosta do livro de sintaxe.

B: #Ele gosta DO LIVRO DE SEMÂNTICA. E do de sintaxe também.

(111) A: O João gosta do livro de sintaxe.

B: #DO LIVRO DE SEMÂNTICA<sub>FC1</sub>, ele gosta t<sub>1</sub>. E do de sintaxe também.

A seguir, apresentamos uma tabela resumo com as conclusões desta seção:

## 5. Conclusões

A partir dos dados investigados, concluímos que, em português brasileiro, sintagmas com função informacional de foco podem ser deslocados para a periferia esquerda da sentença. Também identificamos que, apesar de estar presente na maioria dos contextos, contraste não é noção obrigatória em sentenças com deslocamento de foco. Ainda, há contextos nos quais a sentença com deslocamento de foco não apresenta noção semântica de contraste. Mais especificamente, apenas sentenças com deslocamento de foco na posição de sujeito ou DP sem deslocamento da preposição podem apresentar contextos sem contraste. Na sentença com deslocamento de foco objeto, a noção de contraste é sempre presente, e, além disso, os dados investigados mostram que o deslocamento contribui para tal noção.

Ainda, a inferência de exaustividade ocorre em todas as sentenças com deslocamento de foco. Tal inferência também está presente nas sentenças canônicas que apresentam marcação de foco, seja este contrastivo ou não contrastivo. Entretanto, exaustividade é uma implicatura em alguns casos, principalmente naqueles nos quais os elementos do conjunto mais saliente não são dados explicitamente. Nesses casos, observamos que apresentam um menor nível de cancelamento se comparados aqueles de sentenças canônicas. Os contextos nos quais a inferência de exaustividade não pode ser cancelada são os que apresentam explicitamente os membros do conjunto ou quando o elemento deslocado estabelece uma relação de correção com outro elemento disponível no discurso.

Pudemos constatar, também, que a posição sintática original do sintagma deslocado influencia na aceitabilidade da sentença. DPs sujeito, quando retomados por pronome, são adequados para assumir tanto a função de foco contrastivo quanto a de foco não contrastivo. Entretanto, em uma estrutura na qual há uma lacuna em sua posição original, a sentença é adequada somente quando não

há relação de contraste entre o elemento deslocado e outro disponível no discurso. Com retomada de pronome, o DP objeto com função de foco é sempre agramatical. PP objeto deslocado sempre é vinculado a contraste, quando a estrutura da sentença apresenta uma lacuna no local de origem. PP deslocado, com retomada de pronome sempre é agramatical. Finalmente, sentença com DP sem preposição deslocado é adequada em todos os casos de deslocamento com lacuna: foco contrastivo e não contrastivo. Se a estrutura for com retomada de pronome, a sentença é agramatical se assumir a função de foco contrastivo.

Destacamos que a função discursiva do deslocamento de foco no PB é direcionar a atenção do ouvinte para um novo referente inserido no contexto, para posteriormente atribuir uma propriedade a esse novo referente. Ainda, nos contextos em que o contraste é presente, o deslocamento de foco reforça a relação de contraste entre as alternativas.

## REFERÊNCIAS

- BÜRING, Daniel. 1999. Topic. In: BOSCH, P. & VAN DER SANDT, R. (eds) *Focus – Linguistic, Cognitive, and Computation Perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 142-165.
- BÜRING, Daniel. 2003. On D-trees, beans, and B-accent. *Linguistics & Philosophy* 26 (5): 511-545.1
- CAGLIARI, L. Entoação do Português Brasileiro. *Estudos Linguísticos* 3. Araraquara: UNESP, 1980.
- CARLSON, L. *Dialogue Games: An approach to discourse analysis*. Dordrecht, Holland: D. Reidel Publishing Company, 1983.
- GRICE, H. Paul. 1975. Logic and conversation. In: COLE, P. & MORGAN, J. (eds.) *Syntax and Semantics*, vol. 3. New York: Academic Press, p. 41-58.
- HAMBLIN, Charles. 1973. Questions in Montague English. *Foundations of Language* 10: 41-53 (Reprinted in Partee. B. (ed.) (1976) *Montague Grammar*, Texas: University of Texas Press).
- ILARI, R. *A Perspectiva Funcional da Frase Portuguesa*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- KATO, M. Tópico e sujeito: duas categorias na sintaxe? In: *Cadernos de Estudos Linguísticos* (17). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1989.
- KATO, M. *Tópicos como alçamento de predicados secundários*, *Cadernos de Estudos Linguísticos* (34). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 67-76, 1998.

KISS, Katalin. 1998. Identificational Focus versus Information Focus. *Language*, v. 74 (2): 245-273.

LOPEZ, L. *A derivational syntax for information structure*. In: Oxford Studies in Theoretical Linguistics, 23. Oxford: Oxford University Press, 2009.

MENUZZI, S Algumas observações sobre Foco, Contraste e Exaustividade. *Revista Letras*, Curitiba, n. 86, p. 95-121, jul./dez. 2012.

MIOTO, C. Focalização e Quantificação. *Revista Letras*, Curitiba, n. 61: 169-189, 2003.

PIERREHUMBERT, J. & HIRSCHBERG J. 1990. The meaning of intonational contours in

ORSINI, M. & VASCO, S. Português do Brasil: língua de tópico e de sujeito. *Diadorim – Revista de estudos linguísticos e literários*. nº 2, 2007.

ORSINI, M.; DE PAULA, M. N. As construções de deslocamento à esquerda de sujeito nas falas culta e popular: um estudo de tendência. *Revista Investigações* - Vol. 24, nº 2, 2011.

PIERREHUMBERT, J. & HIRSCHBERG J. The meaning of intonational contours in the interpretation of discourse. In: Cohen, P.; Morgan, J. & Pollack M. (eds.) *Intentions in Communication*. Cambridge, MA: MIT Press, p. 271-311, 1990.

PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987

PRINCE, E. On the Limits of Syntax, with reference to Left-Dislocation and Topicalization. In P. W. Culicover; L. McNally (eds.) *Syntax and Semantics: The Limits of Syntax*. San Diego: Academic Press, 281 – 302, 1998.

REPP, S. Contrast: Dissecting an elusive information-structural notion and its role in grammar, In: FÉRY, Caroline; ISHIHARA, Shinichiro, *OUP Handbook of Information Structure*, 2014.

ROBERTS, C. 1996. Information Structure in Discourse: Towards an Integrated Formal Theory of Pragmatics. In: YOON, J. H. & KATHOL, A. (eds.) *OSU Working Papers in Linguistics 49: Papers in Semantics*, 91–136.

ROOTH, M. “Focus” In: S. Lappin, Ed. *Handbook of Contemporary Semantic Theory* London: Blackwell, pp. 271-298, 1995.

ROSA-SILVA, F. *Deslocamento de tópico e foco no português brasileiro: Uma análise semântico-pragmática*. Tese (Doutorado) – USP. 2017.

ROSA-SILVA, F. Cancelamento de exaustividade em sentenças focalizadas: um estudo experimental, *Revista Letras* v. 99, Número Temático - XII Workshop on Formal Linguistics (2019).

TEIXEIRA, M. E MENUZZI, S. Diferentes efeitos de exaustividade em clivadas: um estudo descritivo de casos. *Alfa*, São Paulo, 59 (1): 59-87, 2015

WARD, G.; PRINCE, E. On the topicalization of indefinite NPs. *Journal of Pragmatics* 16, 8, 167-78, 1991.

ZUBIZARRETA, Maria Luiza. *Prosody, Focus, and Word Order*. Cambridge, 1998.

**INFLUÊNCIA DE VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E EXTRALINGUÍSTICAS  
NA HABILIDADE DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA EM CRIANÇAS COM  
TRANSTORNO FONOLÓGICO**

***INFLUENCE OF LINGUISTIC AND EXTRALINGUISTIC VARIABLES ON THE  
PHONOLOGICAL AWARENESS ABILITY IN CHILDREN WITH PHONOLOGICAL  
DISORDER***

*Bárbara Luísa Simonetti*<sup>1</sup>

*Letícia Pacheco Ribas (UFCSPA)*<sup>2</sup>

**RESUMO**

O presente estudo tem como objetivo verificar a influência de variáveis linguísticas e extralinguísticas na habilidade de Consciência Fonológica em crianças com Transtorno Fonológico. A partir dos resultados de avaliações fonoaudiológicas que integram um banco de dados (CEP 995.344), fez-se a composição da amostra deste estudo. A amostra contou com dados linguísticos das avaliações de fala de todas as crianças que realizaram o teste de Consciência do Próprio Desvio de Fala e o teste de Consciência Fonológica a partir do Instrumento de Avaliação Sequencial – CONFIAS, bem como dados extralinguísticos como sexo, idade, escolaridade e hipótese de escrita. Para a análise destes dados foi utilizado o Teste Exato de Fisher e o Teste de *Mann-Whitney*, ambos oriundos do programa estatístico SPSS versão 16.0. Os resultados indicam que as variáveis linguísticas, como o desempenho no Teste de Consciência do Próprio Desvio de Fala, e as variáveis extralinguísticas analisadas no estudo não influenciam diretamente nas habilidades de Consciência Fonológica das crianças, mas que há influência da escolaridade para tal habilidade metalinguística e um forte impacto desta em

1 Integrante do Programa de Residência Multiprofissional Integrada em Saúde com ênfase em Onco-hematologia na Irmandade Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre em parceria com a Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA).

2 Professora Adjunto da Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre

relação ao nível fonêmico. Com o presente estudo pode-se concluir que crianças com Transtorno Fonológico se beneficiariam com atividades de conhecimento explícito acerca dos sons de sua língua, aprimorando, portanto, um dos aspectos do processamento fonológico, que é a consciência fonológica.

**Palavras-chave:** Transtorno Fonológico; Linguagem Infantil; Testes de Linguagem; Desenvolvimento da Linguagem; Percepção da Fala.

## ABSTRACT

The present study aims to verify the influence of linguistic and extralinguistic variables on the phonological awareness ability in children with phonological disorder. The sample composition of this study was made from the results of speech-language evaluations that integrate a database (REC 995.344). The sample included linguistic data from the speech assessments of all children who underwent the Self-Awareness of Speech Disorder test and the Phonological Awareness test from the Sequential Evaluation Instrument - CONFIAS, as well as extralinguistic data such as gender, age, schooling and writing hypothesis. For the analysis of this data we used Fisher's Exact Test and the Mann-Whitney Test, both from the SPSS version 16.0 statistical program. The results indicate that the linguistic variables, such as the performance on the Self-Awareness of Speech Disorder test, and the extralinguistic variables analyzed in the study do not directly influence the phonological awareness abilities of the children, but that there is an influence of schooling for this metalinguistic ability and with it a strong impact on the phonemic level. With the present study it can be concluded that children with phonological disorder would benefit from activities on explicit knowledge about the sounds from their language, thus improving one of the aspects of phonological processing, which is phonological awareness.

**Keywords:** Speech Sound Disorder; Child Language; Language Tests; Language Development; Speech Perception.

## 1. Introdução

A aquisição fonológica típica corresponde ao processo gradual do domínio do sistema fonológico, que ocorre espontaneamente com a maioria das crianças, e caracteriza-se pela compreensão da organização e do funcionamento dos fonemas da língua-alvo, assim como pela produção adequada dos sons. A aquisição deste nível linguístico deve estar concluída, aproximadamente, aos cinco anos de idade (BACKES *et al.*, 2013, p. 67; SCOPEL; SOUZA; LEMOS, 2012, p. 732).

Por sua vez, há crianças que, durante o processo de aquisição fonológica, apresentam alterações de fala e uma produção distinta se comparada a outras crianças da mesma faixa etária, sem uma

etiologia orgânica aparente. Tais alterações linguísticas podem ser chamadas de Desvio ou Transtorno Fonológico e estão relacionadas a problemas organizacionais do sistema fonológico (BERTICELLI; MOTA, 2013, p. 572; MELO *et al.*, 2012, p. 304; WERTZNER *et al.*, 2012, p. 189).

Com um sistema fonológico de produção distinto do *input* recebido, ou seja, diferente do modelo adulto da comunidade linguística em que a criança está inserida, crianças com Transtorno Fonológico parecem ter acesso a representações fonológicas normais, sendo capazes de refletir sobre os sons da fonologia ou do sistema, por meio de uma habilidade cognitiva conhecida como Consciência Fonológica (RIBAS *et al.*, 2013, p. 374). Tal habilidade pressupõe a capacidade que as crianças têm em identificar que a fala é constituída por unidades menores (frases, palavras, sílabas e fonemas) que podem ser manipuladas conscientemente, a fim de formar novas palavras com os mais diversos sentidos (VIEIRA, 2014, p. 658).

A Consciência Fonológica pode ser classificada em três níveis distintos de habilidades, levando em consideração as diferentes maneiras pelas quais as palavras e sílabas podem ser divididas em unidades sonoras menores e a complexidade do sistema fonológico. Os três níveis são: consciência de rima e aliteração ou suprasegmentares – identificação de palavras que iniciam ou terminam com o mesmo grupo de som; consciência silábica – reconhecimento das sílabas das palavras; consciência fonêmica – manipulação dos fonemas constituintes das palavras (ROSAL; CORDEIRO; QUEIROGA, 2013, p. 838).

Sabendo que crianças com aquisição fonológica atípica são capazes de manipular conscientemente as organizações linguísticas, com habilidade metalinguística para tal, pode-se pressupor que as mesmas conseguem reconhecer seus próprios desvios de fala, ou seja, apesar de suas expressões linguísticas caracterizarem-se por omissões e substituições de fonemas, devido a dificuldade na organização mental dos sons, algumas crianças conseguem ouvir e julgar os desvios presentes nas suas produções, portanto, têm consciência do próprio desvio de fala. Isso indica que, possivelmente, crianças com Transtorno Fonológico refletem e julgam suas produções, baseando-se no *input* de produção correta que recebem do seu meio e não especificamente de suas produções linguísticas (MENEZES, 1999, p. 88). No entanto, torna-se necessário, para tal habilidade, uma maturação e integridade do sistema auditivo, visto que este sistema é fundamental tanto para a percepção e compreensão da fala, quanto para a aquisição fonológica (DIAS, 2012, p. 1243).

Além das variáveis linguísticas citadas anteriormente, como a habilidade de Consciência Fonológica e de consciência do próprio desvio de fala, há uma importante influência das variáveis extralinguísticas na aquisição fonológica dos sujeitos diagnosticados com Transtorno Fonológico. Cabe ressaltar aqui quatro das variáveis mais analisadas em pesquisas com esta população alvo, a constar:



idade, sexo, escolaridade e hipótese de escrita. A idade é um fator determinante tanto para as crianças com aquisição típica do sistema fonológico, quanto para as crianças com Transtorno Fonológico, visto que, à medida em que a criança vai ficando mais velha, começa a utilizar mecanismos diferenciados frente às suas dificuldades linguísticas, passando a incorporar, aos poucos, os elementos do sistema fonológico nas suas produções de fala (RIBAS; SANT'ANNA; SILVA, 2015, p. 301). No que se refere à variável sexo, é frequente observar a disparidade entre o número de crianças do sexo masculino e o do feminino com distúrbios da comunicação humana, já que há mais meninos entre as crianças com distúrbios de linguagem do que meninas. Assim como as variáveis idade e sexo, há outras variáveis que devem ser levadas em consideração, especialmente quando se pretende analisar a habilidade de Consciência Fonológica em crianças com Transtorno Fonológico. Tais variáveis são a escolaridade e a hipótese de escrita, pois já há estudo (NOVAES; MISHIMA; SANTOS, 2013, p. 196) afirmando que a Consciência Fonológica influencia e é fortemente influenciada pelo grau de instrução formal que a criança apresenta, visto que uma aquisição fonológica desviante pode interferir na capacidade metafonológica dos indivíduos e, conseqüentemente, na aquisição da leitura e da escrita.

A escrita inicial das crianças pode ser caracterizada por quatro hipóteses gerais (MOOJEN *et al.*, 2003, p. 16). Na hipótese de escrita pré-silábica, a criança faz uso de números, letras e/ou pseudo-letras, sem quantidade e valor sonoro. Em suas escritas, pode-se observar a representação de características físicas dos objetos e a utilização de formas fixas de escrita, como, por exemplo, as letras do próprio nome. Na hipótese silábica, a escrita representa partes sonoras da fala, tornando-se necessário atribuir uma única letra para cada sílaba, sendo esta com ou sem valor sonoro. Já na hipótese de escrita silábico-alfabética, observa-se a passagem da hipótese de escrita silábica para a alfabética, em que a criança descobre a necessidade de fazer uma análise que vá além da sílaba, com manifestações alternantes de valor silábico e fonético para as diferentes letras. Na hipótese de escrita alfabética, a criança começa a realizar uma análise sonora dos fonemas, pois compreende que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba. No entanto, suas produções escritas não atendem à norma ortográfica.

Considerando os apontamentos descritos anteriormente, acredita-se que crianças com rebaixamento de Consciência Fonológica podem ter maior dificuldade para reconhecer seus próprios desvios de fala, o que pode contribuir para a não-aquisição e/ou a não-organização de elementos do sistema fonológico. Sendo assim, o presente estudo, tem como objetivo verificar o impacto de variáveis linguísticas e extralinguísticas na habilidade de Consciência Fonológica em crianças com Transtorno Fonológico.

## 2. Material e método

Este estudo caracteriza-se por ser do tipo transversal, de análise quantitativa e descritiva de achados secundários oriundos de um banco de dados, aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa (CEP 995.344). O referido banco de dados é constituído de informações detalhadas a respeito de avaliações fonoaudiológicas de 130 crianças com diagnóstico de Transtorno Fonológico, falantes monolíngues do Português Brasileiro (PB), procedentes de uma escola pública, na faixa etária de 5 a 10 anos, de ambos os sexos. Todos os responsáveis pelas crianças assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Em relação à metodologia utilizada para composição do banco de dados, será descrito a seguir como cada avaliação foi realizada. Com base em tais resultados, extraiu-se a amostra deste estudo. As avaliações foram realizadas sem dependência entre um e outro instrumento, por examinadores treinados para aplicá-los, em um período breve para que todos os resultados refletissem um panorama atual da criança em relação à Consciência Fonológica, sua fonologia e as demais variáveis em estudo.

A análise do sistema fonológico das crianças foi feita pela Avaliação Fonológica da Criança (AFC) (YAVAS; HERNANDORENA; LAMPRECHT, 1991, p. 14), que é um instrumento composto por cinco desenhos temáticos (banheiro, cozinha, sala, veículos e zoológico) e que permitem a produção, por meio de nomeação e fala espontânea, de 97 palavras básicas preconizadas pelo instrumento e 28 opcionais, totalizando 125 palavras. Com a transcrição fonética da fala produzida durante a avaliação foi realizada a análise contrastiva.

Outro dado analisado foi o da avaliação da Consciência do Próprio Desvio de Fala (CPDF) (MENEZES, 1999, p. 56), que tem como objetivo fazer com que a criança ouça e julgue os erros existentes em sua própria fala. Analisando os dados referentes ao teste de CPDF, constatou-se que, foram selecionadas e apresentadas aleatoriamente, uma única vez, em um segundo momento, gravações de 14 palavras-alvos, diferente do teste original (MENEZES, 1999, p. 57) que preconiza o julgamento, em dois momentos, de gravações de dez palavras-alvos produzidas pela criança, no momento da coleta de fala na avaliação fonológica, considerando o inventário fonético/fonológico de cada criança e a representatividade das alterações da fala da mesma, na qual são identificados os processos fonológicos existentes. Para cada criança pesquisada foram apresentadas as gravações de tais palavras, as quais deveriam ser julgadas como produzidas de maneira adequada ou inadequada. Essas gravações foram apresentadas isoladamente para que a criança não percebesse que se tratava de palavras produzidas por elas mesmas. A pontuação máxima possível de ser alcançada era de 14

pontos, pois para cada julgamento correto foi atribuído um ponto e, para os julgamentos incorretos, zero ponto. Foram consideradas como tendo consciência do próprio desvio de fala as crianças que produziram corretamente a palavra e que julgaram como uma produção correta, bem como as crianças que produziram de maneira errada e julgaram como uma fala inadequada. Em contrapartida, as crianças classificadas por não apresentarem consciência do próprio desvio foram aquelas que produziram corretamente as palavras, mas julgaram como produção errada, bem como aquelas que produziram errado e julgaram que a fala estava correta.

Na análise dos dados, foi estipulado para este estudo, assim como em um outro estudo (DIAS *et al.*, 2012, p. 1244), que porcentagens abaixo de 60% de acertos eram consideradas indicativas de que a criança não teria estabelecida a consciência do próprio desvio de fala. Já resultados iguais ou maiores que 60% de acertos nos julgamentos indicariam o estabelecimento da consciência do próprio desvio de fala. Adotou-se a porcentagem de 60% com base na média do valor máximo (100%) que poderia ser atingido pelos sujeitos.

Foram também analisados os resultados da Consciência Fonológica Instrumento de Avaliação Sequencial – CONFIAS (MOOJEN *et al.*, 2003, p. 21), constituído por um conjunto de nove tarefas no nível de sílaba e um conjunto de sete tarefas no nível do fonema. As tarefas do nível de sílaba constituem-se em: síntese (S1); segmentação (S2); identificação de sílaba inicial (S3); identificação de rima (S4); produção de palavra com a sílaba dada (S5); identificação de sílaba medial (S6); produção de rima (S7); exclusão (S8); transposição (S9). As tarefas do nível do fonema são as seguintes: produção de palavra que inicia com o som dado (F1); identificação de fonema inicial (F2); identificação de fonema final (F3); exclusão (F4); síntese (F5); segmentação (F6); transposição (F7). Cada resposta correta da criança equivale a um ponto, totalizando 70 pontos o número total de acertos possíveis (tarefas silábicas = 40 pontos e tarefas fonêmicas = 30 pontos).

Para fins de avaliação do desempenho dos sujeitos testados, é coletada uma amostra simples de escrita, constituída pela grafia do próprio nome, pela escrita das palavras “castelo” e “esqueleto” e pela frase “o fantasma abriu a porta”. As amostras de escrita são analisadas e classificadas de acordo com as hipóteses de escrita propostas por Ferreiro e Teberosky (MOOJEN *et al.*, 2003, p. 23-24), cuja classificação utilizada é descrita a seguir. Hipótese pré-silábica - etapa em que a criança não realiza a correspondência entre a fala e a escrita; hipótese silábica – em seus registros escritos atribui uma letra a cada sílaba da palavra em questão; hipótese silábico-alfabética – quando a criança descobre a necessidade de fazer uma análise que vá além da sílaba; hipótese alfabética - a criança dá início a uma escrita mais regular e regida pelos princípios alfabéticos.

O instrumento CONFIAS possibilita uma análise quantitativa do desempenho dos sujeitos, pois determina a média e o desvio padrão para cada hipótese de escrita, levando em consideração o nível do teste (sílabas, fonemas e sílabas+fonemas) (Quadro 1).

**Quadro 1 – Escores do teste CONFIAS**

Hipótese de escrita \ Nível do teste	Sílabas		Fonemas		Total	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP
Pré-silábica	23,52	5,51	8,28	2,21	31,8	6,52
Silábica	27,56	4,55	9,28	3,21	36,84	6,48
Silábico-alfabética	31,8	4,58	15,2	3,25	47	5,66
Alfabética	35,8	4,41	20,6	5,32	56,4	8,96

Legenda : DP : Desvio padrão

Fonte: Moojen et al. (2003)

Além disso, fornece o número mínimo e máximo de acertos esperados em cada hipótese de escrita, tanto no nível da sílaba como no nível do fonema (Quadro 2).

**Quadro 2 - Números de acertos esperados no CONFIAS**

Hipótese de escrita \ Nível do teste	Mínimo		Máximo	
	Sílaba	Fonema	Sílaba	Fonema
Pré-silábica	18	6	29	10
Silábica	23	6	32	12
Silábico-alfabética	27	12	36	18
Alfabética	31	15	40	26

Fonte: Moojen et al. (2003)

A amostra do presente estudo contou com dados linguísticos das avaliações fonológicas de todas as crianças que realizaram o teste de CPDF e o teste de Consciência Fonológica a partir do Instrumento de Avaliação Sequencial – CONFIAS, bem como extralinguísticos como sexo, idade, escolaridade e hipótese de escrita. Com base nestes critérios, foram selecionados os achados de 42 sujeitos, com idades entre 5 e 9 anos, visto que do total de dados do Banco em relação aos 130 sujeitos, apenas 10 meninas e 32 meninos foram submetidos ao teste de CPDF. Das 42 crianças, 14 estavam na educação infantil, 13 no 1º ano do ensino fundamental, dez no 2º ano do ensino fundamental, dois no 3º ano do ensino fundamental e três no 4º ano do ensino fundamental.

Todos os dados extraídos do banco foram analisados estatisticamente a partir da associação entre os resultados encontrados no desempenho da avaliação da Consciência Fonológica e cada uma das demais variáveis. Para a realização da análise quantitativa desses dados foi utilizado, nas variáveis sexo e CPDF, o Teste Exato de Fisher para calcular a probabilidade de associação das características que estão em análise, ou seja, a probabilidade de tais características serem independentes, pois o número total de dados é pequeno; e para as demais variáveis como escolaridade, idade, hipótese de escrita, nível de fonema e nível de sílaba foi utilizado o Teste de *Mann-Whitney*, visto que, nestes casos, é possível classificar as variáveis numa escala ordinal, ambos oriundos do programa estatístico SPSS versão 16.0. Foi considerado, no estudo, o valor crítico de  $p$  menor ou igual a 0,05, ou seja, com margem de segurança de 5% de chances de erro e 95% de chances de estar certo.

### 3. Resultados

Em relação aos dados dos 42 sujeitos que fizeram parte da amostra do presente estudo, 35 (83,3%) apresentaram habilidades de Consciência Fonológica adequadas e sete (16,7%) rebaixadas. Os achados referentes às variáveis extralinguísticas das crianças, como sexo, idade, escolaridade e hipótese de escrita, foram reunidas (Tabela 1) a fim de formar um perfil do público alvo.

**Tabela 1:** Variáveis extralinguísticas x Consciência Fonológica

Variáveis extralinguísticas	Consciência Fonológica adequada		Consciência Fonológica rebaixada		Total
	Quantidade	Percentual	Quantidade	Percentual	
<b>SEXO</b>					
<b>Feminino</b>	8	80,0%	2	20,0%	10
<b>Masculino</b>	27	84,4%	5	15,6%	32
<b>ESCOLARIDADE</b>					
<b>Educação Infantil</b>	10	71,4%	4	28,6%	14
<b>1º ano</b>	10	76,9%	3	23,1%	13
<b>2º ano</b>	10	100,0%	0	0,0%	10
<b>3º ano</b>	2	100,0%	0	0,0%	2
<b>4º ano</b>	3	100,0%	0	0,0%	3
<b>IDADE</b>					
<b>5 anos</b>	8	88,9%	1	11,1%	9
<b>6 anos</b>	16	80,0%	4	20,0%	20
<b>7 anos</b>	6	75,0%	2	25,0%	8
<b>8 anos</b>	4	100,0%	0	0,0%	4
<b>9 anos</b>	1	100,0%	0	0,0%	1
<b>HIPÓTESE DE ESCRITA</b>					
<b>Pré-silábica</b>	25	80,6%	6	19,4%	31
<b>Silábica</b>	5	83,3%	1	16,7%	6
<b>Silábico-alfabética</b>	2	100,0%	0	0,0%	2
<b>Alfabética</b>	3	100,0%	0	0,0%	3

Fonte: elaboração própria

Analisando a variável sexo ( $p=0,539$ ) por meio do Teste Exato de Fisher, no programa estatístico SPSS versão 16.0, e as demais variáveis (idade, escolaridade e hipótese de escrita), com o Teste de Mann-Whitney (Tabela 2), foi constatado que todas as variáveis extralinguísticas não são estatisticamente significativas para a habilidade de Consciência Fonológica. Entretanto, a variável escolaridade apresentou um  $p=0,053$ , mostrando ser favorável para a Consciência Fonológica adequada, mesmo não sendo significativo se for considerado o  $p$  valor igual ou menor que 0,05.

**Tabela 2:** Resultados do teste estatístico de Mann-Whitney

	Escolaridade	Idade	Hipótese de Escrita	Nível fonema	Nível sílaba
Mann-Whitney U	65,000	122,000	102,500	11,000	82,500
Wilcoxon W	93,000	150,000	130,500	39,000	110,500
Z	-2,023	-,018	-,875	-4,198	-2,651
Asymp. Sig. (2-tailed)	,043	,986	,381	,000	,008
Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	<b>,053<sup>b</sup></b>	1,000 <sup>b</sup>	,508 <sup>b</sup>	<b>,000<sup>b</sup></b>	,181 <sup>b</sup>

Fonte: elaboração própria

Quando analisados os dados da variável linguística relacionada ao desempenho na avaliação da Consciência Fonológica - nível de fonema e nível de sílaba (Tabela 3), com o Teste de Mann-Whitney (Tabela 2), foi constatado que a única variável estatisticamente significativa para a habilidade metafonológica adequada é apresentar um bom desempenho no nível do fonema, no Instrumento de Avaliação Sequencial - CONFIAS ( $p=0,00$ ). Tal achado diverge dos resultados relativos ao desempenho no teste de CPDF (Tabela 4), que demonstraram não serem significativos para a habilidade de Consciência Fonológica, utilizando o Teste Exato de Fisher, do programa estatístico SPSS versão 16.0 ( $p=0,081$ ).

**Tabela 3:** CONFIAS (nível do fonema e nível da sílaba) x Consciência Fonológica

CONFIAS	Consciência Fonológica adequada		Consciência Fonológica rebaixada		Total
	Quantidade	Percentual	Quantidade	Percentual	
<b>FONEMA</b>					
<b>Rebaixado</b>	0	0,0 %	6	100,0%	6
<b>Adequado</b>	22	95,7%	1	4,3%	23
<b>Superior</b>	13	100,0%	0	0,0%	13
<b>SÍLABA</b>					
<b>Rebaixado</b>	0	0,0%	2	100,0%	2
<b>Adequado</b>	33	86,8%	5	13,2%	38
<b>Superior</b>	2	100,0%	0	0,0%	2

Fonte: elaboração própria

**Tabela 4:** Consciência do Próprio Desvio de Fala x Consciência Fonológica

Consciência do próprio desvio	Consciência Fonológica adequada		Consciência Fonológica rebaixada		Total
	Quantidade	Percentual	Quantidade	Percentual	
	Consciência do desvio	23	92,0%	2	
Não consciência do desvio	12	70,6%	5	29,4%	17

Fonte: elaboração própria

#### 4. Discussão

Sabe-se que, para indivíduos com aquisição de linguagem típica, a habilidade de Consciência Fonológica é fortemente influenciada por variáveis linguísticas e extralinguísticas. O que muitos estudos desconhecem, e que este estudo pretende abordar, é que estas mesmas variáveis podem influenciar indivíduos com aquisição de linguagem atípica, ou seja, com Transtorno Fonológico.

Existem, atualmente, inúmeros estudos sobre Consciência Fonológica, porém poucos detiveram-se a analisar se há ou não relações entre as habilidades em Consciência Fonológica e o sexo dos sujeitos participantes do estudo, em crianças com Transtorno Fonológico. Há um estudo (FREITAS; CARDOSO; SIQUARA, 2012, p. 41) com crianças de 4 a 8 anos, sem alterações de linguagem, que revela uma tendência mais acentuada das meninas, pois apresentaram melhor desempenho nas habilidades em Consciência Fonológica, quando comparadas ao desempenho dos meninos. Os dados estatisticamente significativos de outro estudo (ANDREAZZA-BALESTRIN *et al.*, 2012, p. 671) apontam que as meninas, sem alterações de linguagem, apresentam melhor desempenho em tarefas de consciência de rimas, consciência silábica e consciência fonêmica. Em contrapartida, os meninos apresentam maior facilidade nas tarefas de consciência de palavras. Esses achados não são convergentes aos encontrados no presente e em outros estudos sobre o assunto, com crianças diagnosticadas com (RIBAS *et al.*, 2013, p. 379) e sem (ROSAL; CORDEIRO; QUEIROGA, 2013, p. 843) Transtorno Fonológico, pois os mesmos revelam que o sexo não é estatisticamente significativo para a Consciência Fonológica adequada, já que tanto amostras com dados de meninas quanto de meninos apresentaram um número significativo de crianças com bom desempenho metalinguístico, mesmo com a discrepância acentuada entre o número de sujeitos do sexo masculino quando comparados ao feminino. O mesmo fenômeno – de discrepância entre meninos e meninas – pode ser observado nos serviços de fonoaudiologia, visto que há uma população maior de meninos encaminhados para atendimento com queixas de distúrbios da comunicação humana.

Em relação à faixa etária, os dados analisados vão ao encontro dos achados de um outro estudo



(RIBAS *et al.*, 2013, p. 379), que evidenciou não haver diferença significativa entre as idades e os resultados do CONFIAS. Ficou comprovado que a idade da criança por si só não influencia na habilidade de Consciência Fonológica.

Observou-se neste estudo a influência e a correlação entre a Consciência Fonológica e os níveis de alfabetização. Apesar de não ter sido estatisticamente significativo, se considerado o p valor igual ou menor que 0,05, é possível perceber que quanto mais avançado for o nível de escolaridade da criança, melhor será seu desempenho na habilidade de Consciência Fonológica e vice-versa. Há estudos (ANDREAZZA-BALESTRIN *et al.*, 2012, p. 673; FREITAS; CARDOSO; SIQUARA, 2012, p. 41; RIBAS *et al.*, 2013, p. 380) que afirmam que a habilidade de Consciência Fonológica é um facilitador para o processo de alfabetização, pois aprimora as capacidades metafonológicas para tal. Outro estudo (NOVAES, MISHIMA, SANTOS, 2013, p. 190), no entanto, afirma que há uma relação de reciprocidade entre elas, visto que alguns níveis de Consciência Fonológica antecedem a aprendizagem da linguagem escrita, enquanto outros são resultados dessa mesma aprendizagem. Pode-se, assim, concluir que a medida em que a alfabetização vai se aprimorando, a Consciência Fonológica também se qualifica, auxiliando a criança no aperfeiçoamento de suas funções cognitivas.

Da mesma forma que a criança avança nos anos escolares, espera-se que ela também evolua no processo de construção da escrita e, com isso, comece a apresentar níveis mais avançados de Consciência Fonológica (CARDOSO; SILVA; PEREIRA, 2013, p. 114; SOARES; JACINTO; CÁRNIO, 2012, p. 449; TENÓRIO; ÁVILA, 2012, p. 35), porém isso nem sempre acontece. Como é possível observar nos dados do presente estudo, a maioria dos participantes, mesmo em anos escolares mais avançados, ainda estão nas etapas iniciais da hipótese de escrita (pré-silábica e silábica), ou seja, pouco avançaram na relação entre o fonema e o grafema. O fato de as crianças deste estudo apresentarem Transtorno Fonológico poderia justificar o pouco avanço nos níveis de escrita e, conseqüentemente, na habilidade de Consciência Fonológica. Este achado sugere que, para crianças com Transtorno Fonológico, mais relevante do que a própria hipótese de escrita, é o tempo de exposição ao ensino formal, visto que este tem o papel importante na estimulação das habilidades de Consciência Fonológica, envolvendo habilidades de rima, aliteração e consciência silábica principalmente. Entretanto, há um estudo (CARDOSO; SILVA; PEREIRA, 2013, p. 114) que revela que crianças que estão na hipótese de escrita alfabética já possuem a Consciência Fonológica dos sons e, com isso, seu desempenho em avaliações como o CONFIAS e em avaliações de escrita podem se destacar em relação a outras crianças que estão ainda em processo de construção do conhecimento. Isso indica que existe uma relação mútua entre o nível de escrita que a criança apresenta e seu desempenho no teste de Consciência Fonológica. Porém, os achados encontrados no presente e em outro estudo

(SOARES; JACINTO; CÁRNIO; 2012, p. 448) revelam não haver uma significância estatística entre o nível de escrita e a habilidade de Consciência Fonológica.

Como é possível observar, crianças com Transtorno Fonológico são capazes de refletir sobre os sons de sua língua e de responder adequadamente a testes de Consciência Fonológica, como o CONFIAS. Apesar da dificuldade linguística aparente, muitas crianças apresentam desempenho satisfatório no nível considerado mais difícil, que é o nível do fonema, nível este que, necessita de instruções expressas sobre a estrutura da escrita alfabética e que, de acordo com este estudo, é estatisticamente significativo para a habilidade de Consciência Fonológica. Já o nível da sílaba, considerado um nível que demanda conhecimento mais básico da habilidade metalinguística, visto que sílabas isoladas são manifestadas como unidades discretas da fala que se desenvolvem espontaneamente, demonstrou não ser estatisticamente significativo para a habilidade de Consciência Fonológica em crianças com Transtorno Fonológico. Há estudos (DIAS; MEZZOMO, 2016, p. 24; MEZZOMO *et al.*, 2014, p. 332) que evidenciam que a habilidade em Consciência Fonológica pode ser um fator favorecedor na terapia para o Transtorno Fonológico, pois auxilia no aperfeiçoamento das habilidades metalinguísticas e na mudança do sistema fonológico desviante da criança. O trabalho na clínica fonoaudiológica, portanto, deve priorizar atividades de consciência fonêmica, pois essas parecem ser mais eficazes do que atividades de consciência silábica para crianças com Transtorno Fonológico.

A análise estatística realizada neste estudo com a variável CPDF sugere que um bom desempenho neste teste, ou seja, a capacidade de reconhecer os desvios de sua fala, não tem relação com a habilidade de Consciência Fonológica, já que as crianças apresentaram resultados assimétricos. Nem todas que demonstraram bom desempenho em Consciência Fonológica tiveram resultados adequados no teste de CPDF. Cabe ressaltar que a habilidade de consciência do próprio desvio de fala e a de Consciência Fonológica são consideradas habilidades metalinguísticas para alguns pesquisadores (DIAS *et al.*, 2012, p. 1245). Todavia, a habilidade de consciência do próprio desvio de fala depende de representações de detalhes acústico-articulatórios das palavras, podendo sofrer influência de inflamações de orelha média ou externa, comuns na infância, como é o caso das otites, enquanto que a de Consciência Fonológica requer representações das mesmas no léxico, podendo ser facilmente influenciada pelo Processamento Auditivo Central. Assim como encontrado no presente estudo, crianças com Transtorno Fonológico podem apresentar habilidade Consciência Fonológica adequada e isso não garante que as mesmas reconhecerão seu próprio desvio de fala.

## 5. Conclusões

Os resultados encontrados no presente estudo demonstram que, das variáveis extralinguísticas como idade, sexo, escolaridade e hipótese de escrita, bem como das variáveis linguísticas como o desempenho no teste de CPDF e no teste do CONFIAS, o importante para crianças com Transtorno Fonológico desenvolverem uma habilidade de Consciência Fonológica adequada parece ser os anos de instrução formal. Com estes resultados, pode-se inferir que há uma estreita relação entre o desempenho nas habilidades de Consciência Fonológica e o nível de escolaridade das crianças com Transtorno Fonológico, ou seja, quanto mais avançado for o nível de escolaridade das crianças, melhor serão suas habilidades metalinguísticas. Além disso, percebe-se que quanto mais conhecimento e reflexão a criança tiver acerca dos sons de sua língua, melhor será seu desempenho nas tarefas que avaliam sua habilidade de Consciência Fonológica, principalmente no nível do fonema.

O conhecimento dos achados deste estudo pode contribuir para o processo de terapia fonoaudiológica, visto que o trabalho com atividades de consciência fonêmica com crianças com Transtorno Fonológico seria muito mais eficaz do que atividades de consciência silábica. Além de tal perspectiva, os achados também corroboram com resultados semelhantes e a relação destes com a contribuição para a alfabetização. Considerando a importância deste conhecimento para o processo de aprendizagem, sugere-se que as metodologias de ensino da língua escrita fortaleçam o conhecimento metalinguístico a respeito dos sons que compõem a fala, pois a retroalimentação entre habilidades de Consciência Fonológica e de escrita parecem levar a um melhor desempenho das crianças em tal processo.

Novas pesquisas, com um número maior de sujeitos, devem ser realizadas com o intuito de investigar mais detalhadamente as relações entre a habilidade de Consciência Fonológica e demais variáveis linguísticas e extralinguísticas. Todavia, pode-se concluir que, mais do que a idade, sexo e consciência do próprio desvio de fala, o importante para desenvolver uma boa habilidade de Consciência Fonológica são os anos de instrução formal, com metodologia de ensino de leitura e escrita que potencializa a capacidade metafonológica, por meio da reflexão sobre os sons e o ensino sistemático da relação fonema-grafema, visando a plena alfabetização.

## REFERÊNCIAS

ANDREAZZA-BALESTRIN, Carla et al. Habilidades em consciência fonológica: diferenças no desempenho de meninos e meninas. *Revista CEFAC*, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 669-676, jul./ago. 2012.

BACKES, Fabieli T. et al. A influência da gravidade do desvio fonológico na determinação da alta fonoaudiológica. *Distúrbios Comunicação*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 65-72, abr 2013.

BERTICELLI, Aline; MOTA, Helena Bolli. Ocorrência das estratégias de reparo para os fonemas plosivos, considerando o grau do desvio fonológico. *Revista CEFAC*, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 572-578, mai./jun. 2013.

CARDOSO, Andreia Martins de Souza; SILVA, Mônica Marins da; PEREIRA, Mônica Medeiros de Britto. Consciência fonológica e a memória de trabalho de crianças com e sem dificuldades na alfabetização. *CoDAS*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 110-114, 2013.

DIAS, Roberta Freitas *et al.* Consciência do próprio desvio de fala e processamento auditivo no desvio fonológico. *Revista CEFAC*, São Paulo, v.14, n. 6, p. 1242-1248, out./dez. 2012.

DIAS, Roberta Freitas; MEZZOMO, Carolina Lisboa. Terapia fonoaudiológica para os desvios fonológicos com base na estimulação de habilidades em consciência fonológica. *Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 14-26, mar. 2016.

FREITAS, Patrícia Martins de; CARDOSO, Thiago da Silva Gusmão; SIQUARA, Gustavo Marcelino. Desenvolvimento da consciência fonológica em crianças de 4 a 8 anos de idade: avaliação de habilidades de rima. *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 29, n. 88, p. 38-45, 2012.

MELO, Roberta Michelon *et al.* Parâmetros acústicos do contraste de sonoridade das plosivas no desenvolvimento fonológico típico e no desviante. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 304-312, 2012.

MENEZES, Gabriela Ribeiro Castro. *A Consciência Fonológica na relação fala-escrita em crianças com Desvios Fonológicos Evolutivos*. 1999. 150f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 24 ago. 1999.

MEZZOMO, Carolina Lisbôa *et al.* A influência das habilidades em Consciência Fonológica na terapia para os desvios fonológicos. *Revista CEFAC*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 328-335, jan./fev. 2014.

MOOJEN, Sônia *et al.* *Consciência Fonológica: Instrumento de Avaliação Sequencial*. 2ª Ed., São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

NOVAES, Carolina Bernardi de; MISHIMA, Fabíola; SANTOS, Patrícia Leila dos. Treinamento breve de Consciência Fonológica: impacto sobre a alfabetização, *Revista. Psicopedagogia*, São Paulo, v. 30, n. 93, p. 189-200, 2013.

RIBAS, Letícia Pacheco *et al.* Consciência fonológica em crianças com desvio fonológico. *Domínios de Lingu@gem*, Uberlândia, v. 7, n. 2, p. 373-382, jul./dez. 2013.

\_\_\_\_\_ ; SANT'ANNA, Bruna Santos; SILVA, Kariny Zencke da. Variáveis facilitadoras na produção de palavras: dados de fala de crianças com Transtorno Fonológico. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 9, n. 5, p. 288-308, dez. 2015.

ROSAL, Angélica Galindo Carneiro; CORDEIRO, Ana Augusta de Andrade; QUEIROGA, Bianca Arruda Manchester. Consciência fonológica e o desenvolvimento do sistema fonológico em crianças de escolas públicas e particulares. *Revista CEFAC*, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 837-846, jul./ago. 2013.

SCOPEL, Ramilla Recla; SOUZA, Valquíria Conceição; LEMOS, Stela Maris Aguiar. A influência do ambiente familiar e escolar na aquisição e no desenvolvimento da linguagem: revisão de literatura. *Revista CEFAC*, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 732-741, jul./ago. 2012.

SOARES, Aparecido José Couto; JACINTO, Laís Alves; CARNIO, Maria Silvia. Memória operacional fonológica e consciência fonológica em escolares ao final do ciclo I do ensino fundamental. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, v. 17, n. 4, p. 447-453, dez. 2012.

TENORIO, Sabrina Maria Pimentel da Cunha Pinto; ÁVILA, Clara Regina Brandão de. Processamento fonológico e desempenho escolar nas séries iniciais do ensino fundamental. *Revista CEFAC*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 30-38, jan./fev. 2012.

VIEIRA, Michele Gindri. Memória de trabalho e consciência fonológica no desvio fonológico. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 652-677, jul./dez. 2014.

WERTZNER, Haydée Fiszbein *et al.*. Medidas fonológicas em crianças com transtorno fonológico. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 189-195, abr./jun. 2012.

YAVAS, Mehmet; HERNANDORENA, Carmen L. Matzenauer; LAMPRECHT, Regina Ritter. *Avaliação fonológica da criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

## OS ENCAPSULADORES E SEU PAPEL NA TESSITURA TEXTUAL/DISCURSIVA

### *THE ANAPHORA ENCAPSULATION AND THEIR ROLE IN MEANING CONSTRUCTION*

*Margareth Andrade Morais<sup>1</sup>*

#### RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir o uso textual discursivo de anáforas encapsuladoras, à luz de aspectos sociodiscursivos e sociointeracionais, ampliando, assim, a compreensão do papel desse elemento. Traçamos um panorama teórico dos estudos de referenciação, considerado como um processo sociocognitivo de construção de sentidos, seguindo os estudos atuais de Linguística de Texto, conforme já apontaram Mondada e Dubois (2003), Cavalcante (2011), Santos e Cavalcante (2014), entre outros autores. O presente trabalho, portanto, tem como foco o caráter textual-discursivo do encapsulador. Serão analisadas notícias esportivas mostrando como tal fenômeno atua na construção do texto, marcando pontos de vista e construindo sentidos, para além da classificação tradicional desse processo de referenciação.

**Palavras-chave:** encapsuladores; construção de sentidos; Linguística de Texto.

#### ABSTRACT

The objective of this article is to discuss the discursive textual use of encapsulating anaphoras in the light of sociodiscursive and sociointerational aspects, thus broadening the understanding of the role of this element. We present a theoretical panorama of the reference studies, considered as a sociocognitive process of sense construction, following the current studies of Text Linguistics, as already pointed out by Mondada and Dubois (2003), Cavalcante (2011), Santos e Cavalcante (2014), among other authors.

---

<sup>1</sup> Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – campus Rio de Janeiro

The present work, therefore, focuses on the textual-discursive character of the encapsulator. Sports news will be analyzed, showing how the anaphora encapsulation act in the construction of the text, marking points of view and constructing meanings, beyond the traditional classification of this process.

**Keywords:** anaphora encapsulation; meaning construction; Text Linguistics

## **Introdução**

O encapsulamento é um processo referencial que merece destaque, pois se apresenta como uma escolha com a capacidade de sumarizar informações presentes no cotexto e, ao mesmo tempo, transformá-las em novo objeto de discurso. Esse processo de referenciação foi definido como “um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como síntese de uma porção do cotexto que pode possuir extensão variada” (cf. CONTE, 2003, p. 178), como no exemplo “Irado com a multidão que protestava contra ele, a apenas sete semanas da eleição geral, o presidente romeno Ion Iliescu saltou furioso de sua limusine e agrediu um jornalista da oposição. O incrível episódio (...)” (CONTE, 2003, p. 186). A autora explica que o sintagma sublinhado sumariza a porção contextual anterior.

Com o avanço da Linguística de Texto, os estudos sobre referenciação, cada vez mais, entendem que os encapsulamentos atuam na construção dos referentes, organizando e sumarizando opiniões, como apontam Conte (2003), Cavalcante (2011), Borreguero (2006), entre outros. Além disso, esses autores também destacam como tal recurso pode contribuir para a orientação argumentativa dos textos, tendo em vista uma argumentatividade inerente a todos os textos.

Desse modo, o presente trabalho pretende discutir essa característica dos encapsuladores em textos que não tenham, a princípio, um viés argumentativo, isto é, textos que não pertençam à tipologia argumentativa, como as notícias esportivas, cuja tipologia predominante é a narrativa. Tal escolha se justifica a fim de demonstrar que o fenômeno analisado pode constituir um índice de argumentatividade, entendida em um sentido mais amplo. Assim, os encapsuladores constituem elementos que auxiliam na condução da leitura dos textos, revelando, para o leitor, a intencionalidade do enunciador ao empregar determinados nomes para manutenção/retomada dos referentes dentro dos textos.

O objetivo deste artigo, portanto, é colaborar para o debate sobre o fenômeno do encapsulamento, trazendo à tona aspectos sociointeracionais e sociodiscursivos. Serão discutidos exemplos presentes em notícias esportivas referentes a jogos da Copa do Mundo de 2014, publicadas nos jornais *O Globo* e *Lance!*, e, para a análise dos dados, será utilizada a proposta de Morais (2017). Pretende-se mostrar como os encapsuladores atuam na construção do texto, marcando posicionamentos ideológicos e construindo sentidos que vão além da classificação tradicional.

## Os encapsuladores em foco

Além de apresentar um importante papel coesivo e organizar os tópicos dentro do discurso, os encapsulamentos podem, a partir de informações já mencionadas no texto, implementar um objeto quase novo no discurso, remetendo a informações não explicitadas no cotexto, como pressupostos, subentendidos e outros conteúdos presentes na memória discursiva dos participantes da interação. Desse modo, uma de suas principais propriedades reside no fato de que seu referente não é claramente delimitado no texto. Esse referente deve ser reconstruído pelo interlocutor, ou seja, a anáfora encapsuladora não retoma, pontualmente, nenhum objeto de discurso, e sim se vincula a informações contidas em porções de texto presentes no cotexto.

Segundo Koch (2009, p. 68), as expressões nominais encapsuladoras podem nominalizar fatos, atividades, estados, eventos, e geralmente vêm acompanhadas de modificadores e/ou determinantes, das seguintes formas: a) Determinante + Nome; b) Determinante + Modificador(es) + Nome + Modificador(es) – sendo determinantes o artigo definido ou o pronome demonstrativo, e modificadores, o adjetivo, o substantivo predicativo ou a oração relativa. No trecho abaixo, há um exemplo, retirado de um editorial, em que o sintagma nominal “a receita” sintetiza a porção do texto anteriormente expressa:

(0) O ministro Vêlez prometeu combater a ‘doutrinação’, mas quer despejar propaganda oficial nas salas de aula. A receita já foi usada no regime militar e no Estado Novo (Fonte: <https://blogs.oglobo.globo.com/bernardo-mello-franco/post/circular-do-ministro-da-educacao-etipica-de-ditaduras.html>. Acesso em 13/03/2019)

Com essa estratégia, o enunciador promove um movimento duplo, para trás e para frente, resumindo a porção anterior e iniciando um novo tópico no discurso. O sintagma sublinhado “empacota” as informações precedentes, rotulando-as, pois, ao usar o nome “receita”, o autor indica que a promessa do ministro não se trata de uma nova ideia, mas de prescrições já conhecidas. Assim, além do papel na progressão textual, há ainda um julgamento embutido na escolha desse nome.

Por sua capacidade de retomar um referente não expresso, mas difundido no contexto, expresso de modo esparso, pode apresentar um alto teor argumentativo. Isso ocorre porque, no ato da nomeação, podem ser empregados rótulos com grande carga avaliativa. Dessa forma, a anáfora encapsuladora pode exercer uma função argumentativa decisiva para uma tomada de ponto de vista do texto, estabelecendo uma nova cadeia referencial a partir desse momento.



Pecorari (2014, p. 22) chama atenção para a propriedade dos encapsuladores de carregar valores pressupostos que podem tanto trazer para os textos julgamentos como também podem corroborar para enfatizar valores sociais da esfera do senso comum. Segundo o autor, que analisou notícias de jornais italianos, os encapsuladores podem cumprir o papel, dentro da linguagem do jornal, de compartilhar ideias que fazem parte do senso comum de determinada comunidade. Pecorari defende que o encapsulador tem um efeito persuasivo sobre o leitor que, por estar em uma posição cooperativa, acaba sendo levado a aceitar o caminho argumentativo proposto pelo encapsulador. Por outro lado, o autor também aponta que alguns encapsulamentos, mesmo aqueles com nomes avaliativos, nem sempre carregam valores persuasivos, podendo confirmar avaliações e julgamentos compartilhados e aceitos entre os interlocutores e, muitas vezes, as notícias se valem desse recurso para veicular uma aparente neutralidade.

O levantamento dessas características e propriedades demonstra que as anáforas encapsuladoras se comportam de maneira híbrida. Segundo Borreguero (2006), as anáforas encapsuladoras apresentam um correferente no texto, não apresentando um novo referente no discurso. Para a autora, as anáforas encapsuladoras são anáforas diretas, pois, ainda que não se possa indicar um único item como antecedente, é possível recuperá-lo dentro do texto. De acordo com a autora, os encapsuladores não fazem referência a um único elemento linguístico, mas a uma parte do texto que pode conter uma oração ou até mesmo um parágrafo.

Conte (2003) já afirmava que as anáforas encapsuladoras misturam características das anáforas diretas e das indiretas. Santos e Cavalcante (2014) também afirmam que tais anáforas parecem comportar-se como um item intermediário entre anáforas diretas e indiretas, uma vez que, ainda que se apoiem em informações dadas, podem introduzir um novo referente. No que se refere à relação de correferencialidade, entretanto, é possível notar um grau de correferencialidade entre a parte do texto sintetizada e o encapsulador, o que o aproximaria de uma anáfora direta. Nesse sentido, para Borreguero (2006), prevalecerá a questão da correferencialidade e o encapsulador será definido como uma anáfora direta. Para a autora, há uma relação anafórica entre o sintagma e os elementos textuais antecedentes, que contribuem para homologar a significação dos objetos de discurso, como se fosse uma continuidade de um discurso já existente.

Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) também compartilham dessa abordagem sobre os encapsuladores. Os autores argumentam que o referente fica representado na mente dos interlocutores e isso é um indício de que ele pode ser tratado como um subtipo de anáfora correferencial, ainda que

seja um pouco fora do padrão de uma anáfora direta. Tais autores (2014, p. 80) ainda defendem que, se entendemos o referente como uma entidade representada sociocognitivamente e abstraída do contexto de enunciação, é plausível admitir que, ao ser nomeado, o referente já existia, nas palavras dos autores:

(...) mesmo sem ser citado antes da expressão encapsuladora, o referente fica representado na mente dos interlocutores, e é esta a razão pela qual preferimos tratá-lo como um subtipo de anáfora correferencial, ainda que diferente ou fora dos padrões.

Para eles, a questão da retomada a um referente já introduzido no discurso e presente na mente dos interlocutores leva à correferencialidade, que se sobrepõe às demais características do encapsulador, sendo o fator preponderante para a classificação desse elemento.

Essas nuances no comportamento do encapsulador levam a corroborar o que apontam Santos e Cavalcante (2014) para quem as anáforas encapsuladoras devem ser entendidas em um *continuum* entre as anáforas diretas e as indiretas. Desse modo, como alguns encapsuladores apresentam correferencialidade de maneira mais clara, ao passo que outros demonstram um comportamento mais prototípico de uma anáfora indireta, assume-se, nesse trabalho, que não se está diante de fenômenos isolados, mas que se cruzam e se misturam, tendo em vista uma perspectiva sociocognitiva e interacional. Portanto, entende-se aqui que os encapsuladores, em relação à correferencialidade, situam-se em uma zona intermediária.

### **Os encapsuladores nas notícias esportivas**

O objetivo das notícias esportivas é sintetizar jogos de futebol, cujo resultado geralmente já é conhecido pelo leitor, que busca mais informações e um toque de curiosidade sobre o jogo em questão. Atualmente, as notícias esportivas não ficam restritas à publicação de resultados dos jogos e campeonatos, ampliando a possibilidade de cobertura para temas como a política dos clubes, situação financeira, entre outros. Em relação à linguagem, Barbeiro e Rangel (2006) destacam que o texto esportivo, de modo geral, detém maior liberdade no tratamento da matéria. Segundo os autores, na editoria de esportes, são perceptíveis humor e leveza, e o vocabulário, muitas vezes, consagra expressões populares, sendo mais criativo.

A seguir, estão destacados alguns dos exemplos mais recorrentes de encapsulamentos nas notícias esportivas referentes aos jogos da Copa do Mundo de 2014 (cf. MORAIS, 2017).

Os primeiros exemplos a serem discutidos são aqueles que apresentam, mais explicitamente,

um papel de organizador e de articulação entre as partes do texto, como o exemplo abaixo, retirado do jornal *O Globo*, que narra a partida entre Uruguai e Inglaterra:

(1) Suárez 100 %

Atacante do Liverpool estreia no Mundial e marca os dois gols da vitória do Uruguai sobre a Inglaterra. Resultado mantém uruguaios com chances de classificação e complica vida dos Ingleses.

Todos tinham a mesma opinião. Era uma partida à feição do Uruguai. Encarada como final, com a corda no pescoço, do jeito que a Celeste está acostumada. Ser favorita não faz parte da história da bicampeã mundial. Fazer o quase impossível, sim. E eles ainda contavam com um convidado novo, que quase abandonou a festa por uma cirurgia de última hora. Na verdade, tornou-se o anfitrião. O maior artilheiro da seleção uruguaia mostrou que jamais será coadjuvante de um time que depende muito dele. Luis Suárez estreou no Mundial ontem, marcou os dois gols da vitória por 2 a 1 sobre a Inglaterra, no Itaquerão, e manteve as chances de classificação para as oitavas de final *O resultado*, porém, não significa o adeus da outra campeã do mundo, a Inglaterra. Tudo dependerá do jogo de hoje entre Itália e Costa Rica, no Recife. Um empate elimina os ingleses. Assim como uma vitória costarriquenha. *Isso* porque, com *esse resultado*, os ingleses não conseguirão alcançar a pontuação de pelo menos dois rivais do Grupo D. (...)

(FURTADO, Tatiana; KNOPOCH, Carol & D'ERCOLE, Ronaldo. *Suárez 100%*. Jornal *Globo*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 2014, p. 7).

O encapsulador “o resultado” faz a articulação entre os parágrafos anteriores do texto e aponta para o novo tema que surge na progressão do texto, funcionando como um tópico discursivo (cf. JUBRAN, 1992). O pronome “isso” retoma e sintetiza a explicação sobre a possibilidade de classificação das equipes citadas. Já a expressão “esse resultado” retoma a situação que envolve a possibilidade de vitória costarriquenha, o que desclassificaria a equipe inglesa. Chama atenção ainda o uso do pronome demonstrativo “esse” que situa o leitor dentro do texto para que ele recupere o referente dessa expressão de modo eficiente, mostrando que a troca da classe gramatical do determinante nos sintagmas nominais cumpre um propósito dentro do texto.

No exemplo abaixo (2), também se verifica o uso do pronome demonstrativo como encapsulador:

(2) A Argentina venceu a Holanda porque foi muito mais competente nos pênaltis, após 0 a 0 no tempo normal e na prorrogação, mas não foi só *isso*. Os Hermanos fizeram muito do que o time de Luiz Felipe Scolari, que deveria jogar no Maracanã domingo, não o fez na terça no Mineirão.

(PORTO, Marcio. *Corrida para o tri*. Jornal *Lance!* Rio de Janeiro, 10 de julho, p. 10).

Para desfazer a imagem de um jogo sem emoções – conteúdo pressuposto por ter sido um jogo sem gols –, em que os lances principais só saíram na prorrogação, há a relação discursivo-argumentativa de oposição marcada pela oração “mas não foi só isso”, que procura descartar essa possível leitura. O uso do advérbio “só” com o pronome “isso” reforça a tese de que o jogo foi interessante. Isto é, ainda que os gols tenham acontecido somente na disputa de pênaltis, não quer dizer que o jogo tenha sido sem emoção.

É importante destacar também que o pronome “isso” não só sintetiza a porção anterior do texto como também cria uma expectativa para algo que ainda vai ser dito, ou seja, também aponta “para frente” no texto. Ao dizer que “não foi só isso”, o jornalista gera no leitor uma curiosidade sobre o que se seguiu na partida, por isso pode-se dizer que essa expressão e realiza um duplo movimento no texto, de continuidade e progressão, retomando porções já ditas e antecipando que mais informações serão ditas. Tal característica é pouco discutida nos estudos sobre encapsulamento – principalmente quando o encapsulador é o pronome “isso”. Muitas vezes, destaca-se o papel de organizador desse processo de referência tendo em vista somente a sua propriedade de retomar partes já ditas.

Dentro dos exemplos que contribuem para a organização textual, o encapsulamento prospectivo sublinhado abaixo inicia um novo tópico no discurso e reitera a orientação argumentativa do texto que trata da superação do time holandês:

(3) Laranja amarga

Holanda humilha a campeã Espanha com goleada histórica na estreia, se vinga de 2010 e ouve torcida gritar olé na Bahia

São necessários 45 minutos para a troca de lados em uma partida. Mas o intervalo esperado pela Holanda para virar o jogo durou quatro anos. No ciclo entre as Copas, os holandeses não suportaram o papel de coadjuvantes, enquanto a protagonista Espanha brilhava como a estrela campeã em sua camisa *roja*. Até ontem. Assim como a maioria dos credos, crenças e culinárias vieram da África, as equipes trouxeram daquele continente para a Bahia a rivalidade e o latente desejo de vingança da Holanda, que impôs à Espanha uma furiosa goleada de 5 a 1. Jamais um campeão havia estreado na Copa seguinte levando cinco gols.

*A inversão de papéis* começou antes de a bola rolar. Ao contrário da final de 2010, era a Holanda a usar azul. Ao cair na área aos 25 minutos, o brasileiro naturalizado espanhol Diego Costa já percebera a dificuldade para se livrar dos zagueiros e das vaias. Xabi Alonso bateu o pênalti e fez o único gol da Espanha, um suspiro antes do afogamento total. (AMATO, Gian. *Laranja amarga*. Jornal *O Globo*. Rio de Janeiro, 14 de junho de 2014, p. 8)

Tendo em vista o parágrafo anterior da notícia, esse parágrafo, com o encapsulador “a inversão de papéis”, retoma o conteúdo anterior e a relação estabelecida pelas anáforas diretas “papel de coadjuvante” e “protagonista Espanha”, além de marcações dêiticas de tempo presentes no parágrafo anterior, que estabelecem um “antes e depois” no discurso, coincidindo com o tópico instaurado pelo encapsulador “a inversão de papéis”.

Assim, além de resumir o conteúdo anterior, esse encapsulamento inicia um novo tópico discursivo: a vitória da Holanda sobre a Espanha. De acordo com Burdiles e Parodi (2016), os encapsuladores prospectivos e retrospectivos relacionam-se à organização e hierarquização das informações dentro do texto, o que comprova o papel fundamental desses elementos na compreensão de textos, que podem tanto retomar informações já mencionadas como antecipar novos conteúdos.

Koch e Elias (2016, p. 95) afirmam que os encapsuladores podem funcionar como um importante recurso para “marcar o parágrafo do ponto de vista cognitivo”. É exatamente o que acontece nesse exemplo, pois as informações textuais precedentes conduzem a uma imagem mental dos objetos de discurso Holanda e Espanha que será oposta no próximo parágrafo. Essa “virada” dos objetos de discurso é marcada pelo encapsulador “a inversão de papéis”, indicando o assunto a ser desenvolvido, definindo cognitivamente essa unidade construtiva do texto.

Em (4), o encapsulador foi utilizado como um recurso que antecipa lances da partida:

(4) Dispostos a se defender até o fim, os americanos levaram sorte no chute de Hazard, aos 42, que acertou a rede pelo lado de fora. *A melhor chance do jogo*, no entanto, veio já nos acréscimos, quando Wondolowski recebeu livre na área, mas concluiu por cima do gol de Courtois, sob olhar incrédulo do ex-artilheiro Klinsmann. (BENJAMIM, Felipe. *Bélgica bate Estados Unidos*. *Jornal Globo*. Rio de Janeiro, 2 de julho, caderno de esportes)

O encapsulamento “melhor chance do jogo” descreve o que, para o jornalista, representou o lance mais interessante da etapa normal de jogo: a jogada norte-americana. Em seguida, o operador argumentativo disjuntivo “no entanto”, traz para o texto uma orientação argumentativa de que, apesar da superioridade belga ao longo da partida, a melhor jogada foi norte-americana. Tal conteúdo também é reforçado pelo vocábulo “melhor”. Para Conte (2003, p. 186) a anáfora encapsuladora “funciona simultaneamente como um recurso coesivo e como um princípio organizador, e pode ser um poderoso meio de manipulação do leitor”, pois o fato de o produtor do texto rotular um conteúdo contribui para sua força argumentativa, como acontece no exemplo destacado.

De modo semelhante ao anterior, o próximo exemplo também apresenta um encapsulamento que rotula e avalia um determinado lance do jogo, que o jornalista julga ter sido “o mais dramático”:

(5) Aos 38, o lance mais dramático da primeira etapa: Mostefa aparou um rebote de fora da área, a bola desviou em Boateng e, com Neuer completamente batido, passou à direita do gol. Na seqüência, Schweinsteiger chutou de fora da área, o goleiro M’Bolhi bateu roupa e em seguida defendeu a pancada à queima-roupa de Götze. (ILHA, Fávio. *Batalha no sul*. *Jornal Globo*. Rio de Janeiro, 1 de julho de 2014, p. 7)

Esse encapsulamento promove um efeito de suspense em relação a um lance quase no final do primeiro tempo de jogo: “o lance mais dramático da primeira etapa”. Tal recurso apresenta e qualifica todo o conteúdo do parágrafo que encabeça, pois o que se segue no restante do parágrafo é a descrição detalhada do que seria a jogada mais importante do primeiro tempo da partida.

Convém destacar a noção de tópico discursivo e como tal noção está diretamente ligada à referência. Dentre todos os processos, o encapsulamento exerce um papel importante de continuidade ou de progressão tópica. Como observou Pinheiro (2003), os encapsuladores, além dos papéis citados, podem realçar um dado conteúdo, reforçando ou esclarecendo o ponto de vista do enunciador.

Em (6), também se observou o uso do encapsulador prospectivo na notícia que trata do jogo entre México e Brasil:

(6) Com Oscar bem abaixo da estreia e Neymar muito bem marcado, a equipe brasileira teve dificuldades para furar o forte bloqueio mexicano. No primeiro tempo, *as melhores chances do Brasil* foram numa cabeçada de Neymar aos 25 e numa conclusão de Paulinho, após lindo passe de Thiago Silva com o peito, já nos acréscimos. Em ambas Ochoa brilhou. (FONSECA, Maurício. *México segura o Brasil*. *Jornal O Globo*. 18 de junho, p.3).

O sintagma “as melhores chances do Brasil”, que aponta para frente no texto, refere-se à cabeçada de Neymar e à finalização de Paulinho. Esse encapsulamento, além de resumir os principais lances da primeira etapa de jogo, evidencia o julgamento desses lances por meio do adjetivo “melhores”. A escolha desse termo permite ao jornalista caracterizar as ações dos jogadores, pois carrega um juízo de valor. Dentro do contexto da notícia, “melhores” apresenta um valor depreciativo, pois as jogadas foram fracas e, mesmo assim, constituíram os melhores lances da equipe brasileira. Essa operação prova que existiu uma interpretação por parte do jornalista, que acaba por guiar as inferências realizadas pelo leitor.

Em (7), o nome “voo” encapsula a jogada holandesa protagonizada pelo jogador Holandês Van Persie:

(7) *O voo* de Van Persie sobre a área iniciou a decolagem da Holanda. Após receber passe certo de Blind, o camisa 9 praticamente ficou no ar, com o corpo na horizontal, antes de cabecear e encobrir Casillas, aos 44 minutos.

Outro jogo, outra Holanda no segundo tempo. De pé em pé, a bola chegou a Robben depois de outro lançamento de Blind, o lateral-esquerdo legítimo descendente da Laranja Mecânica, porque é filho do ex-zagueiro Danny Blind. Robben dominou, driblou Piqué, que ficou meio dançando a famosa “Waka waka” de sua mulher, Shakira, e fuzilou para o gol de Casillas, aos 7.

Mesmo sem ser uma pintura, o terceiro gol já anunciava a goleada que seria o conjunto da obra. Os espanhóis reclamaram de falta de Van Persie em Casillas, mas o fato é que a bola sobrou para o zagueiro De Vrij marcar, aos 20, o terceiro da Laranja azul.(...)

(AMATO, Gian. *Laranja amarga*. Jornal *O Globo*. Rio de Janeiro, 14 de junho de 2014, p. 8)

O substantivo “voo” – uma metáfora comum no futebol que designa uma jogada aérea – funciona como encapsulador prospectivo que antecipa o lance do gol de cabeça do jogador holandês. Tal encapsulamento contribui ainda para outras relações no texto, servindo de âncora para a anáfora indireta “decolagem holandesa”, que marca o início da goleada holandesa, já que, após o gol do jogador Van Persie, a Holanda passou a dominar a Espanha. Essas amarras anafóricas reforçam a orientação argumentativa da notícia ao enfatizar a superioridade holandesa.

Os últimos exemplos tratam de encapsulamentos também metafóricos que rotulam o jogo inteiro. O primeiro, retirado da notícia do jornal *Lance!* sobre a partida entre Argélia e Alemanha:

(8) Foi absolutamente dramático. As Raposas do Deserto resistiram como puderam. Mas *essa guerra* a Alemanha ganhou, por 2 a 1, mesmo que a sua *divisão panzer* – Özil, Schweinsteiger e Müller – ainda não tenha repetido a blitzkrieg da estreia sobre Portugal. (ASSAF, Roberto. *Não foi fácil*. Jornal *Lance!* Rio de Janeiro, 1 de julho de 2014, p. 20)

O encapsulador prospectivo “guerra” carrega uma forte carga axiológica, caracterizando todo o jogo, e serve de âncora para as relações que vão se estabelecer dentro do texto, evidenciadas por meio de outras palavras, que revelam este projeto de dizer: o jogo como uma guerra. No mesmo parágrafo, há o emprego de outro encapsulamento “divisão panzer”, que compara o uso da artilharia pesada do exército alemão, com tanques e veículos blindados, aos jogadores que compõem o ataque da seleção alemã. A “divisão panzer” era responsável pelo sucesso do exército alemão, assim como esse trio de

jogadores também compõe a principal estratégia para vitória.

O próximo exemplo apresenta um caso diferente de encapsulamento. O título “Chucrute na Bahia”, por meio da anáfora encapsuladora “chucrute” engaja o leitor no texto já com a perspectiva do sucesso alemão, já que, na Bahia, prevaleceu “o prato típico alemão”. Nesse sentido, as informações presentes no subtítulo, bem como a própria introdução do referente “Alemanha”, contribuem para que o coenunciador perfaça a trilha de sentido que leva à vitória alemã, juntamente com o acervo cultural compartilhado entre os interlocutores.

(9) *Chucrute* na Bahia

Sempre favorita ao título, Alemanha não toma conhecimento de Portugal e marca quatro gols logo em sua estreia. E ainda tem o artilheiro do Mundial até agora: Thomas Müller, autor de três ontem.

(AMATO, Gian. *Chucrute na Bahia*. *Jornal Globo*. Rio de Janeiro, 17 de junho de 2014, p. 7)

No entanto, cabe destacar que o nome “chucrute”, ao contrário dos demais analisados anteriormente, não é um nome abstrato, contrariando os exemplos mais discutidos de encapsulamento. Tais exemplos, em geral, são compostos por nomes de significação mais ampla e que, por essa característica, estariam mais propensos a serem usados como encapsuladores. Conte (2003), por exemplo, afirma que os encapsulamentos são formados por nomes mais gerais ou nomes com carga avaliativa. No caso acima, pelo contrário, trata-se de um nome concreto que passa a abstrato, já que rotula, metaforicamente, a vitória alemã sobre Portugal. Não há, no desenvolvimento da notícia, nenhuma menção à culinária alemã, ou seja, não há uma âncora ou pista a que pudéssemos associar o nome “chucrute”, o que comprova que esse vocábulo é tomado, nesse texto, de modo abstrato.

Além disso, pensando no prato “chucrute”, um repolho bem picadinho, por vezes considerado indigesto no Brasil, poderíamos associar esse nome ao próprio resultado do jogo, que, para além da vitória da Alemanha, consistiu em uma goleada sobre Portugal, o que poderia sugerir ainda que esse título aponta para a expressividade da vitória alemã. Nos campeonatos nacionais, por exemplo, é comum os locutores e jornalistas esportivos empregarem o termo “chocolate” para se referirem a vitórias expressivas constituídas por placares amplos.

Esse substantivo encapsula informações que só podem ser processadas pelo leitor por meio de estruturas cognitivas. Assim, “Chucrute na Bahia”, pode ser considerado não como uma menção ao prato, mas como uma metáfora para a vitória alemã na Bahia, local onde ocorreu a partida.

No próximo excerto, há um caso que se assemelha ao descrito anteriormente:



(10) O curioso é que a Espanha saiu na frente, gol de pênalti – de De Vrij em Diego Costa – aos 26 minutos, teve maior domínio e desperdiçou *uma excelente oportunidade* aos 42, por capricho de David Silva, que tentou encobrir Cillessen. Não seria exagero dizer que essa foi o que se chama de *bola do jogo*, pois se entra talvez mudasse o rumo do duelo. Ah... e só tomou o empate aos 44, num peixinho de Van Persie. (ASSAF, Roberto. *Um dia sem fúria*. Jornal Lance! Rio de Janeiro, 14 de julho de 2014, p 14).

A ação descrita pela frase “desperdiçou uma excelente oportunidade” mostra uma crítica contida no verbo desperdiçar, que aponta uma falha do jogador, reforçada pelo encapsulamento prospectivo “uma excelente oportunidade aos 42”, em que o adjetivo “excelente” enfatiza essa crítica. Soma-se a essa interpretação a própria descrição do lance em que é dito que o atacante David Silva “por capricho” tentou encobrir o goleiro, o que indica que o jogador tentou uma jogada com menor probabilidade de acerto, porém esteticamente mais bonita, ou na linguagem do futebol, mais plástica.

O encapsulamento “bola do jogo” resume não só a oportunidade perdida, mas todo o contexto que cerca a partida, mostrando como poderia ter mudado o placar e garantido a vitória holandesa. Esse exemplo também se assemelha ao anterior, já que o substantivo concreto “bola” ganha um valor metafórico, deixando de se referir apenas à bola para mostrar uma jogada crucial para o desenrolar da partida e que poderia definir a participação da Holanda na final da Copa do Mundo.

Os dois últimos exemplos mostram como um substantivo concreto perde a sua concretude dentro do texto, de modo oposto ao que se espera de um elemento encapsulador, já que, quanto mais abstrato, maior a capacidade de abarcar porções maiores do contexto. No entanto, como se defende nesse artigo, todas essas relações são homologadas no e pelo texto, o que comprova a importância de uma análise ampla do fenômeno, que considere aspectos sociodiscursivos e interacionais.

### **Considerações Finais**

Percebeu-se, nos exemplos analisados por Morais (2017), que os encapsuladores, se analisados em uma perspectiva sociocognitiva e interacional, observando suas especificidades em um gênero textual como a notícia esportiva, comportam-se de maneira bastante peculiar. Retomando Santos e Cavalcante (2014, p. 243), destaca-se que, em uma concepção de texto como processo, “precisamos analisar os exemplos observando esse processo sociocognitivo e interacional, complexo e abrangente”.

As anáforas encapsuladoras mostraram-se uma estratégia fundamental para a condução da orientação argumentativa das notícias esportivas, evidenciando críticas e avaliações sobre jogadores e seleções, por

exemplo, ou até mesmo foram utilizadas para construir um efeito de neutralidade nos textos.

Demonstrou-se, portanto, o que relembram Cabral e Santos (2016), ao afirmarem que o sujeito, tendo a língua como base, insere-se no enunciado e constrói com ele objetos de discurso que instauram seus pontos de vista a respeito da realidade criada no interior do discurso. Nesse sentido, o encapsulamento – bem como os demais processos de referenciação – precisa ser analisado levando em consideração, além da situação enunciativa imediata, as relações estabelecidas na interação. Essa análise envolve, além dos interlocutores, o gênero textual, aspectos contextuais e sociointeracionais e as intencionalidades articuladas à construção argumentativa do texto.

## REFERÊNCIAS

BARBEIRO, H.; RANGEL, P. *Manual do jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2006.

BORREGUERO, M.Z. Naturaleza y función de los encapsuladores en los textos informativamente densos (la noticia periodística). In: *Cadernos de Filologia Italiana*, v.13, p.73-95, 2006.

CABRAL, A. L T; SANTOS, L W. Dêixis pessoal e verbos na construção de um objeto de discurso argumentativamente orientado. *Revista Conexão Letras*, v. 11, n. 15, 2016, p.25-37.

CAVALCANTE, M.M. *Referenciação: sobre coisas ditas e não-ditas*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

\_\_\_\_\_; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M.A.P. *Coerência, referenciação e ensino*. São Paulo: Cortez, 2014.

CONTE, M. Encapsulamento Anafórico. In.: CAVALCANTE, M. *et. al.* (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 177-190.

KOCH, I. G. V. *Introdução à Linguística Textual*. 2.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

\_\_\_\_\_; ELIAS. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2016.

JUBRAN, C. A. S. Inserção: um fenômeno de descontinuidade na organização tópica. In:

CASTILHO, A. T. (org.). *Gramática do português falado*, v. III. Campinas: Editora da UNICAMP, São Paulo: FAPESP, 1992.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem

dos processos de referência. In: CIULLA, A. *et alii*. *Referênciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52

MORAIS, M.M. *Referênciação em campo: a construção de sentidos nas notícias esportivas*. 2017. 181f. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

PARODI, G; BURDILES, G. Encapsulación y tipos de coherencia referencial y relacional: el pronombre ello como mecanismo encapsulador en el discurso escrito de la economía. *Onomázein*, n. 33, p. 107-129, 2016.

PECORARI, F. Anaphoric encapsulation and presupposition: persuasive and stereotypical uses of a cohesive strategy. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 24, n. 49, 2014, p.175-195.

PINHEIRO, C. L. *Integração de fatos formulativos e interacionais na construção do texto: um estudo a partir da topicalidade*. 216 f. Tese (Doutorado). São Paulo. UNESP-Assis, 2003.

SANTOS, L.W.; CAVALCANTE, M. M. Referênciação: *continuum* anáfora-dêixis. *Intersecções*, Jundiaí, v. 12, n. 1, p. 224-246, maio/2014.

## O IMPACTO DA REFERÊNCIA TEMPORAL DE PASSADO SOBRE O USO DO PRETÉRITO PERFEITO EM BUENOS AIRES

### *THE IMPACT OF PAST TIME REFERENCE ON THE USE OF PRETÉRITO PERFECTO IN BUENOS AIRES*

*Leandro Silveira de Araújo<sup>1</sup>*

#### RESUMO

Este trabalho analisa a variação no uso do perfeito simples (PPS - *estudié*) e composto (PPC - *he estudiado*) em Buenos Aires. Nossa hipótese é que o tipo de referência temporal de passado é um fator que incide sobre o uso dessas formas verbais. A partir de um *corpus* de entrevistas radiofônicas, analisamos os dados tendo em vista os âmbitos temporais de **passado absoluto (PA)** e **antepresente (AP)**. Como resultado, mesmo com o uso intenso do PPS, identificamos o uso do PPC tanto no **PA** como no **AP**, especialmente no **AP específico** e no **AP ampliado**.

**Palavras-chave:** Pretérito Perfeito. Espanhol. Variação Linguística. Tempo Verbal.

#### ABSTRACT

This paper analyses the variation between simple (PPS - *estudié*) and compound (PPC - *he estudiado*) forms of Perfect tense in Buenos Aires. Our hypothesis is that the kind of past reference is a factor that impacts the use of these verbal forms. From a *corpus* of radio interviews, we analyze the *data* considering the temporal contexts of **absolute past (ABS)** and **ante-present (ANT)**. As a result, even with the intensive use of PPS, we identified the use of PPC in both **ANT** and **ABS**, especially in the **specific ANT** and the **enlarged ANT**.

**Keywords:** Perfect . Spanish. Linguistic Variation. Tense.

---

<sup>1</sup> Doutor em Linguísticas e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professor Adjunto do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. Líder do Núcleo de Estudos da Norma Linguística (NormaLi/CNPq).

## INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo do impacto do contexto temporal sobre o uso do pretérito perfeito em Buenos Aires decorre da relativa dissonância entre a descrição apresentada em alguns trabalhos e o emprego efetivo do perfeito simples (PPS – *escribí*) e composto (PPC – *he escrito*) nessa e em outras variedades da língua.

Por um lado, alguns estudos afirmam que “no espanhol moderno baseado na melhor prática e nas melhores normas” (KANY, 1970, p. 199) emprega-se o perfeito simples para se referir ao **passado absoluto (PA)**, isto é, “designar um fato sucedido no passado e que teve um limite neste mesmo passado” (ALARCOS LLORACH, 1980, p. 33), sem manter, portanto, relação “com o momento de fala ou com a pessoa que fala” (LENZ, 1920, p. 440). Na mesma direção, atribui-se ao perfeito composto a expressão do **antepresente (AP)**, pois com essa forma faz-se referência a situações passadas que mantêm relação com algo que ainda existe (BELLO, 1972, 2004), isto é, “uma forma do passado que se projeta em direção ao presente” (HERNÁNDEZ ALONSO, 1996, p. 428), porque a situação passada é contemplada a partir de uma perspectiva de presente, com a qual mantêm uma relação de coexistência (CARTAGENA, 1999). Em síntese, a distinção proposta mais comumente pela norma gramatical defende que o PPS e o PPC coincidem em significar ação pretérita, diferenciando-se entre si, contudo, “por marcar, o primeiro, perfectividade e a falta de conexão com o presente e, o segundo, a realização de dita ação como um processo imperfectivo, que perdura (objetiva ou subjetivamente) em um espaço de tempo que [...] inclui o falante” (DE GRANDA, 2003, p. 203). As diferenças entre as duas formas podem ser observadas nos enunciados (1) e (2), em que os advérbios “*ayer*” (ontem) e “*hoy*” (hoje) evidenciam a leitura de **PA** e **AP**, respectivamente.

(1) *La niña que ayer tocó con él Get Back y protagonizó uno de los momentos más lindos del recital, habló con varios medios.*<sup>2</sup>

A menina que tocou “*Get Back*” ontem com ele e protagonizou um dos momentos mais lindos do show, falou com vários meios de comunicação [...]

(2) *La ópera prima del director indio ha ganado hoy la Butaca de oro del Premio Principado de Asturias [...]*<sup>3</sup>

A ópera-prima do diretor indiano ganhou hoje a poltrona de ouro do Prêmio Príncipe de Astúrias.

2 Enunciado retirado da versão eletrônica do jornal argentino La Nación, de 18/05/2016. Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/1899897-leila-lacaze-sobre-cantar-con-paul-mccartney-me-dio-muchos-nervios>>. Acesso em 18/05/2016.

3 Enunciado retirado da versão eletrônica do jornal espanhol El país, de 29/11/2014. Disponível em: <[http://cultura.elpais.com/cultura/2014/11/29/actualidad/1417288689\\_075919.html](http://cultura.elpais.com/cultura/2014/11/29/actualidad/1417288689_075919.html)>. Acesso em 16/05/2016.

Por outro lado, o uso efetivo do pretérito perfeito nas variedades do espanhol nem sempre se mostra tão categórico como retrata parte da norma gramatical. A observação do emprego dos pretéritos em algumas variedades da língua revela um comportamento diferente do descrito por muitas gramáticas, posto que se encontra tanto o PPS coocorrendo em contextos de **AP** (*hoy*), como o PPC no âmbito de **PA** (*durante los años anteriores*), tal qual apontam os enunciados (3) e (4), respectivamente:

(3) [...] *también habla de la nota que **salió** en perfil hoy revelando la reunión que tuvo De Narváez con Aranda del Clarín.*<sup>4</sup>

[...] também fala da nota que saiu no perfil hoje, revelando a reunião que teve De Narváez com Aranda, do Clarín.

(4) *Durante los dos años anteriores **he tenido** una buena relación con el Míster. **He trabajado muy bien.***<sup>5</sup>

Durante os dois anos anteriores, tive uma boa relação com o *Mister*. Trabalhei muito bem.

Considerando a divergência entre parte da norma gramatical e o uso observado em algumas variedades da língua, visamos analisar e descrever o uso do PPC e do PPS nas referências temporais de **AP** e **PA**, na variedade de Buenos Aires. Espera-se não apenas contribuir para a percepção de que o comportamento variável das formas do perfeito é uma realidade que caracteriza seu funcionamento, mas também verificar como essa heterogeneidade estrutura-se e se define na variedade bonaerense.

Antes de revisarmos o que já se descreveu sobre o uso variável das formas do pretérito em Buenos Aires e discutir nossos dados de pesquisa, passemos a uma rápida discussão teórica acerca das referências temporais de **passado absoluto** e **antepresente**.

## 2 O Passado Absoluto

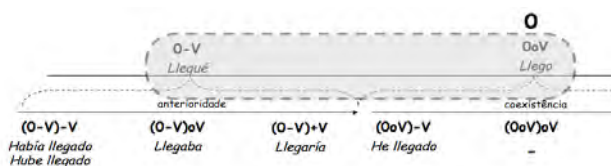
O **passado absoluto** faz referência à anterioridade de uma situação ao momento de fala (MF). No entanto, há outros valores temporais que, direta ou indiretamente, também expressam anterioridade ao MF. A fim de melhor definir os traços do **PA**, a figura 1 esboça sua concepção nos termos de Guillermo Rojo (1974, 1990, 1999):

---

4 Enunciado retirado de uma entrevista radiofônica difundida pela rádio Cooperativa, de Buenos Aires/Argentina (04/08/2013).

5 Enunciado retirado de uma entrevista radiofônica difundida pela rádio COPE, de Madri/Espanha (10/09/2013).

Figura 1 - A expressão do passado absoluto em espanhol segundo Guillermo Rojo<sup>6</sup>



Fonte: reprodução do autor

Representa-se o PA por “0-V” (*llegué* – port. cheguei), o que indica que a relação de anterioridade ao momento de enunciação (0) é construída a partir de uma relação direta com “0” – caráter **absoluto**<sup>7</sup>. Cartagena (1999) associa o sentido PA ao PPS e afirma que essa forma, do mesmo modo que as demais formas de valor **absoluto**, delinea um segmento temporal primário a partir do ponto zero. Assim, “o presente marca a coexistência [âmbito primário de coexistência], o paralelismo de falar com um ponto do tempo real, em relação ao qual as formas do perfeito simples e do futuro indicam anterioridade [âmbito primário de restrospectividade] e posterioridade [âmbito primário de prospectividade], respectivamente” (CARTAGENA, 1999, p. 2937).

A função de PA é, portanto, fazer referência à coordenada temporal que abarca aquilo que pertence ao “âmbito primário de restrospectividade” e que, por isso, já não faz parte do presente, como em (5) e (6).

(5) El año pasado estuve haciendo la consigna de Arnold Wesker. <B3><sup>8</sup>.

O ano passado estive fazendo a proposta do Arnold Wesker.

(6) Ayer hicieron su regenerativo y ya se **trabajó** todo el grupo junto.<B7>.

Ontem fizeram seu [treino] regenerativo e o grupo todo trabalhou junto.

É pertinente notar o papel dos marcadores temporais em ressaltar o sentido da forma verbal, pois ao dizer “*el año pasado*”/“*ayer*”, indica-se a abrangência do “âmbito primário de restrospectividade”. Em outros termos, ao usar esses marcadores destaca-se que a situação (*estuve haciendo/hicieron, trabajó*)

6 Rojo (1974, 1990, 1999) nomeia a referência fundamental do tempo de ponto central ou ponto zero (0), isto é, a origem com relação à qual se orientam de forma mediata ou imediata as situações. A partir do ponto zero, verifica-se a possibilidade de orientarmos os eventos como anteriores (-V), simultâneos (oV) ou posteriores (+V).

7 Rojo (1999) chama de absolutas as relações temporais que se estruturam em relação direta com ponto zero/central, ou seja, o passado absoluto (0-V), o presente (0oV) e o futuro (0+V). Por outro lado, nomeia relativos os valores temporais que não estabelecem relação direta com o ponto zero, mas com uma referência secundária – que, por sua vez, traçará relação com o ponto central. Esse é o caso, como veremos, do valor de antepresente ((0oV)-V).

8 “B2” refere-se às informações extralinguísticas do enunciado. O quadro 1 explicita as respectivas informações.

já não faz parte do “âmbito de coexistência” – no qual vigoraria “*este año*” e “*hoy*” – mas do âmbito temporal já concluído do *en el año pasado/ayer*. Por fim, destacamos que a tradição gramatical é consensual em identificar expressão do **PA** junto ao PPS (BELLO, 1972, 1999; KANY, 1970; GILI GAYA, 1970; ALARCOS LLORACH, 1980, 2005; RAE, 1986, 2009, 2010; ROJO, 1974, 1990, 1999; TORREGO, 2002).

Uma vez caracterizado o **PA**, passemos à apreciação do **antepresente** e suas divisões.

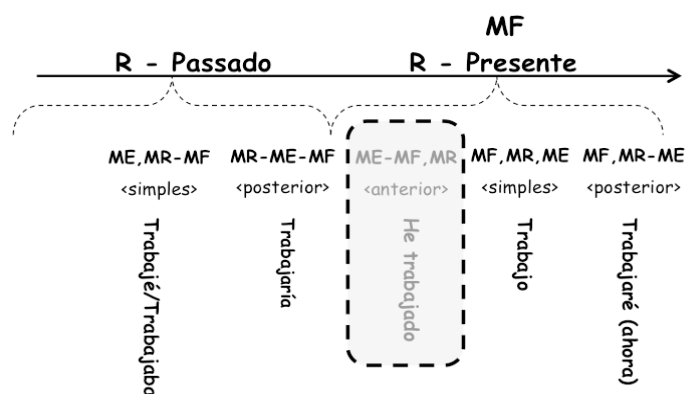
### 3 O Antepresente

Foi Andrés Bello (1972, 2004) quem cunhou o termo **antepresente**, para quem esse valor faz referência a situações passadas que mantêm relação com algo que ainda existe. Porém, coube a outros autores uma descrição mais cuidadosa desse valor e de como se estabelece a relação da situação passada com o presente. A fim de delinear melhor esse âmbito, passemos a observação de sua categorização conforme seu potencial de ajuste: **Específico**, **Imediato** e **Ampliado**.

#### 3.1 O antepresente específico

Mesmo se tratando de um passado, Reichenbach (2004) insere o **AP** no âmbito referencial concomitante (R Presente) ao momento de fala (MF), sem eliminar seu traço de anterioridade. Como ilustra a figura 2, a relação de anterioridade da situação descrita (ME) estabelece-se dentro da perspectiva referencial de presente (R Presente), o que, na notação de Reichenbach (2004), representa-se por ME-MR, MF<sup>9</sup>, isto é, um evento (ME) passado assistido a partir de uma referência (MR) concomitante ao momento de fala (MF).

Figura 2 - A categorização do antepresente na língua segundo Reichenbach



Fonte: reprodução do autor

9 Na notação do autor, entende-se travessão (-) como retrospectividade ou prospectividade e vírgula (,) como simultaneidade. ME refere-se ao momento do evento, MF, ao momento de fala e MR, ao momento de referência, que se organiza entre passado (R – Passado), presente (R – Presente) e futuro (R – Futuro).



Assim, em (7), o enunciador insere a ação passada (ME – *han dicho*) em uma referência temporal (MR – *esta mañana*) que persiste inclusive no momento em que o enunciado é realizado (MF).

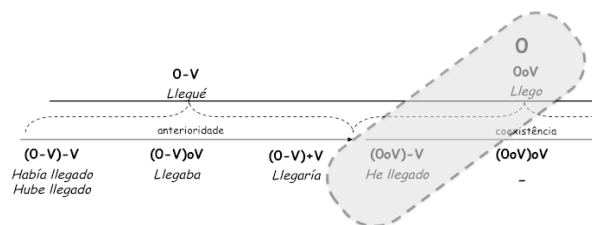
(7) *En esta mañana se han dicho dos cosas eh... yo creo que es interesante ¿no?*<sup>10</sup>

Nesta manhã foram ditas duas coisas eh... Eu acho que é muito interessante ¿não?

Na mesma direção, Rojo (1974, 1990, 1999) considera que o valor de **antepresente** é detentor de uma estruturação relativa, pois a informação temporal de anterioridade (-V) que promulga toma como referência outro valor temporal: o próprio presente (0oV). De modo prático, observamos em (3) “*esta mañana*” estabelecendo-se como referência concomitante ao ponto zero, isto é, à enunciação, e a partir da qual se estabelecerá a base temporal para construção do valor de anterioridade relativa própria do **AP**.

Conforme ilustra a figura 3, com o **AP** ((0oV)-V – *he llegado*), apresenta-se um evento pretérito envolvido por uma percepção de presente (MR-presente/âmbito primário de coexistência), que, por isso, guarda uma relação temporal de coexistência com o MF, ou seja, de **AP**<sup>11</sup>. Nos termos de Cartagena (1999, p.2941), esse valor indica que dada ação “realiza-se antes do ponto zero que nos serve de referência para medir o tempo, mas dentro do âmbito que tem como centro a coexistência ou simultaneidade desse ponto com o momento de fala”.

**Figura 3** - A expressão do antepresente no espanhol segundo Guillermo Rojo



Fonte: reprodução do autor

Contudo, não é simples compreender o que pode ser considerado “relevante e/ou próximo ao MF” a ponto de ser envolvido no mesmo âmbito primário de coexistência/MR-Presente. A fim de entender a possível extensão do distanciamento existente entre o ME e o MF no valor de **AP**, muitos se valem da observação de elementos linguísticos recorrentes no contexto de uso das formas. Observando alguns marcadores temporais que se assemelham ao valor em análise, o **AP** pode se associar “com os advérbios que indicam que a ação se deu em um período de tempo no qual se

10 Enunciado retirado de uma entrevista radiofônica difundida pela rádio COPE, de Madri/Espanha (10/09/2013).

11 Comportamento que se difere de do valor de **PA** (V-O – *llegué*), que também corresponde a uma ação pretérita, no entanto assistida a partir de um “âmbito primário de anterioridade” (MR-pretérito),

encontra compreendido o momento presente de quem fala”, tal seria o caso de “*hoy, ahora, estos días, esta semana, esta tarde, esta mañana, este mes, el año en curso, esta temporada*” etc. (ALARCOS LLORACH, 1980, p. 24). Apesar da grande diferença na amplitude temporal abarcada por esses marcadores, qualquer um deles envolve em um mesmo âmbito (MR) tanto a situação descrita como o momento de fala. Ou seja, em enunciados como (8a) e (8b), consideramos que tanto o acontecimento (*‘ha ganado’*) como a enunciação (MF) compartilham da mesma envoltura temporal: “*hoy*” (hoje) ou “*este año*” (este ano) – respectivamente.

(8a) *La ópera prima del director indio ha ganado hoy la Butaca de oro [...].*<sup>12</sup>

A ópera prima do diretor indiano ganhou hoje a poltrona de ouro do *Prêmio Príncipe de Astúrias*.

(8b) *La ópera prima del director indio ha ganado este año la Butaca de oro.*

A ópera prima do diretor indiano ganhou este ano a poltrona de ouro do *Prêmio Príncipe de Astúrias*.

Além disso, nas orações de (8), a recorrência do valor de **AP** mostra que não parece ser fundamental que a distância existente entre a situação (ME) e o MF seja igual ou menor que um dia, mas que é suficiente haver uma relação temporal imbricada entre elas.

Por fim, salientamos que a tradição gramatical é consensual em identificar a expressão do **AP específico** junto ao PPC (BELLO, 1972, 1999; KANY, 1970; GILI GAYA, 1970; ALARCOS LLORACH, 1980, 2005; RAE, 1986, 2009, 2010; ROJO, 1974, 1990, 1999; TORREGO, 2002). Como já destacado por alguns autores, há dois outros subâmbitos temporais resultantes do desdobramento perceptível do momento de referência: o de **AP imediato** e o de **AP ampliado**, os quais descreveremos nas linhas seguintes.

### 3.2 O antepresente imediato

Encontramos nesse subvalor de **AP** as mesmas características já examinadas de modo geral no valor de **AP específico**; no entanto, acresce-se a seu campo semântico a especificidade de um traço **imediato**, ou seja, o momento de referência (MR) que envolve tanto a situação descrita (ME) como o MF passa a ser mais limitado, obrigando que dada situação esteja mais próxima ao momento de fala. Esse uso é verificado em (9):

---

12 Enunciado retirado da versão eletrônica do jornal espanhol El País, de 29/11/2014.

(9) [...] algo que **ha sorprendido** en las últimas horas tiene que ver con el crecimiento de algunos proyectos que vienen desde China directamente.<sup>13</sup>

[...] algo que surpreendeu nas últimas horas tem a ver com o crescimento de alguns projetos que vêm direto da China.

O enunciado (9) mostra que, graças ao uso do marcador temporal “*en las últimas horas*”, a situação descrita (“*ha sorprendido*”) terminou muito recentemente. No entanto, nota-se que a maioria dos estudos segue permeada por uma dificuldade em delimitar a dimensão do “âmbito primário de coexistência” nesse valor marcado por um traço de maior instantaneidade. Na tentativa de resolver essa questão, alguns pesquisadores chamam esse valor de **hodierno** ou **hudiernal**<sup>14</sup>, indicando, assim, que a delimitação da distância existente entre o momento da fala e o momento do evento se insere nos limites de um dia.

Ressaltamos que a diferença existente entre o valor de **AP específico** e o de **mediato (hodierno)** reside fundamentalmente na extensão do “âmbito primário de coexistência” (MR). Por isso, parece apropriado tratar o segundo sentido como uma delimitação do **AP específico**, cujo âmbito de coexistência pode se estender mais livremente e, conseqüentemente, envolver situações mais distantes do MF. Mais uma vez, destaca-se a posição da tradição gramatical da língua em atribuir ao PPC a expressão do **AP mediato** (BELLO, 1972, 1999; KANY, 1970; GILI GAYA, 1970; ALARCOS LLORACH, 1980, 2005; RAE, 1986, 2009, 2010).

### 3.3 O antepresente ampliado

Identificado pela norma gramatical como **experiential**, o valor aqui denominado **AP ampliado** indica-nos que uma situação se manteve, pelo menos uma vez, durante algum tempo amplo, pouco especificado e anterior ao MF. Há de se considerar que a ausência de um delimitador temporal explícito pode favorecer uma interpretação mais abrangente do âmbito temporal em que dado evento aconteceu. Assim, o enunciador e/ou o enunciatário pode considerar que a situação descrita sucedeu em qualquer momento durante um extenso período, que não raramente pode envolver até toda a existência do experimentador. Assim, o enunciado (10) – mesmo trazendo explicitamente um especificador temporal (“*en mi larga carrera*”) – ilustra-nos como o “âmbito primário de referência” (MR presente) se arrasta a ponto de envolver um longo período da existência do enunciador. É a ampliação do momento de referência que permite estabelecer uma relação entre a situação descrita e o MF, facultando, de alguma maneira, a leitura de **AP**.

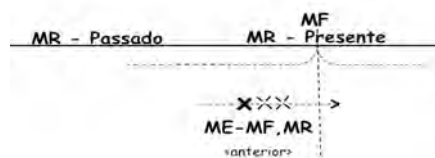
13 Enunciado retirado de uma entrevista radiofônica difundida pela rádio LV10, de Mendoza/Argentina (13/08/2010).

14 Do latim, *hodiernus*, que quer dizer “do dia de hoje” (RAE, 2009, p.1730).

(10) [...] en mi larga carrera de actor **he dirigido** espectáculos musicales, como los del Carmen Flores <B3>.

[...] em minha longa carreira de ator dirigi espetáculos musicais, como os de Carmen Flores.

**Figura 4** - O valor antepresente ampliado



Fonte: reprodução do autor

O **AP ampliado** pode ser observado na figura 4, na qual as letras (x) tracejadas mostram o desconhecimento da quantidade de vezes em que ocorre o evento. Por sua vez, a linha temporal tracejada acusa a indefinição do momento exato em que se deu a situação. Podemos observar, contudo, que, apesar da imprecisão, a situação continua sendo tratada dentro do “âmbito primário de coexistência” (MR-Presente), já que o falante pode estendê-lo a ponto de envolver toda a vida.

O *Manual de la Nueva Gramática de la Lengua Española* (RAE, 2010, p. 429) afirma que “*últimamente, en estos tiempos, en estos días*, as fórmulas *a lo largo de* + grupo nominal quantitativo temporal, *en {más ~ menos} de* + grupo nominal quantitativo temporal ou *{desde ~ hasta}* + advérbio ou grupo nominal de sentido temporal” são exemplos de expressões temporais do espanhol que corroboram o valor de **AP ampliado**. Há ainda outros marcadores temporais que não delimitam o âmbito temporal em que uma situação ocorre, mas salientam o sentido prototípico de indeterminação temporal associado a esse uso. Esse é o caso dos advérbios ‘*nunca*’ e ‘*siempre*’ (que consideram toda a vida do indivíduo) e das locuções ‘*alguna vez*’ e ‘*en alguna ocasión*’ (as quais se relacionam à quantidade de ocorrências do evento).

A indeterminação do momento passado em que se deu o evento pode estar também associada a perguntas e à negação, tal como verificamos em (11) e (12), respectivamente:

(11) ¿Se **han enfrentado** alguna vez o esta es la primera vez? <B7>

Enfrentaram-se alguma vez ou esta é a primeira vez?

(12) *Hasta el fondo mismo, hasta donde no **ha llegado** absolutamente nadie.*<sup>15</sup>

Até o fundo do mar mesmo, até onde não chegou absolutamente ninguém.

<sup>15</sup> Enunciado retirado de uma entrevista radiofônica difundida pela rádio LV10, de Mendoza/Argentina (13/09/2010).

Por fim, o estudo do valor de **antepresente** revela que suas nuances correspondem à sistematização de diferentes amplitudes temporais, as quais, a despeito de suas particularidades, têm em comum a retratação de uma situação pretérita (ME) que ocorre em um âmbito temporal (MR) ainda vigente no momento de fala (MF). Isso posto, não raramente, o falante pode intervir na descrição dos fatos que apresenta, inserindo os acontecimentos narrados dentro de um intervalo temporal que, para o enunciador, ainda se encontra em vigor – especialmente quando se trata do **AP ampliado**. Por outro lado, o **PA** se distingue por inserir a situação descrita em uma perspectiva temporal de passado e já concluída quando apresentada pelo enunciador – rompendo, portanto, a relação temporal entre o momento do evento e o momento de fala.

A fim de complementar o referencial teórico que nos servirá de base para análise dos dados deste estudo, apresentaremos, na seção seguinte, resultados de outros trabalhos sobre o uso do **PPC** e do **PPS** no espanhol argentino, e mais especificamente, em Buenos Aires.

#### **4 O uso do PPS e do PPC em Buenos Aires: revisão bibliográfica**

As pesquisas de maior repercussão sobre o comportamento das formas do pretérito perfeito na Argentina desenvolveram-se tendo em vista, fundamentalmente, as variedades bonaerense e noroeste<sup>16</sup>. Além disso, é possível ainda subdividir esses trabalhos em dois tipos de abordagens: (i) uma preocupada com a norma linguística de alguma(s) das regiões argentinas e (ii) outra interessada em descrever a manifestação das formas do pretérito perfeito na América e que, para isso, apresenta brevemente a situação dos pretéritos na Argentina.

Atendo-nos inicialmente a essa última abordagem, observamos que trabalhos como os de RAE (1986), Lamiquiz Ibañez (1969), Moreno Fernández (2000) e Oliveira (2007) afirmam a existência de um uso comum para todo o país – no qual predomina a forma do PPS.

Segundo a conclusão dos autores, a generalização da forma de pretérito perfeito simples parece decorrer da generalização do uso observado na norma bonaerense às demais variedades diatópicas do país. Por outro lado, uma segunda postura, que opõe o comportamento do PPC na região noroeste/norte ao comportamento na região bonaerense, pode ser observada em trabalhos desenvolvidos por Kany (1970), Gutiérrez Araus (2001), Alarcos Llorach (2005) e Jara Yupanqui (2009), dentre os quais retiramos, a título de exemplo, a seguinte asseveração:

---

<sup>16</sup> Incluem-se na zona noroeste do país as províncias de Jujuy, Salta, Catamarca, La Rioja, Santiago del Estero e San Miguel de Tucumán.

“[...] o panorama de uso das formas *canté/he cantado* nesse grande país é variado e aparecem duas zonas claramente diferenciadas em relação ao assunto: por um lado, o norte do país: Tucumán, Salta etc. e, por outra parte, Buenos Aires e o Litoral” (GUTIÉRREZ ARAUS, 2001, s/n, tradução nossa)<sup>17</sup>.

Soma-se a essa proposta de bipartição, a observação do maior índice de ocorrência do PPS sobre o PPC na área do *Río de la Plata*. Baseando-se no estudo de Kubarth (1992), Gutiérrez Arous (2001) faz-nos saber que, apesar da significativa diminuição do uso do PPC em Buenos Aires, ainda trata-se de uma forma viva nessa zona. Contudo, considera-se que já

[...] não funciona como forma de anterioridade imediata à enunciação ou antepresente, como também não se emprega em momentos culminantes ou emotivos da narração ou com valor enfatizador, no entanto, sim, se emprega como forma de valor resultativo com relevância no presente (GUTIÉRREZ ARAUS, 2001, s/n, tradução nossa)<sup>18</sup>.

Além disso, a pesquisa de Vidal de Battini (1964), destinada exclusivamente à descrição do espanhol na Argentina, informa-nos que

Na fala do país não há diferenças de sentido entre o pretérito (simples) e o perfeito (composto), mas sim, há preferências regionais. Há preferência marcada pelo uso do pretérito perfeito na região Noroeste, particularmente a partir de Tucumán até a fronteira com a Bolívia [...]. No resto do país, e particularmente na grande zona de influência de Buenos Aires, preferem-se as formas do pretérito (simples) [...]. Na região central, as duas formas alternam-se [...] com maior tendência às formas simples. (VIDAL DE BATTINI, 1964, p.189, tradução nossa)<sup>19</sup>.

Em outras palavras, conforme aponta o trabalho levado a cabo nos anos 1960, deveríamos observar no espanhol da Argentina (i) equivalência de sentido expresso pelo PPS e pelo PPC, confirmando, portanto, uma variável linguística ao longo de todo território; (ii) a preferência regional pelo uso de uma ou outra variante; (iii) a existência de três padrões de uso, ou seja, além dos dois já conhecidos, haveria um terceiro verificável na região central – tida como zona de transição. Por outro

17 “[...] el panorama de uso de las formas *canté/he cantado* en este gran país es variado y aparecen dos zonas claramente diferenciadas al respecto: por un lado el norte del país: Tucumán, Salta, etc. y por otra parte, Buenos Aires y el Litoral” (GUTIÉRREZ ARAUS, 2001, s/n).

18 “[...] no funciona como forma de anterioridad inmediata a la enunciación o antepresente, como tampoco se emplea en momentos culminantes o emotivos de la narración o enfatizador, sin embargo sí se emplea como forma resultativa con relevancia del presente (GUTIÉRREZ ARAUS, 2001, s/n).

19 En el habla del país no hay diferencias de sentido entre el pretérito (simple) y el perfecto (compuesto), pero sí hay preferencias regionales. Hay marcada preferencia por el uso del pretérito perfecto en la región Noroeste, particularmente desde Tucumán hacia el límite con Bolívia [...]. En el resto del país, y particularmente en la gran zona de influencia de Buenos Aires, se prefieren las formas del pretérito (simple) [...]. En la región central alternan las dos formas [...] con mayor tendencia a las formas simples (VIDAL DE BATTINI, 1964, p.189).

lado, apesar dessas informações distribucionais, notamos no trabalho de Vidal de Battini (1964) a carência da informação sobre qual é o sentido que ambas as formas expressam.

Também procurando estabelecer um panorama de uso do PPC/PPS em toda a Argentina, Múgica (2007) se mostra defensora da tese de que ambas as formas compartilham exatamente o mesmo significado e que, por isso, deveriam ser tratadas como variantes cuja intensificação de uso seria determinada pela norma presente em cada uma das regiões do país. Nas palavras da autora:

[...] a distinção perfeito simples/perfeito composto não apresenta diferenças de significado. Se alternassem nos falantes particulares, tratar-se-ia verdadeiramente de uma variação já que não aportariam diferenças de significado. Mas com diferenças de região a região, no mapa da Argentina, se escolhe um ou outro (MÚGICA, 2007, p.19)<sup>20</sup>.

Kubarth (1992) desenvolveu o primeiro estudo mais substancial sobre a situação dos pretéritos em Buenos Aires. Valendo-se de um modelo de entrevista próprio da metodologia sociolinguística, o autor avalia o uso feito por 107 informantes de diferentes idades (a. 13 a 30 anos, b. 31 a 49 anos e c. 49 a 75 anos) e classes sociais (baixa, média e alta) e conclui que a referência a situações terminadas antes do momento de fala faz-se preferencialmente mediante o perfeito simples – seja ela de **AP** ou **PA**, de maneira que, para o autor, o critério da distância temporal não incide na seleção de um ou outro pretérito na modalidade falada, em Buenos Aires (KUBARTH, 1992, p. 561). O autor ainda demonstra que o *perfeito composto* é usado com maior frequência para expressar uma situação que persiste até o momento de fala (**continuidade**). Por fim, identifica uma maior frequência do PPC junto à população mais velha, indicando a possibilidade de que essa forma possa ser eliminada no futuro (KUBARTH, 1992, p. 565).

García Negroni (1999), por sua vez, recorre à dicotomia temporal de Benveniste (2005), segundo a qual se opõe o “tempo da história” ao “tempo do discurso”<sup>21</sup>, para demonstrar que, na variedade

---

20 [...] la distinción perfecto simple/perfecto compuesto no arroja diferencias de significado. Si en los hablantes particulares alternaran, se trataría verdaderamente de una variación ya que no aportarían diferencias de significado. Pero con diferencias de región a región, en el mapa de la Argentina, se elige uno u otro (MÚGICA, 2007, p.19)

21 O **tempo da história** caracteriza-se pela narrativa dos acontecimentos pretéritos sem qualquer intervenção do locutor, excluindo, por conseguinte, toda forma linguística tida como autobiográfica. Na língua francesa, esse sistema comportaria três tempos: o **aoristo** (*passé simple*), o imperfeito e o mais-que-perfeito. O **tempo do discurso**, por sua vez, é encontrado em toda enunciação que suponha um locutor e um ouvinte e, no primeiro, a intenção de influenciar, de algum modo, o outro. Nota-se, portanto, um maior grau de subjetividade nessa perspectiva. O **perfeito composto** surge como uma forma correferente ao **aoristo** no plano do **discurso**, com a particularidade de estabelecer um laço vivo entre o acontecimento passado e o presente no qual a sua evocação se dá.

bonaerense, o PPC e o PPS só entrariam em variação no **tempo do discurso (antepresente)**, já que o PPS é a forma exclusiva para referir-se ao **tempo da história (passado absoluto)**. No entanto, a variação entre ambas as formas do pretérito perfeito no **tempo do discurso** seria dissolvida a partir da observação do traço de **relevância presente**, posto que, segundo a autora, com o PPC, o locutor expressaria uma maior pertinência da situação denotada para o momento de enunciação. Desse modo, a distinção no uso do PPS e do PPC permitiria marcar diferentes graus de adesão ou distanciamento em relação ao que se enuncia, orientando, por conseguinte, certas interpretações, em detrimento de outras (GARCÍA NEGRONI, 1999, p.54). Contudo, tendo em vista seus objetivos e limitações de análise, a autora é reticente em categorizar esse comportamento do pretérito perfeito como geral na norma bonaerense.

Os estudos conduzidos por Oliveira (2007, 2010) corroboram, de modo mais sistemático e preciso, as indicações de García Negroni (1999). Em seu primeiro estudo, Oliveira (2007) indica que, em artigos escritos de jornais portenhos, o PPS é a única forma identificada no contexto de **PA**. Quanto ao contexto de **AP**, também se observa o uso recorrente do PPS; contudo, com uma pequena proporção do PPC (4,5%) ocorrendo em aparente variação. No estudo seguinte, Oliveira (2010) aponta que o uso do PPC em Buenos Aires apresenta os valores de **continuidade** e de **relevância presente** (Oliveira, 2010, p. 212).

Contrastando dois gêneros discursivos (artigos de jornais e entrevista sociolinguística), Santos (2009) observa que em Buenos Aires há um significativo incremento percentual no uso da forma composta com a passagem para a modalidade oral (de 5% para 21%). Atenta às ocorrências do PPS e do PPC nos âmbitos de **antepresente** e **passado absoluto**, a pesquisadora nota que, em ambos os gêneros discursivos e âmbitos temporais, há variação entre as duas formas do pretérito perfeito – comportamento que é marcado por uma maior recorrência constante da forma simples. Contudo, notamos que, conforme se avança do gênero escrito para o oral e do âmbito de **PA** para o **AP**, maior é o incremento na recorrência da forma composta.

Ainda sobre o comportamento dos pretéritos na variedade da capital argentina, destacam-se os trabalhos substanciais conduzidos por Rodriguez Louro (2008, 2009, 2010 e 2011). Dentre as muitas contribuições aportadas pela autora, destacamos a descrição do uso mais intenso da forma composta relacionado à expressão de uma **situação genérica ocorrida em um passado indefinido**. Em outros termos, o PPC, em Buenos Aires, faz referência a situações (potencialmente) realizadas em um âmbito de passado que não é identificado, delimitado ou reconhecido (RODRIGUEZ LOURO, 2009, p. 250; 2011, p. 60), tal como se observa em (13) e (14) – reproduzidos de Rodriguez Louro (2010,



p. 11). Notemos que a ausência de um elemento que permita uma ancoragem temporal específica e a presença do nome coletivo e pouco definido (*personas*) do enunciado (13) ou do quantificador *mucho*, em (14), favorecem a leitura de **passado genérico**.

(13) He atendido personas que han venido del extranjero.

Atendi/tenho atendido pessoas que vieram do exterior.

(14) He viajado mucho pero en viajes de turismo.

Viajei/tenho viajado muito, mas viagens a turismo.

Em adendo, a autora ainda identifica o uso da forma composta expressando os sentidos de **resultado**, **continuidade** e **experiência (AP ampliado)** (RODRIGUEZ LOURO, 2010, p.21). Contudo, defende que os sentidos de **continuidade** e **resultado** tornam-se cada vez menos recorrentes junto à forma composta, já que o PPS começa a expressar esses valores, bem como os de **passado absoluto** e de **antepresente (imediato e específico)** (RODRÍGUEZ LOURO, 2011, p. 67). Em suas palavras:

O perfeito composto em Buenos Aires tem diminuído sua frequência de uso a partir do século XIX e o perfeito simples invadiu os espaços ocupados antes pelo PPC. Como resultado, as várias funções expressas pela forma composta (incluindo **resultado**, **continuidade**, **relevância presente** e **AP imediato**) no século XIX são, na atualidade, expressas fundamentalmente pelo PPS – às vezes em combinação com marcadores temporais (RODRÍGUEZ LOURO, 2009, p. 250, tradução nossa) <sup>22</sup>.

Em síntese, diante do complexo cenário esboçado, Rodriguez Louro conclui que, na região bonaerense, utiliza-se o PPC de forma limitada, mas estatisticamente significativa, e em diferentes contextos. Além disso, “a maior frequência de uso do PPC no registro formal poderia assinalar que essa é uma forma de prestígio no espanhol bonaerense” (RODRIGUEZ LOURO, 2008, p.20).

Finalmente, os trabalhos que realizamos sobre o comportamento da forma composta nas variedades diatópicas da Argentina (ARAUJO, 2012, 2013, 2015) identificam, em Buenos Aires, a menor recorrência do PPC (6%) – quando comparamos sua frequência com as outras seis regiões do país<sup>23</sup>. Em relação aos valores atribuídos ao PPC nessa variedade, identificamos uma maior recorrência do uso do PPC expressando **resultado** (55%), **experiência (AP ampliado)** (25%) e **passado**

---

22 The ARPS Present Perfect has dwindled in usage frequency since the 19th century and the Preterit has invaded the spaces erstwhile occupied by the Present Perfect. As a result, the various functions expressed by the Present Perfect (including result, continuity, current relevance, and hot news) in the 19th century are currently mostly fulfilled by the Preterit, sometimes in combination with TAs (RODRÍGUEZ LOURO, 2009, p. 250)

23 A recorrência do PPC nas demais variedades diatópicas do país divide-se em: Patagônia (7%), Nordeste (9%), Litoral (10%), Cuyo (15%) Noroeste (25%) e Central (28%) (ARAUJO, 2013, p.208).

**absoluto** (15%). Contudo, alguns poucos usos foram identificados com o valor de **continuidade** (5%) (ARAÚJO, 2013, p. 208).

A seguir, dirigiremos nossa atenção à análise dos dados coletados para o cumprimento deste trabalho. Desse modo, expomos na seção seguinte os aspectos metodológicos deste estudo.

## **5 Aspectos metodológicos: o corpus de análise**

Nosso estudo parte de um *corpus* compilado para os propósitos pautados, de modo que a opção pelo gênero “entrevista radiofônica” se deve ao fato de que esse gênero apresenta uma variedade linguística relativamente próxima à realidade cotidiana de fala da comunidade investigada, além de possibilitar uma diversidade temática e de tipologia textual (ARAÚJO, 2017) que favorece o estudo dos fenômenos em pauta. Isso porque, para descrever eventos (descrição), ordená-los temporalmente (narração), explicar e analisar situações (exposição), bem como para contrapor ideias (argumentação), parecem ser necessárias formas verbais vinculadas a coordenadas temporais que englobam do pretérito até o presente – contextos em que estão os valores de **PA** e **AP**. Ao recorrermos às entrevistas radiofônicas, não apenas garantimos o acesso remoto a um material autêntico e diversificado, mas também viabilizamos a obtenção das informações sociolinguísticas de que necessitamos – ora por inferência na própria entrevista, ora por contato direto com as rádios ou por meio de redes sociais (ARAÚJO, 2017).

A forma básica de obtenção das entrevistas foi através dos áudios disponibilizados pelas emissoras. Quando não dispostos para *download*, foi utilizado o *software Audacity 1.3* para gravação das entrevistas. As mais de 2 horas de gravações referentes às 8 entrevistas radiofônicas forneceram-nos mais de 21 mil palavras. Em relação à recorrência das formas em análise, observamos 562 casos dos pretéritos. A fim de organizar a referência da fonte dos enunciados que serão apresentados ao longo da discussão, o quadro 1 expõe, a partir do código da entrevista (Cód.), as informações sobre a rádio de origem, data de gravação da entrevista e sua duração (Tempo), número de participantes envolvidos no diálogo (N. Infor) e a temática discutida.

**Quadro 1** – A relação de entrevistas que compõem o *corpus*

Rádio	Cód.	Data	Tempo	N. Infor	Faixa etária	N. Mulher	Temática
Continental	<b>B1</b>	02.06.2010	10'07"	2	62 a 63	1	Sociedade. Serv. Social.
Palermo	<b>B2</b>	29.09.2010	10'50"	2	37 a 38	0	Artes. Artes Plásticas.
	<b>B3</b>	29.09.2010	16'30"	3	36 a 70	2	Artes. Teatro.
Cooperativa	<b>B4</b>	04.08.2013	19'16"	2	43 a 53	0	Política. Gênero.
	<b>B5</b>	04.08.2013	33'02"	2	50 a 53	1	Política. Eleições.
	<b>B6</b>	14.08.2013	11'48"	3	45 a 68	0	Esporte. Futebol.
	<b>B7</b>	10.09.2013	13'33"	4	40 a 68	0	Esporte. Futebol.
	<b>B8</b>	07.08.2013	06'24"	3	28 a 48	0	Esporte. Futebol.

Fonte: reprodução do autor

## 6 O impacto do tipo de referência temporal sobre o uso do Pretérito Perfeito

Conforme mostra a Tabela 1, sem considerar as especificidades funcionais presentes nos usos de cada forma, encontraremos no *corpus* compilado resultados marcadamente favoráveis ao uso do PPS em Buenos Aires e um percentual praticamente residual da forma composta.

**Tabela 1** - A distribuição do PPS e do PPC desconsiderando os contextos temporais

PPC	52	9%
PPS	499	91%
Total	551	100%

Fonte: reprodução do autor

Contudo, como discutiremos a seguir, a simples recorrência das duas formas não permite identificar os contextos de ocorrências de cada uma das variantes e compreender o status da forma composta nessa variedade. Partimos da hipótese de que o **tipo/abrangência da referência temporal de anterioridade é um fator determinante no uso das formas do pretérito perfeito**. Para verificar essa hipótese, discutimos a seguir a correlação das formas de PPS e PPC com os valores de **antepresente e passado absoluto**.

### 6.1 O antepresente

Conforme pontuamos, a tradição gramatical da língua espanhola considera o âmbito do **antepresente** (e seus subâmbitos) como o contexto de uso do PPC (BELLO, 1972, 1999; KANY, 1970; GILI GAYA, 1970; ALARCOS LLORACH, 1980, 2005; RAE, 1986, 2009, 2010; ROJO,

1980, 2005; TORREGO, 2002). Contudo, uma análise detalhada desse contexto revela, em Buenos Aires, um uso aparentemente divergente ao descrito pela norma-padrão (Tabela 2).

**Tabela 2** - A expressão dos subâmbitos de antepresente em Buenos Aires<sup>24</sup>

	ANTEPRESENTE					
	Imediato		Específico		Ampliado	
PPS	42	100%	72	87%	41	55%
PPC	0	0%	11	13%	33	45%
		—		0,68		0,91
Total	42	100%	83	100%	74	100%

Fonte: reprodução do autor

De acordo com a tabela 2, nota-se, no **AP imediato**, o uso exclusivo do PPS (100%) e um gradual aumento da forma composta à medida que se amplia a referência de **antepresente**, de modo que no **AP específico** temos 13% de ocorrências da forma composta e 45%, no **AP ampliado**. Há, no entanto, um ponto importante: em nenhum dos valores possíveis predomina o PPC. O que fica claro é que no caso de antepresente ampliado há maior variação.

A partir dessa primeira análise já é possível afirmar que a **abrangência da referência temporal de anterioridade é um fator determinante no comportamento das formas do pretérito perfeito**.

Os enunciados (15) e (16) ilustram o uso do PPS no contexto de **AP imediato**. Os marcadores temporais “*recién*” e “*antes de salir al aire*” indicam o valor hodierno vigente.

(15) Recién, nos **preguntaron** los oyentes dónde es eso de Victor Hugo Morales <B5>.

Há pouco, os ouvintes nos perguntaram onde fica essa coisa de Victor Hugo Morales.

(16) [...] como te **comenté** antes de salir al aire, empecé en la radio de muy chico <B3>.

[...]como te comentei antes de sair ao ar, comecei na rádio quando era muito pequeno.

Os contextos de **AP específico** e **AP ampliado** serão analisados separadamente a fim de melhor avaliar aparente variação das formas do pretérito perfeito nos respectivos contextos.

24 Tendo em vista a decisão teórico-metodológica de separar as ocorrências do contexto de antepresente das verificadas no contexto de passado absoluto, os quantitativos presentes na tabela 2 excluem os dados referentes ao passado absoluto, expostos na tabela 3. Por isso, há uma discrepância entre os dados da tabela 1 com os dados das tabelas 2 e 3.

### 6.1.1 O AP específico

O estudo das características aspectuais da base verbal oferece-nos alguns indícios que nos permitem associar o uso do PPC à expressão de um valor de **continuidade**. Nesse sentido, o **modo de ação** parece ser o grupo de fatores com maior influência sobre o uso da forma composta, posto que a recorrência de uso do PPC com verbos estativos mostra-se mais expressiva (passa de 13% de recorrência geral do PPC para 26%) e o peso relativo desse fator sobre o uso da forma composta é de [0,78].

(17) Estoy feliz [en los últimos días] porque **hemos tenido** una distinción maravillosa ya que nos **eligieron** cómo tesis final de la carrera de artes de la UBA <B3>.

Estou feliz [nos últimos dias] porque tivemos uma distinção maravilhosa, já que nos escolheram como trabalho final no curso de artes da UBA.

O enunciado (17) mostra o uso do PPC com verbo estativo (“*hemos tenido una distinción*”), fazendo referência a uma situação que ainda perdura, de algum modo, no momento de fala. Assim, a repercussão dessa situação no presente é destacada pelo estado de felicidade em que se encontra o enunciador (“*estoy feliz*”). Por outro lado, no mesmo enunciado, observa-se o uso do PPS (“*nos eligieron*”) para se referir a uma ação pontual e tética (*achievement*) que, como tal, não persiste até o momento de fala. Ainda sobre o **modo de ação**, os verbos de *achievement*<sup>25</sup> ocorrem com maior frequência em PPS (93%).

Sobre a **tipologia de orações** (afirmativas, negativas ou interrogativas), é pertinente destacar a relevância que as orações interrogativas parecem exercer sobre o uso do PPC, já que o percentual de uso do PPC nesse contexto frasal é de 25%, com peso relativo de [0,59].

(18) ¿**Has visto** una película con Richard Gere? Yo no la **vi** [todavía] <B1>.

Você viu uma película com Richard Gere? Eu não a vi [ainda].

A observação do contexto interrogativo permite-nos entender a possível causa do favorecimento da forma composta em detrimento da simples, nesse contexto frasal. Conforme se nota em (18), o enunciador vale-se da forma composta (“*has visto*”) para se referir a uma “ação potencialmente efetivada” dentro da referência temporal instaurada indiretamente: “período desde quando o filme foi lançado até o MF, quando ainda permanece em cartaz”. Por se inserir em contexto de interrogação,

---

25 Os verbos de estado são marcados pelos traços de duração e atelicidade, ao passo que os verbos de *achievement* se definem pelos traços contrários, isto é, não duração e telicidade.

sabemos que o enunciador não tem conhecimento da efetiva realização da ação por parte de seu interlocutor.

Em contrapartida, o enunciador pode afirmar com segurança sobre aquilo que conhece: sua própria experiência. De modo que se vale do PPC (“*vi*”) para referir-se a uma situação passada definida – no caso, a ausência dela. Como já destacado, Rodríguez Louro (2009, 2011) define que o PPC é utilizado na variedade portenha para fazer referências a **situações passadas genéricas/indefinidas**, ao passo que o PPS é usado para referenciar uma situação passada específica e definida.

Por fim, uma análise das **variáveis extralinguísticas** mostra-nos a maior ocorrência do PPC entre homens (10 de 11 casos do PPC no AP específico) – fator com maior percentual e peso sobre o uso do PPC (16%/[0,73]) –, ao passo que a forma simples é mais recorrente entre as mulheres (95%). Uma vez que a forma simples mostra-se mais frequente entre as mulheres, é possível pensar que o PPS integra a norma de prestígio na expressão do **AP específico**, em Buenos Aires. Esse comportamento é ainda mais evidente se consideramos o alto percentual geral do PPS nesse contexto temporal de análise. Recordamos, contudo, que devido à limitação de nossos dados em equiparar sistematicamente a quantidade de informantes de ambos os gêneros/sexos, essas informações requerem uma avaliação mais estendida.

Quanto à **faixa-etária**, observamos que quanto mais velho é o falante, maior é a incidência da forma composta, de tal maneira que não se observa o PPC na fala de abaixo de 35 anos e se nota o aumento no percentual de uso dessa forma entre falantes acima de 55 anos ([0,54]/20%). Com um comportamento inversamente proporcional, o PPS torna-se a variante categórica entre os mais jovens e pouco menos recorrente entre os mais velhos (80%). Essa configuração parece indicar que o PPC passa por um processo de desuso na expressão do **AP específico** à medida que o PPS mantém-se mais favorecido pela norma bonaerense – a exemplo do que foi atestado por Kubarth (1992).

Para concluir, o PPS comporta-se como a forma de prestígio na expressão do **AP específico** em Buenos Aires, o que é evidenciado não apenas pelo alto percentual de ocorrência, mas também pelo favorecimento na fala feminina e pelo uso aparentemente absoluto entre os jovens. Por sua vez, o PPC apresenta um comportamento que caracteriza estruturas em vias de desaparecimento, isto é, menos recorrente, de modo geral, e favorecido por falantes mais velhos. Quanto ao funcionamento, identificamos um uso levemente acentuado do PPC em contextos que possibilitam uma leitura **continuativa** (verbos de estado), ao passo que o PPS é mais favorecido junto a verbos télicos e pontuais (*achievement*). Por fim, a observação da recorrência do PPC em orações interrogativas

mostra-nos seu uso referindo-se a **situações genéricas e potenciais ocorridas em uma extensão temporal menos definida**.

### 6.1.2 O AP ampliado

Como já descrito, verificamos nesse subâmbito temporal a maior recorrência do PPC no *corpus* de Buenos Aires (45%). Contudo, a análise do tipo de base verbal revela que com verbos estativos o percentual de ocorrências do PPC (58%) torna-se maior que a do PPS (42%). Esse é o cenário exemplificado no enunciado (19), no qual a forma do PPC refere-se a uma situação que ainda permanece no momento de fala (“*ha tenido la suerte*”). O valor **continuativo** é também reforçado pela expressão temporal durativa “*en mi carrera*”.

(19) Cuando uno **ha tenido** la suerte, como en mi carrera, y haber trabajado al lado de las primeras figuras más importantes que hubo en el país [...] <B3>.

Quando alguém tem a sorte, como na minha carreira, e ter trabalho ao lado das primeiras figuras mais importantes que houve no país.

Em condição inversa, o perfeito simples parece se acomodar melhor com verbos pontuais (63%) e télicos (58%) – como apresenta o enunciado (20).

(20) Después me **ganó** creo que dos o tres veces de las veces que nos enfrentamos ¿no? También en Boca Vélez <B7>.

Depois ganhou de mim acho que duas ou três vezes das vezes que nos enfrentamos, né? Também no Boca *versus* Vélez.

A análise quantitativa promovida pelo *Goldvarb Yosemite* seleciona também o grupo de fatores “número do sujeito gramatical”, atribuindo maior peso relativo ao traço plural (0,69), contexto que favorece a ocorrência do PPC (67%). Os enunciados (19) apresentam o uso do PPC no contexto em que são mais recorrentes, tendo em vista o número do sujeito. Em especial, como se observa no enunciado (21), ao se referir a um grupo de pessoas (“*muchos compañeros*”) que padeceu ao longo da história, cria-se a percepção de que a situação referida se estende até próximo ao momento de enunciação – identificando, mais uma vez, o maior índice do PPC junto a um fator que favorece a leitura **continuativa**.

(21) Nosotros sabemos que estamos luchando por muchos compañeros que **han quedado** en el camino [a lo largo de la historia] <B4>.

Nós sabemos que estamos lutando por muitos companheiros que ficaram/tem ficado pelo caminho [ao longo da história].

Quanto à **tipologia frasal**, destaca-se a maior recorrência da forma simples em orações negativas e o maior percentual de uso da forma composta novamente em orações interrogativas – como em (22). Em especial, esse último dado merece uma atenção especial devido ao peso relativo que o fator “oração interrogativa” recebe sobre o uso do PPC ([0,81]).

(22) ¿Se **han enfrentado** alguna vez o esta es la primera vez? <B7>

Enfrentaram-se alguma vez ou esta é a primeira vez?

A exemplo do que comentamos na análise das orações interrogativas no **AP específico**, o enunciado (22) evidencia que, também no **AP ampliado**, o PPC pode fazer referência a uma **situação genérica e pouco definida** quanto ao tempo em que ocorreu (RODRÍGUEZ LOURO, 2009, 2011), isso porque o enunciador desconhece a efetividade do enfrentamento no passado, mas especula sobre possíveis encontros que eventualmente possam ter ocorrido em alguma ocasião desconhecida.

Aparentemente, esse sentido também pode ser preservado no uso da forma simples, tanto que, em (23), o enunciador faz referência a um acontecimento até então potencial (*Qué click **pasó***) – presumido pela situação atual do enunciatário –, sem saber a que situação pode estar se referindo concretamente, nem sequer o momento de sua realização. Contudo, é importante destacar o peso que tem esse fator na determinação do uso da forma composta em detrimento da simples, indicando que, nessa variedade diatópica, é o PPC que tem maior aceitabilidade em orações interrogativas, quando inseridas no **AP ampliado**.

(23) ¿Qué click **pasó** en tu vida que dijiste: “Bueno, ¡Sí! Ahora me largo”? <B3>

Que click aconteceu na sua vida que você disse: “Bom, sim! Agora eu me jogo”?

Finalmente, o estudo das variáveis extralinguísticas segue indicando que, na variedade portenha, há maior recorrência do PPC entre homens (48%); por sua vez, a forma simples mantém-se mais recorrente entre as mulheres (75%). Tendo em vista que (i) o PPS ainda é a forma mais recorrente, de modo geral, na expressão do **AP ampliado** e (ii) que seu uso é ainda mais acentuado na fala feminina, parece possível afirmar que, a exemplo do observado no âmbito de **AP específico**, o PPS é a forma de maior prestígio nessa variedade diatópica para a expressão do **AP ampliado**. Contudo, conforme temos pontuado, a confirmação dessa relação entre a variável gênero/sexo e o uso do pretérito perfeito exige um estudo mais ampliado e sistematizado, que inclusive avalie o papel do homem e da mulher nas comunidades diatópicas abordadas por este trabalho.

Quanto à **faixa-etária**, observamos que entre os falantes menores de 35 anos apenas o PPS



é encontrado, índice que diminui na fala dos maiores de 35 anos, chegando a 50% entre 35 e 55 anos. Por sua vez, o PPC apenas é identificado a partir dos 35 anos. Recordemos que também no **AP específico** dessa variedade diatópica foi possível delinear o cenário apontado pela descrição dos variáveis independentes no **AP ampliado**.

A síntese da análise multivariada dos dados do âmbito de **AP ampliado** em Buenos Aires aponta que a forma simples parece seguir desfrutando de um *status* de maior prestígio, posto que não apenas é a forma mais presente, de modo geral, nesse contexto de análise, mas parece se tornar ainda mais recorrente quando se observa a fala feminina e a população com idade intermediária. Numa tendência inversa, o PPC parece ser favorecido entre os homens e os falantes mais velhos, comportamento que, a exemplo do observado no **AP específico** e no trabalho de Kubarth (1992), pode ser indício de que a forma composta tenda à diminuição no uso à medida que se progrida na troca de gerações.

Uma vez apreciado o contexto de **AP**, passemos à observação do **PA**.

## 6.2 O passado absoluto

Conforme descrito, ao **passado absoluto** se atribui a expressão de situações pretéritas concluídas no passado e que já não mantêm relação temporal direta com o MF (Figura 1), pois os fatos descritos passam a ser contemplados a partir de uma perspectiva de pretérito, isto é, que tem seu término definido anteriormente ao momento em que se enuncia (O-V). Considerando a orientação normativa sobre o uso do pretérito perfeito nesse âmbito temporal, vimos que o PPS é tratado como a forma própria desse contexto (BELLO, 1972, 1999; KANY, 1970; GILI GAYA, 1970; ALARCOS LLORACH, 1980, 2005; RAE, 1986, 2009, 2010; ROJO, 1980, 2005; TORREGO, 2002). Esse é o uso observado nos enunciados abaixo, nos quais “*el año pasado*” e “*ayer*” evidenciam a referência temporal de **PA**:

(24) *El año pasado estuve haciendo la consigna de Arnold Wesker* <B3>.

O ano passado estive fazendo a proposta do Arnold Wesker.

(25) *Ayer hicieron su regenerativo y ya se trabajó todo el grupo junto.* <B7>.

Ontem fizeram seu regenerativo e todo o grupo já foi trabalhado junto.

Contudo, contrário ao descrito na norma gramatical, também encontramos no *corpus* compilado o uso da forma composta no contexto temporal de **PA**. Esse é o caso, por exemplo, dos seguintes enunciados:

(26) [...] **hemos dejado** una base enorme el año pasado <B6>.

[...] deixamos uma base enorme ano passado.

(27) Mi labor específica y la labor de mi grupo es llevar dignidad, por ejemplo, como lo **hemos hecho** el domingo pasado, en el anfiteatro del parque Centenario [...] <B1>.

Meu trabalho específico e o trabalho do meu grupo é levar dignidade, por exemplo, como o fizemos domingo passado, no anfiteatro do parque Centenário [...].

Diante desses dados e conforme sintetiza a Tabela 3, é possível encontrar o uso do PPC também no contexto de **passado absoluto** no *corpus* de Buenos Aires (2%), ainda que muito discreto diante do uso da forma simples (98%).

**Tabela 3:** Da expressão do passado absoluto em Buenos Aires

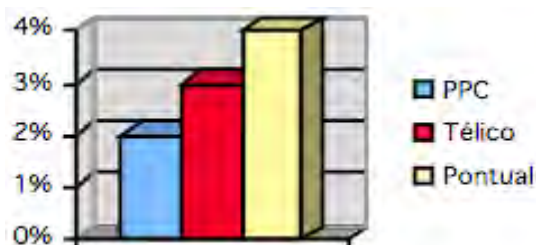
PPC	8	2%
PPS	344	98%
Total	352	100%

Fonte: reprodução do autor

Tendo em vista o uso quase categórico do PPS (98%) nesse contexto de análise, a discussão seguinte irá se restringir apenas a apontar os fatores que, de alguma maneira, contribuem para que a forma composta ainda possa ocorrer, mesmo que de forma discreta.

A análise multivariada dos dados indica uma tendência diferente do que descrevemos nos subâmbitos de **antepresente**. Isso porque, no **passado absoluto**, a forma composta deixa de ser percentualmente mais recorrente junto aos fatores linguísticos que evidenciam uma leitura de **continuidade** e passa a ser mais recorrente em contextos com uma leitura **perfectiva**. Conforme se observa no gráfico 1, o PPC tem o uso concentrado junto a verbos télicos (3%) e pontuais (4%).

**Gráfico 1:** Dos grupos de fatores que favorecem a leitura de perfectividade no âmbito de passado absoluto



Fonte: reprodução do autor.

A fim de melhor avaliar esses resultados, vejamos, a seguir, os enunciados encontrados nesse contexto de análise:

(28) Mi labor específica y la labor de mi grupo es llevar dignidad, por ejemplo, como lo **hemos hecho** el domingo pasado, en el anfiteatro del parque Centenario [...] <B1>.

Meu trabalho específico e o trabalho do meu grupo é levar dignidade, por exemplo, como o fizemos domingo passado, no anfiteatro do parque Centenário [...].

(29) Hace unos días atrás **hemos recibido**, desde la legislatura porteña [...] una invitación a un recital por el monumento a la mujer originaria. [...] Que se realizó el sábado, veinticinco de septiembre, en diagonal sur y Perú <B2>.

Há uns dias atrás, recebemos, da câmara portenha [...] um convite para o recital pelo monumento à mulher originária. [...] Que se realizou no sábado, vinte e cinco de setembro, na avenida diagonal sul, com a rua Peru.

(30) [...] esto **ha generado** en su momento mucha polémica. A ver, yo entiendo que a una figura como la de Roca se le apremia con el billete más caro o de más valor en nuestro país ¿no? Eh... con los cien pesos. Y a otras figuras, como San Martín, se lo ponen en los billetes de cinco ¿no? <B2>

[...] isso gerou, no seu momento, muita polêmica. Olha, eu entendo que uma figura como a de Roca é reconhecida coercitivamente com a nota mais cara ou de mais valor em nosso país, né? É... com os cem pesos. E outras figuras, como San Martín, são colocadas nas notas de cinco, né?

(31) Tati siempre nos dice que es la tarea de los organismos de derechos humanos. Nosotros **hemos constituido** uno [en diciembre]. El archivo de la memoria de la diversidad sexual. Tienen la tarea de mantener vivo esto, porque si la gente se olvida, mira lo que pasa <B4>.

Tati sempre nos diz qual é a tarefa dos organismos de direitos humanos. Nós constituímos um [em dezembro]. O arquivo da memória da diversidade sexual. Têm a tarefa de manter vivo isso, porque se as pessoas se esquecem, olha o que acontece.

(32) Habría que ir por el título de algún profesional que **ha dicho** esas cosas [en aquella ocasión], porque **han violado** leyes, diciendo esas mentiras, barbaridades obscurantistas <B4>.

Deveriam cassar o título de algum profissional que disse essas coisas [naquela ocasião], porque violaram leis, dizendo essas mentiras, barbaridades obscuras.

(33) **Has terminado** un estudio... un sondeo, hace poquitos días ¿no? <B5>

Você concluiu um estudo... uma pesquisa de intenção de votos há poucos dias, não é?

(34) [...] **hemos dejado** una base enorme el año pasado y que ahora le llegaron un montón de

jugadores que son de nivel óptimo <B6>.

Deixamos uma base enorme no ano passado e que agora chegou pra ele um monte de jogadores que são de ótimo nível.

Observamos nos enunciados (29), (31), (33) e (34) situações (“*hemos recibido una invitación*”, “*hemos constituido uno*”, “*has terminado un estudio*”, “*hemos dejado una base enorme*”, respectivamente) pontuais e téticas (*achievement*) que não só descrevem ações perfectivas, mas parecem repercutir, de alguma maneira, no momento presente. De modo mais pontual, em (29) o contraste entre o PPC (“*hemos recibido*”) e o PPS (“*realizó*”) permite-nos observar, respectivamente, o enunciador destacar aquilo que lhe confere e que lhe dá lugar de destaque (“receber o convite do próprio poder legislativo”), daquilo que objetivamente ocorreu no tempo e espaço (“recital pelo monumento à mulher originária”).

Na mesma direção, em (31) e (34), os enunciadores parecem enfatizar, por meio da forma composta, que seu trabalho (“*hemos constituído uno*” e “*hemos dejado una base*”) não apenas é relevante, mas ainda traz consequências ao momento da enunciação. Assim, apresenta, de maneira explícita, qual é o **resultado** presente de sua intervenção no passado (“*mantener vivo*” e “*le llegaron un montón de jugadores*”). Em especial, em (34), observa-se mais uma vez a contribuição da oposição entre as formas composta e simples para a argumentação desenvolvida pelo enunciador, de maneira que, com o PPC (“*hemos dejado*”), trata-se como especialmente relevante a ação realizada por ele e, com o PPS (“*llegaron*”), apresenta-se o resultado, mais recente, da situação previamente desenvolvida.

Finalmente, em (33), parece ser possível inferir, com o uso da forma composta (“*has terminado*”), a valoração de uma informação nova, a qual deve contribuir para um maior esclarecimento sobre o posicionamento do eleitorado sobre o cenário político em discussão.

Devido ao valor de duração que os verbos de *accomplishment* também apresentam, verifica-se a presença discreta desse valor nos enunciados (28), (30) e (32), já que “*hacer algo*”, “*generar mucha polémica*”, “*decir esas cosas*” – respectivamente –, demandam certo período de desenvolvimento antes de chegar a sua conclusão. Apesar dessa característica, é importante também destacar que se soma aos verbos de *accomplishment* o traço de “telicidade”, o que nos permite observar as referidas ações como perfectivas, isto é, terminadas. Em complemento, a exclusiva recorrência de marcadores temporais de passado, sem informação durativa, corrobora a leitura perfectiva identificada, de modo geral, nos dados expostos.

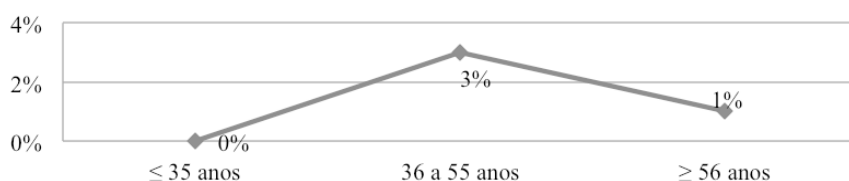
Tendo em vista que é possível encontrar, em Buenos Aires, o uso do PPC também fazendo

referências a **situações genéricas ocorridas em um passado indefinido** (RODRÍGUEZ LOURO, 2009, 2011), os dados do PPC parecem indicar que esse comportamento não é tão evidente no contexto de PA. Pois, com exceção de (32), as demais ocorrências do PPC fazem referência a fatos efetivamente identificados (“*lo hemos hecho*”, “*hemos recibido una invitación*”, “*ha generado mucha polémica*”, “*hemos constituido uno*”, “*has terminado un estudio*”, “*hemos dejado una base*”) e pertencentes a um momento definido do passado (“*el domingo pasado*”, “*hace unos días atrás*”, “*en su momento*”, “*en diciembre*”, “*hace poquitos días*”).

Contudo, a observação do enunciado (32) revela que o uso do PPC fazendo referência a **situações genéricas em uma envoltura temporal menos definida** ocorre justamente em um contexto linguístico em que o sujeito é menos determinado. Tanto é que, no enunciado em questão, ele é modificado por um adjetivo indefinido (“*algún*”) ou está ausente – em um verbo conjugado na terceira pessoa do plural e com o agente indeterminado (“*han violado leyes*”). Ademais, a soma de um complemento verbal plural corrobora a imprecisão informativa (“*esas cosas/leyes*”), haja vista que não se sabe exatamente o número de vezes ou quando as coisas foram ditas/leis foram violadas.

No que diz respeito aos grupos de fatores extralinguísticos, a análise do **gênero/sexo** dos falantes apresenta aparentemente um padrão equilibrado do uso do PPC. Por sua vez, os resultados para a variável faixa etária apontam, no gráfico 2, que a forma composta apresenta um padrão de uso mais conservador, posto que não é encontrada entre os mais jovens, sendo que os poucos dados se concentram entre falantes de idade entre 36 e 55 anos – grupo seguido pelos mais velhos (maiores de 55 anos).

**Gráfico 2:** Da incidência percentual do grupo de fatores “idade” sobre o uso do PPC no âmbito de passado absoluto, segundo os dados de Buenos Aires



Fonte: reprodução do autor.

Em suma, o estudo do PPC no âmbito de PA em Buenos Aires revela que essa forma aparentemente deixa de ser mais recorrente em contextos que exprimem um sentido de duração, ao passo que é discretamente mais recorrente junto a traços linguísticos que operam na construção de situações perfectivas. Característica que parece indicar um uso com valor de **relevância presente**. Além disso, é provável que a referenciação a **situações genéricas ocorridas em um passado menos definido** também se realize por meio do uso do PPC – sobretudo quando junto a traços que favorecem

a descrição de situações menos definidas, tais como a marcação de plural e marcadores de tempo indeterminado.

Sobre o aspecto extralinguístico, os dados parecem reproduzir a tendência já identificada no contexto de **AP**, isto é, a concentração de seu uso entre os mais velhos. Uma vez que o PPS apresenta uso quase que categórico nesse contexto e que os jovens recorrem apenas a ele para expressar o **PA**, parece haver uma tendência à intensificação do desuso do PPC nesse âmbito.

Por fim, tendo em vista a escassez dos dados, as tendências delineadas requerem um estudo mais estendido e apurado, em pesquisas futuras, do funcionamento do PPC no **passado absoluto**. Por outro lado, a expressiva recorrência da forma simples em todos os cenários contemplados evidencia não apenas a vitalidade dessa forma em Buenos Aires, mas também seu prestígio na expressão do **passado absoluto**.

## 7 Considerações finais

A síntese da discussão apresentada neste trabalho permite-nos delinear uma tendência crescente da forma composta no âmbito de **antepresente** à medida que se dilata a amplitude da referência temporal. Assim, o uso categórico da forma simples no contexto de **AP imediato** vai debilitando-se com o aumento no percentual do PPC no **AP específico** (13%) e, de maneira ainda mais intensa, no **AP ampliado** (45%). Uma vez que, de modo geral, a forma composta é mais recorrente entre a população mais velha e o PPS, entre os mais jovens, o avançar do processo de mudança na expressão do **antepresente** e de seus subâmbitos deve culminar na diminuição mais acentuada no uso do PPC, em favor do uso absoluto do PPS.

Por outro lado, a observação do comportamento do PPC no âmbito de **passado absoluto** revela uma diminuição brusca no uso do PPC (2%) ao devolver, de modo quase categórico, ao PPS a expressão do **passado absoluto** – conforme prevê a norma-padrão. Em suma, notamos que nessa variedade diatópica, os subâmbitos de **AP específico** e de **AP ampliado** são os que mais favorecem o estudo da variação entre as duas formas do pretérito perfeito, posto que neles o PPC tem um percentual de uso incrementado.

Por fim, considerando os estudos já existentes sobre o tema, os dados deste trabalho concordam com os estudos de Kubarth (1992), García Negroni (1999), Rodríguez Louro (2008, 2009, 2010 e 2011), Oliveira (2010), posto que identificam a forte correlação entre os valores de **continuidade** e/ou **relevância presente** e o PPC. Ainda segundo Kubarth (1992), o fator âmbito temporal não incide na seleção de uma das formas na modalidade falada, em Buenos Aires. Porém, os dados apresentados

nesta pesquisa demonstram que é possível observar um incremento no uso do PPC à medida que ampliamos a dimensão temporal, dentro do âmbito de AP. Dessa maneira, uma afirmação como a defendida por Kubarth (1992) requer um melhor refinamento.

## REFERÊNCIAS

ALARCOS LLORACH, E. (1980). Perfecto simple y compuesto. In: ALARCOS LLORACH, E. *Estudios de gramática funcional del español*. 3 ed. Madrid: Gredos. p.13-49.

\_\_\_\_\_. (2005). *Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa.

ARAUJO, L. S. (2012). *Os valores atribuídos ao pretérito perfecto compuesto espanhol nas regiões dialetais da argentina*. 2012. 212 f. Dissertação (Mestrado em linguística e língua portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2012.

\_\_\_\_\_. (2013). *O pretérito em espanhol: usos e valores do perfecto compuesto nas regiões dialetais argentinas*. São Paulo: Cultura Acadêmica.

\_\_\_\_\_. (2015). O estudo da temporalidade verbal na língua espanhola: contribuições à dialetologia argentina. In: COSTA, Daniel Soares da. (Org). *Pesquisas linguísticas pautadas em corpora*. São Paulo: Editora Unesp Digital. p. 111-152.

\_\_\_\_\_. (2017). O gênero entrevista radiofônica em comunidades hispânicas: um aporte da Análise Textual Automática. *Domínios de lingu@gem*, v. 11, p. 289-312.

BALDINGER, K. (1966). Semasiologia e onomasiología. *Alfa*, Marília, v. 9, p. 7-36.

BELLO, A. (1972). *Análisis ideológico de la conjugación castellana*. Caracas: Plan Cultural Caracas.

\_\_\_\_\_. (2004). *Gramática de la lengua castellana*. Madrid: EDAF.

BENVENISTE, E. (2005). *Problemas de linguística geral*. 5 ed. Trad. Maria da Gloria Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes. 1 v.

CARTAGENA, N. (1999). Los tiempos compuestos. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa. 2 v. p. 2933-2975.

DE GRANDA, G. (2003). *Estudios lingüísticos hispanoamericanos: historia, sociedades y contactos*. Frankfurt: Peter Lang.

GARCÍA NEGRONI, M. M. (1999). La distinción pretérito perfecto simple/pretérito perfecto compuesto. Un enfoque discursivo, *Revista iberoamericana de discurso y sociedad*, Barcelona, v. 1, n. 2, p. 45-60.

GILI GAYA, S. (1970). *Curso superior de sintaxis española*. 9 ed. Barcelona: Biblograf.

GUTIÉRREZ ARAUS, M. L. (2001). Caracterización de las funciones del pretérito perfecto en el español de América. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA LENGUA ESPAÑOLA, 2º, 2001, Valladolid. *Paneles y ponencias del II Congreso Internacional de la Lengua Española*. Madrid: Centro Virtual Cervantes.

HERNÁNDEZ ALONSO, C. (1996). *Gramática funcional del español*. 3 ed. Madrid: Gredos.

JARA YUPANQUI, I. M. (2009). El pretérito perfecto simple y el pretérito perfecto compuesto en las variedades del español peninsular y americano. *Signo e Seña*. Buenos Aires, n. 20, p.255-281.

KANY, C. E. (1970). *Sintaxis hispanoamericana*. Trad. Martín Blanco Álvarez. Madrid: Gredos.

KUBARTH, H. (1992). El uso del pretérito simple y compuesto en el español hablado de Buenos Aires. LUNA TRAILL, E. G. (Coord). *Scripta philologica: in honorem Juan M. Lope Blanch*. Ciudad de México. 2 v. p.553-566.

LAMIQUIZ IBAÑEZ, V. (1969). El sistema verbal del español actual. *Revista de la Universidad de Madrid: Homenaje a Menéndez Pidal*. Madrid, v. 18, p.242-267.

LENZ, R. (1929). *La oración y sus partes*. Madrid: Centro de Estudios Históricos.

MORENO FERNÁNDEZ, F. (2000). *Qué español enseñar*. Madrid: Arco Libros.

MÚGICA, N. (2007). Acerca de la tensión norma – variación lingüística. Sintaxis, morfología, léxico. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*. v. 5, n. 9.

OLIVEIRA, L. C. (2007). *As duas formas do pretérito perfeito em espanhol: análise de corpus*. 2007. 130 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

\_\_\_\_\_. (2010). *Estágio da gramaticalização do pretérito perfeito composto no espanhol escrito de sete capitais hispano-falantes*. 2010. 263 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

RAE. (1986). *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa, 1986.

\_\_\_\_\_. (2009). *Nueva gramática de la lengua española: Morfología y Sintaxis I*. Madrid:



Espasa. 1 v.

\_\_\_\_\_. (2010). *Manual de la nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa.

REICHENBACH, H. (2004). The tenses of verbs. In: STEVEN, D.; GILLON, B. S. (Orgs.). *Semantics: a reader*. New York: Oxford University Press. p.526-533.

RODRÍGUEZ LOURO, C. (2008). Usos del Presente Perfecto y el Pretérito en el español rioplatense argentino. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE ALFAL, 15, 2008, Montevideo. *Actas del XV Congreso Internacional de ALFAL*. Montevideo: Alfal.

\_\_\_\_\_. (2009). *A sociolinguistic study of Preterit and Present Perfect usage in contemporary and earlier Argentina*. 2009. 288 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - School of Languages and Linguistics, Faculty of Arts<sup>[SEP]</sup>, University of Melbourne. Melbourne.

\_\_\_\_\_. (2010). Past Time reference and Present Perfect in Argentinian Spanish. In: TREIS, Y.; DE BUSSER, R. (Eds). *Selected Papers from 2009 Conference of the Australian Linguistic Society*. Melbourne: La Trobe University. p. 1-24.

\_\_\_\_\_.; JARA YUPANKI, M. (2011). Otra mirada a los procesos de gramaticalización del presente perfecto en español: Perú y Argentina. *Studies in hispanic and lusophone linguistics*. Minnesota, v. 4.1, p.55-80.

ROJO, G. (1974). La temporalidad verbal en español. *Verba: Anuário Gallego de Filología*, Santiago de Compostela, v. 1, p.69-149.

\_\_\_\_\_. (1990). Relaciones entre temporalidad y aspecto en el verbo español. In: BOSQUE, I. (Org.). *Tiempo y aspecto en español*. Madrid: Cátedra. p.17-43.

\_\_\_\_\_.; VEIGA, A. (1999). El tiempo verbal: los tiempos simples. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa. 2 v. p.2867-2934.

SANTOS, C. F. (2009). *Variação e mudança linguística dos pretéritos simples e composto, uma perspectiva sociolinguística e discursiva: amostras de Madrid, Cidade do México e Buenos Aires*. 2009. 259 f. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

TORREGO, L. G. (2002). *Gramática didáctica del español*. 8 ed. Madrid: SM.

VIDAL DE BATTINI, B. E. (1964). *El español de la Argentina: Estudio destinado a los maestros de las escuelas primarias*. Buenos Aires: Consejo Nacional de Educación.

## O GENITIVO DE POSSE EM PORTUGUÊS: UM EXERCÍCIO DE ANÁLISE EM SEMÂNTICA COGNITIVA

### *POSSESSIVE GENITIVE IN PORTUGUESE: A COGNITIVE-SEMANTICS ANALYSIS*

*Jorge Luiz Ferreira Lisboa Júnior<sup>1</sup>*

#### RESUMO

O presente estudo dedica-se a análise da estrutura semântica e da polissemia do genitivo de posse em português. Tendo em vista análises da posse genitiva em termos de metáfora conceptual (NIKIFORIDOU, 1991; LANGACKER 1991) e da mereologia estrutural (LYONS, 1980), consideramos o problema da insuficiência de tais argumentos para a descrição da polissemia da posse. Como alternativa teórica e descritiva, postula-se que as construções de genitivo correspondam a padrões metonímicos associados a domínios de contiguidade (PEIRSMAN & GEERAERTS, 2006), seja via transformação entre esquemas imagéticos de experiências contíguas, seja pelo mapeamento metafórico entre domínios de contiguidade.

**Palavras-chave:** genitivo, posse, metonímia, contiguidade

#### ABSTRACT

The present study is dedicated to the analysis of the semantic structure and polysemy of the possessive genitive in Portuguese. Considering analyzes of possessive genitive in terms of conceptual metaphor (NIKIFORIDOU, 1991; LANGACKER, 1991) and structural mereology (LYONS, 1980), we consider the problem of the insufficiency of such arguments for the description of possession polysemy. As a theoretical and descriptive alternative, it is postulated that the constructions of genitive are metonymic patterns associated with contiguity domains (PEIRSMAN & GEERAERTS, 2006), either via transformation between image schemas of contiguous experiences, or through metaphorical mapping between contiguity domains.

**Keywords:** genitive, possession, metonymy, contiguity

---

<sup>1</sup> Mestre em Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Membro pesquisador do GESP – UFRJ/CNPq (Grupo de Estudos Semânticos do Português).

## 1. Introdução

A Posse é uma experiência humana fundamental, arquetipicamente física, porém a sua difícil definição fez com que muitos linguistas gastassem tinta descrevendo esse conceito linguístico. (LYONS, 1980; LANGACKER, 1991; HEINE, 1997, dentre outros). Dada a importância dessa experiência, as línguas humanas apresentam diferentes estratégias para a sua codificação.

No âmbito do genitivo de posse, as línguas se diferenciam tipologicamente no que se refere a como manifestam os conceitos de posse inalienável e alienável. Essa diferença reside basicamente na opção dos falantes ora pela *heterossemia*, processo pelo qual distinguem, por meio de diferentes expedientes linguísticos, as situações em que o termo possuído é “parte” inalienável de seu possuidor e as situações em que o termo possuído é “propriedade” alienável de seu possuidor, ora pela *polissemia*, ou seja, a predileção em marcar ambas as relações possessivas por meio de um único expediente linguístico.

No primeiro caso, temos línguas como o inglês, que apresenta uma divisão entre construções possessivas genitivas, distinguindo entre a posse alienável e a posse inalienável (*‘possessive Split’*). Os exemplos, a seguir, foram retirados de Haspelmath (2008):

Inglês:

(1.a) the roof of the car (vs. ? the car’s roof)

(1.b) Pedro’s car (vs. ? the car of Pedro)

No inglês, nota-se que há um genitivo em sua versão sintética (genitivo morfológico) e em sua versão perifrástica (com a preposição *of*). Por outro lado, há línguas em que não ocorre essa diferenciação formal entre construções possessivas inalienáveis e alienáveis, como o português, que opta economicamente pela polissemia.

(2.a) “Mas os fãs ficaram impressionados com **o pé do atacante** da seleção brasileira, que pode marcar os gols do hexa!”<sup>2</sup>.

(2.b) “Acampamento em frente **à casa do prefeito** do Rio termina após 17 horas”<sup>3</sup>.

Com o objetivo de analisarmos a estrutura semântica e a polissemia do genitivo de posse em

---

2 Disponível em <http://metropolitanafm.com.br/novidades/famosos/neymar-mostra-seu-pe-depois-de-cirurgia-e-deixa-fas-impressionados>. > (Acesso 27/04/2018).

3 Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/08/acampamento-em-frente-casa-do-prefeito-do-rio-termina-apos-17-horas.html>> (Acesso 27/04/2018).

português, daremos atenção a como conectamos pela gramática do genitivo (de-possessivo) instâncias prototípicas e não prototípicas da posse, como as relações de inalienabilidade, alienabilidade, locatividade possessiva, posse abstrata e algumas extensões genitivas.

O presente estudo está organizado da seguinte maneira: discutiremos, em primeiro lugar, sobre os problemas da estrutura semântica envolvendo construções possessivas, seja a proposta da metáfora conceptual (NIKIFORIDOU, 1991; LANGACKER, 1991) na seção 2, seja a proposta da mereologia estrutural de Lyons (1980), na seção 3. Posteriormente, nas seções 4 e 5, apresentaremos os parâmetros básicos do significado possessivo e as premissas teóricas que norteiam a análise de que o genitivo possessivo seja um caso de metonímia conceptual. (LISBOA JÚNIOR, 2017).

Em seguida, na seção 6, trataremos dos aspectos metodológicos e das hipóteses de trabalho. Por fim, na seção 7, partiremos para a descrição da posse genitiva no português, investindo no argumento de que as construções possessivas, e suas extensões semânticas nas demais construções de genitivo, sejam padrões metonímicos associados ao modelo cognitivo idealizado da Contiguidade. (LAKOFF, 1987; PEIRSMAN & GEERAERTS, 2006; LISBOA JÚNIOR, 2017).

## **2. O problema da estrutura semântica possessiva: o argumento da metáfora conceptual**

Na seara cognitivista, o genitivo de posse em inglês tem sido visto como um caso de “metáfora conceptual” na gramática. (NIKIFORIDOU, 1991; LANGACKER, 1991). A construção metafórica do conceito possessivo se daria pelo mapeamento coerente entre domínios cognitivos distintos da experiência: o domínio-alvo da posse, mais abstrato, que precisa ser compreendido em termos de um domínio-fonte, de base experiencial concreta. Os argumentos se diferenciam a partir do que se considera como o domínio-fonte (a base experiencial) mais apropriado à metáfora possessiva.

Nikiforidou (1991) irá propor que a posse no inglês corresponda ao mnemônico metafórico “PARTES SÃO POSSES”. Em sua formulação, a posse é concebida em termos da relação concreta de PARTE-TODO, pela qual o TODO é conceptualizado como o possuidor de suas partes, contribuindo para a inferência de que as partes são posses. Pode parecer óbvio que a noção topológica de PARTE-TODO sustente experiencialmente a abstração da posse. Entretanto, a pesquisadora demonstra cautela sobre qual seria a base experiencial que sustenta a projeção metafórica, estabelecendo, por fim, a noção de CONTROLE como um aspecto básico da experiência possessiva codificada no genitivo<sup>4</sup>.

---

4 This brings us to the experiential basis of this metaphor. As I said in this is extremely hard to describe fully due to the complexity of the possession frame; what seems to be involved here, is the idea of control which is usually associated with possessions (persons can in the prototypical case control their belongings)

Por outro lado, Langacker (1991, p. 172-173) afirma que a Posse seja uma Metáfora Espacial, apresentando a noção de Proximidade Espacial como o seu domínio-fonte.

Possession is also expressed by non-verbal elements such as prepositions, pospositions, and nominal inflections, which can all be analyzed as stative relations. In its original prototypical sense, an adposition usually situates a mobile trajectory with respect to some spatial marco. Its extension to possessive use may then be based on spatial metaphor, or many simply stem from the fact that spatial proximity is a usual concomitant of possession. (LANGACKER, 1991, p. 172-173).

Abre-se, em certa medida, uma polêmica quanto a análise via metáfora para o genitivo no inglês, que tomamos como base de discussão para o português. Se as metáforas divergem sobre o domínio-fonte ou sobre a base experiencial responsável pela conceptualização da posse, como PARTE-TODO, CONTROLE e PROXIMIDADE ESPACIAL, gera-se a pergunta sobre qual seria a metáfora mais apropriada à descrição semântica do possessivo.

Em português temos a preposição “de” marcando possessivos inalienáveis e alienáveis e que lançam mão de bases experienciais específicas, embora interrelacionadas. Observem-se os exemplos (2.a) e (2.b), agora, revisitados como (3.a) e (3.b):

(3.a) “Mas os fãs ficaram impressionados com **o pé do atacante** da seleção brasileira, que pode marcar os gols do hexa!”

(3.b) “Acampamento em frente à **casa do prefeito** do Rio termina após 17 horas”.

Em (3.a), temos a posse inalienável que nos remete a base experiencial de PARTE-TODO, que mesmo sendo focalizada recebe alguma contribuição da base experiencial de CONTROLE (pois o “todo” pode ter controle relativo sobre as “partes”). Já a posse alienável em (3.b), nos direcionaria à noção de CONTROLE, pois ter a propriedade de algo não implica fazer parte, mas ter um controle relativo, sendo essa a base experiencial sob foco.

Ademais, a noção de PROXIMIDADE ESPACIAL parece estar implícita às noções de PARTE-TODO e CONTROLADO-CONTROLADOR, não como base experiencial central, mas como um parâmetro possível de figurar no modelo cognitivo da posse. (LAKOFF, 1987).

---

and is also associated with parts of both concrete and more abstract wholes (a body/whole can normally control its parts). Saying that, however, does not undermine the necessity for a metaphorical understanding of the relationship between possessions and body parts since, as we have seen, the understanding extends to cases (e.g. trees and their branches, organizations and their members, noses and stomachs as body parts which cannot be controlled like arms and legs), where control cannot be involved in any obvious way (or at least, in the same way that it is involved in the understanding of alienable possessions and some body parts). (NIKIFORIDOU, 1991, p. 172-173).

Isso sugere, em alguma medida, que as referidas análises se aproximam do complexo conceptual da posse em suas descrições, mas em conjunto deixam as perguntas mais elementares: será a Posse um caso de metáfora conceptual? Se sim, qual seria a metáfora mais apropriada?

No caso do português, se estamos diante de uma polissemia, como a noção de PARTE-TODO conecta-se à noção de CONTROLE? Uma questão básica é a de que se há polissemia entre as noções de “parte-todo” e “propriedade” como variações prototípicas da Posse (LANGACKER, 1991), as descrições via metáfora conceptual para o inglês não parecem explicar adequadamente o elo polissêmico. Dessa forma, torna-se interessante encontrarmos uma solução alternativa teórica e descritiva para o português não enviesada pelas descrições para o sistema do inglês.

### **3. Construções possessivas, construções locativas e a relação de parte-todo: o problema das propostas de Lyons (1980) e Ilari et al (2015)**

Do ponto de vista onomasiológico – do conceito para as suas formas designativas – Lyons (1980) coloca, explicitamente, a construção possessiva como uma questão mereológica, dentro dos limites do paradigma da semântica estruturalista. Para o linguista, construções possessivas são expressões linguísticas de “**relações genéricas de parte-todo**”<sup>5</sup>. Exemplos de posse inalienável e alienável como “A mão de Zeus”, “Os óculos de João” e “A pétala da flor” demonstram que há dois elementos referenciais distintos em ‘sentido’ e ‘denotação’,  $x$  e  $y$ , que se encontram conectados por uma relação não contingente em que “mão”, “óculos” e “pétala” implicam “Zeus”, “João” e “flor”.

Lyons (op.cit.) deseja saber como as relações genéricas de “parte-todo” estão distribuídas na gramática. Podemos dizer que o grande problema de sua análise reside no argumento mereológico para as construções locativas. Para isso, considera dois parâmetros básicos: (i) a transitividade e (ii) a oposição entre conhecimento linguístico vs. conhecimento de mundo. Quanto ao fator (i), observa-se que:

A relação parte-todo existente entre referentes discretos do ponto de vista físico é claramente transitiva: se uma coisa  $x$  faz parte de  $y$  que faz parte de uma coisa  $z$ , então  $x$  pode ser sempre descrito como uma parte de  $z$ . A transitividade também é válida, dado o devido desconto aos casos de imprecisão na referência das expressões, quando os referentes em questão não são objetos físicos, mas pontos ou regiões do espaço físico (ou do espaço-tempo). Se  $x$  é um ponto ou região que faz parte de uma região  $y$  que faz parte de uma região  $z$ , então  $x$  faz parte de  $z$ . (LYONS, 1980, p. 251).

Nesse contexto, consideram-se expressões locativas como “a maçaneta da porta” em que a

---

5 É válido dizer que a noção de “parte-todo” de Lyons não é experiencialista, mas estrutural e, como tal, objetivista.

transitividade é compatível com a noção de “parte-todo”, diferentemente de “a maçaneta da casa” (maçaneta > porta >> casa), em que se perde a suficiência mereológica entre *x* e *y*. No entanto, tal parâmetro se mostra frágil, pois do ponto de vista de uma teoria *objetivista* podemos nos perguntar a respeito de que tipo de suficiência mereológica ocorre em relações como (4):

(4) “A **chave da porta** está na mão do povo”<sup>6 7</sup>.

O mesmo vale para relações que se referem a “regiões do espaço físico”, tais como “o espelho do quarto”, em que não se trata de uma relação entre referentes físicos em uma relação mereológica estrita. Isso nos aponta para o parâmetro (ii), referente ao “fato de se poder descrever uma entidade como parte de outra entidade não implica, contudo, que exista no vocabulário uma relação de parte-todo entre os lexemas usados nas expressões que se referem a essas entidades”. (LYONS, op. cit.).

Parece evidente que Lyons opõe a noção de “parte-todo” entre o linguístico e o não linguístico, o que permite a ele a seguinte afirmação:

O que (se possível) é necessário descobrir é um princípio geral que nos permita decidir, a propósito do sentido de conjuntos particulares de lexemas, se constituem o que Bierwisch (1965) chama de cadeias de parte-todo (Teil-von-Ketten) no vocabulário, sem ter de especificar para cada lexema, como uma parte do seu sentido, **o lugar que ocupa numa cadeia de parte-todo. Poder-se-ia argumentar que a questão é irrelevante para a semântica linguística: que tudo se limita ao nosso conhecimento geral das relações existentes entre as entidades do mundo exterior.** Mas isso não basta. Poderíamos perfeitamente dizer, por exemplo, e isso parece plausível, que ‘porta’ tem um significado particular, e ‘casa’ também (analísavel em termos de sentido e denotação) e que a relação de parte-todo acima atribuída ao par lexical ‘porta: casa’ antes deveria ser atribuída ao nosso conhecimento do facto puramente contingente de que todas as casas (todas as casas normais) têm portas (op. cit. p. 252-253). (grifo nosso).

É preciso considerar que o conceito de “relações genéricas de parte-todo” parece nos indicar a insuficiência da abordagem mereológica ou da noção estrutural de “parte-todo” e o fato de que o conceito de “parte-todo” não seja “lógico” ou “puramente linguístico”, mas *experiencial* e *prototípico*. (LAKOFF, 1987).

A questão da relação entre posse, locatividade e relações de parte e todo também é discorrida brevemente em Ilari et al. (2015, p. 242), a partir da construção locativa “o cabeçote do motor”. Os autores afirmam que “muitos leitores estarão propensos a lembrar que o cabeçote pertence ao motor,

6 Disponível em <http://www.gazetabragantina.com.br/portal/?p=10149> (Acesso: 12/05/2018).

7 Não há condições objetivas para se afirmar a propriedade mereológica. Desse modo, fica a pergunta sobre como explicar a construção locativa em (6) na perspectiva objetivista de Lyons (1980).

e o verbo pertence tem sido associado tradicionalmente a ideia de “posse”, mas é claro que aqui tudo não passa de uma relação de parte-todo”.

As relações entre a locatividade, a posse, e a base experiencial de “PARTE-TODO”<sup>8</sup> parecem ser interpretadas sem maior acuidade, o que também não constituía o propósito do trabalho.

Em primeiro lugar, a locatividade possessiva, se assim podemos dizer, parece revelar uma manifestação possível do conceito possessivo, uma extensão polissêmica, que precisa ser melhor compreendida. Em segundo lugar, a noção de PARTE-TODO não pode ser interpretada com equivalência entre construções possessivas e construções locativas em suas diversas instanciações, como observamos anteriormente pelas considerações de Lyons.

Um balanço entre construções possessivas, locativas e relações de parte-todo indica que na proposta de Lyons (op.cit.), a noção de “parte-todo” carece de coerência interna para dar conta do conjunto de manifestações possessivas e locativas. Mesmo as construções possessivas prototípicas como as inalienáveis e alienáveis ferem a suficiência mereológica estrutural, já que “*x é parte de y*” e “*x é propriedade de y*” não apresentam equivalência de relação “parte-todo”. Já no que se refere a proposta de Ilari et al. (op.cit.), a relação entre posse e locatividade não está bem definida e muito menos a relação entre as noções de “pertencer a”, “estar locado em” e “fazer parte de”.

#### **4. O problema da estrutura semântica e da polissemia possessiva: bases teóricas para o argumento da metonímia conceptual**

Podemos ver que o argumento da metáfora conceptual (NIKIFORIDOU, 1991; LANGACKER, 1991) não conseguiu capturar as relações da estrutura polissêmica da posse no inglês, além de não prever a pertinência de se creditar à posse uma relação mereológica (LYONS, 1980) em algum nível de concepção. Entendemos, aqui, que Lyons (op.cit.), por outro lado, faz considerações pertinentes, mas partindo de uma noção de “parte-todo” com problemas de ordem conceptual quanto a base mereológica que tentou descrever.

Como saída para isso, postulei em Lisboa Júnior (2017) que as construções possessivas presumem que *x* e *y* estejam conectados por uma relação de *contiguidade*. Em continuidade a exploração desse argumento, iremos tratar, aqui, não da base metafórica ou mereológica do genitivo de posse, mas, sim, de sua base metonímica, por julgarmos que seja a condição necessária para explicarmos a polissemia

---

8 Afirma-se a base experiencial de “PARTE-TODO”, pois os autores estão comprometidos com uma visão cognitiva das preposições como codificadores de Esquemas Imagéticos e Modelos Cognitivos Idealizados.



do conceito linguístico de posse.

Entendemos que a posse genitiva apresente os seguintes parâmetros básicos:

(i) é relacional

A posse genitiva em português é formalmente marcada por um elemento gramatical relacional, a preposição “de”, que permite a relação entre dois itens lexicais, *x* (o termo possuído) e *y* (o termo possuidor). Langacker (1991) define que as preposições sejam *predicadoras relacionais*, pois permitem o enquadre relacional entre dois participantes de uma cena. O termo possuído encontra-se em destaque na cena de posse, e, por isso, o chamaremos de TR (*trajector*), e o termo possuidor, chamaremos de LM (*landmark*), por ser a base da predicação relacional.

(ii) é metonímica

Interessante observar que, sintomaticamente, mesmo Langacker (1991) tendo proposto que a posse seja um caso de metáfora conceptual em termos de PROXIMIDADE ESPACIAL, o linguista irá formular em outro momento que a posse seja concebida esquematicamente<sup>9</sup> em um mesmo domínio cognitivo (uma metonímia), muito ao encontro da análise que empreenderemos aqui. O linguista irá definir que “the schematic import of possession is merely that two entities figure in the same cognitive domain – any conception whatever can function as the domain, and either relational participant can have any role within it” (LANGACKER, 1991, p. 169).

(ii) é um conceito corporificado, porque nos remete às experiências perceptuais e sensorio-motoras, como PARTE-TODO e CONTROLE, que estão alicerçadas não na realidade *per se*, mas em padrões pré-linguísticos de percepção, ação e vivência do corpo humano no mundo;

(ii) é um conceito polissêmico

---

<sup>9</sup> Langacker opta por não descrever a variação prototípica da posse ou sua prototipicidade, dando maior importância a generalização sobre as diversas instâncias prototípicas com base na esquematicidade. Para descrever o significado esquemático ou abstrato da posse, o linguista propõe que os vários usos do genitivo no inglês têm em comum a característica básica de que uma entidade seja invocada como ponto de referência para estabelecer acesso ou contato mental com uma outra entidade. (LANGACKER, 1991). Essa habilidade denominada de “ponto de referência” em que uma entidade estabelece contato mental com outra é o processo esquemático correspondente a metonímia como processo prototípico.

Não podemos deixar de considerar a variação prototípica do conceito possessivo (LANGACKER, 2008) como os conceitos de parte-todo (“o pé do atacante”), propriedade (“a casa do prefeito”), parentesco (“a filha de João Gilberto”) etc. Portanto, a questão que se levanta é a possibilidade de descrevermos as instâncias de posse, bem como as suas extensões de significado como conectadas de forma coerente, a exemplo de (i) [*X é parte de Y*], como a posse inalienável (ex.: “o pé do atacante”); (ii) [*X é propriedade de Y*], como a posse alienável (ex.: “a casa do prefeito”); (iii) [*X está locado em Y*], como é o caso da locatividade possessiva (ex.: o cabeçote do motor”) e (v) extensões genitivas, como a noção de parentesco.

## 5. Premissas teóricas

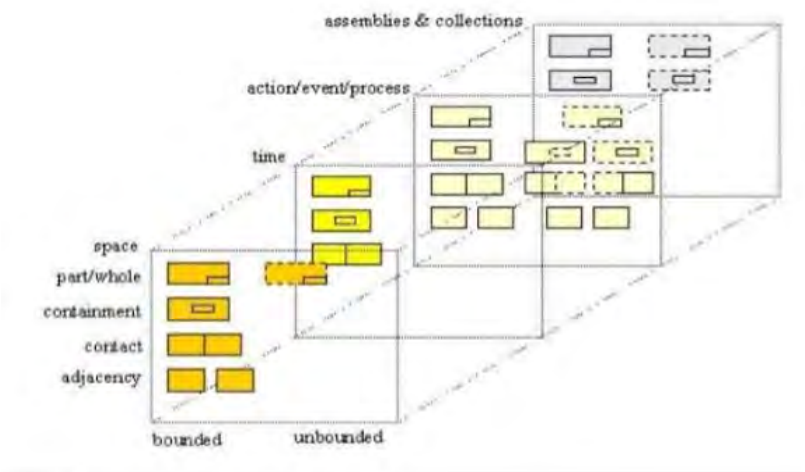
Nesta seção, discutiremos as premissas teóricas que norteiam o presente trabalho e, especificamente, o modelo de Peirsman & Geeraerts (2006) para tratarmos da contiguidade e da metonímia na semântica do genitivo de posse.

Em Semântica Cognitiva, uma das possibilidades de definição para a metonímia como modelo cognitivo é quando “B is either part of A or closely associated with it in that conceptual structure. Typically, a choice of B will uniquely determine A, within that conceptual structure”. (LAKOFF, 1987, p. 84).

Ora, uma experiência em que B e A implicam-se em uma mesma estrutura conceptual nos coloca diante de uma “associação de ideias” por Contiguidade (HUME, 1999). Esse processo do pensamento pode associar, dinamicamente, elementos co-participantes em uma mesma estrutura conceptual no espaço, no tempo, em relações de causa-efeito etc. A ideia de que a contiguidade apresenta tipologia complexa é observada em Soares da Silva (2006, p. 120):

Consequentemente, contiguidade deve entender-se num sentido complexo, compreendendo não apenas a proximidade espacial, mas várias ‘associações’ nos domínios espacial, temporal e causal. Só assim tipos diferentes de associações, como parte-todo, continente-conteúdo, antecedente-consequente, objecto-propriedade, causa-efeito, etc., podem ser categorizadas como contíguas.

Peirsman & Geeraerts (2006), propuseram, por sua vez, uma compreensão escalar do modelo cognitivo metonímico de Lakoff (1987), a partir de uma tipologia dinâmica entre as diversas relações de contiguidade associadas a padrões metonímicos concretos. A proposta encontra-se formalizada em Peirsman & Geeraerts (2006, p. 46) da seguinte maneira:



Fonte: PEIRSMAN & GEERAERTS (2006)

**Figura 1-** O modelo de Peirsman & Geeraerts (2006)

Basicamente, o modelo propõe que mudanças metonímicas ocorrem na medida em que padrões metonímicos concretos (esquemas imagéticos) se transformam ao longo dos eixos prototípicos de contiguidade (espaço, tempo, etc.). No que se refere a polissemia possessiva, utilizamos, especificamente, os critérios (i) e (ii), a saber:

i. Noções escalares como “força de contato” e “grau de delimitação”, que colocam em proeminência uma ‘limitação’ e uma “configuração” entre duas entidades contíguas, produzindo contenção, contato e adjacência;

ii. Padrões metonímicos podem atuar em domínios de contiguidade espaço-temporal; de eventos, ações, processos e domínios categoriais, como a relação entre classes e subclasses (ex.: hiperonímia/hiponímia). A transferência de um domínio de contiguidade prototípico a domínios de contiguidade não-prototípicos pode se dar via *transformação de esquemas imagéticos* (LAKOFF, 1987) e via transferência metafórica entre domínios de contiguidade.

Nesse modelo deve ficar evidente ainda que os Esquemas Imagéticos não constituem representações estáticas, mas, sim, estruturas contínuas de uma atividade organizadora da experiência vivida (JOHNSON, 1987, p.25-30), – em nosso caso, a macroexperiência da Contiguidade – como também uma operação dinâmica de imagens que segue uma ‘lógica’ de transformação.

(...) schemata are flexible in that they can take on any number of specific instantiations in varying contexts. It is somewhat misleading to say that an image schema gets “filled in” by concrete perceptual details; rather, it must be relatively malleable, so that it can be modified to fit many similar, but different, situations that manifest a recurring underlying structure. (JOHNSON, 1987, p.30).

Tendo enunciado as categorias teóricas de análise, passemos, agora, aos aspectos metodológicos.

## 6. Aspectos metodológicos

Em primeira instância, tomamos como perspectiva dados intuitivos e também construções possessivas provenientes de gramáticas latinas (FARIAS, 1958), estudos teóricos e descritivos, como os de Nikiforidou (1991), Langacker (1991) e Ilari et al. (2015), dentre outros. Em seguida, a análise qualitativa privilegiou a observação de ocorrências extraídas de textos variados coletados pela ferramenta eletrônica *Google*. Apesar do *Google* não ser considerado um *corpus* delimitado, nosso objetivo foi utilizá-lo como fonte de evidências, ou seja, pretendíamos analisar os dados de uso (com informações de contexto linguístico e discursivo) como fontes de evidência para a confirmação ou negação das hipóteses e para testar o potencial de explicação das premissas teóricas.

Dessa maneira, pudemos alcançar os objetivos básicos que foram identificar e analisar as construções possessivas prototípicas, as não prototípicas e as suas extensões genitivas, de modo que pudessem corroborar ou colocar em questão os parâmetros metonímicos da cena possessiva (PEIRSMAN & GEERAERTS, 2006), a saber, (a) a força de contato e (b) o grau de delimitação na relação possessiva, bem como o parâmetro (c) a transferência metafórica entre domínios de contiguidade.

Esses parâmetros foram considerados em decorrência da possível ordenação de transformação entre esquemas imagéticos preconizada em Peirsman & Geeraerts (op.cit.). De igual modo, observamos a mudança de domínio possessivo via metáfora a partir do domínio físico vinculado ao corpo humano (parte-todo) na posse prototípica para o domínio locativo chegando aos domínios mais abstratos. Com isso, esperávamos tanto testar o modelo de Peirsman & Geeraerts (op.cit.), quanto solucionar o problema da polissemia debatida nesse estudo, tendo por base as seguintes hipóteses:

(6.1) O genitivo de posse é uma experiência de *simetria e contiguidade*

(6.2) A variação prototípica da posse se deve a processos de *categorização* de experiências de contiguidade, seja por meio da transformação entre esquemas imagéticos que instanciam concretamente as experiências de contiguidade, seja pela transferência metafórica entre domínios de contiguidade, desde o mais físico alicerçado no corpo humano ao mais abstrato, como relações sociais de parentesco.

## 7. Análise da estrutura semântica e da polissemia do genitivo de posse em português

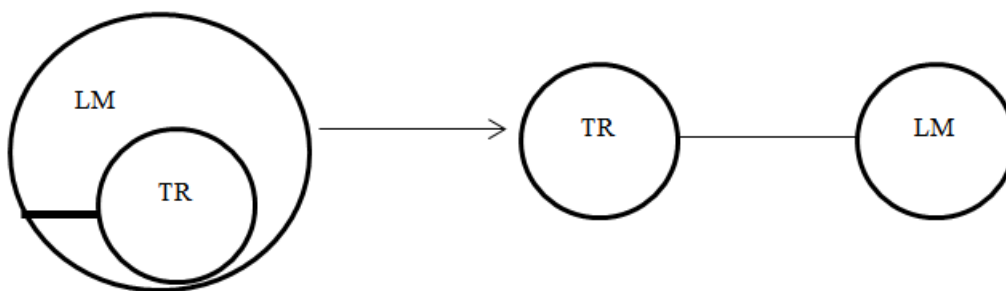
### 7.1. A posse prototípica

Vimos na seção 2 que a posse prototípica se dá por meio de relações de inalienabilidade (PARTE-TODO) e alienabilidade (CONTROLADO-CONTROLADOR). Em termos de elo polissêmico, entendemos que a relação entre PARTE-TODO (5.a) e CONTROLADO-CONTROLADOR (5.b) ocorra via transformação entre Esquemas Imagéticos. A categorização entre os significados possessivos toma como dimensões estruturantes os parâmetros “força de contato” e “grau de delimitação”, como se nota nos exemplos, a seguir:

(5.a) “Acho q esse assunto sobre **a boca da anita** já deu”<sup>10</sup>

(5.b) “Mesmo após várias manobras, **o boné do ator** não escapou”<sup>11</sup>

A noção de PARTE-TODO presume uma *configuração* sustentada por subparâmetros básicos como *contato*, *proximidade espacial* e *controle relativo*. Já a noção de CONTROLADO-CONTROLADOR emerge como uma implicação sobre o corpo: a perda progressiva de “delimitação” entre a “parte” e o “todo” envolve a perda do elo natural que facilita a “força de contato”. Conseqüentemente, o que se torna saliente é o emprego de maior força simbólica para controlar os objetos do mundo e a experiência sensório-motora do CONTROLE torna-se o foco da cena possessiva.



Fonte: elaboração própria inspirada em Peirsman & Geeraerts (2006)

**Figura 2** - Transformação entre Esquemas Imagéticos PARTE-TODO > CONTROLADO-CONTROLADOR.

Na cena possessiva, identificamos, no esquema imagético, os elementos da predicação relacional, o termo em figura (TR), a “parte” e o termo em fundo (LM), o “todo”. Os mesmos elementos constam

<sup>10</sup> Disponível em <http://entretenimento.r7.com/blogs/fabiola-reipert/anitta-exibe-bocao-novo-e-finge-que-nao-t/2016/03/25/> (Acesso: 22/07/2017).

<sup>11</sup> Disponível em <http://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/fotos/humberto-martins-amarra-bone-na-cabeça-para-surf-06052014?foto=6#!/foto/6> (Acesso: 22/07/2017).

na relação seguinte, em que há um controlado (TR) e um controlador (LM)<sup>12</sup>.

É importante que se diga que a noção de CONTROLE não é *objetiva* e envolve dimensões experienciais que são radiais. A perda de propriedades entre “parte” e “todo” na cena em que há um “controlado” e um “controlador” pode ser progressiva. Isso fica evidente no exemplo (6), em que a relação entre “possuído” (recurso) e “possuidor” (proprietário) chega à *atenuação* de suas “*condições objetivas*”. (LANGACKER, 1991):

(6) “Caridade se faz com **o dinheiro da gente**, não com o \$\$ público”<sup>13</sup>.

Podemos dizer que nesse contexto haja uma relação de CONTROLE, mas de ordem mais abstrata,<sup>14</sup> no sentido de que não envolve um domínio de contiguidade necessariamente física (entre o recurso e o seu proprietário): diremos, então, que o CONTROLE sofre uma atenuação de propriedades, sem qualquer grau de delimitação física.

Desse modo, no exemplo (6), mais abstratamente podemos construir a cena da relação possessiva, na medida em que as propriedades prototípicas do esquema imagético sofrem abstração.

## 7.2. O caso da locatividade possessiva

Em contrapartida às análises de Lyons (1980) e Ilari et al. (2015), entendemos que as construções locativas podem estabelecer relações de pertencimento<sup>15</sup> identificadas com a noção prototípica de PARTE-TODO, mas não exclusivamente, conforme se verá a seguir. A insuficiência mereológica para casos de relação entre objetos e regiões do espaço físico (LYONS, op.cit) pode encontrar uma saída se considerarmos os efeitos prototípicos de transformação do esquema imagético de PARTE-TODO.

---

12 Nas próximas formalizações, adotamos procedimento semelhante, sempre indicando no esquema imagético os elementos que constituem a predicação, o Trajector (TR) e o Landmark (LM), conforme Lakoff (1987). Repare-se também que, embora no modelo de Peirsman & Geeraerts conste uma formalização topológica com base em retângulos, preferimos formalizar com base em círculos, mais próximos de Lakoff (1987) e Johnson (1987).

13 Disponível em <http://politicaaplicada.com.br/2017/02/12/caridade-se-faz-com-o-dinheiro-da-gente-nao-com-o-publico/> (Acesso: 22/07/2017)

14 “Ora, as associações que estão na base (...) da metonímia não são necessariamente reais, nem linguísticas: resultam do conhecimento do mundo – por outras palavras, do conhecimento enciclopédico, e não do conhecimento linguístico – e são de ordem mental.” (SOARES DA SILVA, 2006, p. 120).

15 No caso da posse predicativa (com verbo “ter”), Heine (1997, p. 88-89) já identificava “posse inalienável e alienável inanimadas” em exemplos como “Essa árvore tem ramos” ou “Minha casa tem três janelas”.

- PARTE-TODO

(7.a) “Ao fim do processo, o que se espera é que **a capa do livro** tenha personalidade”<sup>16</sup>.

(7.b) “E isso é que é importante: a chance de escolha, de queimar **a bateria da pilha** do controle, mudando de canal ‘A’ para ‘E’, dependendo de nossas vontades”<sup>17</sup>.

- CONTÊINER

(8.a) “E isso é que é importante: a chance de escolha, de queimar a bateria **da pilha do controle**, mudando de canal ‘A’ para ‘E’, dependendo de nossas vontades”.

(8.b) “Aprenda a organizar **os armários da cozinha**”<sup>18</sup>.

- CONTATO/ ADJACÊNCIA

(9) “Uma das imagens da exposição dialoga com uma obra do pai de Lair, pintor. A modelo, à frente, veste um colar de pérolas sobre o colo nu, assim como a **do quadro da parede**, ao fundo da foto”<sup>19</sup>.

- ADJACÊNCIA

(10) “Artur Silva subiu ao telhado para consertar **a antena da televisão** para que a filha de três anos pudesse assistir a um canal de desenhos animados”<sup>20</sup>.

A passagem da posse prototípica para a locatividade possessiva se dá inicialmente pelo uso do pensamento metafórico. Propomos que as construções de locatividade possessiva sejam uma extensão da posse prototípica pela metáfora ontológica da Personificação. (LAKOFF & JOHNSON, 1980)<sup>21</sup>. Trata-se de uma metáfora mais abstrata, em que se mapeiam relações entre o que é INANIMADO em termos do que é ANIMADO, assim concebemos que locações estabeleçam relações inanimadas

---

16 Disponível em <http://riscafaca.com.br/arte/anatomia-de-uma-cap/> (Acesso em 24/05/2018).

17 Disponível em [http://www.esporteemidia.com/2015\\_08\\_01\\_archive.html?m=1](http://www.esporteemidia.com/2015_08_01_archive.html?m=1) (Acesso em 22/07/2017).

18 Disponível em <http://casa.abril.com.br/ambientes/aprenda-a-organizar-os-armarios-da-cozinha/> (Acesso em 22/07/2017).

19 Disponível em <http://horadesantacatarina.clicrbs.com.br/sc/noticia/2013/04/lair-bernardoni-inaugura-exposicao-no-masc-em-florianopolis-4104468.html> (Acesso em 22/07/2017).

20 Disponível em [http://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/queda-fatal-ao-compor-a-antena-da-televisao?ref=Cultura\\_BlocoTopoPagina](http://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/queda-fatal-ao-compor-a-antena-da-televisao?ref=Cultura_BlocoTopoPagina) (Acesso em 22/02/2017).

21 Esse argumento pode ser ratificado por Lakoff & Johnson (1999) ao tratarem das “projeções corporais” realizadas para a conceptualização de relações espaciais.

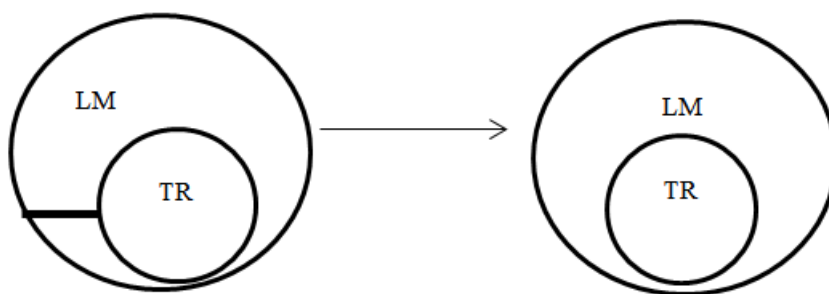
de posse.

A metáfora licencia a transferência entre o domínio da contiguidade física que denominamos de ANIMACIDADE (pautada no corpo humano) na posse prototípica para o domínio de contiguidade que denominamos de INANIMACIDADE na locatividade possessiva. A transferência metafórica entre os domínios de contiguidade possessiva (ANIMADO > INANIMADO) permite a continuidade da transformação entre esquemas imagéticos em situações locativas (PARTE-TODO > CONTÊNER > CONTATO > ADJACÊNCIA).

A transformação da relação metonímica PARTE-TODO (domínio inanimado) para CONTÊNER (domínio inanimado) parece indicar a categorização da perda de elo configuracional e a reorientação espacial para a focalização da dimensão intrínseca do Todo, isto é, do Contêner<sup>22</sup>. Para Peirsman & Geeraerts (2006, p.281), a transposição de PARTE-TODO a CONTÊNER deve-se a uma “perda da força de contato” entre TR e LM:

The precise relation between PART & WHOLE and CONTAINER & CONTAINED seems to be that of a continuum that can be described in terms of “strength of contact”. This is an intuitive notion that refers to the strength of the relation between the two entities involved. In part-whole constellations, this relation is at its strongest. England cannot normally be physically separated from the UK, just like heads cannot be separated from people without the application of brute force. In the case of containment, however, this relation is a little looser: mostly the content can easily be removed from its container. It is thus “strength of contact” that determines the place of a particular metonymy on the continuum.

A formalização dessa transformação pode ser realizada da seguinte maneira:



Fonte: elaboração própria inspirada em Peirsman & Geeraerts (2006)

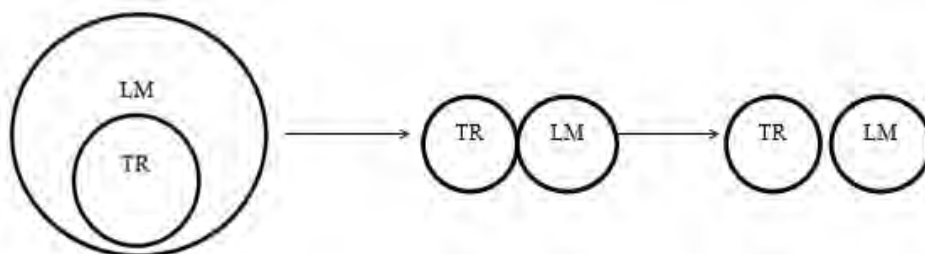
**Figura 3** - Transformação entre Esquemas Imagéticos PARTE-TODO > CONTÊNER

O fator “grau de força de contato” parece determinar a continuidade das transformações

<sup>22</sup> Deve-se dizer que o Contêner também estabelece subjacentemente uma *configuração* relativa à entrada, interior e limite para se tornar um “ponto de referência” ao objeto que será contido. Entretanto, o foco não está sobre a configuração, mas sobre a orientação intrínseca de inclusão de TR em LM.



semânticas entre os esquemas. No domínio da Inanimacidade, os Esquemas Imagéticos de CONTATO e ADJACÊNCIA seriam extensões diretas da locatividade possessiva prototípica e se diferenciariam apenas pela perda progressiva dos parâmetros “grau da força de contato” e “grau de delimitação” entre *Trajector* e *Landmark*.



Fonte: elaboração própria inspirada em Peirsman & Geeraerts (2006)

**Figura 4** - Transformação entre Esquemas Imagéticos CONTÊINER > CONTATO > ADJACÊNCIA

Observamos com a análise, a atuação de parâmetros que nos permitem aferir em alguma medida a categorização semântica das experiências locativas como extensões polissêmicas da noção possessiva, haja vista a transferência metafórica (“INANIMADO É ANIMADO”) e a granularidade crescente entre os esquemas conceptuais perceptuais (delimitação) e sensorio-motores (força de contato) que ocasionaram a transformação de Esquemas Imagéticos.

### 7.3. A Posse Abstrata

A definição para a posse abstrata reflete basicamente uma relação de posse sobre elementos não físicos ou pouco tangíveis como “uma doença, um sentimento ou algum outro estado psicológico” (HEINE, 1997, p.88-89). Exemplos dessa natureza podem ser vistos pelos dados (11.a) e (11.b):

(11.a) “Filha da atriz Leticia Isnard, de 41, e do diretor e ator Isaac Bernart, de 54, a menina é **a alegria da mãe**, que não esconde a corujice (...)”<sup>23</sup>

(11.b) “É claro que há cenas que lembram comerciais de Hollywood, mas a boa interpretação de Snipes e **a beleza de Yancy Butler** compensam”<sup>24</sup>

No exemplo (11.a), em “**a alegria da mãe**”, percebe-se uma relação de contiguidade entre SENTIMENTO ou ESTADO PSICOLÓGICO & EXPERIENCIADOR. O possuidor não controla objetivamente a experiência, e ela não se revela “parte material” do sujeito experienciador, mas

23 Disponível em <http://revistaquem.globo.com/Entrevista/noticia/2016/06/leticia-isnard-maternidade-> (Acesso em 14/08/2017).

24 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/2/27/ilustrada/19.html>. (Acesso em 14/08/2017).

potencialmente observada em uma reação física. Embora se possa notar que a emoção seja constitutiva de quem a sente, há uma perda do grau de delimitação em relação à posse prototípica de um objeto físico e tangível. Do mesmo modo podemos observar a relação entre ATRIBUTO & ENTIDADE (11.b), pois uma propriedade abstrata não oferece nenhum grau de delimitação física, apenas uma atribuição avaliativa sobre o possuidor.

Tais experiências de contiguidade parecem ser categorizadas como domínios-alvo, ou seja, a posse sendo imaterial e claramente mais abstrata necessita do emprego de uma metáfora conceitual ontológica para que sentimentos (ex.: alegria de y), estados psicológicos (ex.: a ansiedade de y) e atributos (ex.: a beleza de y) possam ser conceptualizados em termos de objetos físicos “poses”.

#### **7.4. Algumas extensões genitivas**

Consideramos até aqui as instâncias de posse que percorrem domínios de contiguidade física (animacidade), locativa (inanimacidade) e abstrata por meio da transformação entre esquemas físicos que instanciam experiências contíguas e da projeção metafórica entre domínios de contiguidade. Por fim, precisamos tratar de uma parte da variação prototípica identificada por Langacker (1991) que é propriamente a extensão genitiva.

Em decorrência do exíguo espaço, demonstraremos como alguns conceitos aparentemente díspares localizados em um domínio de contiguidade mais abstrato podem ser metaforizados em termos de um domínio de contiguidade possessiva, como já evidencia o uso do vocabulário possessivo (de-genitivo) para experiências não literalmente idênticas a posse.

- Genitivo de Parentesco

Modelos culturais ajudam a atestar a ideia de que o conceito de parentesco é socialmente concebido como uma relação de contiguidade possessiva. Como diz Cardoso (1988, p.77), no Direito Romano era comum o uso da estrutura “filho de x” em vez de “pai de x”, de modo a evidenciar que o pai como autoridade dispunha do direito de vida e morte sobre o filho (relação similar a de um “senhor” e seu escravizado)<sup>25</sup>.

Não se deve supor, entretanto, que as demais relações de parentesco envolvam o mesmo

---

25 Aliás, Farias (1958, p. 135) observa que o genitivo de posse também ocorria para ‘(...) indicar as relações de um escravo para com o seu senhor’, sinalizando para uma metáfora literal relacionada à noção de parentesco, que é “SERVIDÃO É POSSE”. “*Iucundus Domitiae Bibuli* (Orelli Inscr. Lat. Sel.1, n o 2864); “Jucundo, escravo de Domícia, esposa de Bíbulo”.

mapeamento metafórico ou que o conceito de “parentesco” seja estático, pois é polissêmico e flexível a mudanças históricas e a modelos culturais específicos. Como se observa em (16), em que a metáfora morta não é obviamente recuperada sincronicamente.

(12) “Donny, **o filho de Trump** no centro da trama russa, suspeito de atuar contra Hillary”<sup>26</sup>.

Todavia, de certo que se destaca nessas relações a contiguidade inerente ao contrato social (modelo cultural) entre os termos da relação de parentesco. A categorização metafórica da relação de parentesco como uma relação possessiva é, portanto, motivada pela comparação entre experiências de contiguidade: a posse, domínio-fonte, e a relação parental como uma contiguidade estabelecida em um modelo cultural, sendo o domínio-alvo metafórico.

- Genitivo Subjetivo e Objetivo

O Genitivo Subjetivo e o Genitivo Objetivo correspondem a um conjunto de expressões linguísticas formadas por um nome deverbal + preposição + nome. O genitivo subjetivo seleciona sujeitos experienciadores agentes de um evento verbal nominalizado (ex.: a ocupação do MST), já o genitivo objetivo seleciona o sujeito paciente da experiência de um evento verbal nominalizado (ex.: o assassinato de um inocente) ou de substantivos que evocam a eventualidade de uma cena complexa (ex.: “a cirurgia da Anita”). Observem-se os exemplos:

(13.a) “Como é bonito escutar **o riso das crianças**. Que agradável é sentir suas gargalhadas e risadas, e como é fácil provocá-las na infância”<sup>27</sup>.

(13.b) “Gravar uma pessoa clandestinamente é indigno; gravar **a fala de um presidente** da República é gravíssimo”<sup>28</sup>.

(13.c) “Quem organizou **o assassinato do herdeiro austríaco Sarajevo**?”<sup>29</sup>

(13.d) “**A chegada de um bebê** em uma família traz mudanças (...)”<sup>30</sup>

Os exemplos retratam duas construções de genitivo subjetivo em (13.a), (13.b), e duas

26 Disponível em [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/10/internacional/1499711237\\_667294.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/10/internacional/1499711237_667294.html) (Acessado em 22/07/2017).

27 Disponível em <https://br.guiainfantil.com/materias/bebes/estimulacaobeneficios-do-riso-nas-criancas/> (Acessado em 22/07/2017).

28 Disponível em <http://www.metropoles.com/brasil/politica-br/para-michel-temer-gravar-presidente-e-um-ato-gravissimo>. (Acessado em 22/07/2017).

29 Disponível em <http://answersis.com/pt/questions/1048860> (Acessado em 22/07/2017).

30 Disponível em <https://www.eusemfronteiras.com.br/como-preparar-o-pet-para-chegada-do-bebe/> (Acessado em 22/07/2017).

construções de genitivo objetivo (13.c) e (13.d) em que há sujeitos pacientes e experienciadores. Nesses exemplos, usamos polissemicamente um marcador gramatical de posse para codificar a relação entre EVENTO e PARTICIPANTE (experienciador agente e experienciador paciente). O domínio-alvo reflete uma contiguidade temporal entre a experiência e aquele que a experiencia. Essa relação metonímica e simétrica licencia a categorização metafórica em relação ao domínio-fonte da simetria possessiva

Nikiforidou (1991, p.177) propõe que as metáforas “*EXPERIENCERS ARE POSSESSORS (of the experiences)*” e “*THINGS THAT HAPPEN (TO US) ARE (OUR) POSSESSIONS*” motivem essa extensão semântica. Avançando mais um pouco, parece coerente dizermos que haja uma metáfora ontológica complexa que apresenta dois direcionamentos:

(a) Participantes agentes são possuidores da experiência que vivenciam ou executam. Nos exemplos (13.a) e (13.b), os eventos nominais “riso” e “fala” são experiências contíguas aos experienciadores (quem ri e quem fala).

(b) As experiências diretamente sofridas por um participante experienciador paciente a ele pertencem. Aquilo que experienciamos diretamente, nos pertence simbolicamente. Nesse caso, os exemplos (13.c) a (13.d) ilustram bem isso.

A projeção metafórica, no entanto, leva em conta o mapeamento entre duas metonímias: POSSUÍDO e POSSUIDOR, no domínio-fonte de contiguidade física, e EVENTO e PARTICIPANTE, no domínio-alvo de TEMPO.

Se a análise estiver correta, a interação tipológica entre modelos cognitivos de contiguidade em projeções metafóricas se estabelece de modo regular em grande parte das extensões semânticas que envolvem a Posse. Desse modo, sendo a Posse uma experiência de Simetria e Contiguidade entre possuído e possuidor, para que haja a concepção imaginária do Possuidor ou da relação de pertencimento na extensão metafórica é necessário que o domínio-alvo corresponda a uma experiência arquetipicamente contígua, e, por isso, é lícito dizer as metáforas de Posse tenham a implicação metonímica em sua base.

## 8. Os elos polissêmicos e as restrições do modelo de Peirsman & Geeraerts (2006)

A proposta de Peirsman & Geeraerts (2006) foi de suma importância para descrevermos as instâncias da posse como metonímias associadas a domínios de contiguidade, ampliando e corroborando o “chiste” de Langacker (1991)<sup>31</sup>. A lógica de transformação entre os Esquemas Imagéticos e a ação da metáfora para a transferência entre domínios de contiguidade se mostrou bastante útil, mas no que se refere à radialidade possessiva não podemos formalizá-la em termos de *escala* ou *continuum*. Diante das situações de posse detalhadas até aqui, a estrutura polissêmica segue ao menos quatro dimensões não necessariamente contínuas:

8.1 - Posse prototípica: inalienável > alienável (transformação entre esquemas imagéticos: PARTE-TODO > CONTROLADO-CONTROLADOR)

8.2 - Posse prototípica > Locatividade possessiva (metáfora conceptual “INANIMADO É ANIMADO”)

8.3 - Locatividade possessiva: (transformação entre esquemas imagéticos: PARTE-TODO > CONTÊINER > CONTATO > ADJACÊNCIA)

8.4 - Posse prototípica > Posse abstrata (metáfora conceptual com implicação metonímica)

8.5 - Posse prototípica > Extensões genitivas (metáfora conceptual com implicação metonímica)

## 9. Considerações finais

A partir do presente estudo foi possível realizarmos um exercício de análise a respeito da estrutura semântica e da polissemia do genitivo de posse em português. No que tange à problematização da estrutura semântica da posse, consideramos três argumentos principais: a metáfora conceptual (NIKIFORIDOU, 1991; LANGACKER, 1991) aplicada ao inglês; a mereologia estrutural (LYONS, 1980) aplicada às expressões possessivas e locativas preposicionadas e o argumento da metonímia conceptual, que aplicamos ao português.

Parece-nos mais coerente que expressões possessivas correspondam a padrões metonímicos concretos associados a domínios de contiguidade. (PEIRSMAN & GEERAERTS, 2006). Em nosso caso, adaptamos o modelo de Peirsman & Geeraerts (2006) segundo as nossas necessidades, contemplando os domínios de contiguidade física, que denominamos de **animacidade** (inalienável e alienável), **inanimacidade** (locativos), de contiguidade **abstrata** e ainda algumas extensões genitivas,

---

31 Remeto o leitor a discussão de Langacker sobre a posse como metáfora conceptual (seção 2) e sobre a citação em que argumenta favoravelmente à metonímia (seção 4).

como “parentesco”, que envolve uma contiguidade em um **modelo cultural**, e genitivo subjetivo/objetivo, que envolvem a contiguidade **temporal**.

Ademais, argumentou-se que a preferência do português pela polissemia da posse se deve não à unidimensionalidade da metáfora (embora ela tenha papel fundamental), mas, principalmente, pela ação do modelo cognitivo da contiguidade (fonte prototípica) e de dois efeitos prototípicos básicos: (i) a conexão entre as distintas experiências de posse por meio de vínculos naturais de transformação entre Esquemas Imagéticos e (ii) as transferências metafóricas entre domínios de contiguidade (elaboração metafórica de experiências arquetipicamente contíguas).

Dessa maneira, não precisamos considerar a metáfora conceptual como único recurso disponível para a explicação da polissemia possessiva, conforme argumentamos e esperamos ter demonstrado em nosso exercício de análise semântica para o genitivo de posse em português.

## REFERÊNCIAS

FARIA, Ernesto. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

HEINE, Bernd. *Cognitive Foundations of Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 1997

ILARI, Rodolfo; CASTILHO, Ataliba Teixeira de; ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão de; KLEPPA, Lou-Ann; BASSO, Renato (2015). A preposição. In: ILARI, Rodolfo (Org.). *Palavras de classe fechada*. Gramática do Português Culto Falado no Brasil. Vol. IV. São Paulo: Contexto, 2015, p.163-310.

JOHNSON, Mark. *The Body in the Mind. The Bodily Basis of Meaning, Imagination and Reason*. Chicago/London: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: Chicago University Press, 1987.

\_\_\_\_\_. & JOHNSON, Mark. *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books, 1999.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar. Vol. 2: Descriptive Applications*. Stanford, Calif.: Stanford University Press, 1991.

LISBOA JÚNIOR, Jorge Luiz Ferreira. *A semântica do genitivo em português: corporificação*,

polissemia metonímica e gramaticalização, 2017. 188 p. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas, Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

LYONS, John. *Semântica I*. Lisboa: Presença; São Paulo: Martins Fontes. 1980.

NIKIFORIDOU, Kiki. The meanings of the genitive: A case study in semantic structure and semantic change. *Cognitive Linguistics* 2: 149–205, 1991.

PAMIES, Antonio. A relação forma-sentido em construções possessivas. *Revista Eletrônica Letras de Hoje*. Rio Grande do Sul. Volume 40. Número. 1. Pp. 71-85, 2005. 2005. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/te/ojs/index.php/fale/article/view/13724>> Acesso em: 22. Jul. 2017.

PEIRSMAN, Yves & GEERAERTS, Dirk. Metonymy as a prototypical category. *Cognitive Linguistics* 17(3): 269–316. 2006.

SOARES DA SILVA, Augusto. *O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina. 2006.

## ENSINO DE GRAMÁTICA: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DAS RELAÇÕES ENTRE PARTES DO TEXTO<sup>1</sup>

### *GRAMMAR TEACHING: A PROPOSAL TO ANALYZE THE RELATIONS BETWEEN PARTS OF THE TEXT*

*Norma Barbosa Novaes Marques<sup>2</sup>*

#### RESUMO

Este estudo, com base em uma visão funcionalista de língua, apresenta uma proposta de análise da relação conclusiva que se estabelece por meio das conjunções *então* e *portanto*, no intuito de oferecer uma contribuição que mostre a relevância do ensino de gramática pautado nos usos da língua. Os resultados demonstram que há três diferentes funções na relação conclusiva estabelecidas por meio das conjunções mencionada (conclusão, consequência e resumo), distinguíveis entre si devido, notadamente, à intenção comunicativa do falante na interação. A pesquisa demonstrou a relevância de se observar um fenômeno linguístico a partir de exemplos autênticos de uso da língua, e não apenas de orações prototípicas encontradas nas gramáticas tradicionais.

**Palavras-chave:** Relação conclusiva; ensino; gramática.

#### ABSTRACT

This study, based on a functionalist view of language, presents a proposal to analyze the relation of conclusion that is established through the conjunctions *so* and *therefore*, in order to offer a contribution that shows the relevance of grammar teaching based on language uses. The results reveal that there are three different functions in the relation of conclusion established through the

---

1 Parte deste texto é baseada na tese de doutorado defendida junto ao Programa de Estudos Linguísticos da UNESP/São José do Rio Preto, em 2014.

2 FACERES/São José do Rio Preto



mentioned conjunctions (conclusion, consequence and summary), different from each other due, notably, to the speaker's communicative intention in the interaction. The research has shown the relevance of observing a linguistic phenomenon from authentic examples of language use, and not just from prototypical clauses found in traditional grammars.

**Keywords:** Relation of conclusion; teaching; grammar.

## **Apresentação**

Já é consensual a crítica feita ao modo como se ensina gramática nas escolas. Autores como Antunes (2003), Possenti (2008), Travaglia (2008), Neves (2011), Bagno (2011), por exemplo, têm oferecido contribuições significativas para a reflexão sobre o trabalho docente na educação básica. Em comum, todos questionam a ênfase dada ao ensino da metalinguagem, em detrimento do uso pelo falante.

De acordo com Antunes (2003), o estudo de aspectos gramaticais na escola apresenta vários problemas: é feito de forma descontextualizada, sem relação com o uso real da língua nas modalidades falada e escrita; oferece exemplos artificiais; valoriza aspectos pouco relevantes para o desenvolvimento da competência comunicativa e preocupa-se mais com o ensino de nomenclatura.

Há tempos a discussão sobre a necessidade de uma mudança no ensino tradicional da gramática escolar tem ganhado fôlego. Geraldi (1997) foi um dos pioneiros nessa discussão a sistematizar uma proposta concreta, ao defender que uma das unidades básicas do ensino de português é a denominada prática de análise linguística, que não exclui o trabalho com questões tradicionais da gramática, mas propõe uma ampliação ao incluir questões mais aprofundadas a propósito do texto. A publicação dos PCNs de Língua Portuguesa (1998) também aponta essa necessidade:

(...) não se justifica tratar o ensino gramatical desarticulado das práticas de linguagem. É o caso, por exemplo, da gramática que, ensinada de forma descontextualizada, tornou-se emblemática de um conteúdo estritamente escolar, do tipo que só serve para ir bem na prova e passar de ano uma prática pedagógica que vai da metalingua para a língua por meio de exemplificação, exercícios de reconhecimento e memorização de terminologia (BRASIL, 1998, p. 28)

As propostas de concretização desse novo olhar para o ensino de gramática já estão bastante difundidas. Com uma visão funcionalista, Neves (2003, 2011) acredita que o ensino de gramática deve colocar a definição de questões gramaticais como ponto de chegada, e não de saída. Assim, o ensino deve partir dos usos linguísticos, com análise dos fatos linguísticos, para se verificar o funcionamento linguístico de um determinado fenômeno e os efeitos de sentido pretendidos e, por fim, apresentar o

conceito gramatical em foco. Em resumo, o fundamento para o ensino é o funcionamento da língua em uso, segundo a autora.

Nesse sentido, este estudo, tendo como ponto de partida o perfil delineado por Neves (2011), apresenta uma proposta de análise da relação conclusiva que se estabelece por meio de conjunções, a fim de oferecer uma contribuição que mostre a relevância do ensino de gramática pautado nos usos da língua e a serviço deles.

Para atingir esse objetivo, o texto deste trabalho encontra-se dividido em três seções. Na primeira, encontra-se breve discussão sobre o ensino de relações entre partes de um texto; na segunda, uma síntese de teóricos sobre a relação conclusiva; na terceira, conceitua-se a relação conclusiva e suas características. Encerra-se o texto com algumas considerações sobre a proposta.

## **1. O ensino de relações entre partes de um texto**

O ensino das relações que se estabelecem entre partes de um texto por meio das tradicionalmente denominadas conjunções é alvo de vários estudos. As pesquisas analisam esses avanços, por exemplo, abordando o ensino do assunto por meio da análise de livros didáticos, mas ainda não há um consenso.

Há os que acreditam não haver uma mudança na perspectiva tradicional, alegando que, nos livros didáticos, não há, sobretudo, preocupação em demonstrar a relação semântica entre sentenças, pois “os exemplos utilizados são simples, prevêm exatamente a relação que irá ser estabelecida por determinada conjunção, de acordo com o que tradicionalmente se sabe a respeito dela.” (BORGES, 2008, p. 30). Dessa forma, a relação entre orações apenas constaria como tema de estudo, mas sem as discussões necessárias para a abordagem adequada do papel dessas relações no texto.

Por outro lado, há aqueles que conseguem vislumbrar uma alteração significativa nesse assunto. Para Silva e Moraes (2014), por exemplo, em alguns livros didáticos, aparece ainda a tradicional divisão de classe de palavras, apresentadas uma a uma, mas há também algumas inovações, como “relativização da gramática (relativização do conceito ou da classificação das palavras, seja em relação à forma, seja em relação à posição delas na frase, oração), exploração de aspectos textuais, consideração da norma de uso real da língua e tendência à não-apresentação de conceitos e nomenclaturas no início do estudo das classes.” (SILVA; MORAES, 2014, p. 140).

No entanto, é preciso avaliar o tratamento dado ao tema, a fim de verificar se efetivamente há uma proposta voltada para a reflexão linguística. Não basta relativizar a gramática ou não apresentar conceitos logo no início dos estudos. Schwarzbald, Guimarães e Dantas (2015) enfatizam que:

Em muitos livros didáticos, por exemplo, na abordagem de conjunções, há ainda um excesso de atividades visando apenas à classificação dos itens dessa classe e uma única possibilidade de resposta, que materializa a crença em relações biunívocas entre conjunções e efeitos de sentidos. Embora haja atividades que visem à reflexão sobre sentidos de conjunções, em alguns manuais, por exemplo, ainda persistem quadros com classificações das conjunções que antes visam à formatação da análise do consulente que o reflexo e a sistematização de conhecimentos adquiridos. (SCHWARZBOLD; GUIMARÃES; DANTAS, 2015, p. 27)

Percebe-se assim que, apesar da presença de uma reflexão sobre o uso da língua pelo falante, o foco muitas vezes continua equivocado. Como afirma Antunes (2003, p. 97), “não adianta muito saber os nomes que as conjunções têm. Adianta muito saber o sentido que elas expressam, as relações semânticas que elas sinalizam”, pois, ao fim e ao cabo, é o que efetivamente contribuirá para o desenvolvimento da competência linguística dos alunos.

Além disso, é preciso mostrar a relevância do uso de itens linguísticos que explicitam a relação entre as partes de um texto. Em um texto em que um elemento possa indicar mais de um tipo de relação ou ainda se houver ausência de conectivos, corre-se o risco de gerar dificuldade de leitura, tendo em vista a ambiguidade provável. Elementos como conjunções, preposições, advérbios, as diversas formas de sinalização do tempo, elementos de co-referência (pronomes, elipses, por exemplo), precisam ser usados de forma adequada no texto para não causar problemas para o leitor (COSCARELLI, 2002). Com o mesmo grau de importância, elementos que relacionam porções textuais entre si, quando presentes, dão maior visibilidade à relação discursiva a ser entendida pelo leitor/ouvinte, o que implicaria redução do esforço de processamento cognitivo (MORAIS, 2006).

O fato de poder facilitar ou prejudicar o processo de compreensão leitora demonstra a relevância desses elementos linguísticos na leitura e na produção textual, o que deveria ser suficiente para impulsionar o trabalho com esse aspecto na sala de aula.

## **2. A (in)definição de relação conclusiva**

Especificamente em relação ao ensino das conjunções conclusivas, o quadro de trabalho com textos não se altera. Os estudos demonstram que o tratamento dado à relação conclusiva é superficial e restringe-se muitas vezes a apresentar as conjunções e propor exercícios de classificação (BORGES, 2008; VARGAS JUNIOR e SELLA, 2004).

A descrição da relação conclusiva apresenta várias inconsistências, a começar pelas próprias definições circulares, tais como a explicação de que uma conjunção conclusiva estabelece uma conclusão obtida a partir da primeira oração.

Algumas gramáticas e mesmo autores contemporâneos afirmam que o termo ‘conclusão’ equivale a uma consequência ou que há uma relação lógica entre uma premissa posta e a conclusão dela advinda.

Cunha e Cintra (1985) consideram que conjunções conclusivas ligam uma oração a uma anterior que exprime conclusão ou consequência, posição referendada por Kury (1993), como em (1):

- (1) Nas duas frases a experiência é a mesma. Na primeira não instruí, **logo** prejudica.  
(Cunha e Cintra, 1985, p. 567)

Para Martelotta e Silva (1996), o elemento *então* inicia uma oração que expressa uma consequência em relação ao já dito, como em (2):

- (2) ao saltar do carro Marcelo tentou conversar com Neuza, para que entrássemos em casa sem acordar os pais de Márcia. Mas a nojenta da garota em vez de ajudar a irmã ficou reclamando e falando besteiras, **então** Marcelo deu-lhe um fora curto e grosso  
(MARTELOTTA e SILVA, 1996, p. 228)

Na análise dos autores, nessa ocorrência, “Marcelo deu-lhe um fora curto e grosso” é uma oração que contém uma consequência de um fato expresso na oração anterior. Nota-se que não há necessidade de inferência para se perceber a conclusão, mas apenas a percepção de uma sequência em que um fato desencadeia outro fato.

Azeredo *et al* (2009) afirmam que conjunções conclusivas exprimem uma conclusão, uma dedução lógica da primeira ideia. No entanto, Ducrot (2009) alerta que há um papel persuasivo, mas não por um caráter racional, como comumente explicado. Para o autor, argumentar com *portanto* é uma estratégia do falante para persuadir o interlocutor, como em (3):

- (3) A estação é longe, **portanto** tomemos um táxi. (DUCROT, 2009, p. 26)

A intenção seria evitar uma fácil refutação da ideia, com um simples ‘não’ (no caso, se se quiser refutar, deve-se colocar argumentos para fazê-lo). O que está em jogo não é a lógica do raciocínio, mas a imagem construída pelo falante de si mesmo, o que pode tornar mais eficaz sua argumentação. A vantagem de se construir essa imagem mais favorável é que não há uma imposição, mas uma tentativa de convencer por argumentos. Dessa forma, o autor desfaz a ideia de que na relação conclusiva haja uma relação lógica.

Alves (2013), a respeito de *então* conclusivo, afirma que essa forma é usada para mostrar a intenção do falante em levar o destinatário a compreender sua inferência, tendo como base as informações partilhadas por ambos no processo comunicativo. A autora considera que os termos “conclusão” e “consequência” servem para explicar a relação conclusiva.

Koch (1990) considera que os elementos que estabelecem relação conclusiva são discursivos, subclassificados como operadores argumentativos, responsáveis pela orientação discursiva dos enunciados encadeados. De acordo com a autora, operadores conclusivos introduzem um enunciado de valor conclusivo em relação a dois atos de fala anteriores, um dos quais geralmente fica implícito, como no exemplo (4):

- (4) José é indiscutivelmente honesto. **Portanto/logo/por conseguinte/então**, é a pessoa indicada para assumir o cargo de tesoureiro. (KOCH, 1990, p. 92)

Para a autora, a conclusão “é a pessoa indicada para assumir o cargo de tesoureiro” é obtida por meios de dois argumentos: o ato de fala “José é indiscutivelmente honesto”, que é a premissa maior, e o ato de fala “As pessoas honestas são indicadas para o cargo de tesoureiro”, a premissa menor.

Por outro lado, Risso (1996) considera que a forma *então* assume, dentre outras possibilidades, a função de conector frasal, criando uma relação coesiva entre partes do texto, com função de operador argumentativo que expressa uma relação lógico-semântica de decorrência, conclusão ou resultado, enfim, de implicatividade, como mostra (5):

- (5) Buda já dizia isso também...**então** isso não é novidade para ninguém não é verdade? (RISSO, 1996, p. 85)

Observa-se no exemplo uma relação argumentativa, segundo a autora, na qual há uma conclusão a partir de dois atos de fala anteriores: “Buda já dizia isso também” (explícito) e “Todos conhecem a afirmação de Buda” (implícito), que sustentam a argumentação conclusiva “isso não é novidade pra ninguém”. Para a linguista, a forma *então* tem uma função retroativa-propulsora, ao apontar para o que foi dito e ainda impulsionar a continuação do discurso. Nota-se, assim, que a autora enfatiza a pré-atuação marcadamente argumentativa do elemento, em uma estrutura usada explicitamente para convencer o interlocutor, sem fazer menção à lógica entre as partes.

Pezatti (2001) afirma que a forma *então*, em uso conclusivo, apresenta um valor de conclusão por inferência, sem noção temporal presente, como se vê em (6):

- (6) hoje em dia se você depois passou uma época que você ia ao cinema tinha que ficar de é numa fila e NORme...não é? **então** não era divertimento aquilo...era::eu acho que era nem divertimento ((ruídos)) passava porque a pessoa ficava cansada de ficar em fila adquirir ingresso ficava na fila de ingresso (DID-SP-234:582) (PEZATTI, 2001)

Segundo a autora, deve haver entre uma relação inferencial entre a premissa e a conclusão, desfazendo, assim como Ducrot, a ideia de que há uma relação lógica entre as orações. Em (6), “então não era divertimento” é uma conclusão que o falante faz a partir de um julgamento que ele faz de uma realidade, sendo impossível pensar em lógica em sentido restrito.

Longhin-Thomazi (2006) acredita que, em uso conclusivo, *logo* estabelece uma relação de implicação, veiculando um sentido de consequência ou conclusão, fortemente baseado nas crenças e expectativas do falante ou escritor.

Maingueneau (1997), que considera a conjunção conclusiva como um conectivo da classe dos consecutivos, assim como Zenone (1983), afirma que, em uma construção com *logo*, o antecedente é tomado como um fato definitivo, enquanto o consequente aparece legitimado por princípios admitidos pela comunidade, sendo assim menos subjetivo, o que aparenta demonstrar uma “lógica”, mas não em sentido estrito.

Já para Lopes *et al* (2001), *portanto*, como operador conclusivo, tem um significado do tipo instrucional ao indicar que a proposição introduzida deve ser interpretada como conclusão fundamentada num raciocínio inferencial. Nesses casos, há um esquema inferencial defectivo em que uma das premissas não está explicitada, como no exemplo (7), discutido pelas autoras:

- (7) As luzes não estão acesas, **portanto** o João não está em casa. (LOPES et al., 2001, p. 206)

A premissa elidida seria ‘se/quando o João está em casa, as luzes estão acesas’. A própria relação conclusiva induziria à reconstituição da premissa implícita, que assume forma de construção condicional, sendo o antecedente a premissa asserida, e o consequente, a conclusão. Essa premissa implícita deve fazer parte do conhecimento prévio do interlocutor para que se possa perceber a relação conclusiva. Assim, a premissa P constitui uma prova ou evidência, do ponto de vista epistêmico, que legitima a asserção da conclusão Q. Também contrariando a argumentação a respeito da necessidade de haver lógica entre os elementos relacionados, Lopes *et al.* (op. cit) fazem menção a um tipo de prova/evidência que é obtido por meio de inferência. Em resumo, a partir dos questionamentos em torno da relação de lógica na construção conclusiva, verifica-se que alguns autores preferem acreditar em uma relação inferencial, e não em um resultado de um raciocínio lógico.

Assim, observa-se que há bastante divergência no tocante ao conceito de relação conclusiva. Muitos autores, quando não usam consequência como sinônimo de conclusão, consideram-na como uma das possíveis relações de consequência, o que acaba por dificultar a compreensão do fenômeno linguístico em estudo. Os termos usados para definição variam significativamente: conclusão, consequência, decisão final, decorrência e resultado.

Dessa forma, definir claramente o que é uma relação de conclusão é fundamental para a análise do funcionamento desse recurso linguístico na língua em uso.

### **3. Relações textuais por meio de conjunções conclusivas: uma proposta de análise**

Como discutido, é necessário realizar um trabalho que considere as relações textuais em seu uso efetivo, e não apenas orações especialmente selecionadas para demonstrar um exemplo prototípico de relação semântica. Assim, uma proposta de ensino preocupada com o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos irá mostrar o objeto de análise de forma contextualizada, em situações reais de uso real da língua, seja na modalidade falada, seja na escrita.

A teoria adotada para a análise aqui apreendida é a Gramática Discursivo-Funcional (GDF) de Hengeveld e Mackenzie (2008), um modelo teórico que descreve e analisa a gramática de uma língua considerando o discurso como unidade de interação, ao invés da sentença apenas. Esse modelo propõe a separação entre Formulação e Codificação na produção linguística. Na Formulação, o foco é a especificação de configurações pragmáticas (denominadas interpessoais) e semânticas (denominadas representacionais), enquanto na Codificação, observam-se as configurações morfossintáticas e fonológicas que as configurações pragmáticas e semânticas acarretam em uma língua. A Formulação converte a intenção comunicativa do falante e sua representação mental em representações interpessoais e representacionais, enquanto a Codificação transporta as representações interpessoais e representacionais para os níveis morfossintático e fonológico, configurando uma expressão linguística. Este sequenciamento de ações linguísticas reflete a ordem das atividades estratégicas colocadas em prática pelo falante.

Essas relações de formulação e codificação são estruturadas em níveis que são representados hierarquicamente em organização descendente, que vai do discurso para a forma das expressões linguísticas. Nesse sentido, a pragmática governa a semântica, a pragmática e a semântica comandam a morfossintaxe e, por fim, a pragmática, a semântica e a morfossintaxe governam a fonologia. Nessa organização descendente, a teoria propõe a existência de quatro níveis de análise: Nível Interpessoal, que diz respeito à interação entre falante e ouvinte; Nível Representacional, relacionado

aos aspectos semânticos das unidades linguísticas; Nível Morfossintático, que toma como unidade de análise a composição morfossintática dos elementos linguísticos; Nível Fonológico, que trata das representações fonológicas dos constituintes. Cada nível é também hierarquicamente estruturado em camadas, de vários tipos: a primeira camada, mais alta, contém a segunda e assim sucessivamente. Para este trabalho, consideraremos apenas os níveis considerados relevantes para a discussão em andamento, como ficará explícito na análise a seguir.

Ao analisar exemplos autênticos de uso da relação conclusiva<sup>3</sup>, é possível verificar três tipos de relações, como exemplificam (8), (9) e (10):

- (8) eles acham que coisa antiga é coisa velha, **então** botam para, arrebentam com o negócio (Bra80: ArteUrbana)
- (9) a independência também é uma questão muito fund[...], fundamental. **portanto** nós, mesmo que a Indonésia construísse em Timor prédios com, bom, de ouro, de platina, nós nunca que iríamos vender a nossa liberdade e a nossa independência. (TL99:IdentidadePovo)
- (10) - e na sua opinião, como é que isto vai evoluir para o futuro?  
- acha bem essa maneira  
- não!  
-dos filhos se dirigirem aos pais?  
- não. e tratá-los por tu, ainda menos! *esta trata. os outros dois não. esta é mais atrevida. mas, mas a, mas os outros dois não. e eu nunca lhe dei licença de tratar por tu. até o neto agora também que a mãe na[...], trata, o neto também trata, o filho dela. mas não gosto porque perdem um bocado do respeito. não gosto não, não gosto.*  
- **portanto** acha que os seus outros filhos r[...], a respeitam mais?  
- muito mais, muito mais. nunca, nunca nos tra[...], nem um nem outro. sentem muito, muito medo. (PT95:JuventudeOntemHoje)

Em (8), a consequência “então botam para, arrebentam com o negócio” é o resultado da causa

---

3 O *cópus* contém amostras das variedades do português falado nos países lusófonos, no período de 1970 a 2001, com uma incidência de cerca de 70% na última década. Disponível em [http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica\\_de\\_corpus/projecto\\_portuguesfalado.php](http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/projecto_portuguesfalado.php)



“eles acham que coisa antiga é coisa velha”. Em (9), a conclusão “portanto [...] nós nunca que iríamos vender a nossa liberdade e a nossa independência” é resultado de uma inferência obtida a partir de “a independência também é uma questão muito fund[...], fundamental”, com base na premissa implícita de que ‘tudo que é fundamental não pode ser vendido’; por fim, em (10) o resumo “portanto acha que os seus outros filhos r[...], a respeitam mais?” é a síntese resultante de “e tratá-los por tu, ainda menos! esta trata. os outros dois não. esta é mais atrevida. mas, mas a, mas os outros dois não. e eu nunca lhe dei licença de tratar por tu. até o neto agora também que a mãe na[...], trata, o neto também trata, o filho dela. mas não gosto porque perdem um bocado do respeito. não gosto não, não gosto.”

Pode-se observar que as três construções indicam o que Blakemore (2003) considera uma implicação entre o ato que contém o elemento linguístico que expressa determinada relação e o ato enunciado anteriormente. Trata-se sempre de uma implicação resultativa: consequência é o resultado de uma causa; conclusão, o resultado de uma inferência; resumo, a síntese resultante de todo o discurso anterior. Essas três nuances de implicação resultativa são tipos diferentes de relação conclusiva, como será demonstrado a seguir.

Em (11), a seguir, há pelo menos três elementos em sequenciação definida: uma premissa explícita, uma premissa implícita e a conclusão. Nessa ocorrência, a oração “diz que vende artigos de decoração” (premissa explícita) serve como base para a conclusão expressa na próxima oração “esta época agora é uma época de grande ocupação para si”, a partir da inferência de que no Natal há uma grande procura por artigos de decoração (premissa implícita).

- (11) - bom, diz que vende artigos de...  
- decoração.  
- decoração. **portanto** esta época agora é uma época de grande ocupação para si, não é  
- imensa. não há horas, não, só há um Natal e... tem que se aproveitar esta altura do ano para... deitar cá para fora os produtos. (PT95:SaberVender)

A primeira oração constitui uma premissa que encaminha para uma implicação que corresponde a uma conclusão proposta pelo falante, resultante de uma inferência. Note-se que não é uma consequência ou efeito do conteúdo da afirmação anterior. Trata-se de como o falante conduz seu discurso de modo a alcançar seu propósito comunicativo, ou seja, relaciona-se ao modo como organiza o discurso, para atingir objetivos comunicativos. Assim, nessa relação conclusiva, o propósito do falante é o de mostrar que a conclusão não é aleatória, mas tem base em um raciocínio inferencial. Assim, a relação entre as duas partes textuais ocorre na camada do Nível Interpessoal, já que diz respeito à interação entre Falante e Ouvinte. Na perspectiva da GDF, constitui uma estratégia gramatical para relacionar duas unidades, ou seja, uma função retórica. No caso, ao segundo elemento da estrutura textual é

atribuída uma Função, aqui denominada Função Conclusão.

Assim, a conclusão ocorre entre uma ideia P e uma ideia Q, sendo perceptível a relação entre as duas por meio de inferência. Em casos como esse, o que está em jogo é uma construção em que se usa determinadas estratégias para conduzir a concluir Q a partir de uma inferência. Percebe-se que a relação conclusiva proposta pelo falante “esta época agora é uma época de grande ocupação para si” não guarda uma relação explícita com “diz que vende artigos de decoração”. O falante recorre a uma premissa para criar a relação de implicação, em uma relação que não é direta, não está expressa, mas sim implícita, e precisa ser recuperada por meio de raciocínio inferencial.

Diferentemente, ocorrências como (12) exemplificam uma relação conclusiva de consequência, em que o falante relaciona diretamente duas proposições [“essa sede actualmente é tida como mal-assombrada”] e [“nós não temos muita vontade de ficar nela”], sem uma premissa implícita:

- (12) mas essa sede actualmente é tida como mal-assombrada. **então**, apesar de sermos todas pessoas esclarecidas, nós não temos muita vontade de ficar nela. (BRA 80-Fazenda.)

Nesse exemplo, o falante estabelece diretamente a relação de implicação conclusiva entre as partes, sem recorrer a um raciocínio inferencial para emitir uma premissa implícita que faça a mediação entre a premissa explícita e o consequente. Observa-se que a relação se estabelece entre duas orações, em que o conteúdo expresso na segunda oração é o resultado do que é expresso na primeira. O falante apresenta uma descrição do mundo extralinguístico, uma vez que estabelece uma relação explícita entre “ser mal-assombrada” e “não ter vontade de ficar nela”, sem a mediação de uma premissa implícita. Observa-se assim que a relação se estabelece semanticamente, entre dois conteúdos proposicionais, ou seja, construtos mentais que se caracterizam por poder ser qualificados em termos de atitudes proposicionais (certeza, dúvida, descrença) e/ou em termos de sua fonte ou origem (conhecimento comum partilhado, evidências sensoriais, inferência). Assim, a relação ocorre no Nível Representacional, pois o que está em jogo é o modo como o falante descreve o mundo extralinguístico, do ponto de vista semântico.

É interessante destacar que essa explicação ajuda a compreender o consenso quase geral de vários gramáticos e pesquisadores de que há uma consequência lógica entre as orações. De fato, nesse caso, os conteúdos se combinam em uma relação direta de causa e consequência, na forma de uma conclusão resultativa.

Por fim, em (13), há o caso da relação conclusiva que se estabelece como um resumo. A conclusão “portanto, o Camilo, para mim é um ho[...], um ser falhado, na parte do lar”, na forma de

um resumo, ocorre a partir da explanação de todo o conteúdo anterior:

- (13) - eu, o Camilo, admiro o Camilo e bato-lhe palmas, na parte literária, na parte literária  
- na parte literária.  
- na parte conjugal, marido e esposa, não gosto. não gosto, porque ele foi r[...], roubar uma mulher com quem vivia com outro marido. agora se a mulher fosse viúva, que ele esperasse que morresse o Manuel Pinheiro Alves como morreu muito cedo, e ele aguardasse - com certa incerteza, é claro - mas que aguardasse e que se unisse a ela, eu já não condenava. porque ela já era livre. agora ir buscar a mulher ao seio conjugal de outro homem que a amava, ou não saberia amar melhor, mas ele amava-a, já por isso casou com ela, eu acho que Camilo cometeu um grande erro. como ainda hoje muitos con[...], casais o fazem. casou a dona Ana Plácido com um homem que não, não tinha, eh, carinhos, que não sabia olhar para ela com olhos benévolos, olhos de, de, de amor, olhos de, de reverência até. mas, era o marido dela. ela tinha que ver isso antes de casar com ele. entrou na poça que gostava dele, então foi, gostou do dinheiro dele?  
ninguém sabe como é que isso foi.  
- ah, mas i[...], isso... é mau.  
- pode ter sido casada porque os pais a induziram a isso.  
- sim. há casos desses. que é o, é o caso do “Amor de Perdição” com Teresa  
- hum, hum, hum.  
- a Teresinha  
- a Teresa e s[...]  
com o primo  
- com um primo. há casos desses, mas, se há casos desses ela tinha que reprovar os pais que a meteram nesse sarilho, e nunca o marido. o marido apenas foi saboreá-la porque gostava dela, dentro do matrimónio. eu penso assim.  
- hum, hum.  
- **portanto**, o Camilo, para mim é um ho[...], um ser falhado, na parte do lar. é um grande homem na parte das letras, porque deu vida a muitas novelas, a muitos contos, a muitas histórias que andavam por aí, eh, apagadas, aqui no Minho, e não só, mas aqui sobretudo, na parte... minhota, e ele deu-lhe vida. com personagens, avivou, impregnou certos movimentos que a literatura alcançou outro tom que enriquece o património nacional das letras, suponho eu. (PT97: AmoresCamilo)

Nota-se que o falante descreve todo o comportamento de Camilo para depois então colocar, resumidamente, sua conclusão de que “portanto, o Camilo, para mim é um ho[...], um ser falhado, na parte do lar.” Trata-se de um tipo de relação conclusiva caracterizada por marcar uma relação de

implicação entre uma explanação e a síntese que resulta dessa explanação. Nesse caso, a intenção do falante é a de mostrar a conclusão a que chegou depois de sua explanação, de forma sintética. O trecho que se inicia com *portanto* é uma contribuição que impulsiona o discurso e contribui para a relação interpessoal: depois de ouvir toda a explanação a respeito de como seus filhos a tratam, o falante inicia um novo turno em que pretende resumir toda a explanação anterior, na forma de uma pergunta, que, por sua vez, impulsiona a abertura de outro turno. A relação ocorre então no Nível Interpessoal, pois diz respeito a propriedades de interações entre os falantes que fluem das estratégias de natureza proposital.

Em resumo, o resultado da análise mostra que há três diferentes funções na relação conclusiva: ora a relação entre as orações que a compõem é indireta, com uma premissa entre elas (conclusão), ora é mais direta (consequência), ora a relação ocorre entre porções textuais maiores, para sintetizar uma explanação anterior (resumo). A análise demonstra assim que a língua dispõe de diferentes estratégias para estabelecer relações conclusivas por meio de conjunções, como estabelecer uma consequência direta, uma conclusão por meio de uma premissa implícita ou ainda concluir por meio de um resumo.

Além disso, do ponto de vista da extensão das orações, a gramática tradicional e os livros didáticos exemplificam a relação conclusiva apenas entre orações. No entanto, pelo exposto, é possível verificar que a relação conclusiva pode ocorrer entre orações, como no caso dos subtipos conclusão e consequência, mas a porção textual pode ter uma extensão maior, podendo ser composta por várias orações, como na relação conclusiva resumo. Assim, concordando com Guimarães (2001), essa relação pode ocorrer entre porções textuais maiores.

## **Considerações Finais**

Com base nos resultados desse estudo, é possível comparar a visão da gramática tradicional reproduzida em livros didáticos, como afirmam diversos autores (BORGES, 2008; VARGAS JUNIOR e SELLA, 2004), e assim apontar algumas considerações que podem ter reflexo no trabalho docente quanto ao ensino das relações gramaticais entre partes de um texto, com base em uma visão de língua em uso.

O resultado da análise mostra que há três diferentes funções na relação conclusiva: conclusão, consequência e resumo. A principal distinção entre os três subtipos propostos deve-se ao fato de as relações serem formuladas de formas diferente: a conclusão e o resumo ocorrem no mesmo nível, o Interpessoal, mas se diferenciam porque a primeira ocorre entre orações e a segunda entre porções textuais maiores; já a consequência ocorre no Nível Representacional. Essa distinção esclarece a

discussão em torno do conceito de relação conclusiva, percebida na revisão bibliográfica.

A pesquisa demonstrou a relevância de se observar um fenômeno linguístico a partir de exemplos autênticos de uso da língua, e não de ocorrências prototípicas apenas. A proposta de análise revelou que a língua dispõe de diferentes estratégias linguísticas, e o usuário da língua precisa ter conhecimento dessas formas, para ter a possibilidade de escolher aquela que melhor reflete sua intenção de estabelecer a relação entre partes do texto. Em muitos contextos, equivocadamente, o livro didático é o único acesso para o aprendizado de aspectos gramaticais, e uma descrição superficial limita uma análise que considere o funcionamento linguístico em situações de interação, almejada em uma boa formação escolar e apontada em documentos oficiais, como nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998). Este trabalho, ao esclarecer as propriedades da relação conclusiva, pode auxiliar a reflexão sobre como conceituar e descrever esse fenômeno linguístico.

O estudo demonstra que o trabalho com gramática deve priorizar a análise da língua a partir de exemplos contextualizados, e não na pura classificação com foco metalinguístico. O ponto de partida e o ponto de chegada precisam ser o texto em sua funcionalidade.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p.

BLAKEMORE, D. Re-visiting procedural meaning: 'but', 'however' & 'nevertheless', Paper delivered at Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics. GURT, 2003.

BORGES, Andrea Lopes. As conjunções coordenativas do português: uma análise baseada em livros didáticos. *Revista Horizonte Científico*. Vol2, Nº 1. Out. 2008.

COSCARELLI, Carla Viana. Entendendo a leitura. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG. v. 10, n. 1, p.7-27, jan./jun. 2002.

CUNHA, Celso Ferreira; CINTRA, Luis Felipe Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985 (p. 565-567).

DUCROT, Oswald. Argumentação retórica e argumentação linguística. *Letras de Hoje*, Porto

Alegre, v. 44, n. 1, p. 20-25, jan./mar. 2009.

GERALDI, Wanderley (Org.) *O texto na sala de aula*. São Paulo. Ática, 1997.

GUIMARÃES, Eduardo. *Texto e argumentação*. São Paulo: Pontes, 2001.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça *et al.* Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. *Gramática do português falado*. v. I. São Paulo: Editora da Unicamp, 1990.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 1985 (p. 65-67).

HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, John Lachlan. *Functional Discourse Grammar: A typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LONGHIN-THOMAZI, Sanderleia Roberta. Gramaticalização de conjunções coordenativas: a história de uma conclusiva. *Revista Gragoatá*. Niterói, n. 21, p. 59-72, 2. sem. 2006.

LOPES, Ana Cristina Macário; PEZATTI, Erotilde Goreti; NOVAES, Norma Barbosa. As construções com ‘portanto’ no português brasileiro e europeu. *Scripta*. Belo Horizonte: PUC-MG, v. 5, n.9, p. 203-18, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Trad. de Freda Indursky. Campinas: Pontes, 1997.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; SILVA, L. R. Gramaticalização de ‘então’ In: MARTELOTTA, Mário Eduardo, VOTRE, Sebastião Josué e CEZARIO, Maria Maura. (org.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1996.

MIRA MATEUS, Maria Helena et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1986.

MORAIS, Maria da Felicidade Araújo. Marcadores da estruturação textual: elementos para a descrição do papel dos Marcadores Discursivos no processamento cognitivo do texto. Tese. Centro de Estudos em Letras. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Dezembro 2006.

NEVES, Maria Helena de Moura. A gramaticalização e a articulação de orações. *Revista do GELL*, 2003 V. 28 (p. 46-56).

\_\_\_\_\_. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2011.

PEZATTI, Erotilde Goreti. G. As construções conclusivas no português falado. In: ABAURRE, Maria Bernadete; RODRIGUES, Angela C. S. (orgs). *Gramática do português falado v 8*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002, p. 185-225.

RISSO, Mercedes Sanfelice. O articulador discursivo “então”. In: CASTILHO, A. T. e BASÍLIO, M. *Gramática do português falado. vol. IV*. São Paulo: FAPESP/ Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

SELLA, A. F.; VARGAS JÚNIOR, H. H. A. Uma avaliação das conjunções no livro didático de língua portuguesa direcionado ao ensino médio. *Anais do 6º Encontro Celsul - Círculo de Estudos Linguísticos do Sul*, 2004.

SCHWARZBOLD, Caroline; GUIMARÃES, Dayse Cardoso; DANTAS, Sônia Alves. O ensino de gramática na escola: uma proposta de trabalho com articuladores entre frases, orações e períodos. *Revista Alpha*, n. 16, dez. 2015, 21-32. Disponível em <http://alpha.unipam.edu.br>.

SILVA, Alexandro; Moraes, Artur Gomes. Entre tradição e inovação: um estudo sobre mudanças no ensino de gramática em livros didáticos brasileiros de Língua. *Revista Portuguesa de Educação*, 2014, 24(1), pp. 119-144, CIEd - Universidade do Minho. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpe/v24n1/v24n1a06.pdf>.

ZENONE, Antoni. Consecution sans contradiction: “donc”, “par consequent”, “alors”, “ainsi”, “aussi”. *Cahiers de Linguistique Française*, 5, 189-214, 1983.

## MENSAGENS ANTITABAGISTAS VEICULADAS NAS EMBALAGENS DE CIGARRO E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DOS FUMANTES

### *ANTI-SMOKING WARNING MESSAGES IN CIGARETTE PACKS AND THE SMOKERS' IDENTITY CONSTRUCTION*

*Amanda Cavalcante de Oliveira Lêdo<sup>1</sup>*

*Renato Lira Pimentel<sup>2</sup>*

#### RESUMO

Este estudo objetiva discutir as percepções de fumantes sobre o gênero campanha de conscientização contra o fumo veiculado nas embalagens de cigarro e refletir de que maneira identidades são construídas a partir dessas leituras. Embasamo-nos em Koch e Elias (2006) e Marcuschi (2008) quanto ao conceito de leitura; em Bazerman (2005), sobre gênero; em Dionísio (2005), sobre multimodalidade; e em Woodward (2012) a respeito da construção identitária. Após análise de respostas de fumantes a um questionário, percebeu-se que a identidade ressaltada é de (re) afirmação fumante, aparentemente sem interferências do texto persuasivo da campanha para o fim do hábito.

**Palavras-chave:** Leitura; Identidade; Gênero textual; Embalagem de cigarro.

#### ABSTRACT

This study to discuss the perceptions of smokers about the genre awareness campaign against the tobacco conveyed in cigarette pack, as well reflect how identities are constructed from these readings. Our theory is based on Koch and Elias (2006) and Marcuschi (2008) about the concept of reading; Bazerman (2005), about genre; Dionísio (2005), about multimodality; and Woodward (2012) about the construction of identity. After

---

1 Universidade de Pernambuco (UPE). Doutora em Linguística. E-mail: [amanda.ledo@upe.br](mailto:amanda.ledo@upe.br).

2 Universidade de Pernambuco (UPE). Doutor em Linguística. E-mail: [renato.pimentel@upe.br](mailto:renato.pimentel@upe.br).



analyzing the responses of smokers to the questionnaire, it was noticed that the identity that is highlighted is of smoker (re)affirmation, apparently without interferences from the persuasive text to the end of the habit.

**Keywords:** Reading; Identity; Textual Genre; Cigarette pack.

## 1. Introdução

Numa sociedade grafocêntrica como a em que vivemos, as práticas de leitura permeiam muitas das atividades de que as pessoas participam em seu cotidiano. Considerando a centralidade da leitura, torna-se relevante desenvolver pesquisa que investiguem o processo de interação pressuposto neste ato de ler. Neste estudo, partimos da concepção de que, durante a leitura, o leitor não apresenta papel passivo, mas participa ativamente da construção dos sentidos de textos verbais e imagéticos.

É através das práticas de linguagem (que envolvem a leitura e a produção de textos orais e escritos) que as identidades dos sujeitos sociais são construídas. Elegemos, no presente trabalho, o gênero campanha veiculada na embalagem de cigarro, com o objetivo de discutir as percepções de fumantes sobre as mensagens antitabagistas veiculadas no verso desse suporte, bem como de refletir sobre de que maneira identidades são construídas e reveladas a partir dessas leituras. Embora se trate de um estudo preliminar, consideramos que sua relevância está em abordar uma temática que vem sendo amplamente discutida na sociedade, que é a questão do hábito de fumar e suas consequências, à qual relacionamos uma perspectiva sobre a leitura das campanhas antitabagistas e sua compreensão como gênero textual.

Com vistas a atingir os propósitos delineados, o trabalho está organizado da seguinte maneira<sup>3</sup>: em primeiro lugar, abordamos o conceito de identidade em que o estudo está fundamentado; em seguida, explicitamos as noções de leitura, de gênero textual e de suporte que orientam a investigação; a seguir, caracterizamos o gênero campanha de conscientização contra o fumo que circula através das embalagens de cigarro; finalmente, discutimos as respostas de alguns fumantes a um questionário a respeito de suas percepções sobre esse gênero, concluindo com as considerações finais.

---

3 É importante destacar que consideramos que os conceitos da retórica e da argumentação são relevantes para a discussão das questões levantadas neste trabalho, no entanto, direcionam o trabalho para outro tipo de investigação. Para o escopo deste recorte, elegemos outra linha teórica, qual seja, preliminarmente, a intersecção entre estudos da identidade, dos gêneros textuais e da multimodalidade. Posteriormente, consideramos a possibilidade de aprofundar o estudo e ampliar, em outras publicações, uma investigação que observe, entre outros aspectos, os fenômenos argumentativos e discursivos envolvidos no *corpus* analisado com mais detalhamento, complementando, assim, a presente pesquisa.

## 2. Identidade

A concepção de identidade em que o presente estudo está fundamentado assume uma compreensão não essencialista desse conceito, isto é, de que não se trata de uma categoria fixa, imutável e universal, determinada por aspectos biológicos ou históricos (HALL, 2005), mas sim entende que a identidade é múltipla e está em constante processo de (re)construção (SILVA, 2012). Nessa perspectiva, a construção identitária está relacionada a sistemas de representação tais como a linguagem, de maneira que é nas práticas discursivas que ela se constitui e se molda (WOODWARD, 2012; FAIRCLOUGH, 2001).

Nessa perspectiva, as identidades não são definidas por aspectos meramente individuais, mas por um conjunto de traços que formam um mosaico (MOITA LOPES, 2002) e que remetem aos grupos sociais. Esses diferentes componentes identitários interagem e constituem um artefato complexo, que se ressignifica nas práticas discursivas, as quais estão fundadas em relações de poder. Isso quer dizer que quanto maior o *status* de determinado grupo social, mais recorrente e positiva é a representação de seus traços identitários, através dos discursos que circulam nos diversos âmbitos da sociedade.

Neste estudo, enfocamos a identidade de indivíduos fumantes. Os motivos pelos quais selecionamos este grupo foram, em primeiro lugar, o seu número expressivo: em 2015, aproximadamente um bilhão de pessoas fumavam diariamente no mundo; o Brasil ocupa o oitavo lugar no *ranking* de número de fumantes, o que corresponde a mais de dezoito milhões de homens e mulheres<sup>4</sup>. Em segundo lugar, consideramos que esse grupo se apresenta como um bom exemplo de como a identidade é mutável e constituída nas práticas discursivas, na medida em que as representações a respeito do consumo de tabaco sofreram modificações significativas<sup>5</sup> ao longo das últimas décadas do século XX e início do século XXI, deixando o hábito de fumar de ter uma conotação positiva no imaginário individual e social, vinculada ao *status*, à beleza, à sofisticação e ao poder (imagem incentivada pela indústria tabagista ao associar o cigarro às estrelas da mídia em geral e, em especial, às do cinema da época) (VARGAS; BARBOSA; TAVARES, 2014) para apresentar uma conotação negativa, associada a um vício nocivo à saúde do fumante e das pessoas a sua volta.

---

4 Fonte: <http://www.brasil.gov.br/saude/2017/04/Numero-de-fumantes-no-pais-diminuiu-nos-ultimos-25-anos>. Acesso em: 26 abr. 2018.

5 Embora críticas ao consumo do tabaco possam ser encontradas em diferentes momentos da história, acreditamos que o movimento antitabagista se acentue nas décadas mais recentes, o que se reflete nas medidas de conscientização, de controle de publicidade e de consumo em locais públicos adotadas em alguns países, como o Brasil, respaldadas por pesquisas sobre os perigos à saúde causados pelo cigarro e acordadas em tratados internacionais, como a Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco.

Essa representação negativa do ato de fumar tem impacto na construção identitária do fumante e está estreitamente ligada ao discurso, especialmente no que se refere à ampla circulação de notícias e de pesquisas sobre os malefícios do tabagismo, à divulgação de propagandas de conscientização antitabagista, associadas a ações nos âmbitos econômico (como o aumento da taxa sobre o cigarro) e legal (como a proibição de fumar em locais públicos e/ou fechados, a proibição das publicidades e a obrigatoriedade de trazer mensagens de advertência nas próprias embalagens de cigarro sobre os problemas que o hábito de fumar pode causar)<sup>6</sup>. Tendo em vista que este estudo investiga a influência da leitura das campanhas veiculadas nessas embalagens na construção da identidade dos fumantes, nos tópicos seguintes abordamos os conceitos de leitura, de suporte, de gênero e caracterizamos a campanha de conscientização como gênero textual.

### **3. Leitura, gênero textual e suporte**

A leitura é uma prática que permeia diversas situações da vida cotidiana em nossa sociedade. Nos estudos linguísticos, é possível localizar diferentes conceitos de leitura, que enfatizam as distintas dimensões implicadas no ato de ler, tais como a social, a cognitiva e a linguística. Nesses diferentes conceitos, também estão implicadas distintas concepções de sujeito e de língua (KOCH; ELIAS, 2006).

Nos estudos do letramento, Soares (2003) reconhece a leitura e a escrita como práticas sociais, em oposição à concepção de que essas atividades se restringem à mera codificação e decodificação. Para Leffa (1996), o ato de ler pode ser definido como uma habilidade de alta sofisticação, que se constitui como um processo de interação entre texto e leitor em que a compreensão é central.

A essa perspectiva de leitura como processo interativo subjaz à ideia de que os sentidos não estão prontos no texto, mas de que o leitor tem papel ativo na construção dos significados, na medida em que mobiliza uma série de conhecimentos linguísticos, textuais, contextuais e de mundo. Além disso, nessa concepção a leitura se constitui como uma atividade inferencial em que o leitor seleciona estratégias e faz hipóteses sobre o texto, com base nas pistas deixadas pelo autor durante a elaboração do seu projeto de dizer, com o intuito de alcançar seus objetivos de leitura (KLEIMAN, 2008; KOCH; ELIAS, 2006).

Partindo do pressuposto de que a comunicação humana oral ou escrita não ocorre através de palavras ou frases soltas, mas sim através de textos que remetem a diferentes gêneros

---

<sup>6</sup> Fonte: <https://drauziovarella.uol.com.br/drogas-licitas-e-ilicitas/fumar-saiu-de-moda/>. Acesso em: 26 abr. 2018.

(MARCUSCHI, 2008), é possível supor que o processo de leitura acontece de modos específicos de acordo com os diferentes gêneros textuais, isto é, as pessoas não leem da mesma maneira uma bula de remédio, uma notícia, um poema, um artigo científico ou uma campanha antitabagista em uma caixa de cigarro que consomem. Isso acontece porque tanto a finalidade da leitura quanto a organização dos gêneros (seus propósitos comunicativos, sua linguagem, sua estruturação e o domínio discursivo de que são provenientes) restringem e direcionam as possibilidades de leitura.

Os gêneros, então, podem ser compreendidos como construtos convencionais dinâmicos em torno dos quais se organizam as situações comunicativas e “que apresentam padrões sociocomunicativos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas” (MARCUSCHI, 2008, p. 155). Eles atuam como enquadres psicossociais que possibilitam o reconhecimento de maneiras sócio-histórico-culturais de utilizar a linguagem para agir socialmente e alcançar determinados fins (MILLER, 2012; BAZERMAN, 2005).

Adicionalmente, é importante destacar que o gênero é manifesto através da junção do texto com o suporte em que é veiculado, visto que “o suporte não é neutro e o gênero não fica indiferente a ele” (MARCUSCHI, 2008, p. 174). Marcuschi (2008) define o suporte como um local físico ou virtual, o qual apresenta um formato específico que permite que o texto seja visualizado e classifica a embalagem de produtos como um suporte incidental, devido ao fato de não ter sido criada primariamente para esta finalidade.

Consideramos, dessa forma, que a embalagem de cigarros se configura como o suporte de textos, visto que, no seu verso, são veiculados exemplares do gênero campanha de conscientização, nos quais são apontados os malefícios que o consumo do cigarro pode causar. Apesar de as embalagens não serem o suporte mais recorrente para a veiculação de textos publicitários/propagandísticos, em especial quando se trata de textos que trazem informações contrárias ao consumo do produto vendido naquela embalagem, acreditamos que a escolha desse suporte para a divulgação das propagandas antifumo não é aleatória. Embora esses textos também circulem em outros meios de comunicação, a embalagem do cigarro parece ser um veículo privilegiado para alcançar o fumante. Nesse processo, presume-se que, como consumidor e manuseador diário do produto, o fumante deveria ser o principal leitor da campanha de conscientização que é veiculada no verso da embalagem de cigarros. Além das reflexões que tecemos sobre o usuário/leitor nesta seção, gostaríamos de destacar que o próximo tópico é dedicado a caracterizar esse texto propagandístico.

#### 4. O gênero campanha de conscientização em embalagens de cigarro

Desde as últimas décadas do século XX, os avanços nas pesquisas permitiram associar o consumo de tabaco com o desenvolvimento de doenças em fumantes ativos e passivos. Nesse sentido, são recorrentes os alertas que divulgam as consequências negativas do tabagismo, que figura como um dos principais fatores de risco de morte prematura<sup>7</sup>, podendo aumentar as chances de enfermidades cardiovasculares, respiratórias e câncer (de pulmão, boca, laringe), por exemplo. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que o número de mortes provocadas pelo cigarro chega a sete milhões<sup>8</sup>, dimensionando o problema como uma questão de saúde pública, além dos possíveis impactos econômicos e ambientais atribuídos ao consumo de tabaco.

Apesar de ser considerada uma droga lícita no país, o Brasil é um dos países que mais investe em restrições à indústria tabagista. Dentre estas restrições, está a regulamentação que obriga os fabricantes a inserirem na embalagem do produto advertências sobre os danos que ele pode causar. Acredita-se que, ao olhar para as imagens presentes nas advertências, uma parcela dos fumantes seja convencida a parar de fumar e/ou a desistir do cigarro quando estiver prestes a fumá-lo<sup>9</sup>.

Essas advertências podem ser reconhecidas como campanhas de conscientização, um gênero típico do domínio da propaganda, normalmente promovidas por entidades governamentais, que têm como principal propósito conscientizar, prevenir, advertir a respeito de um determinado tema de relevância social. Segundo Martins, Barbosa e Cezar (2014, p. 540),

Tais campanhas são de grande importância para a relação entre o Estado e a sociedade, tendo em vista que buscam induzir a transformação social tendo como alicerce mudanças dos hábitos da população. (...) Nesse contexto, destaca-se a relevância do marketing social nas ações das políticas públicas de saúde, as quais objetivam a adoção de hábitos mais saudáveis e de prevenção de doenças.

---

7 Fonte: <http://www.brasil.gov.br/saude/2017/04/Numero-de-fumantes-no-pais-diminuiu-nos-ultimos-25-anos>. Acesso em: 26 abr. 2018.

8 Fonte: [http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2017/05/31/internas\\_ciencia\\_e\\_saude,706606/oms-alerta-que-mortes-por-cigarro-aumentaram-para-7-milhoes-por-ano.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2017/05/31/internas_ciencia_e_saude,706606/oms-alerta-que-mortes-por-cigarro-aumentaram-para-7-milhoes-por-ano.shtml). Acesso em: 27 abr. 2018.

9 Sobre isso, “Segundo estudo realizado pelo Instituto Nacional do Câncer (Inca), 56% dos 2.216 fumantes entrevistados no País acreditam que as fotos de advertência são capazes de fazer uma pessoa deixar o cigarro. Outro levantamento, feito pelo The International Tobacco Control Policy Evaluation Project (ITC), realizado em 21 países, indica que 39% dos fumantes disseram que as imagens nas embalagens impediram que eles pegassem um cigarro quando estavam prestes a fumar. Para quem fuma um maço por dia, as advertências podem ser vistas em torno de 7.000 vezes ao ano”. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/modelo-mundial-advertencia-em-macos-de-cigarro-completa-10-anos/n1597608180586.html>. Acesso em: 27 abr. 2018.

Dessa forma, existem diferentes estudos a respeito de campanhas de conscientização (e seus impactos) sobre variados temas, tais como educação ambiental (CAVALCANTI, 2013); aspectos de saúde como câncer de mama (MARTINS; BARBOSA; CEZAR, 2014); contra o *bullying* (DOMINGUES; GUIMARÃES, 2013) e outros tipos de violência, como violência contra a mulher (AMORIM, 2014). No entanto, no que se refere às campanhas antitabagistas, as pesquisas carecem de um maior aprofundamento.

Este tipo de campanha objetiva especificamente alertar os fumantes sobre os riscos e os malefícios provocados pelo consumo de cigarro, estimulando o seu abandono e até prevenir que outras pessoas desenvolvam esse hábito. Esse tipo campanha circulou pela primeira vez nas embalagens no fim da década de 1980, como advertência através do *slogan* “O Ministério da Saúde adverte: Fumar faz mal à saúde”. Somente a partir de 2002 é que a legislação determinou que fossem incluídas imagens que representassem o seu sentido (REZENDE JR., 2014). Nas palavras de Rezende Jr. (2014), esse tipo de propaganda é veiculado com o:

intuito de influenciar a mudança no comportamento do consumidor de produtos derivados de tabaco. O INCA [Instituto Nacional do Câncer] acredita que este tipo de abordagem contribui para que o fumante conheça a real dimensão dos riscos e danos causados pelo tabaco, tornando o primeiro passo na luta para se libertar do vício (REZENDE JR. 2014, p. 22).

Considerando que os gêneros orais e escritos são construtos multimodais, isto é, se organizam integrando mais de um modo de representação da linguagem (DIONÍSIO, 2005), constatamos que nos textos do domínio publicitário e propagandístico de maneira mais ampla e, mais especificamente, nas campanhas de conscientização contra o tabagismo veiculadas nas embalagens de cigarro, essa multimodalidade é acentuada e utilizada como importante recurso de persuasão.

Atualmente<sup>10</sup>, circula o conjunto de dez imagens representado na Figura 1 que, segundo Zanotti e Goveia (2009), corresponde ao terceiro momento da campanha antitabagista, veiculada nas embalagens de cigarro, iniciada em 2002. Tais imagens procuram representar as consequências do ato de fumar e chocam por sua cruzeza.

---

10 Consideramos atual o momento da redação deste trabalho (abril/2018). Em 2017, foi divulgada uma nova resolução que informa sobre a atualização das imagens veiculadas nas embalagens. Essa nova fase da campanha está prevista para vigorar a partir de maio do corrente ano. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/anvisa-divulga-novas-imagens-de-advertencia-para-embalagens-de-cigarro.ghtml>. Acesso em: 28 abr. 2018.

Figura 1- Imagens de advertência contra o fumo, veiculadas no verso da carteira de cigarros



Fonte: Livro de advertências contra do tabagismo do Instituto Nacional do Câncer – INCA<sup>11</sup>

É possível perceber uma organização recorrente que caracteriza os textos desse gênero: na parte superior, encontra-se uma mensagem verbal, formada por palavras-chave em caixa alta que sintetizam o dano causado pelo cigarro ou o caracterizam como produto tóxico; a maior parte do suporte é ocupada pela fotografia colorida em fundo preto que representa, de maneira expressiva e impactante, as consequências do tabagismo. Na parte inferior, é possível ler mensagens de advertência atribuídas ao Ministério da Saúde, que variam de acordo com a imagem em questão e especificam o malefício associado ao produto<sup>12</sup>. Em seguida, é apresentada a forma imperativa “Pare de fumar”, ao lado do telefone do disque-saúde, que aparece centralizado na cor azul com fundo branco (136). Finalmente, na parte inferior direita, tem-se o endereço eletrônico da Ouvidoria Geral do SUS ([www.saude.gov.br](http://www.saude.gov.br)) (Figura 2). Percebe-se, assim, que, nos textos propagandísticos em questão, foram exploradas estratégias de construção, através de mecanismos da linguagem verbal combinados com recursos imagéticos de fotografia, luz e cores que buscam conscientizar, convencer e, talvez, chocar o seu público-alvo.

11 Disponível em: <http://www.inca.gov.br/inca/Arquivos/Tabagismo/livroadvertenciascompleto.pdf>. Acesso em 26 abr. 2018.

12 As outras mensagens são: INFARTO: “O uso deste produto causa morte por doenças do coração”. PERIGO: “O risco de derrame cerebral é maior com o uso deste produto”. PRODUTO TÓXICO: “Este produto contém substâncias tóxicas que levam ao adoecimento e à morte”. VÍTIMA DESTE PRODUTO: “Este produto intoxica a mãe e o bebê, causando parto prematuro e morte”. FUMAÇA TÓXICA: “Respirar a fumaça deste produto causa pneumonia e bronquite”. IMPOTÊNCIA: “O uso deste produto diminui, dificulta ou impede a ereção”. GANGRENA: “O uso deste produto obstrui as artérias e dificulta a circulação do sangue”. SOFRIMENTO: “A dependência da nicotina causa tristeza, dor e morte”. MORTE: “O uso deste produto leva à morte por câncer de pulmão e enfisema”.

**Figura 2** - Imagens de advertência contra o fumo veiculadas no verso da carteira de cigarros



Fonte: <https://setimodia.wordpress.com/2012/04/05/as-novas-imagens-de-advertencia-nas-embalagens-de-cigarro/>. Acesso em 30 mai. 2018.

Embora os gêneros da propaganda compartilhem o teor argumentativo e persuasivo, diferentemente de outros gêneros da publicidade, que buscam promover positivamente o produto anunciado com vistas a vendê-lo, no caso específico da campanha de conscientização, o direcionamento aponta as consequências de determinado ato, visando conquistar a adesão do leitor, seja em favor do meio ambiente, contra a violência (ao corpo humano) ou contra o tabagismo. Especificamente, a respeito deste último caso, os textos ganham contornos específicos, visto que visam conscientizar a população sobre os malefícios do produto em sua própria embalagem. Como o próprio espaço do suporte é limitado, as estratégias utilizadas objetivam compactar as informações ali veiculadas (com frases curtas), ao mesmo tempo em que se preocupam em enfatizar aquilo que de fato pode atingir até o fumante não alfabetizado: a imagem.

Do ponto de vista discursivo, é possível considerar que os exemplares do gênero, aqui analisados, condensam aspectos típicos da publicidade e da propaganda (tais como o imperativo, a acentuada multimodalidade e as formas verbais no imperativo na promoção de uma ideia) e dos órgãos de saúde (a partir da referência direta a uma instituição como o Ministério da Saúde e dos alertas presentes nos textos verbais e não verbais a respeito dos males causados pelo tabaco). Nesse sentido, o gênero campanha de conscientização antitabagista apresenta sua função social, cumprindo não apenas os propósitos comunicativos explícitos, mas atendendo a uma demanda mais ampla, envolvendo os interesses políticos, econômicos e legais que obrigam, inclusive, sua veiculação nesse suporte. A seguir, explicitamos os procedimentos metodológicos adotados neste estudo.



## **5. Aspectos metodológicos**

Este trabalho se configura como uma pesquisa de natureza exploratória, na qual utilizamos como instrumento para a coleta de dados um questionário direcionado para indivíduos fumantes que foi respondido a partir de coleta direta de cinco textos da campanha antitabagista em circulação no momento da pesquisa, veiculadas em cinco embalagens de cigarro diferentes, uma por cada participante. As campanhas foram aquelas com as mensagens de: INFARTO, IMPOTÊNCIA, GANGRENA, TERROR E MORTE. Assim, a análise dos dados foi feita qualitativamente a partir dos preceitos das teorias de identidade, leitura e gênero textual, como pudemos refletir nos tópicos anteriores.

Desse modo, um grupo de cinco fumantes foi selecionado para responder ao questionário. Esses sujeitos foram escolhidos por fazerem parte do convívio social dos pesquisadores, em razão da facilidade de acesso a eles. O questionário era composto por um total de 15 perguntas (ver anexo), que foram divididas em três partes: na primeira, as questões diziam respeito ao perfil socioeconômico do participante; na segunda, as questões contemplavam a autorrepresentação do fumante e sua visão sobre o hábito de fumar; na terceira parte, as questões diziam respeito ao modo como os participantes liam o gênero campanha de conscientização veiculado no verso da embalagem de cigarros. O tópico seguinte é dedicado à explicitação dos dados encontrados a respeito das questões mencionadas.

## **6. Construção identitária de fumantes a partir da leitura da campanha contra o fumo veiculadas em embalagens de cigarro**

Em um primeiro momento, buscamos traçar um perfil dos participantes da pesquisa. Responderam o questionário três homens e duas mulheres. Essa proporção foi mantida considerando que na estimativa da população geral o número de homens fumantes é maior que o de mulheres. Os participantes têm entre 27 e 49 anos; no que se refere ao nível de escolaridade, um concluiu o Ensino Médio e quatro concluíram o Ensino Superior. Quanto às ocupações, um trabalha como atendente comercial, um trabalha como servidor público e dois como professores. Um não informou a ocupação. A renda familiar dos participantes foi bem diversificada, com uma predominância na faixa entre 4 e 10 salários mínimos. Todos moram no interior do Estado de Pernambuco. A partir dos dados, é possível supor que, de modo geral, temos um quadro de pessoas mais maduras e com alto nível de escolaridade, o que gera a expectativa de um nível razoável de leitura.

No segundo momento, buscamos maiores informações sobre o hábito de fumar dos participantes. Perguntados há quanto tempo são fumantes, as respostas dos participantes variam em um intervalo

entre 12 e 30 anos, de forma que todos cultivam este hábito há mais de uma década. No que se refere às possíveis razões pelas quais começaram a fumar, os participantes afirmaram que iniciaram por influência de amigos e porque, “na época, era bonito, era moda”, respostas que coincidem com pesquisas mais amplas a respeito do tabagismo promovidas por entidades nacionais<sup>13</sup>.

Questionados a respeito do desejo de parar de fumar, todos os cinco participantes responderam afirmativamente. Além disso, todos afirmaram apresentar uma autoimagem negativa no que se refere a ser fumante, isto é, consideram um hábito negativo, no sentido de não gostarem de ser fumantes. Nesse ponto, todos relataram que este hábito já causou algum tipo de constrangimento, tais como rejeições e insultos proferidos por pessoas não fumantes; e/ou interferência nos relacionamentos pessoais, em especial se o parceiro também não for fumante. Consideramos que esses aspectos ilustram o impacto do movimento antitabagista no que se refere à desconstrução da representação positiva do hábito de fumar e das medidas de controle, a exemplo da proibição de cigarro em ambientes públicos e/ou fechados. Por um lado, percebemos o desejo dos fumantes de não se identificarem com esse grupo e a marginalização do hábito de fumar, que resulta em uma identidade marcada pela representação negativa. Por outro lado, conforme fica claro nas respostas subsequentes, apesar de expressarem o desejo de parar de fumar, os participantes manifestaram também a ideia de que há uma distância entre o desejo e o ato efetivo de abandonar o cigarro. Adicionalmente, um deles trouxe essa reafirmação da identidade fumante, no sentido de “se conformar” com as possíveis consequências na saúde causada pelo hábito (conforme exemplo 02 adiante). Consideramos que isso pode ser um indício de como as identidades podem se apresentar como contraditórias.

No terceiro momento da pesquisa, tivemos o intuito de explorar a leitura da campanha de conscientização veiculada nas embalagens de cigarro realizada pelos fumantes. Perguntados se já observaram as mensagens veiculadas neste suporte e o que acharam delas, os participantes afirmaram que sim, que já haviam visto as campanhas; um deles as classificou como “feias, repetitivas e desagradáveis”; e dois disseram que evitam olhar, pelo medo das consequências ali representadas. Ainda sobre essa questão, duas pessoas explicaram que se, no início, as imagens causam um impacto, após algum tempo, os fumantes se acostumam com elas, de forma que deixam de chamar a atenção. Nas palavras de um dos participantes:

---

13 Disponível em: [http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/acoes\\_programas/site/home/nobrasil/programa-nacional-controle-tabagismo/tratamento-do-tabagismo/perguntas-e-respostas](http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/acoes_programas/site/home/nobrasil/programa-nacional-controle-tabagismo/tratamento-do-tabagismo/perguntas-e-respostas). Acesso em 30 abr. 2018.

**Exemplo 01: Comentário de um fumante a respeito da imagem no verso da carteira de cigarro**

Muito raro parar para observar, as poucas vezes que lembro de ter reparado não me causou espanto. Lógico, o medo é eminente, mas **nada que não possa ser ignorado por um fumante inveterado**. Não lembro o dia de ter ouvido alguém dizer que parou porque olhou a parte de trás da carteira de cigarros. Acho que isso serve para alertar os novos fumantes; “olhe, não entre nessa...”. (Grifo nosso)

Dois participantes afirmaram que tais mensagens de conscientização os fizeram refletir sobre parar de fumar, no entanto três consideraram que elas não têm influência sobre o seu hábito nem despertam o pensamento de abandono do hábito. Também solicitamos que os participantes identificassem o público-alvo dessas campanhas, ao que dois responderam que se destinam aos fumantes; dois responderam que se destinam aos fumantes iniciantes ou curiosos e um respondeu que são voltadas para todo o público (entre fumantes e não fumantes).

Questionados sobre quais os prováveis objetivos dessas campanhas, as respostas dos participantes se concentraram em três direções: duas pessoas afirmaram que elas objetivam conscientizar a população a respeito dos males causados pelo cigarro e mostrar as consequências do hábito de fumar; duas afirmaram que objetivam assustar os iniciantes e aqueles que desejam parar de fumar, através de terror psicológico; e uma considerou que o objetivo seria evitar que os adolescentes ingressem no hábito de fumar.

Finalmente, perguntamos se os participantes consideravam que esses textos conseguiam alcançar os seus objetivos e por que razão isso acontecia, ao que dois atestaram que não alcançavam, porque as mensagens apenas ilustram o que pode acontecer e depois de algum tempo passam despercebidas; dois responderam que talvez, porque cada pessoa tem sua própria personalidade e tais mensagens (combinadas com outros fatores pessoais) causariam efeitos diferentes nas diversas pessoas; e uma não soube responder. A seguir, destacamos um trecho em que este último participante entende a questão da seguinte forma:

**Exemplo 02: Comentário sobre os objetivos das campanhas de conscientização**

(...) Os fumantes que conheço não fazem questão de trazer o assunto à tona; logo que questionados, dão um jeito de mudar de assunto (me incluo nesse grupo), porque nosso inconsciente sabe que o hábito de fumar pode não chegar a ser a causa da nossa morte, no entanto temos a certeza de que no mínimo ele será o condutor, o que nos deixará vulneráveis no futuro.

Pudemos perceber através das respostas que os participantes reconhecem que os fumantes leem os textos da campanha de modos distintos, de maneira que não é possível garantir o impacto persuasivo das mensagens com o passar do tempo.

## 7. Considerações finais

O presente estudo teve como objetivos discutir as percepções de fumantes sobre as mensagens antitabagistas veiculadas no verso da embalagem de cigarro e refletir sobre as identidades que emergem a partir dessas leituras. Através das respostas dos participantes da pesquisa ao questionário, pudemos constatar que, embora manipulem a embalagem de cigarros em que textos da campanha de conscientização são veiculados, isso não implica, necessariamente, a leitura e, especialmente, a leitura crítica, desse material. Por um lado, os leitores-fumantes sugerem que as mensagens perdem o seu poder de apelo com o passar do tempo e, por outro, afirmam que evitam olhar para as imagens presentes nesses textos, em especial pelo teor impactante das fotografias. Dessa forma, de maneira geral, esses indivíduos não fazem uma leitura direta daquilo que está presente na carteira de cigarro, tanto no se refere à parte verbal, quanto à parte não verbal.

Percebeu-se que diferentes identidades emergem a partir das leituras realizadas pelos participantes das campanhas nas embalagens de cigarro, em certo sentido contraditórias: eles se reafirmam como “fumantes inveterados”, ao mesmo tempo que expressam algum desejo de parar de fumar, seja em razão de cobranças familiares, seja pelo receio das consequências do hábito para a saúde. Nesse sentido, alguns fazem referência também ao desconforto pelas restrições impostas aos fumantes, de forma que parece prevalecer a autoimagem negativa, reforçada pelos discursos e políticas atuais contra o tabagismo.

Os nossos resultados estão em concordância com o estudo de Rezende Jr. (2013, p. IV) sobre o impacto persuasivo das propagandas antitabagistas no consumidor de cigarros, que conclui que:

As campanhas antitabagistas são eficazes para alertar e conscientizar os indivíduos sobre os males causados pelo consumo do cigarro, mas ineficazes para influenciar suas atitudes e comportamentos. Embora estas consigam persuadir à crença nas mensagens, fazendo com que os indivíduos as vejam como verdadeiras, isto não é suficiente para que a intenção de deixar de fumar torne-se um ato prático.

Dessa forma, notamos que, na maioria dos casos, a identidade que é ressaltada é de (re)afirmação fumante, aparentemente sem interferências do texto persuasivo para o fim do hábito. Além disso, os fumantes ganham também contornos de minoria (CARVALHO, 2012) e isso é fortificado tanto pela percepção que os outros indivíduos que não fumam têm deles, quanto pela sua própria percepção do ato de fumar.

No que se refere a conceber a campanha antitabagista como gênero, consideramos que foi uma abordagem produtiva, na medida em que permitiu reconhecer os enquadres proporcionados por esse

conceito. Adicionalmente, foram percebidos os aspectos recorrentes de sua organização e possíveis propósitos comunicativos, além de localizar esse gênero em conjuntos mais amplos, relacionados aos diferentes tipos de campanhas e aos demais textos provenientes do domínio propagandístico. Neste aspecto, a pesquisa poderia ser ampliada, futuramente, para uma visão histórica que compare as campanhas antitabagistas ao longo do tempo e descreva sua organização retórico-argumentativa.

Apesar da natureza exploratória do estudo, carecendo de outras investigações que o ampliem, discutindo, por exemplo, as possibilidades entre os diferentes perfis de fumantes, contemplando as disputas discursivas que remetem a diferentes interesses econômicos e institucionais envolvidos nessa prática, consideramos que se trata de um ponto de partida para o aprofundamento das pesquisas sobre um tema relevante, como as campanhas antitabagistas.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, H. C. Violência contra a mulher: análise de imagens fixas em campanha propagandística. *Anais da XXV Jornada Nacional do GELNE*, Natal, RN, 01 a 03 de outubro de 2014.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005.

CARVALHO, R. S. S. O. *Discursos em cinzas: olhares sobre as representações identitárias de fumantes segundo discursos institucionais*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012.

CAVALCANTI, M. C. C. *Campanha de conscientização ambiental: prática social e discursiva na modernidade tardia*. Tese de doutorado – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

DIONÍSIO, Ângela P. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, Acir M.; GAYDECZKA, Beatriz.; BRITO, Karim S. (Org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Palmas/ União da Vitória/PR: Kayganguê, 2005. p. 159-177.

DOMINGUES, G. V.; GUIMARÃES, E. P. Gênero textual campanha publicitária sobre “Bullying” a não violência nas aulas de LEM-Inglês. In: PARANÁ, Secretaria de Educação. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. *Cadernos PDE*, vol 1, 2013, p. 1-23.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Ed. UnB [1992] 2001.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

- KLEIMAN, A. *Oficina de leitura: teoria e prática*. 12ª ed. Campinas: Pontes, 2008.
- KOCH, I.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.
- LEFFA, V. *Aspectos de leitura: uma perspectiva psicolinguística*. Porto Alegre: Sagra, 1996.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARTINS, A. F. H.; BARBOSA, T. R. C. G.; CEZAR, L. C. Análise de campanha Outubro Rosa de prevenção do câncer de mama em Viçosa, MG. *Revista de Ciências Humanas*, Viçosa, v. 14, n. 2, p. 539-556, jul./dez. 2014
- MILLER, C. R. *Gênero textual, agência e tecnologia*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- MOITA LOPES, L. P. da. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.
- REZENDE JR., G. C. *Impacto das campanhas publicitárias contra o tabagismo no comportamento do consumidor*. Dissertação de Mestrado – Instituto Politécnico de Lisboa/ Escola Superior de Comunicação Social, 2013.
- SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 12. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 73-102.
- SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n.25, Abr. 2004.
- VARGAS, R.; BARBOSA, R. M.; TAVARES, F. A. Ilusão das imagens: olhar psicossocial sobre fumar nos filmes brasileiros. *Psicologia & Sociedade*, 26, n. esp., 235-244, 2014.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 12ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p.7-72.

## **ANEXO**

Universidade de Pernambuco – *Campus Garanhuns*

Estudo sobre “Mensagens antitabagistas veiculadas nas embalagens de cigarro e a construção de identidade dos fumantes”

### **Questionário**

#### **Primeira parte: perfil socioeconômico**

1. Sexo:

2. Idade:

3. Ocupação:

4. Escolaridade:

( ) Ensino fundamental incompleto

( ) Ensino fundamental completo

( ) Ensino médio incompleto

( ) Ensino médio completo

( ) Ensino superior

5. Renda familiar

( ) até dois salários mínimos

( ) de 2 a 4 salários mínimos

( ) de 4 a 10 salários mínimos

( ) de 10 a 20 salários mínimos

( ) acima de 20 salários mínimos

#### **Segunda parte: Sobre o hábito de fumar**

6. É fumante há quanto tempo?

7. Por que você começou a fumar?

8. Você deseja parar de fumar?

9. Você gosta de ser fumante? (autoimagem positiva/negativa)

10. Esse hábito já causou algo negativo?

### **Terceira parte: Sobre a carteira de cigarro e o gênero campanha de conscientização**

11. Você já observou as mensagens (imagens, textos) colocados no verso da carteira de cigarro? O que você achou delas?

12. Já pensou em parar de fumar quando observa aquelas mensagens da carteira de cigarro? Aquela mensagem de conscientização tem algum resultado sobre o seu ato de fumar?

13. Você acha que as mensagens veiculadas no verso da carteira de cigarro são destinadas para quem? (público-alvo)

14. Na sua opinião, qual o objetivo das mensagens publicadas no verso da carteira de cigarro?

15. Você acha que essas mensagens conseguem atingir seu objetivo? Por quê?

Muito obrigado pela atenção!



## **PREPOSIÇÕES: CONSTRUÇÃO DE UMA ABORDAGEM VARIACIONISTA NO ENSINO MÉDIO**

### ***PREPOSITIONS: CONSTRUCTING A VARIATIONIST APPROACH IN UPPER SECONDARY SCHOOL TEACHING***

*Elaine Marques Thomé Viegas<sup>1</sup>*

#### **RESUMO**

Este artigo trata de uma nova abordagem das Preposições na Educação Básica, em especial, no Ensino Médio. Para tal, recomenda-se a discussão, em sala de aula, sobre heterogeneidade do sistema linguístico, variação linguística e teoria Sociolinguística. Em seguida, apresenta-se um estudo variacionista sobre a possibilidade de alternância das preposições. O artigo prossegue com a proposta de construção da abordagem desse componente gramatical para alunos do Ensino Médio. Na conclusão, retoma-se a importância tanto da pesquisa linguística para o ensino de Língua Portuguesa, quanto de uma metodologia de ensino adequada para evitar o preconceito em relação às *variedades linguísticas não adquiridas na escola*.

**Palavras-chave:** Heterogeneidade. Variação. Preposições. Ensino Médio.

#### **ABSTRACT**

This paper addresses a new approach to prepositions in primary and secondary education, particularly in upper secondary school. For that purpose it is recommended that the heterogeneity of the language system, linguistic variation and Sociolinguistic Theory should be discussed in the classroom. Then, the paper presents a variationist study of the possibility of alternating prepositions. The paper proceeds with the proposal of constructing an approach to this grammatical component for upper secondary school pupils. The conclusion resumes the importance both of linguistic research to

---

<sup>1</sup> Doutora em Língua Portuguesa pela UFRJ.

the teaching of Portuguese and of an appropriate teaching methodology to avoid prejudice in relation to language varieties not acquired at school.

**Keywords:** Heterogeneity. Variation. Prepositions. Upper secondary school.

## 1. Introdução

Um questionamento recorrente dos linguistas e dos professores de Língua Portuguesa é como associar os resultados verificados em fatos da língua à prescrição observada em grande número de gramáticas adotadas na Educação Básica do Brasil.

A dificuldade em conceituar o termo *gramática* já evidencia quão árduo é o terreno no qual professores e linguistas aventuram-se. O termo é ambíguo, podendo inclusive ser associado “à coisa física”, ou seja, ao *livro* que traz consigo regras e princípios nem sempre tão claros como parecem (ou deveriam) ser. A atribuição de uma noção material à gramática aponta para a “coisificação”, talvez pelo fato de a *gramática* estar “longe de nós”; em outras palavras, longe de fornecer uma explicação coerente sobre a língua usada pelos falantes, mas estar próxima a uma noção de algo “material” que fornece um modelo de uso – difícil de abranger e de compreender – que deve ser seguido pelo usuário da língua em qualquer situação de fala ou escrita. Esse distanciamento vem sendo discutido por alguns professores e pesquisadores da língua, como Barbosa (2007, p. 39) que define o conjunto de regras da gramática escolar como “uma artificialidade, um conjunto de convenções gráficas, sintáticas, de pronúncia e de variantes morfológicas, conjunto formado por gente de lugares diferentes, de momentos históricos diferentes, de estilos diferentes.”.

A heterogeneidade da língua é incontestável e não se restringe à Língua Portuguesa, pois é consequência da diversidade de seus usuários e da flexibilidade intrínseca ao código linguístico. A presença de variação indica a existência de mais de uma norma, compreendida aqui como um conjunto de hábitos linguísticos.<sup>2</sup> A heterogeneidade do sistema linguístico e a variação linguística são observadas em todas as línguas; todavia, a presença desses fenômenos não implica, necessariamente, mudança. Ao contrário, para que a mudança ocorra, é preciso que haja variabilidade e heterogeneidade.

---

2 Há toda uma discussão sobre o conceito de norma, em vários autores. Faraco (2008), por exemplo, estabelece três tipos de norma: (i) a culta, que designa o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita; (ii) a padrão, produto de um construto sócio-histórico que serve de referência para estimular um processo de uniformização e (iii) a gramatical, que designa o conjunto de fenômenos apresentados como cultos/comuns/standard pelos gramáticos da segunda metade do século XX, que flexibilizaram os juízos normativos, quebrando, pelo menos em parte, a rigidez da tradição excessivamente conservadora. Do ponto de vista gramatical, as variedades (as normas) são equivalentes, ou seja, todas são igualmente organizadas, todas são igualmente complexas.

A mudança começa quando a generalização de uma alternância particular em um dado subgrupo de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada, sendo transmitida dentro da comunidade como um todo.

Ao contrário do que se verifica na língua, a gramática normativa, adotada nas escolas, propõe a língua como algo homogêneo e imutável, como se houvesse somente uma única possibilidade de uso “normal”, o uso contemplado como “correto”, sem considerar a pluralidade de normas, presente tanto na fala popular, quanto na fala culta. Assim, apresenta-se um abismo entre a norma apresentada nas gramáticas, idealizada, e a norma praticada pelos usuários, determinada por relações intrínsecas à língua. Dessa forma, Callou (2007, p. 14-15) sugere uma reflexão e “uma reformulação dos conteúdos e dos procedimentos de ensino da língua, que tem, por objetivo, o domínio da chamada norma culta, sem estigmatização, contudo, das variedades linguísticas adquiridas no processo natural de socialização.”. Assim, o ensino de Língua Portuguesa deveria capacitar o aluno a reconhecer a diversidade linguística e a dominar os diferentes usos da língua, a modalidade culta de sua comunidade e as diversas formas da escrita e da fala. Além disso, deveria estimulá-lo a produzir diferentes tipos de texto e gêneros textuais, para que ele não só os compreenda, mas também compreenda os mecanismos que geram sentido nas relações de produção dos enunciados.

Em uma tentativa de diminuir o abismo entre a norma apresentada pelas gramáticas tradicionais e a norma praticada pelos usuários, norma entendida aqui como conjuntos de hábitos linguísticos, esse trabalho visa a seguir os caminhos de desconstrução de um ensino de Língua Portuguesa pautado na artificialidade e de construção de um ensino que considere a língua em uso, especialmente, no que diz respeito ao ensino de Preposições. Para tal, debate questões como heterogeneidade, variação e mudança, e faz uma pequena introdução da teoria Sociolinguística. O artigo faz ainda um recorte da dissertação de Thomé Viegas (2008) que trata da possibilidade de alternância das preposições *de*, *em*, *com* e *para* na fala culta do Rio de Janeiro. O trabalho prossegue mostrando o desenvolvimento da hipótese e os resultados da pesquisa variacionista. Por fim, sugere uma abordagem diferente da tradicional para o ensino de Preposições, no Ensino Médio.

## **2. A Sociolinguística: uma teoria de análise da língua em uso**

A Sociolinguística é a área dos estudos da linguagem que estuda a língua em uso nas comunidades de fala correlacionando aspectos linguísticos e sociais, cujo objeto de análise linguística passa a ser a (*gramática da*) *comunidade de fala*, por seu caráter essencialmente heterogêneo, e não mais a língua.

Os linguistas Weinreich, Labov e Herzog (1968) desenvolveram um novo modelo teórico sobre a questão da mudança no livro *Empirical Foundations for a Theory of Language Change* para tentar responder a seguinte pergunta “Se uma língua tem de ser estruturada para funcionar eficientemente, como ela funciona se a estrutura muda?” Para respondê-la, os autores propuseram repensar o conceito de língua como sistema homogêneo e buscaram aliar estrutura à heterogeneidade, ou seja, ordem à variabilidade. Para tal, formularam um modelo capaz de contemplar a influência dos fatores sociais nos estudos da língua.

A presença de variação na língua pressupõe a existência de *variantes*, formas linguísticas alternantes que caracterizam um fenômeno variável. O objeto de estudo da variação constitui a *variável dependente*, pois o emprego de uma ou outra forma não é aleatório, e sim influenciado por fatores, chamados de *grupos de fatores* ou *variáveis independentes*, que podem ser de *natureza externa* – como os inerentes ao indivíduo, os sociais e os contextuais – ou de *natureza interna* à língua – como os fatores fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, discursivos e lexicais. Os grupos de fatores regulam, positiva ou negativamente, o emprego das formas variantes, aumentando ou diminuindo a frequência de ocorrência. O falante é capaz de lidar com esse complexo sistema sem comprometer a comunicação.

As pesquisas sociolinguísticas, frequentemente, detêm-se no nível fonológico. Lavandera (1984, p. 5) critica algumas análises que não se detêm no mesmo nível por considerar que elas não contemplam fatores externos à língua: “as análises sociolinguísticas de variação sintática que não reconhecem a influência de fatores extralinguísticos não estariam de acordo com a caracterização originária de Labov de variável linguística.” A existência em um mesmo espaço de formas alternantes ou a troca sequencial de uma forma por outra não são livres e nem totalmente condicionadas por fatores extralinguísticos, mas refletem uma escolha funcional do falante com o objetivo de servir a seus propósitos comunicativos. É o que ela chama de *comparabilidade funcional*.

A pesquisa de Thomé Viegas (2008) utiliza a teoria Sociolinguística, nos termos da comparabilidade funcional de Lavandera (1984) com o objetivo de verificar a hipótese sugerida por Avelar (2006) de que, a depender da relação estabelecida entre os constituintes da sentença, a preposição *de* pode servir apenas de elo sintático, com conteúdo semântico esvaziado. Para tal, Thomé Viegas (2008) verifica a influência de fatores, internos e externos à língua, que poderiam favorecer a alternância da preposição *de* com as preposições *em*, *com* e *para* e das preposições *em*, *com* e *para* com *de*.

### 3. Alternância de preposições: hipótese e argumentos

A relação entre os vocábulos, no latim culto, era marcada, frequentemente (i) pelas flexões de caso, expressas, algumas vezes, apenas pela diferença na quantidade da vogal final do vocábulo e (ii) pelas preposições, usadas para maior clareza ou ênfase, já que os casos morfológicos latinos eram expressos, principalmente, pelas relações funcionais entre os elementos. Com as perdas das declinações e dos casos latinos, o uso das preposições tornou-se constante, como uma forma de compensação do sistema no estabelecimento das relações entre os constituintes das sentenças e dos sintagmas. No entanto, o enriquecimento funcional foi acompanhado de um esvaziamento do significado individual das mesmas, o que pode dificultar o estabelecimento do sentido base ou originário.

Thomé Viegas (2008), com base na proposta de Avelar (2006) e na Teoria de Princípios e Parâmetros de Chomsky (1995, 2000, 2001), utiliza exemplos nos quais são verificadas diferenças entre as relações semânticas estabelecidas por *de* e as preposições *em*, *com* e *para*, com o objetivo de fundamentar a hipótese de que, em adjuntos adnominais, a preposição *de* seria desprovida de conteúdo semântico, o que a tornaria capaz de transitar em contextos normalmente realizados por preposições que veiculam significados diferenciados.<sup>3</sup>

Nos exemplos (01a) e (01b), os conteúdos semânticos dos sintagmas preposicionais (SPs) introduzidos por *em* são diversos. Enquanto em (01a) o sintagma preposicional (SP) possui o conteúdo semântico bem delineado, indicando localização, em (01b), o conteúdo é difuso, o que possibilita estabelecer diferentes relações semânticas. É possível pensar, por exemplo, em uma toalha usada para limpar a janela, ou uma toalha usada para indicar que os moradores estão em casa, ou uma toalha que é colocada na janela para secar, dentre outros. Ao contrário, de (01c) a (01h), casos em que a preposição *em* introduz complemento verbal e adjunto adverbial, o sentido de *em* costuma ser mais claro.<sup>4</sup>

---

3 Kato (2005a) define a linha formalista chomskiana como inatista, estruturalista e cognitivo-mentalista. Porém, ressalta que Chomsky, em vez de investigar como os enunciados estruturalmente descritos se prestam para a comunicação ou como eles retratam a nossa forma de processar a informação, procura desenhar a arquitetura da mente capaz de produzir as estruturas de uma determinada língua, ou seja, o linguista tenta desvendar a natureza do conhecimento de um adulto falante de uma língua L, ao que ele denomina língua-I - Individual, porque não vê língua como um objeto social, político ou geográfico; Interna, porque nada tem a ver com um objeto no mundo externo, mas com sua representação mental e Intensional, porque o conhecimento não se deve a um conjunto extensional de sentenças, mas a propriedades que as definem, tratando-se, portanto, de uma visão intensional de conjunto. Chomsky chama de língua-E (Externa, Extensional) o objeto de estudo que se contrapõe ao seu.

4 A autora considera complementos verbais tanto casos de objeto indireto, quanto casos de predicativo do sujeito, agente da passiva, complementos relativo e circunstancial e também os casos em que o verbo não pede complemento, mas o possui.

- (01) a. A toalha *na janela* precisa ser lavada. (adjunto adnominal – localização espacial)  
b. A toalha *da janela* precisa ser lavada. (adjunto adnominal – conteúdo difuso)  
c. Guardei os livros *na estante*. (complemento verbal – localização espacial)  
d. O vizinho está *em casa*. (complemento verbal – localização espacial)  
e. A prova será *na hora da aula*. (complemento verbal – localização temporal)  
f. Moro *no Rio de Janeiro*. (complemento verbal – localização espacial)  
g. Luana cortou-se *na praça*. (adjunto adverbial – localização espacial)  
h. Pedro andou de bicicleta *em Saquarema*. (adjunto adverbial – localização espacial)

O sentido de *com* não se mostra tão preciso quanto o do item *em*; contudo, seu delineamento semântico ainda é mais perceptível do que o da preposição *de*. O uso da preposição *com* também possibilita o estabelecimento de um conteúdo semântico que varia do mais para o menos claro, a depender da função que a preposição introduz. Em (02a), o sentido indica posse, porém em (02b) é possível pensar em uma menina que usou o penteado em determinada festa, ou que sabe fazer um penteado, ou até, ironicamente, despenteada. De (02c) a (02e), casos de complementos verbais e adjunto adverbial, o conteúdo semântico da preposição *com* parece ser melhor definido.

- (02) a. A menina *com o penteado* estava no consultório dentário. (adjunto adnominal – posse)  
b. A menina *do penteado* estava no consultório dentário. (adjunto adnominal – conteúdo difuso)  
c. Rafael está *com Ana*. (complemento verbal – comitatividade)  
d. Flávio está *com carro novo*. (complemento verbal – posse)  
e. Luana cortou-se *com a faca*. (adjunto adverbial – instrumento)

A preposição *para* pode manifestar conteúdos semânticos que variam entre direção, destino, finalidade e benefactividade, podendo ser resumidos pela noção de alvo. *Para* tende a apresentar conteúdo semântico mais difuso quando introduz complementos de determinados verbos do que quando introduz adjunto adnominal.

- (03) a. O padre caminhou *para a porta da igreja*. (complemento verbal – direção)  
b. Adélia viajou *para Juiz de Fora*. (complemento verbal – destino)  
c. Aquela mesinha *para telefone* está manchada. (adjunto adnominal – finalidade)  
d. A farinha *pro bolo* de fubá estragou. (adjunto adnominal – finalidade)  
e. Comprei este livro *para o meu irmão*. (adjunto adnominal – benefactividade)  
f. É árduo estudar *para concurso*. (complemento verbal – finalidade)  
g. Não dá *para falar com ele pelo telefone*. (complemento verbal – significado impreciso)

Segundo Avelar (2006), a imprecisão de conteúdo semântico da preposição *de* é revelada pela ampla possibilidade de substituí-la pelas formas *em*, *com* e *para* sem aparente prejuízo de sentido e apresenta três saídas para explicitar seu pensamento: ou (i) *de* é uma preposição polissêmica, ou (ii) existem várias preposições que se realizam como *de*, cada uma delas correspondendo a um sinônimo de outras preposições da língua, ou seja, há um *de* que veicula o valor de *em*, um *de* que veicula o valor de *com*, um *de* que veicula o valor de *para* e, possivelmente, de outras preposições, ou (iii) em adjuntos adnominais, *de* seria desprovida de conteúdo semântico, o que daria a ela a capacidade de transitar em contextos normalmente realizados por preposições que veiculam significados diferenciados.

O autor opta pela saída (iii) e classifica a preposição *de* como um item *curinga*, cujo comportamento é diferenciado das demais pelo fato de ser a mais funcional de sua categoria. Um de seus argumentos é resultado da comparação de *de* aos verbos leve: *de* corresponderia a uma preposição suporte, auxiliar. É explícito que este tipo de afirmação vai de encontro aos casos em que o item *de* possui uma significação mais precisa, como em adjuntos adverbiais que carregam, claramente, as noções de origem ou afastamento. Essa preposição seria capaz de comportar-se tanto como um item gramatical quanto como um item lexical podendo “carregar”, dessa forma [-significado] ou [+significado]. O fato de a preposição *de* poder intermediar relações semânticas idênticas às relações estabelecidas pelo verbo *ter* transitivo em sentenças possessivas corrobora o argumento de que *de* seria uma preposição funcional, conforme exemplos de (04) a (07).

(04) a) A queda do dólar assusta os investidores.

b) O dólar tem queda e assusta os investidores.

(05) a) O sindicato dos trabalhadores defende a maioria.

b) A maioria dos trabalhadores tem sindicato para defendê-los.

(06) a) Os carros do casal são novos.

b) O casal tem carros novos.

(07) a) O problema do professor é o salário.

b) O professor tem o problema do salário.

A possibilidade de o item *de*, em preposições complexas, combinar tanto com advérbios quanto com substantivos mostra a proximidade de seu comportamento ao dos verbos leve. Na relação das locuções prepositivas, *de* apresenta-se como um elo sintático entre o advérbio ou o substantivo, elementos cujo significado é veiculado, e o seu complemento. Construções que expressam quantidade

podem ser tratadas da mesma maneira; porém, em vez de combinarem com os advérbios, o item *de* combina com os constituintes nominais que expressam quantidade. Nesses dois casos, a preposição *de* exerce apenas um papel funcional, atuando como um item que permite a ligação entre a expressão de quantidade e o termo que funciona como seu complemento, em outros termos, *de* licencia a marcação de caso. Um fato que vai ao encontro dos casos de (08) a (11) é a possibilidade da preposição *de* poder ser omitida em estruturas topicalizadas, indicando que ela não contribui na construção de sentido, exercendo somente um papel gramatical.

(08) São Paulo fica *abaixo do* Rio de Janeiro.

a) Rio de Janeiro, São Paulo fica *abaixo* (\*do).

(09) Minas Gerais fica *acima do* Rio de Janeiro.

a) Rio de Janeiro, Minas Gerais fica *acima* (\*do).

(10) O médico disse que eu deveria tomar *oito copos de água* por dia.

a) *Água*, o médico disse que eu deveria tomar *oito copos* (\*de) por dia.

(11) *Toneladas de lixo* foram retiradas do Engenhão durante o Pan.

a) *Lixo, toneladas* (\*de) foram retiradas do Engenhão durante o Pan.

Outros argumentos de Avelar (2006) que corroboram a hipótese de que *de* é uma preposição que não contribui na composição de sentidos em função de adjunto adnominal são (i) a possibilidade de inversão dos constituintes nominais com *de* sem que haja alteração no papel semântico exercido por um ou outro na relação, como nos casos (12) e (13) e (ii) a ocorrência dessa preposição em epítetos preposicionados, construções em que uma característica e um nome são intermediados pela preposição *de*, casos de (14) e (15). Nelas, o item *de* também funciona somente como um conector e a preposição não é exigida quando o nome é deslocado. O autor também argumenta que a preposição *de* é dispensada nos casos em que o adjunto adnominal é deslocado para o início da sentença, como em (16) e (17).

(12) a) *O saco de bala* veio rasgado.

b) *A bala do saco* está mole.

(13) a) *O quarto da bagunça* precisa de uma arrumação.

b) *A bagunça do quarto* precisa de uma arrumação.

(14) a) *Aquele chato do meu primo* comprou um lindo cachorro.

b) *Meu primo, aquele chato* (\*do) comprou um lindo cachorro.



- (15) a) *O bobão do Luís* é fiador de todo mundo.  
b) *O Luís, aquele bobão (\*do)* é fiador de todo mundo.
- (16) a) Só falta a faxineira limpar *o box do banheiro*.  
b) *O banheiro*, só falta a faxineira limpar *o box>(\*do)*.
- (17) a) Eu não li nenhum *livro do Jorge Amado*.  
b) *Jorge Amado*, eu não li nenhum *livro (\*do)*.

Assim, após constatar as diferenças entre as relações semânticas estabelecidas por *de* e as preposições *em*, *com* e *para*, Thomé Viegas (2008), com base na proposta de Avelar (2006) e na teoria estabelecida pelos linguistas Weinreich, Labov e Herzog (1968), nos termos da comparabilidade funcional de Lavandera (1984), estabelece *variáveis independentes* que poderiam favorecer a alternância de preposições, alternância essa que corroboraria a hipótese de a preposição *de* comportar-se como um item semanticamente neutro, especialmente quando introduz SP que exerce função de adjunto adnominal.

#### 4. As preposições *de*, *em*, *com* e *para* sob uma abordagem variacionista

A pesquisa de Thomé Viegas (2008) verifica quais fatores, internos ou externos à língua, favorecem a alternância da preposição *de* com as preposições *em*, *com* e *para* e das preposições *em*, *com* e *para* com *de* visando a comprovação da hipótese estabelecida por Avelar (2006) de que *de*, como introdutora de adjunto adnominal, seria uma preposição esvaziada semanticamente, um item “curinga”. Para tal, a autora utiliza dezoito inquéritos do século XX que fazem parte do acervo do Projeto Norma Linguística Urbana Culta do Rio de Janeiro ([www.lettras.ufrj.br/nurc-rj](http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj)), distribuídos por décadas e tipo de amostra, gênero e três faixas etárias: anos setenta e noventa, esse dividido em Recontato e Amostra Complementar; masculino e feminino; 25 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos em diante. Os temas das entrevistas são variados como *Cidade e comércio*, *Alimentação*, *Sindicatos e cooperativas*, *Vida social e diversão*, dentre outros.

Para a análise dos dados, a autora aplica a metodologia da Sociolinguística quantitativa laboviana nos termos da comparabilidade funcional de Lavandera (1984). Na codificação, além da variável dependente, *possibilidade de alternância*, foram utilizados outros quatorze grupos de fatores, sendo dez de natureza interna e quatro de natureza externa à língua: 1. preposição do inquérito, 2. função sintática do sintagma preposicional, 3. mudança de função sintática após alternância, 4. tipo de SP quanto à presença de verbo, 5 e 6. realização de determinantes junto ao SP e ao elemento posicionado à esquerda do SP, 7 e 8. especificidade semântica (ES) do SP e do elemento posicionado à esquerda do SP, 9. preposição pela qual a do inquérito pode alternar (considerando-se somente a

alternância entre *de* e outras preposições ou outras preposições por *de*), 10. possibilidade de paráfrase da relação nominal por uma sentença possessiva com *ter*, 11. faixa etária, 12. gênero, 13. década, 14. inquérito. Os dados foram submetidos ao programa computacional Varbrul (PINTZUK, 1988) e o fator analisado como variável dependente, possibilidade de alternância, é o mesmo utilizado como valor de aplicação<sup>5</sup>.

Um dos grupos verifica a preposição que encabeça o sintagma preposicional - *de*, *em*, *com* ou *para*. A opção de Thomé Viegas (2008) por analisar somente essas preposições decorre de resultados de estudos anteriores (SANTOS, A.; CAMPOS, V.; CALLOU, D., 2006a; SANTOS, A.; CAMPOS, V.; CALLOU, D., 2006b; THOMÉ, E.; ANDRADE, P.; CALLOU, D., 2005; THOMÉ, E., 2006a; THOMÉ, E., 2006b; THOMÉ, E., 2006c;), que mostraram ser essas quatro as preposições mais frequentes, tanto na escrita quanto na fala<sup>6</sup>. A autora observou se a preposição *de* poderia alternar com *em*, *com* e *para* e também se *em*, *com* e *para* poderiam alternar com *de*. A Tabela 1 expõe (i) o total de ocorrências de cada tipo de preposição analisada, (ii) quantas dessas preposições possibilitam variação, (iii) a porcentagem de variação e (iv) o total de preposições analisado: 1.002 ocorrências.

**Tabela 1** - Distribuição das preposições analisadas

Preposição do inquérito	Alternam	Total de ocorrências
<i>de</i>	141 (28%)	495
<i>em</i>	27 (8%)	333
<i>com</i>	5 (5%)	94
<i>para</i>	12 (15%)	80
<b>Total</b>	185 (18%)	1002

Fonte: elaboração própria

Os grupos selecionados como relevantes para a possibilidade de alternância de *de* com *em*, *com* e *para* e de *em*, *com* e *para* com *de* são (i) *função sintática do SP*, (ii) *possibilidade de paráfrase da relação nominal por uma sentença com ter*, (iii) *especificidade semântica do SP* e (iv) *especificidade*

5 Scherre (2012, p. 4) explica como atua o programa VARBRUL e define alguns termos observados nesse tipo de análise computacional “O programa VARBRUL mede o efeito relativo dos fatores das variáveis independentes ou grupo de fatores, projetando pesos relativos associados a cada fator de cada variável independente em sucessivas análises [...]. Os pesos relativos são calculados tomando a média de uma dada variante como referência, o seu *input*, e são grandezas que se situam entre zero e um. Os efeitos de favorecimento ou não favorecimento das variantes da variável dependente analisada, medidos pelos pesos relativos, devem ser observados em função de sua hierarquia dentro da cada etapa de análise pelo programa e não em termos de suas grandezas absolutas (SANKOFF, 1988).”

6 As gramáticas normativas apresentam uma lista com algo em torno de quinze preposições essenciais. De acordo com Cunha e Cintra (2001, p. 562-578), são elas: *a*, *ante*, *até*, *após*, *com*, *contra*, *de*, *desde*, *em*, *entre*, *para*, *perante*, *por* (*per*), *sem*, *sob*, *sobre*, *trás*.

semântica do elemento à esquerda do SP.<sup>7</sup>

A hipótese estabelecida para analisar a função sintática do SP era a de que a função de adjunto adnominal possibilitaria maior alternância pelo fato da preposição *de*, nessa função sintática, possuir um significado semântico “difuso”, podendo introduzir diferentes relações entre o termo regente e o termo regido. Na Tabela 2, verifica-se que as funções sintáticas tanto de adjunto adnominal, quanto de adjunto adnominal locativo são favorecedoras da alternância de preposições, resultado que confirmaria a hipótese de Avelar (2006) e de Thomé Viegas (2008).

**Tabela 2** - Distribuição das alternâncias em relação à função sintática

Fator	Oco/Total	Percentual	Peso relativo (PR)
Adj. adn. locativo	22/70	31%	.71
Adj. Adnominal	114/399	29%	.68
Compl. V. prep.	9/98	9%	.39
Objeto indireto	22/202	11%	.35
Adj. adverbial	7/154	5%	.20

Fonte: elaboração própria

(18) acabei me aposentando como professor-chefe (vamos dizer) diretor da Cultura Inglesa {*de* (~*em*) *Madureira*}... [I018/L17-18/GM/F3]<sup>8</sup> - *adjunto adnominal locativo*

(19) Ah, é a base {*de* (~*em*) *todo bolo*} né, é ovo, farinha, leite, chocolate em pó, em barra ralado, e pronto, o fermento. [I002R/L103/GF/F3] - *adjunto adnominal*

(20) era uma casa maravilhosa... primeiro lugar... tinha um porão habitável enorme... esse porão era cheio de mistérios prum garoto... tinha locais mais escuros... quartos {*de* (~*para*) *guardados*}... [I233/L30-31/GM/F2] - *adjunto adnominal*

(21) (...) mas isso é o transporte na cidade... é claro que eu não gosto de andar {*em* (~*de*) *ônibus*} em pé [I 027/AC/L 9-10/GF/F3] - *complemento verbal preposicionado*

(22) Pois é, (a proteína) vem {*da* (~*na*) *carne*}, mas ovo eles, agora tão comendo (...) [I 002R/L56/GF/F3] - *objeto indireto*

(23) sei lá, eu acho que eu aproveitei, eu tinha uma turma aqui {*na* (~*da*) *rua*}, [I003AC/L 85/GF/F1] - *adjunto adverbial lugar*

7 O input geral foi .19.

8 A identificação do trecho dado como exemplo obedece às siglas, entre colchetes: I = inquérito (seguido do número), L = linhas (seguidas dos números), G = gênero (M - masculino e F - feminino), F = faixa etária (1 - 25 a 35 anos, 2 - 36 a 55 anos, 3 - 56 anos em diante).

(24) é claro que eu não gosto de andar em ônibus {*em* (~*de*) *pé*}... e evito tanto o quanto possível esse tipo de transporte coletivo [I027AC/L9-10/GF/F3] - *adjunto adverbial modo*

A relevância do grupo que controla a possibilidade de paráfrase da relação nominal por uma sentença com *ter* comprovaria a hipótese de esvaziamento semântico da preposição *de*, conforme observado na seção 2. A seleção desse grupo vai ao encontro de um dos argumentos de Avelar (2006), segundo o qual *de* corresponderia a uma preposição suporte, auxiliar, assim como os verbos leves. Como se observa na Tabela 3, a alternância das preposições é favorecida quando o nome *possui* o SP que se refere a ele, como em “um biscoitinho [de Maisena]” – biscoito *tem* Maisena, ao contrário do que ocorre em “o papel [da avó] é ficar quieta” – avó *tem* papel, caso em que o SP *possui* o nome.

**Tabela 3** - Distribuição das alternâncias em relação à possibilidade de paráfrase da relação nominal por *ter*

Fator	Oco/Total	Porcentagem	PR
Nome <i>possui</i> SP que se refere a ele	30/56	54%	.72
SP <i>possui</i> o nome a que se refere	71/265	27%	.45

Fonte: elaboração própria

(25) Eu acho que, devido ao nosso clima, uma refeição, mais frugal sem ser muito quente né, (*refeição*) {*com* (~*de*) *pouca caloria*}. [I002R/L26-27/GF/F3] - nome *possui* adjunto que se refere a ele → refeição *tem* caloria

(26) Procurava fazer bastante *variedade* {*de* (~*em*) *fruta*} né, e farinha láctea, sempre, controlada pelo pediatra né, porque é conforme a idade. [I002R/L38-39/GF/F3] - adjunto *possui* nome a que se refere → fruta *tem* variedade

O grupo que controla a especificidade semântica do SP também se mostra relevante para a alternância das preposições. As especificidades *partes do corpo*, *material* e *imaterial/abstrato* são as que mais possibilitam alternância, conforme Tabela 4. Esse resultado não era esperado, pois sendo a função de adjunto adnominal locativo a que mais varia, esperava-se que a especificidade *espaço* fosse a mais relevante em relação à possibilidade de alternância, já que *em* é preposição indicativa de localização no espaço.

**Tabela 4** - Distribuição das alternâncias em relação à especificidade semântica do SP

Fator	Oco/Total	Porcentagem	PR
Partes do corpo	¼	25%	.56
Material	43/199	21%	.56
Imaterial/abstrato	78/376	21%	.56
Espaço	28/182	15%	.49
Humano/animado	13/148	9%	.29

Fonte: elaboração própria

(27) eu fui... éh deixando de beber Coca-Cola... via um bolo já não tinha tanto desejo de comê-lo... e... com a *dor* {*de cabeça*} eu... suspendi o remédio... [I019AC/L33-34/GF/F2] - *partes do corpo*

(28) me privo de tudo... menos da comida... eu estou diminuindo consumo {*de (~em) roupas*}... [I019AC/L80/GF/F2] - *material*

(29) meu relacionamento com amigos... que eu con/considero... o maior patrimônio... da minha vida e... (foi) o que eu consegui... realizar no... nos meus anos {*de (~em) vida*} foi um... eh ter... realmente u/um círculo... de muitos bons amigos... [I071/L14-16/GM/F3] - *imaterial/abstrato*

(30) eu tinha uma turma aqui {*na (~da) rua*}, a gente saía pra andar de bicicleta, pra tomar sorvete na padaria, era tudo em turma, (...) [I003/L85-86/GF/F1] – *espaço*

(31) Então, houve a tentativa do trabalhador de se defender da opressão do patrão e começaram então a surgir as primeiras associações {*de (~para) operários*}. [I164R/L2-3/GM/F2] – *humano/animado*

Outro grupo selecionado como relevante para a alternância das preposições controla a especificidade semântica do elemento à esquerda do SP, com destaque para o contexto *material*. A seleção desse grupo é considerada inesperada e mostra a importância do elemento à esquerda do SP para a variação entre os itens analisados.

**Tabela 5** - Distribuição das alternâncias em relação à especificidade semântica do elemento à esquerda do SP

Fator	Oco/Total	Porcentagem	PR
Material	35/76	46%	.61
Imaterial/Abstrato	96/367	7%	.50
Espaço	6/21	29%	.43
Humano/animado	11/54	37%	.41

Fonte: elaboração própria

(32) eu fui criada por exemplo no sistema de pôr a *mesa* {*do (~no) lanche*}... não é? [I002/L81/GF/F2] – *material*

(33) Ah, é a *base* {*de (~em) todo bolo*} né, é ovo, farinha, leite, chocolate em pó, em barra ralado, e pronto, o fermento. [002R/L103/GF/F3] - *imaterial/abstrato*

(34) oh eu fui numa *cidadezinha* {*em...no (~do) Rio Grande*}... que eu achei interessante... [I017AC/L107-108/GM] – *espaço*

(35) a primeira refeição é a mais importante... porque o organismo está muito descansado... assimila

melhor... e... é a mais relaxada... quantas *pessoas* {**do** (~**no**) *povo*} não saem sem ao menos um golinho de café... [I002/L3-5/GF/F2] – *humano*

Em fase posterior, Thomé Viegas (2008) analisa cada caso de alternância isoladamente. Na primeira etapa, verifica a variação entre *de* por *em*, *com* e *para* e, na segunda etapa, entre *em*, *com* e *para* por *de*.

Na primeira etapa, no que diz respeito à função sintática do SP, a autora observa que a alternância *de/em* é a única que ocorre em diversas funções, não só quando introduz adjunto adnominal (65%), mas também, adjunto adnominal locativo (20%), complemento verbal preposicionado (11%), adjunto adverbial (3%) e objeto indireto (2%). A variação *de/com* e *de/para* é verificada somente quando a preposição *de* introduz adjunto adnominal.

Dando continuidade, observa ainda que a possibilidade de paráfrase da relação nominal por *ter* ocorre em todas as alternâncias, *de/em*, *de/com* e *de/para*, o que comprovaria o comportamento da preposição *de* como o de uma preposição leve. Em *de/com*, na maioria das ocorrências (74%), o nome é *possuidor* do adjunto, exemplos (36)-(38), em relação ao adjunto *possuidor* de nome (11%). Nos casos mais frequentes, a relação estabelecida é nome = *possuidor* e adjunto = *possuído*. Já em *de/em* e *de/para* o adjunto é, na maioria das vezes, *possuidor* do nome ao qual se refere.

(36) sanduíche {**de** (~**com**) *presunto e queijo*} [I002 R/L7/GF/F3] sanduíche *tem* presunto e queijo

(37) loja {**de** (~**com**) *comestíveis*} [I133R/L10/GF/F2] → loja *tem* comestíveis

(38) estantes imensas {**de** (~**com**) *prateleiras*} [I133R/L15/GF/F2] → estantes *têm* prateleiras

Quanto às especificidades semânticas dos SPs, as maiores possibilidades de alternância ocorrem em contextos *imaterial/abstrato*, *de/em* (44%) e *de/para* (37%), e *material*, *de/com* (48%). Frequentemente, a preposição *com*, na relação nominal, estabelece vínculo entre continente e conteúdo, o que explica o elemento introduzido por *com* ser, na maioria das vezes, *material*. Na variação *de/em*, verifica-se somente o SP *espaço*, resultado esperado, já que *em* é a preposição indicativa de localização. Já as especificidades semânticas dos elementos posicionados à esquerda dos SPs podem ser *imaterial/abstrato* e *material*, mais frequentes, e *humano* e *espaço*.

Na segunda etapa, Thomé Viegas (2008) verifica que a variação entre *em/de*, *com/de* e *para/de* ocorre somente quando as preposições introduzem SPs que exercem função de adjunto adnominal. *Em/de* e *para/de* também permitem alternância quando o SP introduz, respectivamente, adjunto

adnominal locativo (63%) e adjunto adverbial (8%).

Quanto à possibilidade de paráfrase da relação nominal por *ter*, nas variações *em/de* e *para/de*, o adjunto é *possuidor* do nome, com frequências de 88% e 33%, respectivamente. No que diz respeito à variação *com/de*, a frequência é a mesma, tanto para adjunto ou nome *possuidor*, 50%.

Verifica-se ainda que a única especificidade semântica dos SPs que possibilita todas as alternâncias é a *imaterial/abstrato* - *em/de* (44%), *com/de* (75%) e *para/de* (58%). Somente *em/de* ocorre nos outros contextos semânticos analisados: *espaço* (44%), *material* (6%) e *evento* (6%).

Por fim, as especificidades semânticas do elemento à esquerda do SP. Os contextos *imaterial/abstrato* e *material* são verificados, respectivamente, nos três tipos de alternância - 81% e 75% *em/de*, 50% e 6% *com/de* e 25% e 33% *para/de*. Não há variação *com/de* em contextos *humano* e *espaço*.

Após a apreciação dos dados, a autora apresenta suas conclusões. A primeira delas diz respeito à alta frequência da preposição *de*, como se verifica na Tabela 6, provavelmente devido à imprecisão de seu conteúdo semântico, o que possibilita tanto o uso, quanto a alternância em diferentes relações nominais e até em relações verbo/complemento.

**Tabela 6** - Alternâncias de/em, de/com, de/para

Alternâncias	de ~ em		de ~ com		de ~ para	
Preposições	de	55 (77%)	de	27 (87%)	De	19 (61%)
	em	16 (23%)	com	04 (13%)	para	12 (38%)
<b>Total</b>	71 (100%)		31 (100%)		31 (100%)	

Fonte: elaboração própria

A segunda conclusão diz respeito ao grupo *função sintática do SP*. Na maioria dos casos em que há possibilidade de alternância, a preposição introduz SP que exerce função de adjunto adnominal, embora também sejam verificados casos de alternâncias em função de adjunto adnominal locativo, adjunto adverbial – *de/em* e *para/de* – e de complementos verbais – *de/em*. Esse resultado vai ao encontro do que propõe Avelar (2006): nas relações de adjunção adnominal o conteúdo semântico da preposição *de* é difuso, o que possibilitaria a sua alternância por outras preposições.

A terceira, diz respeito a outro grupo de fatores relevante para a alternância de preposições: *possibilidade de paráfrase da relação nominal por ter*. A seleção do mesmo confirma o que propõe Avelar (2006) de a preposição *de* poder ser considerada uma “preposição leve”, servindo apenas como um elo sintático entre os nomes da relação. Tanto em *de/com* quanto em *com/de* o nome é *possuidor* do adjunto. Isso mostra que a preposição *de* nessas relações não possui conteúdo semântico delineado e que as relações

entre os constituintes são estabelecidas mais pelos próprios constituintes do que pelas preposições.

A quarta conclusão diz respeito à seleção dos grupos referentes às *especificidades semânticas*, tanto do SP quanto do elemento à esquerda do SP. Essa seleção aponta para a relevância da significação dos termos envolvidos na relação sintática para a variação das preposições. Especificamente em relação às especificidades dos elementos localizados à esquerda do SP, o contexto *imaterial/abstrato* prevalece em todas as alternâncias: *de/em*, *de/com*, *de/para*, *em/de*, *com/de* e *para/de*. Esses resultados confirmam a hipótese de que o contexto semântico influencia na alternância das preposições.

E, finalmente, a ausência de condicionamento externo mostra que a alternância entre as preposições em estudo não marca prestígio ou estigma, ao contrário, por exemplo, da variação *ter/haver*. Nas alternâncias das preposições entram em jogo mecanismos “construídos” no processo de aquisição da língua (KATO, 2005b). Esses mecanismos devem ser os mesmos entre os indivíduos da comunidade e não estariam sujeitos, assim, a fatores externos à gramática. Por isso, a distribuição dessas preposições na comunidade mostrou-se uniforme, nos dois momentos, assim como na fala e na escrita, a julgar pelos resultados de outros autores (SANTOS; CAMPOS; CALLOU, 2006b; THOMÉ, 2006a; THOMÉ, 2006c). O uso da preposição *de*, *em*, *com* ou *para* corresponderia a estratégias morfossintáticas distintas de uma mesma gramática, não havendo condicionamento sociolinguístico.

## **5. Construção de outra abordagem em sala de aula**

Embora a proposta deste trabalho seja uma nova abordagem sobre as Preposições, não se pretende excluir a antiga abordagem já que, sendo tratada de maneira adequada e ampliada, e não somente como a apresentação de uma lista com vários itens, aumenta a capacidade de o aluno de transitar por diferentes modalidades de uso da língua, em especial, a culta. Contudo, a proposta busca que o aluno reconheça a diversidade linguística e as diversas formas de escrita e de fala, sem a estigmatização de alguma delas, possibilitando o “trânsito” do mesmo nos diferentes usos da língua. Dessa maneira, a proposta deste trabalho coaduna-se com o que afirma Barbosa (2007, p. 50): “É preciso ensinar gramática como um ponto de partida a ser complementado pelo professor, que não é apenas um porta-voz do texto escrito, mas o profissional treinado para desenvolver habilidades de codificação e decodificação dos textos orais e escritos.”. O sucesso do ensino de língua depende, muitas vezes, de como o professor encaminha o seu trabalho, desde os primeiros dias de aula.

A proposta é que, independentemente do componente gramatical abordado, o professor introduza os alunos aos temas como presença de heterogeneidade da língua e possibilidade de variação linguística. Dessa forma, os alunos teriam conhecimento de que a língua não é homogênea e de que há uma ciência, a Linguística, que estuda a linguagem humana sob diversos aspectos -



fonético, morfológico, sintático, semântico, social e psicológico, dentre outros - e sob diferentes tipos de abordagem - social, funcional, descritivo. Assim, a expectativa é a de que se trabalhe com alunos desprovidos de estigmatização linguística e propícios a identificar e a compreender uma abordagem diferente da língua.

A pergunta é: como a discussão promovida por Thomé Viegas (2008) pode ser aplicada em sala de aula em turmas do Ensino Médio<sup>9</sup>?

A recomendação é que o professor, de forma breve, inicie a nova abordagem contrapondo as extensas listas de preposições simples das gramáticas normativas aos resultados previamente apresentados em pesquisas nas quais as preposições *de*, em especial, e *em*, *com* e *para* são as mais frequentes, tanto na língua escrita, quanto na língua falada.<sup>10</sup>

Por meio de exemplos, o professor pode verificar a possibilidade de a preposição *de* veicular o sentido de outras preposições, alternando-a com *em*, *com* e *para*, especialmente quando *de* introduz adjunto adnominal. A sugestão é que o professor trabalhe com a língua falada. Para isso, ele pode obter diversas entrevistas, em norma culta, já transcritas, no endereço [www.letras.ufrj.br/nurc-rj](http://www.letras.ufrj.br/nurc-rj). Outra sugestão seria formar pequenos grupos e propor que os alunos, com seus celulares, entrevistem um colega de classe do próprio grupo, por exemplo, durante uns vinte ou trinta minutos. Após a entrevista, é necessário transcrevê-la. Nesse momento, o professor pode mostrar, por exemplo, a presença de hesitações e a dificuldade de se compreender trechos, apontando as adversidades do trabalho com a fala.

É necessário que o professor explique que a possibilidade de *de* veicular o sentido de outras preposições deve-se a um esvaziamento semântico verificado após o aumento de frequência de uso das mesmas com a perda dos casos latinos, na transição do latim para o português.

Com base em Thomé Viegas (2008), o professor poderá mostrar que há fatores, no caso, internos à língua, que favorecem a veiculação de sentido, em outras palavras, a alternância, de *em*, *com* e *para* por *de* e de *de* por *em*, *com* e *para*, como a função sintática do SP, a possibilidade de paráfrase da relação nominal por uma sentença com *ter*, a especificidade semântica do SP e a especificidade semântica do elemento à esquerda do SP. O professor pode, além disso, exemplificar a possibilidade de *de* veicular o sentido de *ter*, funcionando apenas como um elo sintático entre os elementos regente

---

9 A autora sugere que a abordagem tratada neste artigo seja desenvolvida junto ao Ensino Médio. Porém, as mesmas opções metodológicas também poderiam ser utilizadas nos anos finais do Ensino Fundamental, com adaptações didáticas.

10 Essa sugestão encontra paralelo em Castilho (2000).

e regido de uma relação nominal. É importante salientar a ausência de fatores externos à língua na possibilidade de variação entre as preposições. Isso indica que essa alternância não marca prestígio ou estigma, assim como a alternância entre *ter* e *haver* existenciais.

Segundo Callou (2007), o uso de *ter* por *haver* atinge pessoas de todos os níveis e estratos sociais e, na fala, não é sequer estigmatizado. A estigmatização ocorre, no máximo, em casos de verbo *haver* flexionado como em “houveram muitos acidentes ontem”. Na fala culta do Rio de Janeiro, com base em dados do Projeto NURC, verifica-se o predomínio cada vez maior do *ter* existencial. Na década de 70, a frequência de uso está em torno de 60% e na década de 90, em torno de 80%. Esse fenômeno não é observado somente na fala. Callou (2007, p. 26) cita a análise de Rocha (1999) que verifica a variação entre *ter/haver* existenciais em três jornais cariocas voltados para leitores de diferentes classes socioeconômicas – *O Globo* (classe A), *O Dia* (classe B) e *Povo* (classe C). Somente no jornal *O Globo* verificou-se o predomínio do uso de *haver*, em torno de 60% (CALLOU, 2007, p. 26 e 27).

Ainda em relação à abordagem das Preposições em sala de aula, o professor também pode motivar os alunos a (i) assinalarem as preposições encontradas nas entrevistas, (ii) elaborarem alguns grupos de fatores, baseados em Thomé Viegas (2008), e (iii) codificarem as ocorrências de preposições, de modo que possam ser submetidas ao programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). A proposta de submissão ao programa computacional Goldvarb X deve-se ao fato de ele ser uma das versões do Varbrul (PINTZUK, 1988) para Windows, sendo assim mais palatável ao jovem, ao contrário do Varbrul, que utiliza o antigo DOS. Por último, professor e alunos podem, juntos, verificar os resultados e chegar às conclusões sobre o “*corpus*” utilizado por eles.

## 6. Conclusão

Em suma, a pesquisa linguística é uma ferramenta importante para o ensino de Língua Portuguesa, pois evidencia que mesmo a norma culta possui variantes que prevalecem sobre outras, mas não anulam a existência das variantes com as quais competem. Além disso, desmistifica a ideia de que na fala tudo é possível, pois mostra que há fatores que regulam os fenômenos variáveis. *Ensinar gramática*, gramática normativa, tradicional, não é sinônimo de *ensinar o português correto* porque há diversas normas, ou seja, diversos conjuntos de hábitos linguísticos. Dessa forma, defende-se a apresentação do que é *normal*, do que é *frequente* no português do Brasil, sem deixar perecer o que está disponível na nossa língua, na nossa literatura, na nossa história.

O aproveitamento dos estudos linguísticos no ensino de língua promove não só o raciocínio lógico-científico do aluno, mas também a conscientização sobre suas opções linguísticas, seja

na produção de textos orais, seja na de textos escritos. Uma metodologia de ensino adequada, consequência de uma forma realista de observar a diversidade, não só quanto às Preposições, mas também aos outros componentes gramaticais, passa pelo conhecimento dos fatores que regulam a escolha do falante, provenientes de uma competência passiva.

Vale ressaltar que a formação do professor de Língua Portuguesa deve ser revista, independentemente do nível para o qual leciona. É indispensável uma reformulação dos conteúdos e dos procedimentos de ensino de língua que visa, apenas, o domínio da norma culta. A questão não é ensinar língua padrão, mas sim, *somente* ensinar a língua padrão adquirida na escola. Assim, conclui-se que um ensino de língua pautado na não estigmatização das variedades linguísticas adquiridas fora do ambiente escolar é essencial para que novas abordagens dos componentes gramaticais cheguem às salas de aula da Educação Básica no país.

## REFERÊNCIAS

AVELAR, Juanito Ornelas de. *Adjuntos Adnominais Preposicionados no Português Brasileiro*. 2006. 233 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

BARBOSA, Afrânio Gonçalves. Saberes gramaticais na escola. *In.*: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 31-54.

CALLOU, Dinah. Maria Isensee. Gramática, variação e normas. *In.*: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 13-29.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *A língua falada no ensino de português*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2000.

CHOMSKY, Noam. *The minimalist program*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1995.

CHOMSKY, Noam. Minimalist Inquiries: The Framework. *In.*: MARTIN, Roger; MICHAELS, David; URIAGEREKA, Juan. (ed.). *Step-by-step: essays in minimalist syntax in honor of Howard Lasnik*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2000. p. 89-155.

CHOMSKY, Noam. Derivation by phrase. *In.*: KENSTOWICZ, Michael. *Ken Hale: A life in language*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2001. p. 1-52.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. Preposição. In.: \_\_\_\_\_. Nova Gramática do Português Contemporâneo. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 555-578.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

KATO, Mary Aizawa. A contribuição chomskiana para a compreensão da aprendizagem de L2. In.: *Periódico Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 44, n. 2, p. 185-199, jul./dez. 2005a

KATO, Mary Aizawa. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In.: MARQUES, M. A.; KOLLER, E., TEIXEIRA, J.; LEMOS, A. S. (org.). *Ciências da Linguagem: trinta anos de investigação e ensino*. Braga: CEHUM (Universidade do Minho), 2005b, p. 131-145.

LAVANDERA, Beatriz. *Curso de Lingüística para el analisis del discurso*. Buenos Aires: Bibliotecas Universitárias, 1984. p. 9-32.

PINTZUK, S. VARBRUL Programs. 1988. Inédito

SANKOFF, David. Variables Rules. In.: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus (org.) *Sociolinguistics*. New York: Academic Press, 1988. p. 119-127.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali.; SMITH, Eric. *Goldvarb X-A multivariate analysis application*. 2005. Disponível em: <[http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV\\_index.htm](http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm)>. Acesso em: 13 out. 2019.

SANTOS, Arilma; CAMPOS, Vitor; CALLOU, Dinah Maria. A variação das preposições de e em na linguagem escrita jornalística: uma abordagem variacionista. Comunicação apresentada na XXVII JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA. 2006a.

SANTOS, Arilma; CAMPOS, Vitor; CALLOU, Dinah Maria. A variação de/ em na fala e na escrita: confronto entre PB/PE. Comunicação apresentada no 54º SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO (GEL). 2006b.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista. *Tabuleiro de Letras - Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia*, n. 04, p. 01-32. 2012.

THOMÉ, Elaine; ANDRADE, Pedro; CALLOU, Dinah Maria. Sobre o uso da preposição DE e

EM no português brasileiro: uma abordagem variacionista. In.: SANTOS, Deize (org.) *Inicia – Revista da Graduação em Letras da UFRJ*. n. 3. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2005. p. 161-168.

THOMÉ, Elaine. A funcionalidade da preposição de em corpus do século XIX. 2006a. Trabalho de Mestrado. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006a.

THOMÉ, Elaine. A gramaticalização da preposição de como introdutora de complementos e adjuntos verbais. 2006b. Trabalho de Mestrado. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006b.

THOMÉ, Elaine. Preposições de e em: variação nas línguas escrita e falada nos séculos XIX e XX. 2006c. Trabalho de Mestrado. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006b.

THOMÉ VIEGAS, Elaine. Preposições de, em, com e para em adjuntos adnominais: uma análise variacionista. 2008. 111 folhas. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

WEINREICH, Uriel; LABOV, *Weinreich*; HERZOG, Marvin. Empirical foundations of a theory of language change. In: LEHMANN, Winfred; MALKIEL, Yakov (org.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press. 1968.

PROJETO NORMA LINGUÍSTICA URBANA CULTA RJ. Disponível em <[www.lettras.ufrj.br/nurc-rj](http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj)>. Acesso em 10 de outubro de 2019.

## DICIONÁRIO VISUAL DE ALEMÃO COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA, DE GREGOR VETTER

### *VISUAL DICTIONARY OF GERMAN AS A FOREIGN LANGUAGE, BY GREGOR VETTER*

*Félix Valentín Bugueño Miranda<sup>1</sup>*

*Resenha de*

VETTER, Gregor. *Bildwörterbuch Deutsch als Fremdsprache*. 1500 nützliche Wörter für den Alltag. Stuttgart: Pons, 2016 (144 p.)

A obra de referência que resenharemos à continuação pertence a uma vertente pouco estudada na metalexigrafia: os dicionários de aprendizagem. O *Bildwörterbuch Deutsch als Fremdsprache*. 1500 nützliche Wörter für den Alltag [Dicionário Visual de Alemão como Língua Estrangeira. 1500 palavras úteis para o dia a dia] (doravante BwtbDaF (2016)) fixa para si mesmo um objetivo abrangente, uma vez que almeja ser tanto um “guia de conversação” [*Sprachführer*] como um “dicionário pela imagem” [*Bildwörterbuch*] com fins didáticos. Essa dupla condição de BwtbDaF (2016) deve ser avaliada também em relação à seleção lematizada feita, já que o subtítulo da obra explicita que o dicionário compila 1500 palavras úteis para o dia a dia.

Em relação a esta afirmação, cabe destacar que a pressuposição de uma correlação entre o caráter cotidiano do léxico arrolado e a frequência de uso é imediata, porém não necessariamente real. Uma comparação entre a seleção léxica deste dicionário e o *Frequency dictionary of German*. (JONES; TSCHIRNER, 2006) permite constatar, no entanto, que, para as letras A, M e W de BwtbDaF (2016), o vocabulário básico [*core vocabulary*] corresponde unicamente a 45, 50 e 25 % desta lista de frequência. Dito em outros termos, as 1500 palavras mais úteis para o dia a dia não correspondem

<sup>1</sup> Professor de Lexicografia, Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLET), Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. e-mail: [felixv@uol.com.br](mailto:felixv@uol.com.br)

necessariamente a palavras frequentes do alemão. Neste caso específico, não cabe dúvida de que o compilador, ou lematizou unidades léxicas guiado pelo senso comum – o que, *per se*, não é um demérito -, ou empregou índices de disponibilidade léxica. Só isso explica que em temas como “A casa” [*das Haus*] sejam lematizadas unidades tais como “a claraboia” [*die Dachgaube*] ou “a soleira da porta” [*die Türschwelle*]. Da mesma forma, no tema “A sala de jantar” [*das Esszimmer*], aparecem unidades como “o pano de mesa” [*der Tischläufer*]. Uma situação análoga acontece em “A farmácia” [*Die Apotheke*], com unidades tais como “a embalagem transparente” [*die Sichtverpackung*].

Uma questão que também merece uma análise detalhada é a autodefinição de BwtbDaF (2016) como dicionário de aprendizagem. Nesse contexto, é fundamental destacar que a maioria dos dicionários que se definem com uma função de ganho de massa léxica não atinge o objetivo a que se propõem, já que não passam de listagens de vocabulário dispostos tematicamente. Essas listagens não são suficientes para garantir a fixação mnemotécnica, já que o efeito de saliência que apresentam é de baixo impacto (uma gravura como *representamem* e sua ordenação em um campo léxico).

Neste sentido, o dicionário oferece um recurso inovador que é o de permitir que o usuário crie seu próprio mecanismo de saliência, seja escrevendo um equivalente na sua própria língua materna para um dado signo-lema, seja associando este signo-lema com outra palavra, ou seja, anotando uma palavra relacionada ao mesmo campo léxico do signo-lema. Esse procedimento é chamado “aprender ativamente” [Aktiv lernen] (p.6).

BwtbDaF (2016) almeja ser também um “guia de conversação” [*Sprachführer*], conforme já mencionado. Na verdade, embora se insista que o guia de conversação compreende também palavras isoladas quando se afirma que “[..] junto à estrita correlação palavra-imagem, você encontrará também caixas de texto com palavras e frases úteis para o dia a dia” [[Sie] finden neben der reinen Wort-Bild-Zuordnung auch Kästen mit nützlichen Wörtern und Sätzen für den Alltag] (p. 6), seria mais correto falar que se trata de um *phrase book*, para empregar uma designação bastante comum na tradição anglo-saxônica. Além das frases contidas nas caixas de texto dos diferentes eixos temáticos, há, no apêndice [*Back Matter*], (p. 119-127), um *phrase book* (para o conceito de *Back Matter*, cf. SVENSÉN, 2009, p.379). Este está composto de palavras que exprimem noções gerais, como “sim” [já], “não” [*nein*], “lá” [*dort*], “ou” [*oder*], e de frases e sequências formulaicas atinentes a situações comunicativas, tais como “conversando com” [Im Gespräch], “viajando” [Unterwegs], “consulta com o médico” [der Arztbesuch], etc. Este *phrase book* deve ser entendido como um complemento ao “dicionário visual” [*Bildwörterbuch*].

Em relação ao dicionário propriamente dito, este está dividido em um total de nove eixos temáticos, tais como “Família e amizade” [*Familie und Freundschaft*], “Estradas e trilhos” [*Strasse und Schiene*], “Trabalho e comunicação” [*Arbeit und Kommunikation*], “Serviços de emergência” [*Notdienste*], etc.

Não há dúvida de que o sucesso (ou insucesso) de um dicionário pela imagem está em direta relação com a capacidade de representação icônica que tenha em relação a um dado item léxico. No caso de BwtbDaF (2016) não é diferente. No eixo temático “A família” [*Die Familie*], estão dispostas de forma esquemática todas as relações familiares de três gerações, seja por laços consanguíneos, seja por outro tipo de relações (“o cunhado” [*der Schwager*], por exemplo.). A disposição dessas relações, no entanto, é complexa e de difícil compreensão.

Há também um subcampo denominado de “Relações” [*Beziehungen*], articulado pelo triplo eixo idade, gênero e grau de relacionamento entre as pessoas. Em alguns casos, como a representação pictórica para “o bebê” [*das Baby*] ou para “a criança” [*das Kind*], ou para “a mulher” [*die Frau*] e “o homem” [*der Mann*], dita representação é perfeitamente alcançada. Em outros casos, que correspondem a relações ou ações mais abstratas, como as representações para “o conhecido” [*der / die Bekannte*], ou a ação de “cumprimentar alguém” [*jemanden begrüßen*], os resultados não são tão satisfatórios. Isto acontece porque as relações abstratas quase nunca podem ser representadas satisfatoriamente.

Exatamente a mesma situação ocorre no subcampo “A lavanderia” [*Die Waschküche*] com a gravura que representa “o amaciante” [*der Weichspüler*], por exemplo; outro tanto se pode constatar no subcampo “Ruas e tráfego” [*Strassen und Verkehr*] com o item proposto para a “pista de ultrapassagem” [*Überholspur*]. Isto acontece não por se tratar de entidades léxicas abstratas, mas sim pelo fato de que tais gravuras não discriminam tão bem o referente como outras.

No sentido inverso, uma alta iconicidade acontece com as gravuras relativas aos sinais de trânsito, que estão baseados exatamente na correlação entre a gravura e uma designação (como, por exemplo, “Trecho em obras” [*die Baustelle*]) ou um conceito (como “Proibido virar à direita” [*Einbigen nach rechts verboten*]).

Com a exceção de alguns casos apontados *ad supra*, não há como negar que o dicionário cumpre bem a tarefa a que se propõe. O eixo temático “Comer e beber” [*Essen und Trinken*] é um ótimo exemplo. Estão muito bem representados não somente os itens básicos dos costumes alimentares alemães, tais como “o iogurte” [*der Joghurt*], “o leite” [*die Milch*] e “o queijo” [*der Käse*], mas



também “as verduras” [*die Gemüse*], “a fruta” [*das Obst*], “o pão” [*das Brot*] e até o *Fastfood* [*das Fastfood*], que inclui importações como “o taco” [*der Taco*] e “o sushi” [*das Sushi*]. Inexplicavelmente, não foi lematizado o *Döner Kebab*, sanduiche de carne e iguaria de culinária turca já amplamente incorporado no cardápio local.

Igualmente bem sucedido é o eixo temático “Saúde e cuidados corporais” [*Gesundheit und Körperpflege*]. Em especial, as gravuras referentes ao corpo humano (na representação externa e interna dele) são de uma clareza ímpar. Também são de alto poder elucidativo as gravuras dos subcampos “Sintomas e doenças” [*Symptome und Krankheiten*] e “Ferimentos” [*Verletzungen*]. Em relação ao subcampo “Cuidados corporais” [*die Körperpflege*], um desdobramento a mais do eixo temático “Saúde e cuidados corporais” [*Gesundheit und Körperpflege*], cabe mencionar que várias das entidades léxicas nele explicitadas, tais como a pasta dental, o perfume, o gel de banho, o xampu, o sabonete, etc., poderiam estar também perfeitamente inseridas no subtema “O banheiro”. O consulente de dicionários pictóricos deve se acostumar a esse tipo de decisões (cf. BUGUEÑO MIRANDA, 2013 para outro exemplo do mesmo problema). BwtbDaF (2016) não apresenta nenhum recurso que possibilite uma consulta mais aprimorada (remissões). Afortunadamente, a extensão reduzida do dicionário faz com que a procura por informação, baseada em ensaio e erro, redunde, ainda assim, em resultados positivos. Contudo, a já longa tradição lexicográfica alemã de dicionários pela imagem deveria oferecer soluções medioestruturais satisfatórias nestes casos. A medioestrutura é o conjunto de remissões em um dicionário (cf. BUGUEÑO MIRANDA; ZANATTA, 2010 para mais detalhes sobre este conceito).

Diante das evidências apresentadas, pode-se afirmar que os eixos temáticos escolhidos e seus desdobramentos em subcampos cobrem as necessidades básicas de insumos léxicos do aprendiz de alemão. Neste contexto, um aspecto central que merece especial menção é a importância concedida à descrição sintática e às manifestações do discurso repetido, particularmente às sequências formulaicas e aos padrões colocacionais (cf. BUGUEÑO MIRANDA; BORBA, 2019 para estes conceitos).

No plano da descrição sintática, são fornecidos os padrões dos casos regidos pelo verbo, como, por exemplo, “apresentar alguém” [*jemanden vorstellen*], “cumprimentar alguém” [*jemanden begrüßen*] (subcampo “Relações”), “tirar [uma amostra de] sangue de alguém” [*jemandem Blut abnehmen*] (subcampo “Visita ao médico”) e “aplicar uma injeção em alguém” [*jemandem eine Spritze geben*] (subcampo “Sintomas e doenças”). No âmbito do fornecimento de sequências formulaicas (que também aparecem profusamente representadas no *Sprachführer*), pode-se citar como exemplo “Qual é teu nome?” [*Wie heißt du?*], “Qual é seu nome?” [*Wie heißen Sie?*] (subcampo “Relações”), “poderia

me provar [uma peça de roupa]?” [*Könnte ich das mal anprobieren?*] (subcampo “Roupa feminina”), entre outras. Em relação a padrões colocacionais, há excelentes exemplos tais como “retirar o tapete” [*die Tapete entfernen*] (subcampo “Ferramentas de uso doméstico”), “se aposentar” [*in Rente gehen*] (subcampo “O mundo do trabalho”), “ligar o computador” [*den Rechner hochfahren*], “desligar o computador” [*den Rechner herunterfahren*] (subcampo “O computador”).

Não é possível deixar de mencionar que, para todos os lemas, é fornecida uma transcrição fônica; ademais, para os lemas nominais, oferecem-se os morfemas de plural (*die Bürste, -n, der Eimer-*) e de duplo gênero (*das/der Hustenbonbon*).

Em síntese, trata-se de um dicionário muito bem-vindo como auxílio no ensino-aprendizagem do alemão. Fornece todas as coordenadas léxicas básicas de que o aprendiz precisa: os itens léxicos básicos, suas particularidades fônicas e morfológicas e sua combinação com outras palavras. Basta saber se funciona como um dicionário de aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

BUGUEÑO MIRANDA, Félix. Resenha de Visuelles Wörterbuch Portugiesisch/Deutsch. *Pandaemonium Germanicum*. v. 16/21, p. 232-235, Jun/2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/pg/article/view/64136/66824>>. Acesso em: 09 nov. 2019.

\_\_\_\_\_; BORBA, Laura C. As combinatórias léxicas e o ensino da língua espanhola: o quanto ajudam os dicionários bilíngues? *Hispanic Research Journal*. v. 20/3, p. 214–238, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/14682737.2019.1651572>>. Acesso em: 09. Nov. 2019.

\_\_\_\_\_.; ZANATTA, F. Problemas medioestruturais em dicionários semasiológicos do português. *Lusorama*. v. 83-84, p. 80-97, 2010.

JONES, Randall; TSCHIRNER, Erwin. *Frequency dictionary of German*. Core vocabulary for learners. London / New York: Routledge, 2006.

SVENSÉN, Bo. *A handbook of Lexicography*. The theory and practice of dictionary-making. Cambridge: CUP, 2009.